This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Th Castro
Freire
AN

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

page 1

VIDA

DE DOM

JOAÔ DE CASTRO,

QUARTO VISO-REY DA INDIA.

Por JACINTO FREYRE DE ANDRADA.

NOVA EDIÇAÔ,

ACRESCENTADA DA VIDA DO AUTOR,

CON FIGURAS.

PARIS,

Vendeſe *EM LISBOA* em caſa de BONARDEL & DUBEUX, Mercadores de Livros.

M. DCC. LIX.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
88173
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1919 L

AO EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO

SENHOR DOM ANTONIO

DE SALDANHA DA GAMA,

Principal da Santa Igreja Patriarchal de Liſboa, do Conſelho de S. Mageſtade Fideliſſima, e ſeu Embayxador Extraordinario e Plenipotenciario á Corte de Madrid, &c. &c.

Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo SENHOR,

ESPERO que Voſſa Excellencia aceitará tam benignamente a preſente obra, que tenho a honra de dedicarlhe, como ſeu Autor mereceo dos ſeos compatriotas o devido elogio de Paterculo

Portuguez. Entam ficará de algum modo satisfeito o ſummo deſejo que tinha de teſtemunhar a Vª. Excellencia o mayor reſpeito, com que o venero, como tambem de utilizar a Portugal, renovandolhe a memória de tantas acçoens excellentes que obraram os ſeos Naturais. E como as com que ſe immortalizáram os illuſtres aſcendentes de Vª. Excellencia, ſam as mais heroicas: nam duvido ſerá do ſeu agrado proteger eſta obra, para animarme em tódas as occaſioens à ſervir e obedecer a Vª. Excellencia com a mayor gratidam, e igual reſpeito. Deos guarde a Vª. Excellencia muitos annos.

Excellentiſſimo Reverendiſſimo e

SENHOR,

DE VOSSA EXCELLENCIA,

Mui humilde e obediente creado,
PEDRO GENDRON.

AOS QUE LEREM.

SAM os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andam sempre de companhia os erros, & as deſculpas. Eu por hora me deſvio do caminho trilhado, nam quero pedir perdam de nada: quem achar que dizer, nam me perdoe, (nem ſerà neceſſario encomendalo.) Se me notarem o livro de roim, nam negaràm que he breve, & eſcrito em lingua Portugueſa, que tantos engenhos modernos ou temem ou deſprezam, como filhos ingratos ao primeiro leite, ſervindoſe de vozes eſtrangeiras, por onde paſſaram como hoſpedes, ſem reſpeito à quellas veneraveis cans, & ancianidade madura de noſſa linguagem antiga. Eſcrevi eſta Hiſtoria com verdade de memorias fieis, ſem que a penna, ou o affec-

to alteraſſe o menor accidente. Antesque eſte papel ſahiſſe dos borroens, ſey que muitos o taxàram de eſcaſſo, dizendo, que houvera de dilatar a Hiſtoria com alluſoens, & paſſos da Eſcritura, que fizeſſem mais crecido volume: eſtes compram os livros pelo pezo, nam pelo feitio: demais-que nam permittem tam licencioſa penna as leys da Hiſtoria. Outros queriam que me valeſſe do eſtrepito de vozes novas, a que chamam Cultura, deixando a eſtrada limpa, por caminhos fragoſos, & trocando com eſtimaçam pueril, o que he melhor, pelo que mais ſe uſa. Mas como nam determiney liſongear a goſtos eſtragados, quiz antes com a ſingeleza da verdade ſervir ao applauſo dos melhores, que à fama popular, & errada.

VIDA
DO AUTOR.

Tirada da Bibliotheca Luſitana.

JACINTO FREYRE DE ANDRADA naceo em a Cidade de Beja da Provincia Tranſtagana, onde teve por progenitores a Bernardim Freyre de Andrada, e D. Luiza de Faria, de igual nobreza à de ſeu conſorte, por ſe derivar do Caſtello de Faria, na Provincia de Entre Douro e Minho, ſolar de huma das mais antigas Familias dẽſte Reyno. O ſublime genio, que logo deſcobrio nos primeiros annos para as letras, moveo a ſeu Pay para que frequentaſſe a aula de Minerva, e naõ a paleſtra de Marte, em que elle em obzequio deſta Monarchia tinha obrado açoens de eterna memoria. Inſtruido nos preceitos da lin-

gua Latina, Poetica e Oratoria, paſſou à Univerſidade de Coimbra, onde fez celebre o ſeu nome, pelos acelerados voos com que ſe remontou o ſeu penetrante engenho com enveja de ſeus diſcipulos, e dos Meſtres a inveſtigar os arcanos da Theologia, e as dificuldades de huma e outra Juriſprudencia, que todos ſe faziaõ patentes à ſua profunda comprehenſaõ. Reſoluto a ſeguir a Vida Eccleſiaſtica recebeo o grao de Bacharel na Faculdade dos Sagrados Canones a 18 de Mayo de 1618, como propria do Eſtado que elegera, e paſſando à Corte de Madrid mereceo diſtintas eſtimaçoens das principaes Peſſoas da Ierarchia Eccleſiaſtica e Secular, que ſendo devidas à nobreza do ſeu nacimento ſe fazia dellas mayor acredor pela ſublimidade do talento. Naõ contava muitos dias de aſſiſtencia naquella Corte, quando foy provido na Abbadia de Noſſa Senhora da Aſſump-

çaõ de Saõbade em o termo da Villa da Alfandega da Fé em à Provincia Tranſmontana, que era do Padroado Real; e poſto, que era muito rendoſa, paſſou por nova nomeaçaõ para a Abbadia de Santa Maria das Chañs do meſmo Padroado, ſituada em o Conſelho de Tavares do Biſpado de Viſeu, hum dos mais opulentos Beneficios deſte Reyno. Conhecendo o primeiro Miniſtro de Caſtella a profundidade do ſeu juizo, lhe participou alguns negocios graves, que feliſmente ſe concluiraõ pela madura direçaõ da ſua prudencia. Ao tempo, que imaginava ſer generoſamente premiado pelos ſerviços que fizera em obſequio da Coroa Caſtelhana, experimentou huma fatal tormenta ocaſionada da fiel liberdade com que vocalmente, e por eſcrito, defendeo o direito da Sereniſſima Caza de Bragança ao Trono de Portugal violentamente uſurpado pela

ambiçaõ de Filippe Prudente. Para evadir a prizaõ a que eſtava condenado ſahio ocultamente de Madrid; e vencidos varios perigos buſcou, para azilo da adverſidade que o ameçava, a ſua Igreja das Chañs, onde aſſiſtio largo tempo; e poſto que a lembrança da Corte lhe fazia mais intoleraveis a aſpereza do Clima, e o horror da Solidaõ, temperava eſtas moleſtias com a liçaõ dos livros em que conſumia a mayor parte do tempo. Aclamado no anno de 1640, legitimo Succeſſor da Coroa Portugueza o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV, paſſou a Liſboa, onde foy recebido deſte Monarcha com agrado, da Nobreza com affecto, e do povo com veneraçaõ. Por morte do Principe D. Theodoſio, a quem foi ſummamente aceito, o elegeo El Rey D. Joaõ para Meſtre do Principe D. Affonſo, cujo lugar ainda que honorifico reſolutamente regeitou, prevendo que os ſeus

documentos haviaõ de ſer inuteis para quem a natureza incapacitara para a diſciplina. Determinado El Rey de ocupar o ſeu talento em alguma das Cortes da Europa, e naõ executando eſte intento lhe offereceo o Biſpado de Viſeu, a cuja offerta reſpondeo com diſcreta galantaria *que nam queria gozar de huma dignidade em leite, pois naõ podia ſer em carne*, alludindo á repugnancia com que os Pontifices, naquelle tempo mais attentos á politica de Caſtella, que ao paſto das Igrejas de Portugal, lhe negavaõ a confirmaçaõ dos Biſpados. Deſte apothegma jocoſo, que os ſeus Emulos interpretaraõ por liberdade indecoroſa ao Principe, ſe ſeguio ſer julgado por incapaz de miniſterio quem era taõ reſoluto nas açoens, e claro nas palavras. Conhecendo que ſomente as lizonjas eraõ premiadas na Corte, ſe retirou para a ſua Igreja onde dominava a ſinceridade, da qual o obſi-

gou auſentar-ſe a aſſiſtencia de ſua irmãa D. Maria Coutinho, que morava em Liſboa, com a qual viveo alguns tempos ocupado na cultura dos livros em que achava a mayor deleitaçao, até que mais cheyo de merecimentos que de annos, pois naõ excediaõ de 60, eſpirou placidamente a 13 de Mayo de 1657, em as cazas proprias, ſituadas às portas de Santo Antaõ. Jaz ſepultado na Parochial Igreja de Santa Juſta, em humilde jazigo, digno certamente que foſſe depoſito das ſuas cinzas o mais ſumptuozo Mauſoleo. Teve a eſtatura mais que ordinaria, o aſpecto malencolico e grave, de tal ſorte, que olhado infundia reſpeito; a converſaçaõ agradavel com apothegmas igualmente galantes que agudos; o trato com as peſſoas taõ moderado, que nem era arguido de ſevero, nem acuzado de facil. Como inimigo jurado da adulaçaõ, fallou ſempre com liberdade,

eſtranhando aos fautores de açoens criminoſas, e proferindo o ſeu voto com mayor atençaõ à conciencia, do que ao reſpeito de quem o conſultava. Foy com os pobres liberalmente charitativo; com os humildes ſumamente humano; e com os Fidalgos parcamente comunicavel. Teve natural afluencia e elegancia para a Poezia vulgar, alcançando a palma entre os mais ſuaves Ciſnes do Parnaſſo Portuguez, ſendo os ſeus Verſos ſerios ou jocoſos, claros indices da ſua fecunda e diſcreta Muſa. Mayor eſpirito moſtrou na compoſiçaõ da Hiſtoria, onde o ſeu judicioſo talento dilatou mais vaſtamente a delicadeza dos ſeus penſamentos. Perſuadido das repetidas inſtancias do Biſpo Inquiſidor Geral D. Franciſco de Caſtro, neto do clariſſimo Varaõ D. Joaõ de Caſtro, quarto Vicerey da India, eſcreveo a vida deſte Heroe, com taõ elegante fraſe, que deixou duvidoſa a poſteridade ſe fora mais feliz D. Joaõ de

Caſtro pelo que obrou com a eſpada no Oriente, ſe pela penna com que deſcreveo Jacinto Freyre as ſuas glorioſas e immortaes açoens em todo o mundo. Neſta primoroſa obra excedeo a mageſtoza pompa dos Livios, Curcios, e Tucidedes, venerados Oraculos da Hiſtoria Romana e Grega, uzando de eſtilo altiloquo e corrente, palavras naturaes e elegantes, penſamentos agudos e claros. Cada clauſula he filha da eloquencia mais ſublime, e cada periodo parto da locuçaõ mais diſcreta. Perſuade com eficacia, diſcorre com juizo, reprehende com moderaçaõ, e louva ſem lizonja. Igual methodo ſe admirou nas ſuas cartas, naõ ſe diſtinguindo o eſtilo familiar com que tratava aos ſeus amigos, daquelle a que o reſpeito das peſſoas fazia ſer mais ſevero. *Vir ingenio ſelectiſſimo* o intitula Joan. Soar. de Brito, *Theat. Luſit. Liter.* lit. H. n. 36. Cardoſo

Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 140, no Coment. de 11. de Março letr. C. *O Abbade Jacinto Freyre de Andrade na celeberrima Vida de D. Joaõ de Caſtro.* Souza *Apparat. a Hiſt. Gen. da Caz. Real.* pag. 106. §. 113: *Do ſeu admiravel talento e diſcriçaõ, nos deixou irrefragavel teſtemunho naquella inimitavel obra da Vida de D. Joaõ de Caſtro quarto Vicerey da India, em que a eloquencia e pureza da noſſa lingua ſe admira em hum eſtilo tam ſublime, que he huma das obras mais ſingulares que ſe tem eſcrito, e por iſſo igualmente eſtimada naõ ſó dos noſſos, mas dos Eſtrangeiros.* Teixeira *Vid. de Gom. Freyre de Andrade* Part. 1. liv. 2. § 75. *a Corte o venerava Demoſthenes Luſitano, e o Reyno Cicero Portuguez.* Franckenau *Bib. Hiſp. Gen. Herald.* pag. 198. Diogo Gouvea de Barradas *Antig. de Béja.* liv. 3. cap. 27. Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Luſit.* Eſtanc. 34.

Jacinto Freyre gloria de Helicona
De Andrade luſtre de ſu nombre
gloria
Si flor le jacta, y piedra perficiona
La gala deſte nombre amable hiſto-
ria;
Merece con juſticia la corona
Que le eſcrive el ingenio en la me-
moria
Del Templo de la fama a que le
llama
Tan immortal con el ſerà la Fama.

Compoz.

Vida de D. Joaõ de Caſtro quarto Vicerey da India. Liſboa na Officina Craſbeeckiana. 1651. fol. & ibi por Joaõ da Coſta. 1671. fol. & ibi pelos herdeiros de Miguel Maneſcal. 1703. fol. & ibi na Officina da Muſica, 1722. 8°. & ibi por Antonio Iſidoro da Fonceca 1736. 4°. Sahio traduzida na lingua Ingleza por Peter Wichek com eſte titulo: *The life of Dom John de Caſtro, the fourth Viceroy of In-*

dia. London, por Henry Herringman. 1664. fol.; e ultimamente na lingua Latina pelo Padre Franciſco Maria del Roſſo da Companhia de IESUS. Roma ex Typographia Rochi Barnabò. 1727. 4. O juizo, que o tradutor faz do Author da obra, he o ſeguinte: *Scriptor, quem interpretandum ſuſcepi, ut magni eſt apud Luſitanos nominis, ita nationibus ceteris non improbabitur; habet enim in narrando non mediocrem jucunditatem, & illaboratum candorem; preſſus eſt, & velox ut hiſtoricum decet, quin tamen obſcurus ſit, vel ſupinus; elegantiam ſectatur, ſed non jejunam, acumen ſed minime illiberale.* Neſta ediçaõ ſahio com o Retrato de D. Joaõ de Caſtro primoroſamente aberto, e na parte inferior animado com o ſeguinte dyſticho.

Qualis, quantus erat pietate inſignis,
& armis.
Spirat adhùc pictâ Caſtrius in Tabulâ.

Portugal Reſtaurado. He traduçaõ da obra intitulada *Luſitania Liberata* que compoz o Illuſtriſſimo Capellaõ mòr D. Manoel da Cunha, que ſahio ſem o ſeu nome. Foy dedicada a traduçaõ impreſſa ſem anno nem lugar, em 24°, à Sereniſſima Raynha de Portugal D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, fechando o tradutor a Dedicatoria feita a 20 de Março de 1645, com eſtas diſcretas palavras: *Aqui naõ há couſa minha, ſenaõ os erros da Verſaõ; porque traduzir naõ he mais que levar hum recado alheo, que eu aceitei para com elle me pòr de jeolhos aos pés de V. Mageſtade.*

Origen, y progreſſo de la Caza y Familia de Caſtro, y de los grandes hombres que há havido en ella, deſde ſu principio haſta nueſtros tiempos, ſacado de Chronicas, Hiſtorias, y otros Autores dignos de todo credito fol. M. S. Eſta obra foy compoſta em obzequio do Biſpo Inquizidor Geral D.

Franciſco de Caſtro, a qual deixou ſua ſobrinha D. Mariana de Noronha e Caſtro aos Padres Theatinos deſta Corte ſua magnifica Bemfeitora, e ſe conſerva na Selectiſſima Livraria deſta douta Comunidade.

Dos ſeus Verſos ſe poderaõ formar volumes, dos quais a mayor parte pereceo no fatal incendio, que devaſtou as cazas em que morava às portas de Santo Antaõ deſta Cidade; e unicamente ſe fizeraõ publicos no Tom. 3. da *Fénix renacida, ou Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Liſboa por Jozeph Lopes Ferreira. 1718. 8°. deſde pag. 316. até 384.

Diverſos *Sonetos, Romances, Sylvas, Cançoens, Endechas: Fabula de Narciſo*, conſta de 54 outavas; *Fabula de Polifemo, e Galatea*, conſta de 61 outavas. A eſtas duas Fabulas celebra o Padre Antonio dos Reys no *Enthuſ. Poet.* n. 70 como a ſeu ele-

gante, e diſcreto Author com eſtas metricas vozes.

Crinibus Andradii poſuit Narciſſus odorum
Ex ſemet ſertum; nec non Polyphemus, amuſus
Sit licet, Idæa præcidit ab arbore ramum,
Et male contextum, (nam dextra eſt inſcia cultùs
Barbara) donavit.

VIDA
DE DOM
JOAÕ DE CASTRO,
Quarto Viſo-Rey da India.

LIVRO PRIMEIRO.

ESCREVEREI a vida de Dom Joaõ de Caſtro, varão ainda mayor que ſeu nome, mayor que ſuas victorias; cujas noticias ſaõ hoje no Oriente, de pays a filhos, hum livro ſucceſſivo, conſervandoſe a fama de ſuas obras ſempre viva; & nòs ajudaremos o pregão univerſal de ſua gloria cõ eſte pequeno brâdo: porque duraõ as memorias menos nas tradiçoens, que nos eſcritos.

Primeiros eſtudos de D. Joaõ de Caſtro.

Foy Dom Joaõ de Caſtro, entre os de tão grande appellido, illuſtre deſ-

cendente; mas primeiro relataremos as virtudes, & depois a origem, por ſerem as obras proprias, pays melhores, que os que da natureza ſe recebem. Paſſou os primeiros annos, cultivado nas letras, & virtudes que ſofre aquella idade, ſendo taõ facil o natural à diſciplina, que naõ havia miſter torcido, ſenão encaminhado. Como não era Dom Joaõ herdeiro da caſa de ſeus pays, diſpunhão elles inclinalo a eſtudos mayores: porque nas caſas grandes forão ſempre neſte Reyno as letras o ſegundo morgado. Obedeceo Dom Joaõ em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem eſcolha para tomar outro exercicio.

Applicaſe às Mathematicas.

Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunez, o mayor homem, que deſta profiſſaõ conheceo Portugal; fazendoſe tão ſingular neſta ſciencia, como ſe a houvera de enſinar. Neſta eſcola acompanhou o Infante D. Luis, a quem ſe fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho; porèm como Dom Joaõ amava as letras por obediencia, & as armas por deſtino, deſprefou, como pequena, a gloria das eſcolas, achãdo para ſeguir a guerra, em ſi inclinaçaõ, em ſeus avós exemplo.

Em companhia do Infante D. Luis.

Era naquelle tempo calra a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouviaõ com temor, & nòs com reverencia. Conſiderava Dom Joaõ melhor ſuas victorias, que as figuras, & circulos de Euclides, amando as artes em quanto podiaõ ſervir ao valor.

Chegado aos dezoito annos, vendoſe mais crecido no brio, que na idade, fugindo ſe embarcou para Tanger; onde contra o eſtylo d'aquellas praças, aſſiſtio nove annos, como quem queria fazer vida do que era ſó caminho. Em todas as oceaſioens d'aquella guerra ſe portou com esforço igual ao ſangue, & mayor que os annos, merecendo congratulaçoens dos parentes, envejas dos ſoldados. Paſſa a Tanger.

Dom Duarte de Menezes o reſpeitava, como ſe houvera lido neſta Hiſtoria as victorias da Aſia, que eſtamos eſcrevendo. Por ſuas maõs lhe quiz dar, & receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriãdoſe tão anticipadamente no filho de ſua diſciplina. E vendo que tão grandes eſpiritos mereciaõ ſer ajudados dos favores Reaes, deſejando que reſpondeſſem os premios ao valor; zelando igualmente a D. Duarte de Menezes o arma Cavalleiro.

E informa a el Rey de seu merecimento,

cauſa do Rey, & do vaſſallo, eſcreveo a el Rey Dom Joaõ o Terceiro, que Dom Joaõ de Caſtro havia ſervido de maneira, que nenhum poſto, ou mercè ja lhe ſeria grande: que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reys faziaõ ſoldados, & era juſto, que aos olhos de taõ grande Principe naõ ficaſſem ſem premio as virtudes.

El Rey o chama, hóra & premia.

El Rey mandou logo chamar a Dom Joaõ por hũa carta, taõ honrada, como ſe lhe naõ quizera fazer outra mercè; com a qual D. Joaõ ſe veyo à Corte, onde foy taõ envejado pelas feridas, como pelos favores. El Rey lhe fez mercè da cõmenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo ſeu merecimento a eſtimaçaõ com que os tratava.

Seu procedimento na Corte.

Curſou Dom Joaõ algum tempo a Corte, ſem que a nenhum deſar da mocidade o arraſtaſſem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente varaõ em toda a idade; porèm com tal medida, que nem a madureza o fazia peſado, nem a urbanidade facil. Soube philoſophar entre as diverſoẽs da Corte, evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas naõ ade diſcreta.

Mudou de eſtado, caſando com Dona Leonor Coutinho, ſua prima ſegunda, filha de Leonel Coutinho, fidalgo da illuſtriſſima caſa de Marialva, nobreza taõ conhecida, & taõ antiga, que d'ella, & do Reyno temos igual noticia. Naõ lhe deraõ outro dotè que as qualidades, & virtudes da eſpoſa; porèm ſem os artîmos da fazenda, conſervou o reſpeito de maneira, que era tratado de todos com veneraçaõ de rico, & làſtima de pobre. Caſou com Dona Leonor Coutinho.

Offereceo-ſe neſte tempo a jornada de Tunez, facçaõ mais celebre pela victoria, que pela utilidade; de que naõ coube a Dom Joaõ de Caſtro pequena parte na honra, & no perigo. Daremos do ſucceſſo relaçaõ menos abreviada, por haver el Rey Dom Joaõ empenhado na facçaõ o poder, o Infante Dom Luis a peſſoa. Havia aquelle famoſo Coſſario Barba-Roxa infeſtado todo o Mediterraneo cõ poder, & atrevimento mayor que de Pirata, achãdo a fortuna taõ prompta a ſeus inſultos, que entre os triunfos de Carlos, era ſó Barba-Roxa o eſtãdalo de ſuas victorias. Vendoſe cada dia mais crecido em opiniaõ, & forças, ſe paſſou ao ſerviço do Turco; Jornada de Tunez. Occaſiaõ que para ella houve.

outras no reſpeito da peſſoa; com tudo o Infante interpretando a vontade d'el Rey, mais em favor de brio, que da obediencia, partio ſecretamente com alguns fidalgos; o que entendido por el Rey, lhe mandou a Barcellona, onde o Emperador eſtava, largos creditos, & apreſtar vinte & cinco caravellas, & alguns navios redõdos; entre elles hũ galeão, que jugava duzentas peças de bronze, o mayor que atè aquelles tempos ſurcàraõ noſſos mares, à ordem de Antonio de Saldanha, para que ſerviſſem na jornada; & por reverencia do Infante ſe encomẽdàraõ as vaſilhas da armada a fidalgos de grãde conta, ſendo hum delles Dom Joaõ de Caſtro, que neſta occaſiaõ igualmente deſpreſou o perigo, & a cobiça, como logo moſtrará a Hiſtoria.

Fidalgos que foraõ neſta jornada.

Os fidalgos que ſe embarcàraõ neſta armada, de que alcancei noticia, forão, de mais de Dom João de Caſtro, Dom Affonſo de Portugal filho herdeiro do Conde de Vimioſo, Dom Affonſo de Vaſconcellos filho do Cõde de Penella, Luiz Alvarez de Tavora ſenhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora ſeu irmaõ, que depois foy Viſo-Rey da India, Dom

Joaõ de Almeida filho do Conde de Abrantes, Dom Pedro Mascarenhas, que tambem foy Viso-Rey da India, Dom Diogo de Castro Alcaide mór de Evora, Dom Fernando de Noronha, Dom Francisco de Faro, Dom Francisco Pereira Embaixador que foy d'el Rey Dom Sebastiaõ em Castella, Dom Affonso de Castelbranco Meirinho mór, Pedro Lopez de Sousa, Joaõ Gomez da Sylva Pagem da lança, & D. Luis de Attayde, que depois foy Cõde d'Attouguia, & morreo na India, sendo segunda vez Viso-Rey d'aquelle Estado. Todos estes fidalgos foraõ servir à sua custa, levando criados, & soldados, sem receberem soldo, cõ galas, & libres, demonstradoras do gosto com que seguiaõ a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, & salvãdo a Capitania Imperial, deu de si hũa mostra bellicosa, & alegre. O Emperador se veyo às casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendez de Vasconcellos, que por estarẽ sobre o mar, eraõ mais aptas para honrar, & festejar a entrada.

Os Duques de Alva, & Cardona, com outros muitos Senhores, vieraõ à praya buscar o General, & fidalgos de sua companhia, que foraõ beijar a

Cortesia entre o Emperador, & Infante.

maõ ao Emperador, o qual os recebeo com todas as honras, & agasalhos, que a authoridade sofre, alegrãdose de se acõpanhar de nossa milicia pratica, & valerosa, a quem não pareceriaõ estranhas as Luas, & lanças Africanas. Todas as resoluçoens grandes cõmunicava o Emperador ao Infante Dom Luis, naõ só pela grandesa da pessoa, mas pela do juizo, taõ pratico na Corte, como no Estado, de quem referirei hũ lãço de urbanidade, pela estimação que d'elle fizerão os Castelhanos. Recolhiaõ se hũa noite o Emperador, & o Infante, & ao entrar de hũa porta, sobre qual havia de passar diante, pleiteàraõ ambos a cortesia, querendo hũ, que precedesse o Hospede, outro a Magestade. O Emperador, travãdolhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Não querendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engeitala, lãçou maõ a hũa tocha, que hum pagem levava. Assi soube o Infante fazerse taõ senhor da vontade do Emperador, que teve resoluto darlhe o Estado de Milaõ, achando nelle qualidades para o merecer, & para o defender, valor; mas as pertençoẽs de Frãça fizeraõ o dominio d'este Estado

tam cõtingente, que ficou o senhorio d'elle muitos annos debaixo do juizo das armas.

Não relatarey os successos d'esta guerra, por ser historia alhea; bem que nella Dõ João de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Cavalleiro; hóra de que elle se escusou com a verdade, de o haver ja sido por outras maõs, que o que lhe faltavão de Reaes, tinhão de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitaẽs do armada, que Dom Joaõ singularmẽte não quiz aceitar, porque servia com mayor ambiçaõ do nome, que do premio.

O Emperador quer armar Cavalleiro a Dom Joaõ, que não accita.

Nem a mercè do dinheiro.

Triunfante Carlos, como outro Scipiaõ da guerra de Africa, se veyo descansar entre applausos, & acclamaçoens de Europa, podendose chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde Dom Joaõ achou, nos braços do Rey, & saudaçoẽs do povo, mayor premio, do que engeitàra do Cesar: & como varaõ que taõ bem sabia despresar sua mesma fama, se retirou à sua quinta de Cintra, desejando viver para si mesmo, havendose no serviço da pa-

Concluida esta jornada, se recolhe a Cintra.

tria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com hũa estranha, & nova agricultura, cortando as arvores, que produziaõ fruto, & plantãdo em seu lugar arvoredos sylvestres, & estereis; quiçà mostrãdo, que servia taõ desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito, fizesse pouco caso do que podiaõ produzir os penedos de Cintra, quẽm soube pisar cõ despreso os rubis, & diamantes do Oriente!

Passa à primeira vez à India.

Achavase Dom Joaõ no melhor de seus annos, estimulado a servir cõ os exemplos de sua mesma casa; & como a guerra de Africa com a nova cõquista do Oriente, ou se dissimulava, ou se esquecia, havẽdo o mundo por mais glorioſa a fama, que vinha de mais longe, resolveo Dom Joaõ passar à India, cuja conquista enchia o Reyno de fama, & de victorias, embarcandose sem pedir posto, ou mercè algũa, havendo por mais sua, a honra que se vay a ganhar, que a que se leva.

Fazlhe el Rey mercè, & como a aceita.

Passou naquella occasiaõ a governar a India Dom Garcia de Noronha seu cunhado, que estimou levar a Dom Joaõ de Castro com meritos de suc-

teſſor, & praça de ſoldado. El Rey, logo que entendeo a reſoluçaõ de Dom Joaõ, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que ſerviſſe na India, & portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (naõ ſey ſe com mayor ambiçaõ, ou com mayor tẽperança) naõ aceitou, por ſer mais rara a memoria das mercès, que ſe engeitaõ, que das que ſe recebem: aoçaõ mais facil de louvar, que de imitar.

Leva ſeu filho Dom Alvaro.

Embarcouſe Dom Joaõ de Caſtro com ſeu filho Dõ Alvaro de treze annos, dãdolhe por entretenimentos d'aquella idade os perigos, & tormentas de taõ prolixos mares. Chegou a armada de Dom Garcia à India com proſpera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para ſoccorrer a Diu, & peleijar cõ as galès do Turco, que o tinhão ſitiado naquelle illuſtre cerco, que defendeo Antonio da Sylveira. Tomou Dom Garcia, com a poſſe do governo, a obrigação de ſoccorrer a praça, para o que ſe lhe offereceo Dom Joaõ de Caſtro, que como ſoldado da fortuna alvoroçado ſe embarcou no primeiro navio, parece que ja preſago dos futuros triunfos, a que o chamava Diu. Porèm a retirada dos

Embarcaſe no ſoccorro de Diu.

Turcos privou a Dom Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Faleceo brevemente Dom Garcia, a quem succedeo Dom Estevaõ da Gama, que na India teve os brios dos de seu appellido, & parece que tivera a fortuna, se naõ fora tam breve o seu governo. Emprendeo hũa facçaõ, no perigo, & na gloria, grande; qual foy embocar o Estreito do mar Roxo, & queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavaõ com voz de lançar os Portugueses da India; empresa que o Turco reputava por digna de seu poder.

Vai ao mar Roxo com D. Estevaõ da Gama.

Pósta de verga d'alto toda a armada, naõ houve soldado de valor a quem naõ alvoroçasse o risco de tam nova jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atrevimento. Partio Dom Estevaõ da Gama com doze navios de alto bordo, & sessenta embarcaçoens de remo o primeiro de Janeiro de mil & quinhentos & quarenta & hum. Aqui foy Dom Joaõ de Castro Capitaõ de hum galeaõ, & seguindo sua viagem com Levantes, avistàraõ a costa de Arabia, posto que derramados. O Governador Dom Estevaõ da Gama a vio em mon-

te Felix, & surto na boca do Estreito esperou os navios de sua conserva. Aqui foy certificado, que as galès inimigas estavaõ varadas em terra, porèm tam vigiadas, que se naõ podiaõ queimar senaõ com força descuberta; o qual seria impossivel aos navios redondos, em razaõ dos baixos, & restingas d'aquelle porto: com tudo Dom Estevaõ da Gama, desprezando o aviso, & o perigo, passou avante com algũas fustas, huma das quaes levou Dom Joaõ de Castro, deixando o seu navio. Passàraõ pelas primeiras ilhas, situadas em doze graos, & meyo, & pela ensèada velha em treze escassos, tomàraõ a da Fortuna, que està na mesma altura. Em todas estas angras, & ensèadas da boca do Estreito atè Suez, foy Dom Joaõ de Castro, tomando o Sol, & fazendo roteiro, formando juizo, ja de Philosopho natural, & ja de marinheiro, mostrando como caminha cega a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tam judicioso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, porque ao màr Roxo foy imposto este nome; & tambem dos impulsos, & movimentos naturaes das crescentes do Ni-

Nesta viagem faz hum roteiro.

lo nas monçoens do Estio; materia que desvelou muitos engenhos, a quem a natureza tantos annos escondeo estes secretos. Assi contaremos deste varaõ como parte menor de sua grandeza, o que os Romanos com tam soberba eloquencia escrevem de seu Cesar, que com tãto juizo tomava a penna, como com valor a espada. Este tratado, & outro de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do màr, & o açoute dos ventos, dedicou ao Infante Dom Luis, offerecendolhe o fruto das letras, que juntos aprendèraõ.

D. Estevaõ arma Cavalleiro a Dom Alvaro.

Nesta paragem vírao o monte Sínai onde com fabrica de Anjos foraõ as reliquias de S. Catherina collocadas em illustre deposito; a cuja vista Dom Estevaõ da Gama armou Cavalleiro a Dom Alvaro de Castro, o qual em memoria de tam celebre sanctuario tomou por timbre de suas armas a ròda de navalhas, com que religiosamente as illustraõ ainda hoje seus descendẽtes. Do effeito d'esta jornada nam daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

Torna D. Joaõ ao Reyno.

Tornando Dom Joaõ ao Reyno, como querendo deixar crecer as pal-

mas do Oriente, que haviaõ de coroar ſuas victorias, naõ deſembarcou outras riquezas, mais que a fama de ſuas obras; & eſtãdo com os veſtidos do màr ainda mal enxutos, o nomeou el Rey por General das armadas da coſta, dandolhe novas occaſioens de ſervir em premio do que tinha ſervido. Sahio logo Dom Joaõ no anno de 543, a comboyar as naos, que de viagem ſe eſperavaõ da India, & pairando na altura de ſeu regimento, houve viſta de hum Coſſario Francez, que com ſete navios infeſtava todos aquelles màres, & havia feito algũas prezas em navios de noſſas conquiſtas, que o tinhaõ atrevido, & rico. Logo que Dom Joaõ o aviſtou, ſe fez naquella volta com os navios arraſados em popa, & atracando a Capitania do inimigo, a abordou, & rendeo depois de porfiada reſiſtencia; meteo dous navios no fundo, & outros ſe ſalvàraõ com o favor da noite. Os caſos particulares d'eſta briga naõ pude achar eſcritos, aſſi ficará noſſo ſilencio diſculpado com o deſcuido alheyo.

He General da armada da coſta.

Desbarata ſete naos de coſſarios.

Houve Dom Joaõ viſta das naos dentro em poucos dias, que com reciprocas ſalvas lhe ajudáraõ a feſtejar

Recolhe as da India.

a rota do Coſſario; entrou com ellas pela barra de Liſboa, ſendo taõ gèral o applauſo com que foy recebido, que parecia haver paſſado já os perigos do odio, & da enveja; felicidade, ou miſeria, que ſó na ſepultura alcançaõ, ou evitaõ, os varoẽs excellentes. Porèm d'eſtes ſucceſſos conſeguio Dom Joaõ ſómente o premio na victoria: porque quando as dividas ſaõ grandes, os Reys por não ficarem eſcaſſos, ariſcaõſe antes a parecer ingratos; mais faceis a confeſſar os vicios na peſſoa, que na Mageſtade.

Pouco tempo deixáram a Dom Joaõ de Caſtro deſcanſar no goſto da victoria, porque logo para negocio de mayor cuidado, tornou a veſtir as armas, como referirei mais largamente, ainda que çontra meu coſtume; por naõ truncar a Hiſtoria, buſcarei principios afaſtados. Vio-ſe aquelle famoſo Coſſario Haradin Barba-Roxa quaſi deſbaratado com a perda de Tunez, & Goleta, & muito mais com a das galès, perdendo na terra a authoridade de Tyranno, & no màr as forças de Pirata. Porem não ficou eſte inimigo de todo taõ quebrantado, que deixaſſe de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de ſeu açoute,

Tinha depoſitado em differentes partes o melhor de ſeus roubos, como ſegunda taboa em que ſalvarſe; fez d'elles hũ preſente a Solimaõ ſenhor dos Turcos, de tãta eſtimaçaõ, que pode fazer eſquecer, ou diſculpar a deſgraça da armada, & fugida de Tunez, de que Solimaõ ainda tinha a dor, & a memoria freſca. Repreſentoulhe o muito que podia obrar em dano dos Chriſtaõs, pois começando a tentar o mar com duas galeotas mal armadas, o valor, & os ſucceſſos o fizeraõ temido, & poderoſo, & fazendolhe cruel guerra com ſeus proprios deſpojos; que não cabiaõ já os cativos nas maſmorras de Africa; que no Reyno de Napoles, em toda a Apulha, & terra de Lavor, fizera taes eſtragos, que ainda agora, nem o ſangue, nem as lagrimas eſtavaõ enxutos; que as galés de Sicilia, temeroſas apodreciaõ ancoradas no porto; que aquelle André Doria, tam buſcado dos Principes da Europa, diria quantas vezes, por ſe deſviar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que ſeguramente daria por teſtimunhas de ſuas obras ſeus proprios inimigos; que o Emperador Carlos, irritado de tantos danos, vendo que

só Barba-Roxa fazia a suas victorias sombra, mais impaciente que soldado, juntàra para o destruir todas as forças de Alemanha, Italia, Espanha, & Flandes, expondo temerario o melhor de seus Reynos, ao caso de hũa ruína, ou de hũa victoria, & ainda que o naõ desacompanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunez hum inimigo por desapossar outro; que se não recolhèra taõ inteiro, que lhe naõ custasse a victoria navios, & soldados; & que com as despesas de tam numeroso poder, esgotàra os thesauros de Espanha; que agora era o tempo opportuno para arruinar a Christãdade, enfraquecida com huma larga guerra, descuidada com hũa apparente victoria; que no estreito de Gibraltar estava a celebre cidade de Ceuta, porta por onde ja os Africanos entràraõ com victoriosas armas a dominar Espanha; que os Portuguezes a tinhaõ com fracos muros, & hũ debil presidio, mais attentos a inquietar os vezinhos, que a cautelarse d'elles, porque altivos com as prosperidades do Oriente, despresavaõ sua propria morada, à maneira de rios, que quan-

to mais diſtaõ do berço em que naçèraõ, ſaõ mayores; que ſe a Mageſtade do graõ Senhor ſe inclinaſſe a ſenhorear eſta parte tam principal da Europa, elle ſe offerecia com hum juſto numero de galès, a entregarlhe Ceuta, para que as naçoẽs do ultimo Occidente viveſſem na reverencia de ſeu Imperio. Aſſi diſcorreo o Coſſario, tentando reſtaurar com forças alheas o credito, & eſtado de que havia caído. E como nas Cortes dos Principes, as couſas grandes ſaõ melhor ouvidas que as poſſiveis, & em Barba-Roxa a experiẽcia, & o valor tinhaõ tantos abonos, Solimaõ altivo, & bellicoſo, começou a dar ouvidos a empreſa de tantas conſequencias, que parecia opportuna pela paz, & proſperidade, que gozava ſeu Imperio. Ouvio diverſas vezes a Barba-Roxa, que lhe perſuadio ſerem os uteis deſta facçao mayores que as difficuldades. Inflãmavaõ mais a indignaçaõ do Turco os Mouros Africanos, queixoſos de que não podiaõ reſpirar, ſenaõ debaixo da paz de noſſas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de ſeu Propheta nas poſtradas Meſquitas. No remedio d'eſtes danos empenhavaõ o Turco por zelo, &

por grandeſa, porque huns tocavaõ à Religiaõ, outros à Mageſtade; motivos que cobriaõ a ambiçaõ, & juſtificavaõ a jornada.

Aviſos do Emperador a el Rey.

O Emperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Conſtantinopla andava cuidadoſo, entendendo que aquelle tronco, de quẽ cortàra as ramas, nào ficàra tão ſecco, que com calor alheyo, não pudeſſe brotar novo veneno, teve induſtria para ſaber a reſolução do Turco acerca da invaſaõ de Eſpanha; & ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceuta, como nunca a corrẽte da victoria pàra onde começa, não querendo cair tambem ſobre noſſas ruínas, mandou armar navios, aliſtar gente, & dobrar os preſidios nos pórtos do Eſtreito, eſcrevendo a el Rey Dom Joaõ ſeu cunhado os aviſos que tinha, para que juntos diſpuſeſſem a reſiſtencia do commum inimigo.

E lhe pede ajuda para reſiſtir aos Turcos.

Chegada a Portugal eſta nova, tratou logo el Rey de fortificar Ceuta, que nam tinha outra defenſa, que a que enſinava a diſciplina d'aquelles tempos; & como nós em Africa eramos conquiſtadores, defendiamos noſſas praças cõ o temor alheyo. Governava n'aquelle tempo Ceuta Dom Af-

ſonſo de Noronha, a quem el Rey encomendou a fortificação, & a defenſa, mandandolhe gente, materiaes, & engenheiros. Pedia o Emperador a el Rey, que mandaſſe ſair a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, à ordem de Dom Alvaro Baçaõ, eſperaſſem o inimigo na boca do Eſtreito, onde em qualquer ſucceſſo terião no abrigo de ſeus pórtos ſegura a retirada. Poſto o negocio em conſelho, pareceo que as armadas ſe juntaſſem, porque não ficaſſe ſobre noſſas forças todo o peſo da guerra.

Nomea el Rey a D. Joaõ por General.

Entrou el Rey em conſideração de buſcar quem governaſſe a armada, & dado que no Reyno havia muitos homens, à quem as experiencias, & perigos de noſſas Conquiſtas tinhaõ feito ſoldados, o nome de Dom Joaõ de Caſtro ſe fazia lugar entre os mayores; fez brio de não pedir, nem engeitar o ſerviço da patria. Sabemos que el Rey Dõ Joaõ, ainda que o amava por valeroſo, lhe era pouco affecto por altivo; deſorte que o que grangeava por hũa virtude, vinha a perder por outra; aſſi não vimos que na caſa Real tiveſſe officio, ou valimento; porque varaõ tam livre podiaõo ſofrer como vaſſallo, mas não

como criado. Estava ja com velas metidas toda a armada, & embarcada muita parte da nobreza do Reyno, & os soldados na expectaçaõ de quẽ havia de governar facçaõ tam importante; quãdo de repente se divulgou a nomeação em Dom Joaõ de Castro, feita cõ géral satisfação, ainda dos mesmos pertendentes.

Confiança que mostra ter de Dom Joaõ.

Mandou el Rey chamar a Dom Joaõ, a quem communicou os avisos do Emperador, & desígnios do Turco, significandolhe a enveja com que o mandava a tam honrada empresa, mas que pois era hũa prisaõ Real das Magestades, poder dar hõras sem poder merecelas, lhe entregava aquella armada, esperãdo que havia de ajuntar às Ruẽlas dos Castros as bandeiras que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes as deixasse ainda mais hõradas do que lhas entregàraõ. Dom Joaõ beijou a mão a el Rey, agradecido; entendendo que dos Principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

Ajuntase com o General do Emperador.

Aos doze dias de Agosto de 1543, se fez à vela toda armada, & em poucos dias com ventos de servir, surgio à vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeo

tebeo a noſſa cõ toda a corteſia naval, alegrando, ou aſſombrando o lugar com repetidas ſalvas. Veyo logo Dõ Alvaro Bação com os principaes Cabos da armada viſitar a Dom João de Caſtro ao màr, onde depois de ſaudaçoẽs corteſes, lhe deu cõta das noticias que tinha do inimigo, que ſegundos os aviſos, a primeira invazão ſeria ſobre Ceuta. Alli ſe diſcorreo, como unidas as armadas de dous tam grandes Principes, convinha à reputação de hũas, & outras armas, peleijar com o inimigo; que dado que vieſſe com mayores forças, peleijavamos nos noſſos màres à viſta de noſſos pórtos; que no conflito nos podião ſoccorrer cõ gente deſcanſada; & os navios deſtroçados teriaõ o abrigo veſinho; & que quando bem a victoria ſe inclinaſſe aos Turcos, ficarião tão quebrados, que não podeſſem intentar facção nas praças do Eſtreito, as quaes ſempre remirião peleijãdo em ambos os ſucceſſos; mayormẽte, que as ordẽs, que trazião cerradas de buſcar o inimigo, não ſofrião outra interpretação com que ſe ſalvaſſe a honra, & a obediẽcia. Tomada eſta reſolução, ainda que preciſa, brioſa, ficàrão os ſoldados alvoroçados, & Diſcorrem ſobre a jornada.

Reſolvem peleijas.

os Cabos solicitos nas ordens & disposição de tam grande negocio; quando de repente chegàraõ apressados avisos, que Barba-Roxa com toda a armada junta demandava o Estreito. Mandou logo Dom Joaõ de Castro recolher alguma gente que andava em terra, dar ordens aos Capitaẽs, empavesar navios, & avisar a Dom Alvaro de como se levava. O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriando d'aquelle ardor primeiro, escreveo a Dom Joaõ de Castro, que novos casos necessitavaõ de novos conselhos; & que pelas noticias das espias, sabia que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baxeis do que as armadas tinhão; que não era intenção, nem serviço de seus Principes, perderem se com risco tão sabido; que estando aquellas armadas inteiras não podia o inimigo intentar cousa grande; & se acaso na peleija ficassem destroçadas, ficarião as praças de Estreito por premio da victoria; que elle em deixar de peleijar se violentava muito, mas que primeiro estava o serviço do Cesar, que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, & que da resolução dos Turcos toma-

Muda o General Castelhano parecer.

E trata da reduzir a D. Joaõ.

riam mais seguro conselho. Dom Joaõ de Castro respondeo ao General Castelhano, que elle naõ mudava de opinião à vista do inimigo; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos; que pois elles pertendiaõ pisar terra de Espanha, as armadas se deviaõ arriscar pela reputaçaõ quanto mais pela injuria; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous tam grãdes Principes, quando se colligavaõ para fazer à Barba-Roxa a guerra defensiva! deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares à vista das Aguias do Imperio, & Quinas de Portugal; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em hum, & outro acontecimento, porque no máo successo, os perdidos naõ davaõ conta de nada, & aos victoriosos de nada se pedia.

O qual permanece em pelejar com os Turcos.

Mas nem esta resoluçam bastou para o General Castelhano Dom Alvaro Baçaõ mudar de conselho; naõ sabemos se o tomou por melhor, se por mais seguro. Dom Joaõ de Castro se poz na boca do Estreito, aonde esteve surto tres dias; aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissensoens que houvera entre os Cabos mayores; ou como em

E os espera no Estreito tres dias.

outras memorias achamos, por haver recebido Barba-Roxa novas ordens do Turco, que recolheſſe a armada: porèm a gentileza com que Dom Joaõ de Caſtro a eſperou no Eſtreito, mereceo dos preſentes, enveja, & dos futuros, gloria; pois para conſeguir huma illuſtre victoria, não faltou o valor, faltou o conflicto; bem que deſta tam generoſa reſoluçam, ſe fizeram em Heſpanha juizos differentes, pondolhe nota aquelles, que a todas as acçoens naõ vulgares, chamão temeridades; porèm eu creyo, que ainda os que mais condenàrão eſta acção, tomàraõ ſer os authores d'ella.

Vendo pois Dom Joaõ, que com a retirada do inimigo ficàra aſſegurado o receyo d'aquellas praças, ſe foy a Ceuta a communicar algumas couſas de ſua inſtrucção com Dom Affonſo de Noronha; o qual recebeo a Dom Joaõ com tantas ſalvas de artelharia, que os Caſtelhanos em Gibraltar ſe perſuadíram, que peleijava a armada; mas nem aſſi quizeram deſaferrar do porto, faceis em alterar o primeiro conſelho, tenazes no ſegundo. Aqui teve Dom Joaõ de Caſtro aviſo, que os Mouros tinhaõ Alcacere Ceguer

em apertado cerco; praça, que os noſſos ſuſtentavão em Africa com deſpeſa, & perigo inutil, de que era Capitão hum fidalgo do appellido de Freitas. Deſpachou logo a ſeu filho Dom Alvaro com hum troço da armada, & ordem, que meteſſe o ſoccorro na villa, & que atè ſe levantar o inimigo eſtiveſſe no porto; o que executou promptamente, baſtecendo, & municionando a praça; como o exercito dos Mouros ſe compunha de gente tumultuaria, faltandolhes o calor da primeira invazão, levantou o ſitio, & Dom Alvaro ſe tornou a aggregar à armada, que depois de aſſegurar Ceuta, & livrala do receyo dos Turcos, ſe recolheo ao porto de Lisboa; a onde ja havia chegado a fama de hum, & outro ſucceſſo, que como calraõ ſobre valor taõ bem reputado, parecèraõ mayores: mas Dom Joaõ, que nenhũa cauſa tinha por grande, querendo tratar com deſprezo ſuas meſmas obras, fugio das honras populares ao retiro de Cintra, ou taõ modeſto, ou taõ altivo, que naõ avaliava ſuas acçoẽs por dignas de ſi meſmo.

Manda ſeu filho com ſoccorro a Alcacer Ceguer.

Entrou el Rey Dom Joaõ em conſideraçaõ de buſcar quem governaſſe o Eſtado da India, porque Martim

Volta a Liſboa, & recolheſe a Cintra.

mar a Dom Joaõ de Caſtro a Evora, onde tinha ſua Corte, lhe diſſe em fala publica: » Andey eſtes dias cui-
» dadoſo em buſcar varão que go-
» vernaſſe o Eſtado da India, & não
» duvidava podelo achar na familia
» dos Caſtros, de cujo trõco os ſe-
» nhores Reys meus anteceſſores ti-
» ràraõ ſempre Generaes para os exer-
» citos, Regentes para os póvos; aſſi
» me prometto, que de tam valeroſa
» raiz não póde degenerar o fruto;
» mórmẽte ſe medir as futuras ac-
» çoens pelas paſſadas, as quaes vos
» tem dado juſto nome na opiniaõ
» do Reyno, & eſtimaçaõ na minha;
» pelo que confiadamente vos en-
» comendo o governo da India, aon-
» de eſpero procedais de maneira,
» que poſſa dar voſſas acçoẽs por Re-
» gimento aos que vos ſuccederem.
Dom Joaõ beijou a maõ à el Rey, mais agradecido à hõra, que ao officio, eſtimando ſó de tam grande cargo o naõ o haver buſcado. Na Corte houve ſobre eſta eleiçaõ diverſos ſentimẽtos; algũs a notàraõ por enveja, & outros por coſtume; tanto, que nas virtudes em que lhe naõ podiaõ achar faltas, lhe arguiaõ exceſſos; foy porèm taõ bem avaliada dos mais,

Approvão todos eſta eleiçaõ.

& dos melhores, que el Rey se alegrava de haver achado hum homem feito à vontade de todos.

El Rey lhe mandou logo despachos para apreſtar a armada ſem correr o meneyo d'ella por outras maõs, como erradamente andaeſcrito, affirmando hum Author, que Dom Joaõ paſſára à India deſcontente, por ſer mal reſpódido em ſeus particulares; couſa tam encõtrada com as noticias que temos, & com a pouca ambição d'eſte fidalgo, que mais ſe deſvelava no que havia de engeitar, que no que havia de pedir, como ſe não tivera Rey a quem rogar, ſenão a quem ſervir. Corre com o apreſto das naos.

Determinou levar comſigo a ſeus filhos Dom Fernãdo, & Dom Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou cortar algũas galas, das que pedião a profiſſaõ, & os annos; & paſſando Dom Joaõ acaſo pela Jubiteria, vendo eſtar penduradas hũas calças de obra, parando o cavallo, pergũtou de quem eraõ; & tornandholhe o official, que as madára fazer Dom Alvaro filho do Governador da India, pedio Dom Joaõ de Caſtro huma tiſoura, com que as cortou todas, dizendo para o meſtre: Dizei a eſſe Reprova as galas de ſeus filhos.

com tempos eſcaſſos, atè que lhe entràraõ os geraes na coſta de Guinè, onde a náo do Governador tocando, eſteve ſoçobrada, ſendo, na opinião dos mareantes, aquelles màres limpos, & aonde a carta não ſinalava baixos. Foy a confuſaõ como de quem ſe via beber a morte inopinadamente; as horas, & o temor fazião mayor o perigo, atè que a náo eſtando atraveſſada, & ſem governo, começou a ſordir ſobre a vaga; ſeria caſo, mas pareceo milagre. O Governador mandou tirar tres peças, para que as náos que vinhaõ por ſua eſteira deſſem reſguardo ao baixo; as quaes naõ entendẽdo o final, arribàraõ ſobre elle, & com melhor fortuna, que conſelho, ſendo do meſmo porte que a Capitania, ſalvàraõ o baixo, achãdo ſobre as meſmas aguas differente ſucceſſo, cuja cauſa naõ ſouberaõ ajuizar os mareantes.

Perigo da ſua nao.

Seguindo o Governador ſua viagem com toda a armada junta, ſurgio em Moçãbique, onde o ſeu primeiro cuidado foi a deſembarcaçaõ, & cõmodidade dos enfermos, ajudado de ſeus filhos Dom Alvaro, & Dom Fernando, parecendo entaõ herdeiros de ſua piedade, depois de ſeu valor. Os

Chega a Moçambique.

dias que o Governador eſteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tem o Eſtado, era obra mal entendida, por eſtar em diſtancia da praya, difficil aos provimẽtos, & ſoccorros de noſſas armadas, ſituada em lugar baixo, aonde podia ſer batida de muitas eminencias que a ſenhoreavaõ, impendindolhe juntamente a pureza dos ares em dano da ſaude. Communicou eſte negocio com as peſſoas que d'eſta arte tinhaõ algũa luz por uſo, ou diſciplina, & a todos parecèraõ os erros da fortificaçaõ notados com juizo. Succedeo logo a execuçaõ ao cõſelho, & eſcolhido ſitio conveniente, determinou materiaes, & meſtres para a nova defeſa; & como iſto ſe obrava aos olhos do Governador, os fidalgos à volta dos pioẽs acarretavaõ as pedras: humas que ſerviaõ à liſonja, outras ao edificio.

Muda a fortaleza para melhor ſitio.

Poſta ja em defenſa a fortaleza, & reparada a ſaude dos enfermos com os ares, & refreſcos da terra, deu o Governador à vela, & navegando ſempre com ventos de ſervir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum navio que ſe adiantou, ſoube Martim Affonſo de Souſa que

Parte para Goa.

tinha o ſucceſſor vezinho, diſpondoſe a recebelo com feſtas que moſtraſſem o goſto com que agaſalhava o hoſpede, & deixava o governo. Foy logo buſcalo ao màr em hum barganim eſquipado, donde o trouxe à quinta de Antonio Correa, em quanto ſe diſpunha a ſolemnidade de ſeu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, & aos fidalgos, & Capitaens da frota, com tanto primor no ſerviço, & abaſtança tam grãde nas viandas, que parecia ſolemnizar as ultimas honras do cargo que eſpirava. Houve aquella noite bailes, & folías; feſtins que a ſingeleza do Portugal antigo levou ao Oriẽte. Aqui eſteve o Governador dous dias, aſſiſtido de todos os fidalgos, deſemparando a Martim Affonſo de Souſa, atè aquelles, que como creaturas ſuas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidão Oriental dos Indios, que apedrejão o Sol quando ſe poem, & o adorão quando naſce.

Chega, & como he recebido.

Chegado o termo da entrada, ſe metèrão os dous Governadores em huma falùa com os remos dourados, & o toldo de ſedas differentes. As torres, & os navios os feſtejàrão com horror de repetidas ſalvas; & os vi-

vas, & expectaçoẽs da plebe liſõgeavão ſem artificio ao novo governo. Aſſi chegàrão a deſembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E aſſentados com as ceremonias que a vaidade inventou em ſemelhantes actos, fez hum dos Vereadores ſua eſtudada arenga, em que ſe promettia o Eſtado proſperidades grandes com o novo miniſtro. Depois de ouvir o Governador as liſonjas publicas, ouvio tambem as ſecretas de muitos, que com ellas abrião a porta a ſeus particulares intereſſes.

Eſtado em que achou o governo.

Acabada a ſolemnidade d'aquelle acto, & entregue Dom Joaõ do governo da India, ſe partio Martim Affonſo para Cochim a tratar de ſeu apreſto para o Reyno. Entrou logo o novo Governador em cuidados moleſtos de aquietar o povo alterado pela mudança de moeda; que os miniſtros Reaes havião ſobido com dano dos vaſſallos, & eſcandalo do Gentio vezinho. Direy de ſeus principios o caſo.

Com a alteração dos Bazarucos.

Corre na India huma moeda de baixa ley, que chamão Bazarucos, a qual entre Chriſtaõs, Mouros, & Gentios conſervou ſempre a meſma

eſtimação vulgar. Eſta como ſe lavra de cobre (material que naquelle tempo paſſava de Portugal por dròga) pareceo aos miniſtros que ſe lhe devia ſobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicouſe ſolemnemente a alteraçam da moeda, começando a correr com nova eſtimaçam; porèm como aquelle valor legal nam era intrinſeco, pois tinha ſó o que recebia da ley, & nam do peſo, o Gentio, que não eſtava ſojeito a leys alheas, faltava com a ordinarja proviſaõ de mantimentos, & os póvos padecião, como por decreto de ſeu meſmo governo. Os miniſtros mayores defendião, como Real, a cauſa, zelando a utilidade do Rey na perdição do povo; o corpo da Cidade clamava, que os Reys de Portugal nunca fizeraõ de ſuas miſerias theſouro, nem coſtumavaõ beber as lagrimas de ſeus vaſſallos em baixelas douradas; que os Gentios, & Mouros ſe gloriavaõ de que naõ podendo deſtruir os Portugueſes com o ferro, os acabavaõ com ſuas meſmas leys, armando contra elles a ambiçam de ſeus Governadores. Crecia a fome, & a liberdade dos queixoſos, que fazia mayor a juſtiça da cauſa, & a conformidade

do aggravo commum. Com eſtas queixas foram os Vereadores da cidade, entre pobres, mulheres, & mininos, huns com razoens, & outros com laſtimas demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como pay; & porque o mal da fome nam ſe cura com remedios tardos, lhes remetteo a concluſaõ para o ſeguinte dia; aſſi os deſpedio confiados, crendo alguns, pelo coſtume da India, que como obra de ſeu anteceſſor lhe pareceſſe injuſta. Logo naquella meſma tarde chamou os miniſtros da fazenda Real, & ouvidos os fundamentos, que tiveraõ, deu parte da materia aos homens mais ſcientes nas leys, & na politica d'aquelle Eſtado, os quaes, ſem diſcrepancia, reſolvèram ſer cruel o decreto, & repugnante à piedoſa intençaõ de noſſos Principes. E eſte parecer ſe corroborou com os fóros, & privilegios populares, & outras legalidades, que deixamos por naõ fazer prolixa noſſa Hiſtoria. Revogada eſta ley pelo Governador, começàraõ a correr os mantimentos do Sertaõ, & os póvos lhe vieraõ offerecer as vidas, que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

Ouve a Cidade, & Povo.

Reſoluçáo que toma.

Primeira embaixada do Hidalcaõ.

Concluìdo eſte negocio com tanto credito da clemencia Real, vieraõ Embaixadores do Hidalcaõ, que depois de lhe darem as ſaudaçoẽs ordinarias, & congratulaçoẽs do cargo, lhe pediaõ entregaſſe certo priſioneiro na fórma que com ſeu anteceſſor eſtava concertado. E porque eſte negocio chegou a alterar o Eſtado com guerra deſcuberta, naõ deixaremos em ſilencio a origem que teve.

Sobre a cauſa do Meale.

Morto Bazarb Principe do Balagate, no tempo que foy Governador Nuno da Cunha, ficou Meale ainda no berço de ſua infancia, havido por indubitavel ſucceſſor da Coroa. Era o Hidalcaõ neſte tempo a ſegunda peſſoa do Reyno em authoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos Principes vezinhos, tinha dado de ſuas obras hum teſtimunho grande. E como eſtes barbaros mais reynão por occaſião, que por juſtiça, o Hidalcão vendo que ſuas forças, & a impoſſibilidade do herdeiro lhe abriaõ larga porta à ambiçaõ da Coroa, começou à ſolicitar os coraçoẽs dos Grandes, com os quaes artificioſamẽte ſe laſtimava da miſeria do Reyno com ſucceſſor minino, com quem haviaõ de ſervir, ou ſofrer co-

mo a Reys todos os seus validos; que os Principes com quem traziaõ guerra, naõ perderiaõ a occasiaõ de os acabar, vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem hum varaõ, onde havia tantos, para salvar a patria, que elle seria o primeiro que lhe obedecesse; porque o governo do Reyno naõ podia esperar os tardos movimẽtos com que a natureza havia de dar a hum minino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçados aos peitos das amas adorassem Meàle, naõ duvidava, que por conservarem o Rey, perderiaõ o Reyno. Mostrouse logo affavel com os póvos, com os soldados liberal, como quem naõ queria imperar para si, senaõ para elles, valendose ambiciosamente de todas as virtudes, naõ como necessarias para viver, senaõ para reynar. Chegàrão em fim os principaes a offerecerlhe a Coroa, crendo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tam grande beneficio.

Era o Hidalcão liberal, & valeroso, & sem duvida fora hum grande Principe, se conservàra o Reyno com

as meſmas virtudes com que ſoubé acquirilo; porèm logo que ſe vio obedecido, ceſſàraõ aquellas artes fingidas, como não tinhão movimento natural, & rebẽtàrão a ambiçaõ, & ſoberba, como vicios de caſa. Não tratou logo de matar a Meàle, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçá, que o pobre Principe com obediencia ſervil lhe authoriſaſſe o cetro que lhe tyrannizava. Os Satrapas do Reyno vendoſe fóra de tempo arrependidos, & que ja não podião ſer traidores, nem leaes ſem perigo, andavão conſultando meyos de aſſegurar Meàle da tyrannia do Hidalcão, como ſe tivera o deſgraçado Principe mais juſtiça para viver, do que para reynar. Neſtes diſcurſos paſſàraõ algũs annos, nos quaes Meàle chegou a idade que podia conhecer ſeu perigo, & conſiderando que ſua preſença arguía a conſciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com ſeu ſangue apagar a memoria da intruſaõ da Coroa, acõſelhado dos meſmos que lhe tiràram o Reyno, ſe paſſou a Cambaya, onde foy bem recebido, monſtrando o Rey, & o povo que ſe compadeciaõ de miſerias Reaes; porèm como

aquelles favores tinhaõ mais de ambiçaõ que de piedade, chegàraõ à durar pouco, porque ſó os primeiros dias lhe fizeraõ tratamẽto como a Rey, os outros como à perſeguido. Com tudo Meàle ſe deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis os desfavores do hoſpede, que as injurias do tyrano.

Entretanto o mayor cuidado do Hidalcaõ era deſtruir aquelles que lhe derão a Coroa, que ainda que como complices da traiçaõ, lhe pudèraõ ſer gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavaõ a obrigaçaõ, ou o delicto. E como ja vivia temeroſo de ſuas meſmas obras, entendeo que mais o podia aſſegurar à crueldade que a clemencia; aſſi o faziaõ duas vezes cruel, o vicio & a neceſſidade. Aos mayores foy uſurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de caſtigar delitos impoſtos, ou eſquecidos, cubrindo a tyrannia com ſombras de juſtiça, crendo que com abaixar os poderoſos ſe faria aceito aos pequenos, aos quaes ſempre he grata a ruina dos Grãdes por odio natural de ſua fortuna. Porèm elles vendo que naõ baſtava o ſofrimẽto, conſultàraõ meyos de reſ-

terpretadas, antes em injuria do vezinho, que em favor do hoſpede. Derramada por toda aquella coſta a vinda de Meàle, que ja começava a reynar nos animos de muitos, tomou o ſeu partido mayores forças entre os conjurados, vendo que ja a ſombra de noſſas armas amparava ſua cauſa, & que começava a ſoar bem ſeu nome nos ouvidos do povo.

Conſiderando o Hidalcaõ, que o Eſtado naõ chamàra Meàle ſó para ſegurar a peſſoa, mas defender a cauſa, cujas armas como victorioſas, & vezinhas lhe eraõ mais formidaveis, mandou à Martim Affonſo de Souſa huma embaixada, ſignificandolhe como tinha ſabido, que eſtava em ſeu poder Meàle, a quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que ſabia como fora chamado de algũs ſedicioſos, que canſados de obedecer, querião crear ſenhores novos a quem poder mandar; que elle Hidalcaõ naõ referia as razoẽs que tivera para tomar a Coroa, porque ſe os Principes houveſſem de dar razaõ de ſeu direito, naõ haveria differença entre os Reys, & plebèos; que a juſtiça dos Principes havia de ſer julgada de Deos,

Deos, & naõ dos homens; que o mundo tinha ja recebido, que em materia de reynar não havia differença de cauſa a cauſa, mas de peſſoa a peſſoa; que não negava que Meàle apoucado, & covarde era de geraçam Real, mas que o erro, que fizera a natureza, emendàra a fortuna, dandolhe o Reyno a elle ouſado, & valeroſo; quanto mais que a natureza ſó aos leoẽs dera com o naſcimento a coroa, aos homens deixàra que a ganhaſſem; que muitas couſas parecião ao mundo, por menos coſtumadas, injuſtas; que tomar para ſi o Reyno quem era digno d'elle, os primeiros o recebião como eſcãdalo, os outros como ley; que Meàle fora o homem mais vil, que naſcèra em ſeu Reyno, & elle o mais felice; & que naturalmente os homens abortreciaõ os monſtros da natureza, & amavão os da fortuna; que nos perguntaſſemos a nòs, com que acçoens ſenhoreavamos a Aſia; que parenteſco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa; em que grao eſtavamos com Soltaõ Badur para lhe herdarmos Dio; ſe o Achem nos deixàra Malaca em teſtamento, & tantas praças, quantas por todo o Oriente nos pagavão tributo; que

nos rogava não infamaſſemos nelle os meſmos titulos com que nos faziamos do mundo abſolutos ſenhores; que não tiraſſemos a Deos o cuidado de governar o mundo, pois naſcendo no ultimo Occidente, queriamos emendar as deſordẽs da Aſia; que nos fazia a ſaber, que nos ſeus Reynos havia minas de metaes differentes; que de humas tirava para os amigos ouro, & de outras para os inimigos ferro; que ultimamente pedia a elle Governador lhe entregaſſe Meàle, porque na clemencia que com elle uſaſſe, ſe viſſe que era digno de reynar quem aſſi tratava ſeu mayor inimigo; que ſeus Embaixadores levavão ordem para aſſentar todas as conveniencias do Eſtado.

Recebida por Martim Affonſo a carta, & ouvidos os Embaixadores do Hidalcaõ, entendeo d'elles, que pela peſſoa de Meàle offerecião cento & cincoenta mil pardaos, & as terras firmes de Bardez, & Salſete, importantes ao Eſtado pelos rendimentos, & vizinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonſo que o negocio era de muito peſo, & que de ambas as faces moſtrava utilidades grandes; porque reſtituir à hum Principe,

& abaixar hum tyranno, era empreſa digna de armas Chriſtãas, da qual receberia não vulgar reputação o Eſtado, moſtrando ao mundo, que não paſſarão noſſas bandeiras à Aſia uſurpar Reynos, nem acquirir riquezas, pois ſó tratavão de que os Pagaõs, & Mouros do Oriente guardaſſem à Deos fidelidade, & juſtiça entre ſi. Por outra parte diſcorria, que Meále quando chegaſſe à reynar depois de larga guerra, não podia dar ao Eſtado mais, que o que o Hidalcão ſem ella offerecia; & que como eſtes Mouros por odio, & por religião erão ſempre inimigos, rirſehia o mundo ſe viſſe que com noſſo ſangue deſtruíamos hum infiel, & criavamos outro, quando da ruìna de ambos pendia noſſa proſperidade; mórmente, que nam paſſarão à India noſſas armas à defender os inimigos da Fé, ſenão à deſtruílos. Que ſe Meále nam achàra amparo em el Rey de Cambaya, de quem era parente; porque o havia de eſperar dos Portugueſes, de quem era inimigo? Que quando ſe viſſe reſtituído, & poderoſo, a primeira lança que ſe arrojaſſe contra o Eſtado havia de ſer ſua, porque lhe ſeria ſoſpeitoſa a vizinhança de homens tam va-

leroſos, que o fizerão Rey; & que para nos aborrecer, baſtava a memoria de tam grande beneficio.

Reſoluto em fim Martim Affonſo a entregar Meàle por fundamentos menos conſiderados, deſpedio os Embaixadores, & com elles a Galvão Viegas, hum Cavalleiro honrado, com largos poderes para aſſentar o contrato na forma referida, mandando logo tomar poſſe das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de ſeus Embaixadores.

Reſpoſta de Governador.

Neſte eſtado achou Dom Joaõ de Caſtro as couſas de Meàle, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com ſeu anteceſſor; porèm Dom Joaõ com differente acordo reſpondeo ao Hidalcão, que os Portugueſes erão fieis aos amigos, quanto mais aos hoſpedes; que as propoſtas de ſeu anteceſſor mais foraõ para conhecer a cauſa, que para reſolvela; que as terras firmes pertenciaõ ao Eſtado por doaçoens mais antigas, & que dos rendimentos era juſto alimentar Meàle por gratidão dos Reys ſeus anteceſſores, que as vinculàrão ao Eſtado; que o deixaſſe lograr quieto eſta pequena memoria

de seu direito, & que o amparar o Estado sua pessoa atègora não era protecção, senão piedade; que não alterasse a paz com impacientes armas, porque então viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado para que se fizesse author de huma, & outra vingança. E porque seus Embaixadores apontavão, que com a negação de Meàle seria forçoso o rompimẽto, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhão os alicesses sobre cinzas de Reynos abrazados; que os Portugueses tinhão a cõdiçaõ do màr, que com as tormentas se levanta, & crece; que elle assi como naõ buscava a guerra, tampouco a sabia engeitar.

Com esta reposta despedio o Governador os Embaixadores, que na constancia com que les respondeo, entendèrão que o não dobraria a entregar Meàle, temor, ou beneficio. Apercebeose logo para fazer, & esperar a guerra, que como era de Principe vezinho, primeiro poderiamos sentir o golpe, que ver a espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que serião duzentos homẽs, & servião debaixo de huma só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada.

Apercebimentos que faz.

Encarregou a guarda da Cidade a gente da ordenança, & os ſoldados pagos teve promptos para qualquer invaſaõ ſubita do inimigo. Tratou logo de apreſtar a armada, que achou deſbaratada pelas viagens, & guerras de ſeu anteceſſor, & pobreza do Eſtado, & como as forças navaes ſaõ as mais importantes, aqui ſe empregou todo. Reparou as embarcaçoẽs que eſtavão no rio, fez tres galès, & ſeis navios redondos com eſtranha brevidade, não faltando aos officiaes com a paga, & o agrado, com que a obra medrava, vencendo a diligencia o tempo. D'eſtas galès, & navios nomeou Capitaẽs, que aſſiſtião às obras, como a couſa propria; expediẽte que foy aſſaz importante para a brevidade do apreſto, bondade, & abundancia das muniçoẽs, & mantimentos, com que a armada ſe poz de verga d'alto em tẽpo opportuno, & breve, & com ella poz freyo aos Principes vezinhos para ſe colligarem com o Hidalcão, que ja os ſolicitava à ſacudir o jugo, como em beneficio da commum liberdade.

Primeiros movimentos do Hidalcaõ.

Entendida pelo Hidalcão a reſolução do Governador, recorreo à juſtiça das armas, querẽdo lançar fóra de

caſa a guerra, antes que com a preſença de Meàle tumultuaſſem os vaſſallos, a quẽ farião fieis os poſtos, & os premios da milicia, defendendo como commum a cauſa. Vedou logo com riguroſas leys aos vivandeiros trazer à Goa a ordinaria proviſaõ de mantimentos, que como os recebia do Sertaõ, naõ eſtava baſtecida para aturar taõ repentina guerra. Tras iſto mandou a Acedecão hum valeroſo Turco com dez mil homẽs à ſenhorear as terras firmes, que eſtavaõ à noſſa obediencia.

Mas Dom Joaõ de Caſtro entendendo que a guerra recebe opiniaõ dos primeiros ſucceſſos, ſahio com dous mil infantes, & a cavallaria da terra a fazer roſto ao inimigo; & ſendo de muitos fidalgos perſuadido que naõ empenhaſſe ſua peſſoa com partido tam deſigual, que naõ era authoridade do Governador da India cingir a eſpada contra hum Capitaõ do Hidalcaõ, nem dar à entender ao mundo que fazia tanto caſo deſta guerra, mòrmente quando tinha fidalgos benemeritos da honra, & do perigo d'eſta empreſa, naõ foy poſſivel diſſuadilo da primeira reſolução, dizendo com mayor confiança do que

Acode o Governador peſſoalmente.

permittião as forças de seu campo, que sahia a castigar, & não a vencer. E marchãdo duas legoas de Goa, avistou ao inimigo, que alojado ao pè de huma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava, & de trincheira, com as ventagẽs do numero, & do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrãdo novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começàrão a passar o rio com mais resolução que disciplina. Não foy possivel aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançàrão ao rio, & nos sisudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

Peleija, & desbarata o inimigo.

O Governador com singular acordo, mandou aos que ficavão que passassem o rio, entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; & porque este dia não teve lugar de dispor como Capitão, peleijou como soldado. Envestirão logo os nossos aos Mouros tam impetuosamente, que assombrados d'aquella primeira invasaõ, forão largando o campo, turbadas as fileiras, & por

si meſmas rotas, forão deſordenadas, & vencidas; vendo os noſſos (o que raras vezes ſuccede) hum exercito ſem perda, & mais deſbaratado. Recebèrão os Mouros grande dano na fugida, nenhum na reſiſtencia. Foraõ os noſſos duas legoas executando as licẽças, & crueldades da victoria, recolhendo as armas que os miſeraveis largavaõ como carga, & naõ como defenſa. Durou em fim o alcãce o que durou o dia, ſendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os ſoldados, cheyos de ſangue, de gloria, & de deſpojos, ſe deixou o Governador ficar no campo ao ſeguinte dia, ſem argùir aos ſoldados a deſordem, que lhe deu a victoria; ſeguindo a condiçaõ dos juizos humanos, que nunca deu louvor às deſgraças, nem às victorias culpa.

Recolhe-ſe a Goa.

Entrado o Governador em Goa, foy recebido com ſingular applauſo daquelle povo tam coſtumado a ver, & deſprezar victorias. E porque neſta, & nas mais batalhas que Dom Joaõ venceo, appellidou o nome de S. Thomè Apoſtolo da India, cremos que foraõ havidas com o auſpicio de hum Patraõ taõ grande; o qual por grati-

ficar a piedade, & honrar a memoria de Dom Joaõ de Caſtro, ſe ſervio de deſcobrir nos dias de ſeu governo aquella maravilhoſa Cruz, achada em Meliapòr na coſta de Choromandel, quaſi cubertos de huma meſma terra a milagroſa Cruz, & o corpo ſanto. E como Dom Joaõ de Caſtro venerava eſte ſinal de noſſa redempçaõ com devido, mas peregrino obſequio; pois ſempre que topava Cruz, ſe apeava do palanquim, ou cavallo, pondoſe de joelhos; naõ parecerà caſual a maravilha d'eſte deſcobrimento, pois as miſericordias do Ceo naõ vem por accidẽte. Daremos a relação d'eſte myſterio por involver hum milagre ſucceſſivo, teſtimunho da fé Oriental, cultivada naquellas Regioens com o ſangue, & doutrina de noſſos Portugueſes.

Veneraçam que fazia à Cruz.

Depois de maravilhoſa invençaõ do corpo deſte ſagrado Apoſtolo na cidade, ou ruinas de Meliapòr, que então ſe chamava Calamina, os Reys Dom Manoel, & Dom Joaõ ardião em piedoſo zelo de ſoprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Chriſtandade do Apoſtolo alli ficàraõ, ainda que corruptas ja com a doutrina de ſacerdotes Armenios, & Caldeos,

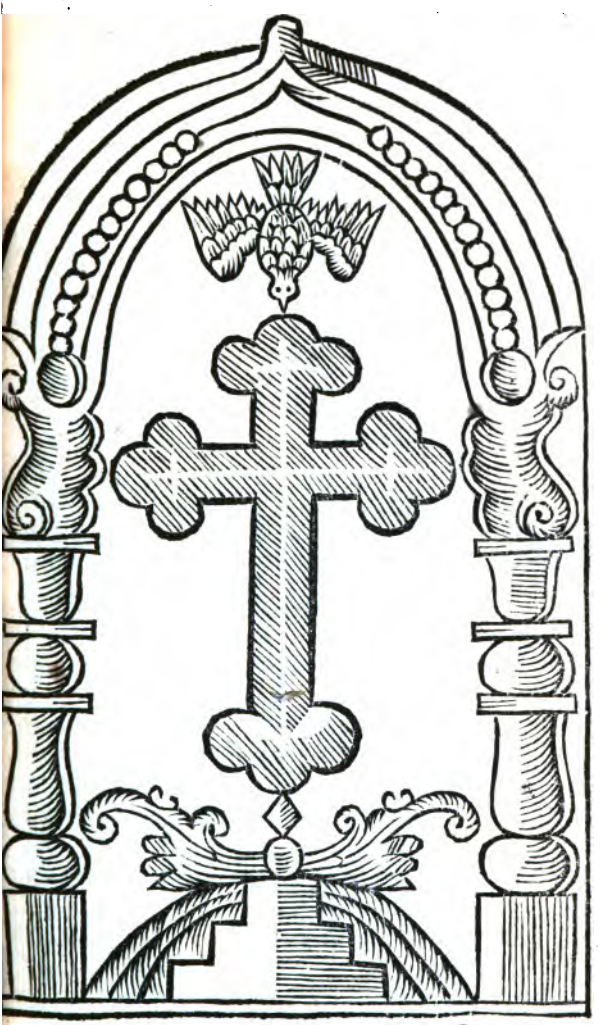
Invençaõ da Cruz de S. Thomè.

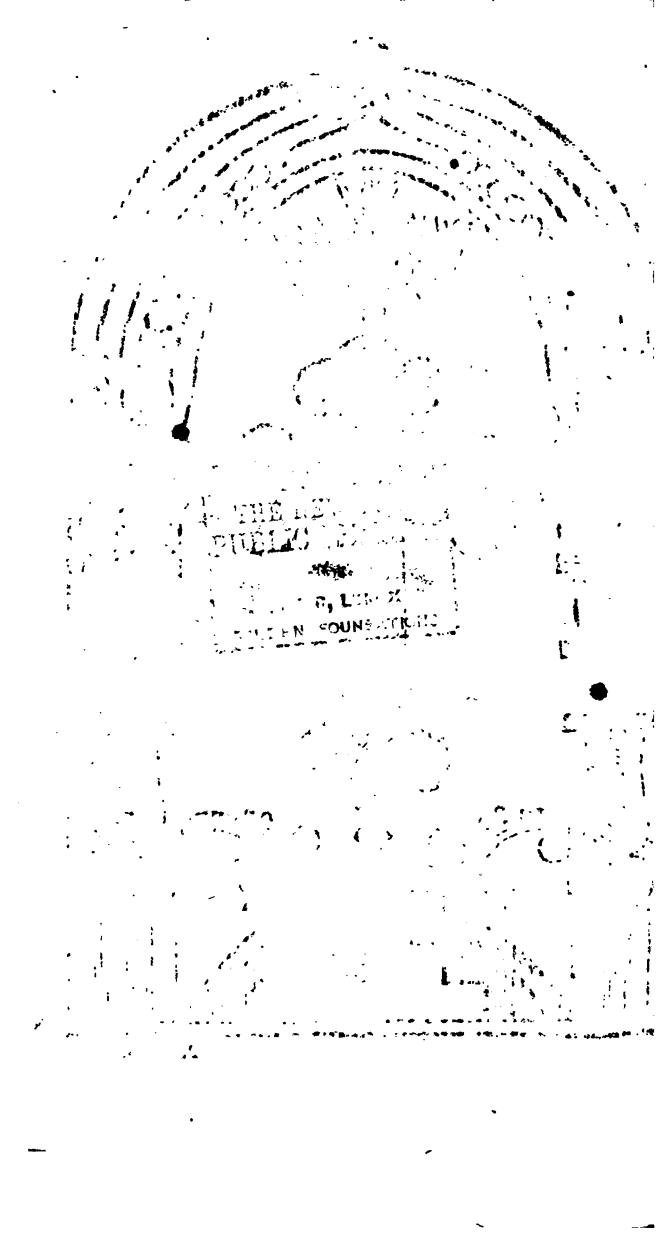
que ſeparados da Igreja Catholica Romana, davão a beber àquelles innocentes Chriſtaõs, pernicioſos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de noſſos Miſſionarios, tratàrão de levãtar huma Igreja no lugar aonde fora achado o precioſo corpo do Apoſtolo; & abrindo os alicerſes para a fabrica, achàraõ huma Cruz lavrada em hum pedeſtal de marmore de quatro palmos de alto, & tres de largo, borrifada de gottas de ſangue ao parecer freſco. Tinha eſta Cruz a forma das que uſaõ os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra eſtavão algũas Cruzes mais pequenas com a meſma figura que a mayor, ſalpicadas com as meſmas nodoas de ſangue. Eſtava a Cruz grande aſſombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas letras antigas, cujo ſignificado ignoravaõ os naturaes da terra, por não eſtarem em lingua conhecida, nem ſe formarem com clauſulas atadas. Forão buſcados velhos, & antiquarios ſcientes em differẽtes linguas, ſem que nenhum pudeſſe raſtrear a letra, nem o ſentido da eſcritura, atè que d'ahi a alguns tempos foy trazido hum Bramene de Narzinga, que nos deu a

expoſição d'ella em ſentido corrente, & dizia aſſi:

» Depois que appareceo a ley dos
» Chriſtaõs no mundo, d'alli a trin-
» ta annos, a vinte hum de Dezem-
» bro, morreo o Apoſtolo S. Thomè
» em Meliapòr, onde houve conhe-
» cimento de Deos, & mudança de
» ley, & deſtruiçaõ do Demonio.
» Eſte Deos enſinou a doze Apoſto-
» los, & hum delles veyo a Melia-
» pòr com hum bordaõ na maõ, on-
» de fez hum Templo; & el Rey do
» Malabar, Choromandel, & Pandi,
» & outros de diverſas naçoens, &
» ſeitas, ſe ſugeitàraõ voluntaria-
» mente à ley de S. Thomè. Veyo
» tempo em que o Santo foy morto
» por maõs de hum Bramene, & com
» ſeu ſangue fez eſta Cruz.

E como eſta traducção era de interprete aſſalariado, não lhe deraõ os noſſos inteira fé em negocio tam grave; aſſi chamàraõ outro Gentio douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes, o qual ſem ter noticia da expoſição primeira, declarou as letras na meſma forma, ſem diſcrepancia algũa. A el Rey Dom Sebaſtiaõ foy trazida a copia da eſtampa no anno de mil quinhentos ſeſſenta & dous, como aqui parece.





Continuàram os noſſos a fabrica da Igreja com mayores deſpeſas pela veneração do lugar, que era depoſito dos penhores ſagrados, ſendo grande a piedade, & concurrencia do povo Malabar à viſta de tão illuſtre teſtemunho da fé que conſervavão. Acabouſe a fabrica do Templo brevemente, ſervindo no altar mayor de retabolo a Cruz, gravada no marmore que temos referido. Começàrão a celebrarſe os officios divinos com a decencia, que permittia hum lugar tam remoto; quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectação da Senhora, eſtandoſe officiando a Miſſa à viſta de muito povo, começãdo o ſacerdote o Evangelho, começou tambem a Cruz ſagrada a cobrirſe de hum ſuor copioſo, deſtillando ſobre o altar não meudas gottas; & porque ficaſſem mayores ſinaes d'aquella maravilha, parou no ſacrificio o Sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz evaporava, os quaes ſubitamente ſe banhàram em ſangue à viſta do numeroſo povo que aſſiſtia. Foy logo a ſagrada Cruz mudando a cor alabaſtrina em pallida, & d'eſta paſſou a hum negro eſcuro, que tornou a mudar em azul,

Milagre notavel da meſma Cruz.

com hum reſplandor maravilhoſo, que durou em quanto o ſacrificio da Miſſa; & depois de acabada, tomou a cor natural em que foy deſcuberta.

Succeſſivamente ſe vio o meſmo milagre muitos annos naquelle meſmo dia, & ainda agora ſabemos por Autores, & relaçoens fieis ſuccede algúas vezes; com que aquella Chriſtandade recebe os preceitos de noſſa Ley com fé ja mais robuſta. Eſte milagre ſe calificou ante o Biſpo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos vieraõ a eſte Reyno em tempo do Cardeal Rey Dom Henrique, que com authoridade do Papa Gregorio XIII, authenticou o milagre, ja divulgado em noſſas Chronicas, & Authores eſtranhos. As novas d'eſte milagre recebeo Dom Joaõ de Caſtro com naõ vulgares moſtras de piedade, amparando aquella Chriſtandade de S. Thomè, opprimida da ſervidão dos Principes Gentios, que lhe haviaõ revogado certos donativos, & graças, que por intervenção do Santo Apoſtolo lhe foraõ concedidas dos Reys anteceſſores, das quaes hoje pelo odio dos infieis, & corrupçaõ dos tempos, ſò guardavaõ as memorias.

Affecto com que o Governador recebe eſta nova.

Naõ ceſſava o Hidalcaõ de inquietar os noſſos com ordinarias correrias nas térras firmes, que baſtavaõ a nos ter em continua vigia, & impedir a cultura aos lavradores; a cuja cauſa ſe reſolveo o Governador a darlhe o golpe onde mais o ſentiſſe. Mandou logo embarcar a ſeu filho Dom Alvaro na armada que apreſtàra, com ordem que nos pòrtos do Hidalcão fizeſſe todo o dano poſſivel, offerecendo aos ſoldados eſcala franca, para, com as eſperanças do ſaco, os fazer diſſimular alguns ſoldos vẽcidos, que lhes devia o Eſtado, & deſviar a outros dos tratos mercantis; corrupção que hia lavrando em muitos, & ja com feyo exemplo dos mayores.

Manda contra o Hidalcaõ ſeu filho D. Alvaro.

Sahio Dom Alvaro com novecentos Portugueſes, & quatrocentos Indios em ſeis navios, & algũs baxeis de remo; & a poucos dias de viagem houve viſta de quatro naos do Hidalcão, que com roupas, & outras dròga da terra navegavão a Cambaya. Mandou logo Dom Alvaro aos Capitaens, que lhe puzeſſem a proa, & aos navios de remo, que ſe foſſem cozendo com a terra, por ſe acaſo o inimigo tentaſſe de encalhar deſeſperado. Erão as naos de mercadores,

Sahe com ſeis navios.

Preſa que faz.

com pouca guarnição de soldados; & vendo, que nem podiaõ fugir, nem defenderse, mandàraõ à Capitania Mouros mercadores, que entre razoens, & lagrimas se mostravaõ innocentes nas discordias do Hidalcaõ com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo; porèm, nem a cobiça dos soldados, nem a razão da guerra sofria que os ouvissem; assi forão as náos entradas, & mandadas à Goa, para que conforme o bando do Governador se repartisse a presa. Chegadas estas náos ao porto de Goa, foy estranho o alvoroço do povo, vendo que huma a outra se alcançavão as victorias, louvando na primeira os esforço do pay, na segunda a fortuna do filho.

Propoem D. Alvaro a entrada de Cambre.

Vendo Dom Alvaro que as occasioens, & o tempo peleijavão por elle, & que tinha os soldados contêtes, por terem ja em seguro o fruto da jornada, mandou ao seu Piloto, que governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcaõ tinha dobrado as guarniçoens depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa, & pela estreiteza do canal não podiaõ nossas náos passar, nem surgir sem perigo eviden-

te. Consultou o General Dom Alvaro com os Capitaens da armada as difficuldades, que se representavaõ, & à todos parecèrão dignas de reparar, dizendo, que emprezas voluntarias nam se acometiaõ com risco taõ sabido; que mayor guerra faziaõ ao Hidalcaõ senhoreandholhe seus màres, fazendo presas, & tolhêndo o cõmercio à vista de seus olhos; que nas facçoẽs de terra era mayor o risco que o proveito; que o canal viaõ estava tam cingido d'aquellas fortalezas, que os nossos navios havião de passar quasi roçando sua artelharia; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como Dom Alvaro instasse, que era preciso executar as ordens que levava, que eraõ saltar em terra, & abrazar os pórtos do inimigo, lhe replicàrão no Conselho, propondo que se ficasse elle General no màr mandando, & que os Capitaens dos mais navios cometterião a barra, porque se ao General d'aquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe aconteceſſe algum desastre, que mayor dano poderia receber o Estado, que o empenho em que ficava na necessidade de tão justa vingan-

Resolve em vestila.

ça : do que Dom Alvaro indignado, atalhou a pratica, dizẽdo, que elle não queria victorias, onde o ſeu perigo não foſſe igual ao do menor ſoldado, porque ſó para obediencia era ſeu General, & para o riſco era ſeu companheiro; que a inſtrucção que trazia do Governador, era arriſcar ſua peſſoa facilmente, a ſeus ſoldados com grande neceſſidade; que os riſcos que lhe repreſentavão, ainda lhe parecião mais pequenos que os que vinha a buſcar, porque a honra não ſe ganhava ſem perigo; que de Portugal viera a buſcar eſte dia, que eſperava foſſe muito fermoſo para todos, & que neſta reſolução não queria conſelho, ſó na fórma de acometer lhes pedia conſultaſſem o modo. A temeridade do General deſculpàram então o brio, & a mocidade, & depois o ſucceſſo. Aſſentouſe que a gente paſſaſſe aos bateis, & que no quarto d'Alva pojaſſe em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não podeſſem fazer certa a pontaria. Aquella noite ſe apercebèrão todos, vendo ja no ſemblante do General hũs longes da victoria. Deixada guarnição neceſſaria nos navios, ſaltou o General em

Salta em terra.

terra com oitocentos homẽs eſcolhidos, & com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas ballas, não houve algũa que mataſſe, ou feriſſe ſoldado, ſendo eſte accidente para a victoria, diſpoſição, ou principio.

Era a Cidade de cinco mil vezinhos, derramada por huma eſtendida planicie. As caſas entre ſi deſunidas, & independentes humas de outras, ſem mais policia, uniaõ, ou medida que a que enſinava o goſto, ou poder dos moradores. Com tudo os pateos, & eirados de cada caſa repreſentavaõ juntos huma mageſtade barbara, como de homẽs que edificavaõ com mayor ambiçaõ, que architectura. Tinhaõ ao Norte huma pequena ſerra, donde deſciaõ algũs rios ſem nome, que aſſi ſerviaõ ao deleite, como à fertilidade da campanha. Fora a Cidade antigamente habitada de Bramenes, & agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes ſempre famoſo, entaõ pela ſuperſtiçaõ, hoje pela riqueza. Naõ tinha o lugar defenſa de muros, ou trincheiras, aſſegurados ſeus habitadores, ou na grandeſa de ſeu Senhor, ou na paz dos Principes vezi-

Grandeſa, & forças da praça.

nhos; porèm ao preſente, como a guerra que faziamos ao Hidalcaõ, começou por victorias, viraõ os Mouros ſeu perigo em ſeus meſmos exemplos; aſſi trouxeraõ para defẽder a Cidade dous mil ſoldados pagos, que com a milicia da terra fizeraõ numero baſtante à defendelos, conforme à ſeu diſcurſo.

Reſiſtencia do inimigo.

Eſtes vieraõ debaixo de ſuas bandeiras, impedir a deſembarcação aos noſſos, com tanta ouſadia, que nos embaraçàraõ eſpaço grande, peleijãdo a pè firme, & taõ travados, que não podião os noſſos ſoldados ajudarſe da eſpingardaria, da qual ſó recebèrão a primeira carga com notavel conſtancia. Aqui deu Dom Alvaro moſtras de ſeu valor, & acordo, inflammando os ſeus na peleija, ja cõ palavras, ja com o exemplo de ſuas obras. Viraõſe em fim tam apertados os noſſos, que mais peleijavão pela vida, do que pela victoria; por eſpaço de huma hora eſteve duvidoſo o ſucceſſo, atè que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, & do ferro, deſemparàrão o campo, moſtrando no primeiro conflicto valor mais que de homẽs, no ſegundo menos que de mulheres:

touſa muito ordinaria nos biſonhos, ſucceder o mayor temor à mayor ouſadia. Com o exẽplo d'eſtes ſe foraõ os outros retirando tímidos, & deſordenados. Neſta volta recebèraõ os Mouros grande daño, porque quaſi ſem reſiſtẽcia pereciaõ, ſendo os que cahiaõ tantos, que eſtorvavaõ a fogida aos outros.

Entràraõ os noſſos de envolta com os Mouros a Cidade, onde os miſeraveis ſe detinhaõ preſos do amor, & lagrimas das mulheres, & filhos, que acompanhavaõ ja com piedade inutil, mais como teſtimunhas de ſeu ſangue, que defenſores d'elle; taes houve, que abraçadas com os maridos ſe deixavão treſpaſſar de noſſas lanças, invẽtando os miſeraveis nova dor, como remedio novo; dos noſſos ſoldados, huns as roubavaõ, outros as defendiaõ; quaes ſeguiaõ os affectos do tempo, que os da natureza. Algũas d'eſtas mulheres com deſeſperado amor ſe metiaõ por entre as eſquadras armadas a buſcar os ſeus mortos, moſtrando animo para perder as vidas; laſtimoſas nas feridas alheas, ſem laſtima nas ſuas. Ganhamos em fim a Cidade com menos dano que perigo, porque na reſoluçaõ da en-

Entraõ os noſſos.

E ganhaõ a Cidade.

trada por baixo da artelharia do inimigo, mais arraſtou a Dom Alvaro o valor, que a diſciplina. Dos Mouros pereceo a mayor parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Mayor animo moſtràrão as mulheres, que os maridos: elles perdèrão as vidas, que não ſouberão defender; ellas podendoas ſalvar, as deſpreſàrão. Dos noſſos morrerão vinte dous; foraõ mais os feridos, em que entrou o General de hũma ſetta. Foy neceſſario acabar hum eſtrago, para começar outro. Ceſſou a ira, começou a cobiça. Mandou Dom Alvaro dar a Cidade à ſaco; onde o deſpojo igualou a victoria; porque não tinhão os Mouros poſto em ſalvo couſa algũa; ou foſſe confiança, ou deſcuido, & até a gente inutil para a defenſa guardàraõ na Cidade, ou por deſprezo de noſſas armas, ou por não moſtrar ſombra de temor aos defenſores; foraõ em fim as fazendas tantas, que ſe não pudèrão recolher aos navios; os ſoldados recolhião as mais precioſas, & deixavão as outras, como para alimento do fogo, com que ſe havia de abrazar a Cidade, a qual Dom Alvaro deixou entregue a hum laſtimoſo incendio, que fez não pequeno horror

Deſtruição & ſaco della.

nas povoaçoẽs vezinhas, por ſer eſte lugar de toda a coſta o mais rico, & defenſavel, que quaſi ſervia aos outros de muro, agora de miſeravel exemplo.

Levouſe o General com toda a armada, & ſe fez na volta de Goa, a deſcarregar os navios, que cõ o muito peſo hiaõ empachados, determinando deixar ahi os feridos, & alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual deſejavaõ os ſoldados, contentes da liberalidade, & fortuna do novo General. Chegou primeira a nova, que os navios à Goa, & o Governador fez grande eſtimação da victoria, a plèbe dos deſpojos. Logo ſe teve aviſo, que os que eſcapàrão da rota forão repreſentar ao Hidalcaõ o miſeravel deſtroço da Cidade, & entre a primeira dor dos filhos, & parentes, contavaõ o ſegundo eſtrago das fazendas, & edificios, onde a voracidade do fogo deixàra tam confuſas hũas, & outras cinzas, que não podião chorar os ſeus mortos com lagrimas diſtintas. Dizião ao Hidalcaõ, que ſe com tal gente determinava continuar a guerra, iriaõ habitar os deſertos, onde não verião eſtas féras do Occidente, naſ-

Volta Dom Alvaro a Goa.

cidas para eſcandalo, & ruìna da Aſia. Aſſi contavaõ, & maldiziaõ noſſas victorias huma a huma, mais engrandecidas em ſeu temor, que em noſſas eſcrituras.

Commette o Hidalcaõ paz. O Hidalcaõ, vendo a fortuna de noſſas armas, as queixas & o eſtrago dos vezinhos, & muitas vontades alheas de ſeu ſerviço, que a guerra & os ſucceſſos faziaõ mais atrevidas, inclinou o animo à paz para remediar as diſcordias, & ſedìçoẽs de caſa, que podiaõ tomar mayores forças com as liberdades de gente armada; & pondo em conſelho o eſtado das couſas preſentes, a todos pareceo deviaõ cobrir ſeus aggravos com huma paz fingida, eſperando que o tempo lhes moſtraſſe monçaõ mais opportuna, para com as forças de alguns Reys offendidos cõmetter o Eſtado juntate; & como eſtes Mouros mais guerreaõ pela conveniencia, que pela injuria, mandou o Hidalcaõ Embaixadores ao Governador, diſculpando a guerra que fizera com frivolas eſcuſas, & acordando os beneficios que de ſua amizade recebèra o Eſtado.

O Governador a aceita. O Governador ouvio os Embaixadoreş em ſala publica com grande authoridade,

thoridade, reſpondendhole que aſſi como nam buſcava a guerra, taõ pouco a ſabia engeitar; que a proſperidade do Eſtado cõſiſtia em ter mais inimigos, porque com deſpojos, & victorias ſe engrandecèra ſempre; mas que tambem nunca negàra a paz à quem com obras, & amizade fiel a merecia; que elle queria privar à ſeus ſoldados das commodidades que d'eſta guerra ſe prometriaõ; mas que ſoubeſſe, que o primeiro dia que tinha de Rey, era eſte em que capitulava paz com os Portugueſes. Aſſi deſpedio os Embaixadores aſſombrados de animo tam altivo; & com eſte meſmo deſpreſo tratou ſempre as guerras do Oriente, nas quaes moſtrou valor igual à ſua fortuna.

Trata das couſas do Eſtado.

Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares; premiando aos ſoldados que haviaõ ſervido, aos quaes deixava taõ ſatisfeitos do deſpacho, como do agrado. Deu Capitaens às fortalezas vagas, em quanto os providos por el Rey nam entravaõ; fazendo do merecimento dos homens eſtimaçaõ tam juſta, que nem à conveniencia, nem ao Eſtado ficava devedor: virtude nos Principes difficultoſa, & nos miniſtros rara.

» alguns favores temporaes, que amã-
» saõ muito os coraçoens dos subdi-
» tos; procurareis com muitas vèras,
» que os novos Christaõs d'aqui adiã-
» te consigaõ, & gozem todas as
» exempçoens, & liberdades dos tri-
» butos, gozando dos privilegios, &
» officios honrados, que atè aqui
» costumavaõ gozar os Gentios. Ha-
» vemos tambem sido informados,
» que em nossas armadas vaõ muitos
» Indios forçados, fazendo para isso
» despesas involuntarias; & dese-
» jando Nós o remedio de tam
» grande excesso, vos mandamos,
» que d'esta violencia sejaõ os Chris-
» taõs isentos; & sendo a necessida-
» de muy urgente, provereis, como,
» em caso que vaõ, se lhes dè satis-
» façaõ cada dia de seu trabalho, cõ
» a fidelidade que de vosso cuidado,
» & diligencia esperamos. Havendo
» tambem sabido de pessoas graves,
» & fide dignas (com particular sen-
» timento nosso) que alguns Portu-
» gueses compraõ escravos por pouco
» preço para os vender aos Mouros,
» & outros mercadores barbaros, por
» interessar alguma cousa nelles, cõ
» notavel detrimento de suas almas,
» pois poderiaõ facilmente ser con-

» vertidos à Fé, vos mandamos em-
» pregueis todas voſſas forças em ata-
» lhar tamanho mal, impedindo ſe-
» melhantes vendas, pelo grande
» ſerviço que niſſo ſe faz a Deos,
» & nos fareis, ſe com o rigor que o
» caſo pede, remediais huma couſa
» que taõ mal nos parece. Procura-
» reis, que ſe refree a exceſſiva li-
» cença de muitos uſurarios, que
» havemos ſabido andaõ, ſem ẽbargo
» de huma ley das antigas de Goa,
» a qual deſde logo revogamos, &
» vòs revogareis, tirandoa do corpo
» das demais, como contraria à Re-
» ligiaõ Chriſtãa. Em Baçaim dareis
» ordem, como ſe levante logo hum
» Templo com a invocaçaõ de Sam
» Joſeph, ſinalandolhe por noſſa con-
» ta renda para hum Reytor, & al-
» guns Beneficiados, & Capellaens,
» que nelle ſirvaõ. E porque os Prègà-
» dores, & Miniſtros da Fé padecem
» algũas neceſſidades por tratarem da
» converſaõ dos Gentios, queremos,
» & he noſſa vontade, que ſe lhes
» dem algumas ajudas de cuſto, &
» ſó para iſto lançareis de tributo ca-
» da anno, tres mil pardaos às Meſ-
» quitas, que tem os Mouros em
» noſſos ſenhorios. Tambem por con-

» grãdeza com ſemelhantes peſſoas;
» alem do que tratareis de averiguar
» o direito que pertende ter ao Rey-
» no, & o que acerca deſte ponto
» vos conſtar, nos mandareis authen-
» tico, para provermos o que mais
» convier; & entretanto he noſſa
» vontade, que com todo o rigor
» tomeis conta ao Tyranno das cruel-
» dades que executou nos que à noſ-
» ſa ſanta Fè ſe convertèraõ, obri-
» gandoo que dè ſatisfaçaõ a tam
» grande inſolencia, para que todos
» os Principes da India vejaõ quanto
» nos apraz a juſtiça, & como toma-
» mos à noſſa conta o favorecer os
» que pouco pódem. E porque nam
» he conveniente, que os officiaes
» Gentios fundaõ, pintem, ou la-
» vrẽ (como atègora ſe lhes permit-
» tio) imagens, & figuras de Chriſ-
» to Senhor noſſo, nem de ſeus San-
» tos, para venderem; mandamos
» que ponhais toda a diligẽtia em o
» impedir, pondo penas, que o que
» ſe provar que fez algũa imagem
» das ſobreditas, perca ſua fazenda,
» & lhe dem duzẽtos açoutes, por-
» que ſem duvida pareceràõ muito
» mal imagens, que repreſentaõ myſ-
» terios tam ſantos, andarem por

» mãos de idolatras Gẽtios. Da meſ-
» ma maneira ſabemos, que as Igre-
» jas de Cochim, & Coulaõ, que
» de novo ſe começàraõ, eſtaõ por
» acabar, deſcubertas, & expóſtas a
» todas as inclemencias do tẽpo, o
» que naõ ſó parece mal, mas ainda
» he em prejuizo do edificio; pelo
» que mandareis que ſe continuẽ atè
» ſe acabar, ſem reparar no cuſto; &
» iſto por maõs, & traça dos me-
» lhores architectos, & officiaes. Em
» Naraõ mandareis tambem edificar
» huma Igreja em honra, & com a
» invocaçaõ do Apoſtolo S. Thomè;
» & acabar em Calapor a que eſtà
» começada com o nome de Santa
» Cruz; & na ilha vezinha de Co-
» raõ levantareis outra, da traça, &
» mageſtade que vos parecer conve-
» niente, pois he couſa, que nada
» mais deſpertará nos Gentios a de-
» voçaõ às couſas de noſſa ſanta Fé, que
» a affeiçaõ que de noſſa parte virem.
» Alem do que vos encomendo muy
» apertadamẽte, que em lugares accõ-
» modados fundeis eſtudos, & caſas
» de devoçaõ, às quaes em certos
» dias acudaõ aos Sermoẽs, & prati-
» cas eſpirituaes, naõ ſó os Chriſtaõs,
» mas tambem os Gentios, para que

» por eſta via ſe affeiçoem à noſſa ſan-
» ta Fè, & ao conhecimento dos er-
» ros em que vivem, alumiandolhes
» as almas com a luz do Evangelho;
» para o que eſcolhereis miniſtros
» em que haja as partes, que ſeme-
» lhante miniſterio requere. E por-
» que ſobre tudo grandemente deſe-
» jamos, que neſſe Eſtado ſeja o no-
» me do Senhor Deos conhecido, &
» reverenciado, & ſua ſanta Fè rece-
» bida, queremos, & he noſſa von-
» tade, que em todas as terras de
» Salſete, & Bardèz, ſejaõ de raiz
» arrancados todos os idolos, & o
» culto infernal, que nelles ainda ſe
» lhes faz; & para que iſto ſe exe-
» cute com menos difficuldade, &
» ſem ſer pará iſſo neceſſaria força,
» ou violencia algũa, ordenamos que
» os Prègadores em ſeus Sermoẽs, &
» diſputas lavrẽ com tanta pruden-
» cia, & zelo os coraçoens dos Gen-
» tios, que com o favor de Deos,
» conheçaõ o bem que ſe lhes pro-
» cura, em os trazer ao conhecimen-
» to de ſeus erros, & tirar da miſe-
» ravel ſervidaõ do Diabo em que
» eſtaõ, da qual ſó ſe pódem livrar;
» abraçandoſe com a ſanta Fè, que
» he o caminho unico de conhecer a

» cegueira em que os traz Satanàs,
» para naõ verem quanto lhes im-
» porta a falvaçaõ de ſuas almas; &
» pelo muito que importa a eſte ne-
» gocio, que os miniſtros d'elle ſejaõ
» de boa vida, & coſtumes, & letras
» ſufficientes, os elegereis taes, que
» ſe poſſa eſperar d'elles o effeito que
» deſejamos; encomendarlhes eis o
» cuidado, & diligencia, que impor-
» ta ponhaõ de ſua parte, & da voſſa
» procuray attrahir, & favorecer à
» todos, em particular aos nobres,
» & principaes (à cujo exemplo os
» demais ſe movem) de maneira,
» que reduzidos eſtes à noſſa ſanta
» Fè, pouca difficuldade haverá em
» cõverter a gente commũa, que lo-
» go fará o que vir fazer aos ſeus
» mayores. Os que ſe converterem
» ſejaõ bem tratados, para que os
» mais ſe affeiçoem, favorecendoos
» não ſó em geral, mas ainda em
» particular, por pobres, & mifera-
» veis que ſejaõ. De tudo iſto nos pa-
» receo darvos conta, para que ſe-
» gundo a confiança que de voſſa di-
» ligencia, & cuidado temos, deis à
» tudo o remedio, de que reſultará à
» Deos noſſo Senhor muita gloria;
» & Nòs volo teremos em particular

» ſerviço. Dada em Almeirim à oito
» de Março, anno do Naſcimento
» de noſſo Senhor Jeſu Chriſto de
» mil quinhentos quarenta & ſeis.
REY.

D'eſta carta deu Dom Joaõ à execuçam aquillo que com as armas na maõ podia obrar, porque foy o tempo de ſeu governo huma continuada batalha, & os ſoldados com as licenças da guerra eſtavaõ mais promptos a eſtragar leys, que à emendar coſtumes; porèm a hiſtoria nos moſtrarà naõ leves argumentos de ſeu zelo, gratificado do Ceo com ſinaes, & maravilhas, de que referirey huma, que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcçaõ de ſeu governo, ſubſtãciarey o caſo brevemente, como he meu coſtume.

Milagroſo ſucceſſo nas Malucas.

Havia naquellas Ilhas reſplandecido a luz do Evangelho, porque S. Franciſco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquella terra das eſpinhas, & cardos da infidelidade; ſe bem devemos a primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Galvaõ, valeroſo Governador, & Apoſtolo zeloſo d'aquelle paganiſmo. Ao valor reſpondeo o fruto com maravilhoſa

converſaõ de almas, que recebèraõ cõ o Bautiſmo o ſuave jugo de Chriſto, aſſi da plèbe, como dos Regulos, & Magnàtes, todos dóceis à obediencia do Evangelho. Sentia o Demonio, que naquellas trevas da Gentilidade appareceſſe a luz do Ceo à deſcubrirlhe os caminhos da vida, & armou contra a innocente Chriſtandade hum Gentio d'aquellas partes, que havia tyrannizado a Ilha de Moro, & ſe dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou à perſeguir os novos cõvertidos, obrigandoos com inventadas crueldades a ſer apoſtatas da Fè que tinhaõ profeſſado, pela qual muitos chegàraõ à derramar o ſangue com felice martyrio; porèm outros com fé menos robuſta cedèraõ aos tormentos. Creſcia o deſaforo do Tyranno com injuria de noſſas armas, obrigadas ao caſtigo d'eſte idólatra em obſequio da Fé, & ſerviço do Eſtado. Os perſeguídos, & os temeroſos acudiaõ com queixas aos Portugueſes, que eſtavaõ em Ternate, os quaes reſolutos à domar eſte Barbaro, ſe diſpuſeraõ, com mais zelo, que forças, a buſcalo em ſua meſma caſa. Naõ pode ſer eſte movimento tam occulto, que o naõ entendeſſe o

Tyranno, que ſe apercebeo para a defenſa, fortificando a entrada da Ilha com trincheiras, & eſtacadas fortes, & quando os noſſos ganhaſſem eſtes reparos, tinha cubertos os paſſos que guiavaõ à Cidade com eſtrepes, & pùas de ferro, tocados de erva, onde paſſando os noſſos furioſos da colera, & victoria, ſe perderiaõ ſem remedio. Aſſi foy, que vencida a primeira eſtacada, que os Barbaros largàraõ com facil reſiſtencia, quiçà fiados no ſegundo engano, querendo a noſſa gente paſſar incauta, cevada mais no alcance com a fugida do inimigo, (caſo maravilhoſo!) cahio do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os noſſos, atè que purificados os ares ſeguiraõ a victoria por ſima dos eſtrépes, onde a cinza abrio caminho ſolido, & ſeguro; aſſi o referiaõ depois os meſmos Barbaros admirados, ſervindolhes eſte milagre de argumento para as verdades da ley que perſeguiaõ.

Aſſi ſe davaõ as maõs na Aſia a Fé, & o imperio nos dias de Dom Joaõ de Caſtro, trazendo em huma maõ a ley, & n'outra a eſpada, dando que diſcorrer ao Oriente, ſobre huma acção tam grande, como foſſa

ter huma guerra voluntaria pela tutela de Meale, hum Mouro perſeguido, à quem os vaſſallos negàraõ a fé, & os Principes de ſeu ſangue hum piedoſo amparo.

Pouco tempo o deixou reclinar a Aſia ſobre os triumphos de ſuas victorias, porque logo o começou à deſpertar Cambaya com os rumores de outra nova guerra, de que ja as intelligencias do Eſtado ouviaõ os eccos: a qual referiremos em livro ſeparado, por ſer de noſſa Hiſtoria a porçaõ mais illuſtre.

COM a morte de Soltaõ Badur Rey de Cambaya, ficou o nome Portugues mais temido, que amado dos Principes da Aſia; porque como ſuas culpas eraõ ocultas, & o caſtigo publico, tinha Badur em favor de ſeu ſangue os juizos dos homẽs, ou pela commiſeraçaõ natural dos que padecem, ou por veneraçaõ da Regalia, & odio de noſſo imperio, taõ aborrecido por eſtranho, como por poderoſo.

Trata el Rey de Cambaya de tomar Diu.

Mahamud Rey de Cambaya, herdeiro da Coroa, & da injuria de Badur, cuja morte ſuccedida no governo do grande Nuno da Cunha referem noſſas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, & da vingança, emprendeo tomar aos Portugueſes Diu, & com liga de outros Principes, lançalos da India; negocio (ao parecer dos ſeus) naõ muy difficil; porque diſcorriaõ, que o Eſtado era hum corpo monſtruoſo, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros diſtantes de ſi meſmo por infinito eſpaço com tantos mares, & ter-

ras interpoſtas ; & que era taõ grande o poder de Cambaya, que tanto com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Eſtado, enfraquecido entaõ por varios accidentes. Os Grandes, & Satrapas do Reyno ſe partiaõ em pareceres differentes ; hũs ajuizavaõ ja por fataes as armas Portugueſas em dano de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhaõ as feridas, & a memoria freſca ; & ainda que os eſtimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, deſculpavaõ a ſua. Reprendiaõ os primeiros, que aſſentáraõ pazes com o Eſtado, & aos que agora intentavaõ quebralas ; eſtes, porque naõ ſabiaõ guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como coſtuma ſucceder nas couſas incertas) diſcorriaõ ao contrario, & achavaõ tantas razoens para a guerra, como para a victoria.

Perſuadido de Coge Coſar.

Entre todos Coge Çofar, o mais poderoſo, & aborrecido de Cambaya, & que da privãça d'el Rey lograva a melhor parte, perſuadia cauteloſo a guerra, crendo que com o perigo commum ceſſariaõ as envejas de ſua fortuna, & as emulaçoens dos Gran-

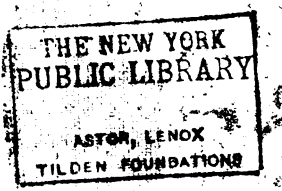
des, como vicios da paz, & que cõ os póstos, & meneyos da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe seriaõ fieis. Darey huma breve noticia d'este homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome.

Quem era Coge Çofar.

Foy Coge Çofar de nação Albanez, filho de pays Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Servio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolente, que soldado; nos motins, & rebellioẽs era buscado, como peyor que todos; assi passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo; & como homem inquieto querendo antes buscar a fortuna, que esperala, mudou de profissaõ, passando de soldado à mercador, porque era intelligente, & cobiçoso, & para seus intentos era este caminho mais breve, & mais seguro. Começou em pouco tempo à crecer nos tratos, como quẽ sabia as opportunidades, & monçoẽs do cõmercio, sendo em hum mesmo tempo, liberal, & avaro, servindose com artificio dos vicios, & virtudes. Veyo em fim a medrar com cabedal, & credito, desorte, que navegando o Estreito com

COGE COEAR

page 92


THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

tres ſétias ſuas, carregadas de differentes drógas, encontrou a Rax Solimaõ, General do Soldaõ do Cairo, que o enveſtio, rendeo, & deſpojou. Foy a preſa mayor que a victoria, & Solimaõ por credito de ſua meſma fama, lhe fez honrado tratamento, apreſentandoo ao Soldaõ, como priſioneiro de mayor porte, fazendo mayor eſtimaçaõ da peſſoa, que da preſa. Começou Coge Çofar à contentarſe de ſua deſgraça, como ſe a buſcára; tinha ſufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, & Flandes; fallava no poder dos Chriſtaõs com odio, & deſprezo, como enſinando ao Soldaõ à conhecer ſuas meſmas forças. Com eſtes artificios veyo o Soldaõ a pòr os olhos no eſcravo para couſas mayores; começou à ouvilo, ao principio por curioſidade, logo por affeiçaõ. Approvavalhe Coge Çofar os erros, & os acertos, com huma liſonja tam encuberta, que parecia liberdade, porque naõ moſtrava que queria agradar, ſenaõ ſervir. Encubria a graça do Soldaõ, & evitava favores publicos, mais cauto, que modeſto. Chegou a ſer Theſoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que adminiſtrou com jui-

foi-lhe facil trocar pelo veneno do Alcoraõ a ſaude Evangelica, mudando o nome impoſto no Baptiſmo, por eſte de Coge Çofar, que lhe dèmos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito Çofar cultor de Mafamede, começou à grangear mayores confianças com os Mouros, ſaneando o odio dos émulos cõ dádivas, & o da plèbe com a nova apoſtaſia, com que purgou as ſoſpeitas na fidelidade, obrando com ambiçaõ mais cauta, com que ſe fazia mais affavel aos inimigos, que aos eſtranhos; mas conhecendo a inſtabilidade do Sóldaõ, temeroſo de ſegunda quèda, naõ tendo por ſegura huma vontade ja reconciliada, matando huma noite à traiçaõ a Rax Solimaõ ſeu mortal inimigo com hum filho que tinha, juntou as joyas, & dinheiro que pode, & ſe paſſou ſecretamente ao ſerviço d'el Rey do Cambaya, de cuja grandeza, & liberalidade tinha inteiras noticias, & da eſtimaçaõ que fazia de homens eſtrangeiros, principalmente d'aquelles que tinhaõ algúa pratica das guerras, & policia de Europa. Reſpondeolhe o ſucceſſo ao penſamento, porque em breve tempo chegou à gozar a melhor

Como veyo a Cambaya.

parte

parte da graça de Badur, ou ja por sua fortuna, ou por sua industria, sendo companheiro de suas victorias, & de suas desgraças, achandose na ultima de sua morte, como nossas historias referem; porèm ja tam engrandecido nos favores Reaes, que em poder, & authoridade, era o mayor vassallo; conservando com Mahamud successor da Coroa a mesma estimaçaõ, ao qual inflammava na vingança da morte de Badur, pelos fins que temos referido, & por merecer a graça do novo Principe, com o amor, & fidelidade que mostrava às cinzas do defunto; he fama, que ante o Rey, & Satrapas de Cambaya fallou nesta substancia.

» As mercès que por espaço de dez » annos recebi de Soltaõ Badur, saõ » manifestas à todos; aos de fora cõ » espanto de sua grandeza, aos de » casa com enveja de minha fortu- » na; poz me os olhos, & levãtou- » me como vapor da terra, antepon- » dome estranho, & peregrino, aos » que lhe nascèraõ em casa, sendo » vassallo me tratou como amigo, & » me amou como filho. A este cle- » mentissimo Principe (cujas cinzas » venero como de senhor, choro co-

Suas razoens para a empresa de Diu.

» mo de pay), de baixo do ſagrado
» da paz, tiràraõ os Portugueſes a
» vida com eſcandalo de todos os
» Reys, & naõ menor injuria de
» ſeus vaſſallos, indignos de o haver-
» mos ſido de Principe taõ grande,
» pois inſenſiveis, & ingratos eſta-
» mos, alimentando os homicidas
» de noſſo Monarcha em noſſa meſ-
» ma caſa, gozando como herança
» a praça, que aſſeguràraõ com taõ
» atróz delicto; hontem hoſpedes,
» & agora ſenhores. Vòs, ó Princi-
» pe herdeiro, & ſenhor d'eſte Im-
» perio, vedes voſſos vaſſallos cada
» dia receber leys d'eſtes inſultuoſos;
» à vòs toca determinar à quem ha-
» vemos de obedecer primeiro, ſe à
» noſſo Rey, ſe à noſſos inimigos.
» Creſcerá com a noſſa paciencia o
» ſeu atrevimento. Depois de com-
» mettido o mayor delicto, qual naõ
» teraõ por leve? Quem duvidará
» ſer offenſor onde ſe naõ vingaõ in-
» jurias? Acabemos pois de deſper-
» tar d'eſte mortal lethargo; meta-
» mos atè os cotovelos os braços no
» ſangue d'eſtes crueis tyrannos; neſ-
» te veneno banhemos os alfanges,
» porque percaõ com as vidas a glo-
» ria de taõ grandes inſultos. Com

» o ſangue de Badur recebèraõ as ar-
» mas Portugueſas a mayor fama de
» mais atróz delicto, & deixamoslhes
» na maõ a eſpada, com que nos
» degolàraõ o Rey, para que com el-
» la meſma nos uſurpem o Reyno;
» tiremos pois d'entre nòs eſtas vi-
» boras naſcidas no ultimo Occiden-
» te, para inficionar a Aſia toda, co-
» mo ſe verá diſcorrendo por ſeus
» eſtragos, que elles chamaõ victo-
» rias. E começando naquelle pri-
» meiro Gama, à quem os màres,
» para perturbar a paz do Oriente,
» deraõ fatal paſſagem, o Çamorim
» de Calecut foy o primeiro a quem
» cortou ſeu ferro. As náos de Meca,
» que no amparo do Propheta, &
» paz das ondas, navegavaõ ſeguras,
» foraõ aſſaltadas, & rendidas d'eſte
» feliz Coſſario, que tantos annos,
» como monſtro do màr, teve por
» caſa as ondas, & por abrigo os
» ventos, & as tormentas. Pois aquel-
» le Dom Franciſco de Almeida, que
» em hum ſó dia, & com o meſmo
» golpe deſtroçou as armadas de Egyp-
» to, & Cambaya, que na vingança
» da morte de ſeu filho, parece que
» queria beber o ſangue do Oriente
» todo, ſe hum Albuquerque ſucceſ-

» ſor de ſua crueldade, & ſeu go-
» verno, lhe naõ viera tirar das maõs a
» eſpada. Eſte naſceo para injuria de
» todas as Monarchias, porque com
» ſenhorear Malaca, poz à todo o Sul
» freyo; rẽdeo Ormuz, emporio das
» riquezas do Mundo; tomou Goa ao
» Sabayo para cabeça de ſeu tyran-
» nizado imperio; & ſem trazer os
» exercitos de Xerxes, ou Darío, fez
» tributarios mais Reynos do que tra-
» zia ſoldados; levantando o penſa-
» mento à querer tirar de Meca o
» corpo do Propheta; poz em con-
» ſelho mudar ao Nilo as correntes,
» para alagar o Egypto; emprenden-
» do ſeu eſpirito fazer duas tão famo-
» ſas injurias, huma ao Ceo, ou-
» tra à natureza. Não poderey refe-
» rir a ambição de tantos, que com
» noſſas injurias ſe fizeraõ illuſtres,
» porque temo me não caiba no tem-
» po, ou na memoria; porèm lan-
» çay pelas mais remótas partes do
» Oriente a viſta, ou o juizo, vereis
» a mayor parte do Mundo receber
» leys de poder tão pequeno. Elles
» navegaõ d'aquella parte de Africa,
» que corre do Cabo de Boa Eſpe-
» rança atè as portas do Eſtreito do
» màr Roxo, dominando por aquella

» parte Moçambique, Çofala, Qui-
» loa, & Mombaça; & diſcorrendo
» o Cabo de Guardafu, olhando pa-
» ra as gargantas do mar Roxo, Adem,
» Xael, Herit, Caxem. Temem ſuas
» armadas as Cidades de Dofar, &
» Norbete no Cabo de Fartaque, &
» logo Curia, Muria, Rozalgate.
» Aqui fica a Cidade de Ormuz; alli
» a Ilha de Queixome, Curiate, Ca-
» layate, Maſcate, Orfacão, & Li-
» ma; o Cabo Mocandão, & Jazque,
» que formão a boca do Eſtreito,
» que ſe eſtende atè o rio Indo; lo-
» go o Cabo Guzarate, & Cinde
» neſta noſſa Cambaya, dònde atè o
» Cabo de Comori paſſeão ſuas ar-
» madas à India por eſpaço de tre-
» zentas legoas, & começando d'eſ-
» ta noſſa Cidade de Cambaya diſ-
» correm por Madigaõ, Gandar, Ba-
» roche, Çurrate, Reyner, Moſca-
» rin, Damão, Taraper, Baçaim,
» Chaul, Bandor, Cifardão, Galan-
» ci, Dabul, Cortapor, Carepatão,
» Tamega, Banda, Chapora. Senho-
» reão Goa, aſſento de ſeus Gover-
» nadores, & logo o maritimo do
» Canará, com Onor, Baticalá, Bra-
» çalor, Bracanor, & Mangalor; &
» logo aquella parte principal do Ma-

» labar, que aquentão ſuas frotas,
» onde eſtà o Reyno de Cananor,
» & nelle Carecoulão, Marabia, Tra-
» mapataõ, Maim, Parepataõ. Com
» não menos ſoberba aſſombraõ o
» Imperio de Calecut com ſeus pór-
» tos de Pandarane, Coulate, Cha-
» rè, Capocate, Parangale, Tanor,
» Panane, Balcançor, & Chatua. Nos
» Reynos de Cananor, & de Co-
» chim quaſi dominão com abſoluto
» imperio em Porcà, Coulão, Cale-
» coulaõ, Dotorá, Birinjaõ, Travan-
» cor. Alcança o reſpeito de ſuas ar-
» mas atè o famoſo Cabo Comori,
» defronte do qual eſtà a illuſtre Ilha
» de Ceilão, ondo carregão as naos
» de differentes drógas. Não perdoão
» à enſeada de Bengala, ou ſeo de
» Ganges, aviſtando Tacancuri, Ma-
» napar, Vaipar, Calegrande, Cher-
» capale, Tutucuri, Calecarè, Beà-
» dala, Canhamorra. Correm Ne-
» gapataõ, Nahor, Triminipataõ,
» Tragunbar, Coloraõ, Calapare,
» Sadrapataõ. Amedrentaõ com a
» multidaõ, & grandeſa de ſeus
» baixeis Biznagà, & a coſta brava
» de Orixa, & toda aquella diſ-
» tancia, que ha de Segopora atè
» Oriſtaõ, & as boças do Ganges.

» Atravessaõ o cabo de Negraes, Ar-
» racaõ, & Pegu com tantas, & tão
» maravilhosas Ilhas. Passaõ por Va-
» gatù, & Martavaõ, Tagala, &
» Favay, Tanaçari, Lungur, Tairaõ,
» Quedà, Solungor, navegando atè
» sua Malaca, cabeça de todo aquel-
» le Archipelago. E logo dobrando
» o cabo de Sincapura, ancòraõ nos
» portos dos Reynos de Syão, Cam-
» boya, Champà, & Cochinchina.
» E passando aos Reynos da China,
» se atrevèraõ a olhar àquelle tão
» recatado Imperio, que nunca so-
» freo a communicaçaõ de gentes
» estrangeiras; alli fundàrão a cele-
» bre Cidade de Macao, por onde
» persuadem aos Chins os Mysterios
» de sua crença, fazendo juntamẽte
» do cõmercio à Religião escada.
» D'aqui se divertem para as innu-
» meraveis Ilhas de Japão, visitan-
» do Tava, Timor, Borneo, Banda,
» Maluco, Lequios; desorte, que as
» velas Portuguesas com incansavel
» navegaçaõ, rodeaõ a mór parte do
» Mundo em distancia de mais de
» nove mil legoas; que à tam ardua
» navegaçaõ os estimulou sua am-
» biçaõ, guiou sua fortuna. Repeti
» prolixamente todo o maritimo da

» Asia, onde as armas Portuguesas
» por imperio, ou cõmercio, se haõ
» feito conhecidas, porque de tam
» derramadas Conquistas, faz o Mun-
» do erradamente o mayor argumen-
» to de seu poder, & eu de sua fra-
» queza; porque sendo Portugal hũ
» abreviado Reyno no ultimo Occi-
» dente, & com perpetuas guerras
» na Africa vezinha, onde se consu-
» mem com os successos prosperos &
» adversos, comendolhes sempre gẽ-
» te a guerra nas facçoens, & nas
» praças que guarnecem, & agora
» naõ podendo caber aonde nascèraõ,
» como aborrecendo o Ceo, & o cli-
» ma, que os ha produzido, andaõ
» vagando o Mundo, como se lhes
» fora usurpado o senhorio dos ho-
» mens, das terras, & dos ventos.
» Agora deixo ao mais rasteiro en-
» tendimento, que julgue o pouco
» que se podem temer forças tam
» divididas, as quaes na mayor pros-
» peridade vaõ acabando suas mes-
» mas victorias. Que temos que recear
» d'este imperio de louços, que cõ hũ
» braço na Asia, outro no Occidẽte
» querẽ abarcar o Mundo. Na India
» tẽ muitos Principes sojeitos, porèm
» nenhum amigo; todos os dominã-

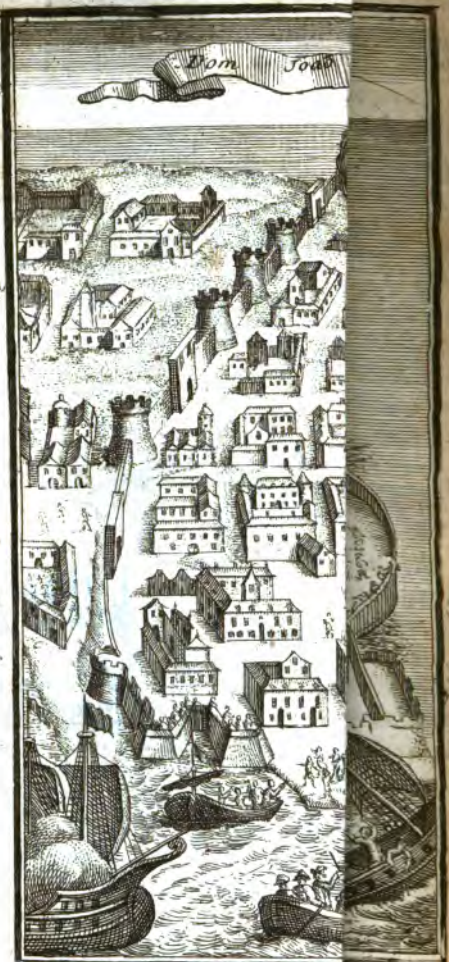
» tes adoraõ, & aborrecem, porque
» com nenhum assentàraõ os Portu-
» gueses paz, senaõ depois de victo-
» rias, & estragos; desorte que naõ
» o amor, senaõ a injuria os tem
» feito conformes; & todos estes ser-
» vem em quanto naõ podem offen-
» der. Mas que será se virem a Sol-
» taõ Mahamud armado na campa-
» nha? Quem duvìda, que todos os
» offendidos seraõ nossos soldados?
» Fizeraõ muitos Reys tributarios à
» força de armas, & dado, que d'el-
» las mesmas hoje recebem amparo,
» mais facilmente esquece hum be-
» neficio, que huma injuria. Selim
» Senhor dos Turcos ainda vè aber-
» tas as feridas dos seus Janizaros re-
» cebidas em Diu; & quem está tam
» pouco costumado à receber inju-
» rias, nam perderá a occasiaõ de vin-
» gar a primeira; ou sendo author da
» guerra, ou cõpanheiro nella, ambi-
» cioso tambem de que a melhor parte
» do Mundo conheça seu imperio.
» O Çamorim depois que entràraõ os
» Portugueses no Oriente, nam tem
» porto que nam fosse theatro de vic-
» torias suas; & apenas tem vassallo
» que naõ fosse cortado de seu ferro.
» O Hidalcaõ cada dia vè regadas de

» ſangue as terras de Bardèz, & Sal-
» ſete; & depois de o Governador
» lhe fazer injuſta guerra, trouxe
» Meàle a Goa, querendo honeſtar-
» lhe ſua ruìna com a juſtiça alhea.
» Todos os outros Principes ſe haõ
» de armar contra o commum inimi-
» go, para poderem reſpirar na anti-
» ga liberdade em que viviaõ. Pelo
» que à mim toca, os filhos, a fa-
» zenda, & a peſſoa offereço à eſta
» guerra, ſe acabar nella, em meu
» ſangue verà Badur minha fidelida-
» de; & em ambos os ſucceſſos naõ
» terey por menos honrada a morte,
» que a victoria.

O Soldaõ os approva, & lhe encarrega a empreſa.

As razoens de Coge Çofar foraõ bem ouvidas, pelo odio da cauſa, & authoridade da peſſoa. El Rey, depois de lhe engrandecer a fidelidade, lhe cõmetteo a empreſa, como à mayor que todos no zelo, & diſciplina. Começou logo à dar calor aos apreſtos, com differentes miſſoas aos Reys vezinhos, acordandolhes ſuas meſmas injurias, & offerecendolhe as armas de ſeu Principe, como em beneficio dos aggravos de todos. Deſpachou Embaixadores à Conſtantinopla convidãdo o Turco à reſtaurar o credito de ſuas armas com a expulſaõ dos Por-

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS


Rhom Tower

neſes da India, negocio tam importante à Religião, como ao eſtado. Mirava o ſoccorro, que lhe pedia, hum donativo de tanta eſtima, era mais apto à deſpertar a amor do Turco contra ſuas riquezas, à darlhe armas auxiliares com as defendeſſe.

Dom Joaõ Maſcarenhas Capitaõ de Diu.

Era neſte tempo Dom Joaõ Maſcarenhas Capitão mòr de Diu, a quẽ naſcimento fez em Portugal grande, valor no Oriente; varão tão benemerito de ſua fama, como de ſua fortuna. Eſte, ſabendo por intelligencias ſecretas os deſenhos de Coge Çofar, e que todos ſeus apercebimentos ameaçavaõ aquella fortaleza, eſcreveo ao Governador Dom Joaõ de Caſtro os aviſos que tinha, & como eſtava falto de gente, munições, & petrechos; deſcuidos que cubria a paz de tantos annos, ou quiçá aſſegurados os noſſos no reſpeito da primeira victoria. Acreſcentava, que os apreſtos do Soldaõ eſtavaõ muy avante, o inimigo vezinho, & que os temporaes do inverno naõ tardariaõ muito, cõ que ficariaõ cerradas as portas ao ſoccorro.

Aviſa o Governador.

Quando Dom Joaõ de Caſtro receo eſte aviſo, tinha ja mandado duzentos ſoldados àquella fortaleza, de-

Que eſcreve ao Soldaõ.

baixo das Capitanías de Dom Joaõ, & Dom Pedro de Almeyda, filhos de Dom Lopo de Almeyda: eraõ os outros Capitaens Gil Coutinho, & Luis de Souſa, filho do Chanceller mòr do Reyno. E para conhecer o eſtado em que ſe achava o inimigo, deſpachou dous enviados praticos no maritimo, & ſertaõ de Cambaya com cartas à Soltaõ Mahamud, em que lhe ſignificava as noticias que tinha das conduçoens, & apreſtos que fazia, de que lhe devia dar conta, pois como amigo o queria acompanhar na empreſa; que na occaſiaõ preſente lhe ſeria muy facil, por ter prompta no màr huma poderoſa armada; & que tambem na fortaleza de Diu tinha ſoldados valeroſos com muniçoens ſobejas, aos quaes ſeria mais grato enriquecer com deſpojos da guerra, que com o ſoldo limitado de huma paz ocioſa. E logo encomendou aos enviados, que notaſſem com ſagacidade as forças do inimigo, os ſoccorros que tinha, o rumor do povo, para por elle penetrar os deſenhos da empreſa. Mas em quanto os noſſos enviados daõ à vèla, poremos hum pequeno ſilencio nas couſas de Cambaya, por dar lugar aos ſucceſſos de Maluco, que tiveraõ a direcçaõ d'eſte meſmo governo.

Eſtiveraõ as Malucas muitos annos à obediencia de noſſas leys, deſcubertas, & conquiſtadas com as armas d'eſta Coroa, que forão as primeiras da Europa, que virão aquellas Ilhas. As quaes entravaõ na noſſa demarcaçaõ, conforme à repartiçaõ que os Papas fizeraõ entre os Reys de Portugal, & Caſtella, tendo el Rey Dom Manoel em ſeu favor o direito das armas, & o das leys, nam ſendo eſtas Ilhas de Portugal ſómente por conquiſta, mas tambem por herança; porque no tempo d'el Rey Dom Manoel, o ultimo, & primeiro d'eſte nome, corriaõ naquellas Ilhas com igual proſperidade o divino, & humano, reſplandecendo por beneficio de ſeu zelo as luzes do Evangelho nas trevas d'aquelle Paganiſmo, recebendo muitos Reynos de taõ diroſo Principe Religiaõ, & Imperio. Foi, entre outros, el Rey Dom Manoel (que em Goa recebeo o Bautiſmo) Rey, & Senhor das principaes Ilhas de Maluco, o qual depois de bem inſtruido nos myſterios de noſſa crença, voltando à governar, & doutrinar ſeus pòvos, faleceo em Malaca ſem deſcendencia algũa; & por gratidaõ dos beneficios, que d'eſta Coroa havia

Direito dos Reys de Portugal ſobre as Malucas.

recebido, deixou à el Rey Dom Joaõ o Terceiro d'este nome por herdeiro dos Reynos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades civis, para que andasse vinculado successivamente na Coroa Portugueza. Estas Ilhas descubertas com trabalho, defendidas com o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opinião dos melhores Juristas, & Geographos.

O Governador as dà a Cachil Aeyro.

Achou o Governador Dom Joaõ de Castro em Goa a Cachil de Aeyro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, & da linha Real do ultimo Principe Dom Manoel, o mais conjunto em sangue, porèm tão pobre por varios accidentes, que passou à India, encomendãdose à clemencia dos nossos. O Governador, parecendhole suas miserias indignas de seu sangue (crẽdo que ficava a memoria de nossos Reys mais honrada com dar hum Reyno, do que recebelo) lhe deu a Investidura da Coroa de Maluco, com que ficasse o uso da Regalia dependente do cetro Portugues, nelle, & seus descendentes; attribuindo os Reys da India tão grande donativo, huns à prodigalidade, outros à despreso;

eſpantandoſe, que fizeſſemos tanto por acquirir, o que ſabiamos largar tão facilmente.

Entretanto as couſas de Maluco eſtavaõ alteradas com a vinda de tres navios Caſtelhanos, que derrotados aviſtàrão aquellas Ilhas, deſembarcando na de Tidóre para repararſe das fortunas do màr, & levar à ſeu Principe ſinaes mais certos de ſeu deſcobrimento. Deixarey de referir a oppoſiçaõ que os noſſos lhes fizeraõ, por cahirem eſtes ſucceſſos debaixo de outro governo, & andarẽ ja com melhor penna eſcritos; tratarey ſó preciſamente do ſuccedido nos dias de Dom Joaõ de Caſtro, o qual mandou à Maluco à Fernão de Souſa de Tavora para deſalojar os Caſtelhanos, que convidados da abundancia, & riqueza da terra, querião gozar o fruto dos trabalhos alheyos, perturbandonos a paz, & cõmercio d'aquellas Ilhas, de que a conquiſta, & herança nos fizeraõ duas vezes ſenhores. Governava os Caſtelhanos Ruy Lopez de Villalobos, homem mais cauteloſo que valente. Eſte havia feito oſtentação ſoberba das grandes forças do Emperador Carlos V, ſeu ſenhor; & dos grandes uteis, que podiaõ receber

Vaõ Caſtelhanos a ella.

Quem era Capitão dos Caſtelhanos.

de ſua amizade aquelles Reys Gentios na guerra, & no cõmercio, tratando a fama de noſſas couſas com grande abatimento; & como na opinião dos homens he mayor o eſperado que o preſente, algũas d'aquellas Ilhas tomaraõ a voz do Caſtelhano, buſcando para iſſo motivos, ou aggravos, huns leves, & outros eſquecidos.

Fernaõ de Souſa chega a Maluco.

Neſte tempo aportou em Maluco Fernaõ de Souſa, mandado pelo Governador, que informado de Jordaõ de Freitas Capitão mòr da fortaleza, do eſtado das couſas, entendeo, que o partido dos Caſtelhanos ſe engroſſava na eſperãça do ſoccorro, & riquezas, que promettião de Eſpanha; porèm logo que Ruy Lopez teve aviſo da vinda de Fernaõ de Souſa, & do negocio à que era mandado, querendo com arte eſcuſar, ou entreter o rompimento com noſco, atè chegar o ſoccorro de Eſpanha, que eſperava; o mandou viſitar, eſcrevendolhe ſaudaçoẽs corteſes, lẽbrandolhe que eſtavaõ entre Gentios, deſejoſos de noſſas diſcordias, para ficarem ſenhores de ſi meſmos; que aſſaz de guerras, & inimigos tinhamos na India; que para povoarmos ſós hum Mundo

O Caſtelhano trata enretelo.

taõ grande, eramos muito poucos; que nos offerecia ſuas armas para com ellas termos o Gentio mais obediente, porque como Eſpanhos eraõ bõs para ſoldados, & como Catholicos muy fieis para amigos; que conſideraſſe, que era mais importante à Portugal a paz do Emperador, que o cravo de Maluco, porque eſtas diſſençoens entre vaſſallos podiaõ vir à ter os effeitos das minas, que rebentaõ muito diſtantes donde ſe pega o fogo.

A eſta carta compoſta de féros, & liſonjas, reſpondeo Fernaõ de Souſa, que elle era pequeno de corpo, mas taõ abreviado na reſoluçaõ, como na eſtatura; que aquellas Ilhas eraõ d'el Rey de Portugal ſeu ſenhor, que com a meſma eſpada com que as ganhàra podia defendelas; que bem ſabia que era Eſpanhol, & Catholico, porèm que iſſo naõ lhe dava juſtiça para tomarlhe a capa; que o Emperador naõ faria guerra a Portugal, ſem ler primeiro nas Chronicas de Caſtella os ſucceſſos de ſeus anteceſſores; que ou ſe havia de embarquar para a India, ou meterſe com os ſeus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcaçaõ ſegura para Eſpanha. Reposta de Fernão de Souſa.

D'eſta carta taõ dura entendeo o

Continua o Castelhano no primeiro intento.

Castelhano, que Fernaõ de Souſa naõ queria curar o negocio com remedios largos, porèm vendo que nam podia reſiſtir, nem lhe convinha obedecer, eſcreveo ſegunda vez à Fernaõ de Souſa, que ſuſpendeſſem as armas, aviſando à ſeus Principes do eſtado das couſas, para que elles com pacifico acordo determinaſſem a cauſa, porque ſe antes d'eſta diligencia ſe derramaſſe ſangue, ficaria por conta dos Reys vingar a injuria dos vaſſallos; que entre Portugal, & Caſtella havia direito, & aggravos, que a paz cobria; que naõ quizeſſe ſoprar o fogo ſepultado nas cinzas de hum largo eſquecimento; que ſe os Caſtelhanos ſe retiraſſem queixoſos, facilmente os tornaria a trazer ſua meſma offenſa; que ainda que deſbaratados do mar, & das doenças, ſe os obrigaſſem à condiçoens injuſtas, mayor força lhes faria o brio, que a neceſſidade em que eſtavaõ.

Fernaõ de Souſa, entendendo dos rodeyos d'eſta carta, & de outras noticias, que os Caſtelhanos ſe queriaõ remir com dilaçoens, reſpondeo, que deixados argumentos, trataſſe de defender com eſpada ſeu direito.

Ruy Lopez de Villalobos, vendo

d'eſta repoſta que o entendiaõ, ou que o deſprezavaõ, eſcholheo deixarſe vencer da razaõ, primeiro que da força, & logo reſpondeo à Fernaõ de Souſa, que ſe viſſem ao outro dia no màr com ſòs tres companheiros, para aſſentarem as condiçoens da paſſagem, & embarcaçaõ, que lhe offerecia; o que aſſi ſe fez, ſaindo Fernaõ de Souſa da fortaleza em huma embarcaçaõ luſtroſamente toldada, & empròando com a dos Caſtelhanos, que ja o aguardavaõ, ſobre qual dos Capitaens havia de paſſar à outra, em ceremonias prolixas gaſtàraõ largo tempo. Entrou o Caſtelhano na de Fernaõ de Souſa, onde entre ſaudaçoens, & urbanidades, abrio a converſaçaõ porta ao negocio.

Vemſe os dous Capitaés.

Tratou Fernaõ de Souſa com grande comedimento das razoens de ſua cauſa, reduzidas a eſcrituras outorgadas entre os Reys de Portugal, & Caſtella, que Ruy Lopez de Villalobos folgou de ver, como quem de noſſo direito havia de formar ſua deſculpa. Aſſi ficàraõ acordados, que dentro de tres dias viriaõ os Caſtelhanos meterſe dentro na noſſa fortaleza de Ternàte, onde lhes dariaõ embarcaçaõ para a India, levando livremente a roupa, drógas, & armas que ti-

Acordo que tomão.

veſſem; & que el Rey de Tidòre ſeu faccionario ficaria em noſſa graça. As ſolemnidades com que rematàraõ eſta concordia, foraõ hum largo banquete, brindando alegremente às ſaudes dos Reys: beneficio, que lhes repetíraõ muitas vezes. Ao convite acreſcentou Fernaõ de Souſa o ſeu çaguate, ao uſo da India, dando algumas joyas ao Capitaõ, & companheiros, com que os deixou mais ſatisfeitos do trato, que do deſpacho que levavaõ, porque com o ſainete do cravo ſaboreavaõ os deſabrimentos da terra.

Falta o Caſtelhano à promeſſa.

Deſpedidos os Capitaens ſe tornou Fernaõ de Souſa à fortaleza, contente de alhanar hum negocio taõ eſcabroſo, por meyos tam commodos à ſua honra, como ao Eſtado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Caſtelhanos ſe virem à noſſa fortáleza, ſe poz Fernaõ de Souſa muy galante, para demonſtraçaõ do goſto com que eſperava os hoſpedes, que foy buſcar ao màr. O que ſabendo Ruy Lopez deſpedio huma embarcaçaõ da terra, pedindolhe ſuſpendeſſe o negocio para o ſeguinte dia, porque andava vencendo alguns inconvenièntes, de que lhe daria conta. Fernaõ de Souſa entendendo, que a dilaçam era

cautela, & que o Caſtelhano faltava no cõcertado, como lhe deraõ o recado no már, mandou forçar a vòga, & com mais paixaõ, que acordo, ſe foy meter deſacompanhado entre os Caſtelhanos. O que viſto por Ruy Lopez, o veyo eſperar à praya com oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, & levandoo à ſeus apoſentos, lhe deu conta da alteraçam, que entre os ſeus havia; porque D. Alonſo Henriquez Capitão de hum navio, cobrindo ſeu particular intereſſe com o zelo de ſervir à ſeu Principe, não queria eſtar pelo capitulado, & tinha convocados amigos, & homens inquietos, que ſuſtentavão ſeu partido, perſuadindo couſas fantaſticas à el Rey de Tidòre, & à outros, por engroſſar ſeu bando, chamando à ſua ſediçaõ zelo, & à moderaçaõ do General fraqueza, pois entregava as armas, & as bandeiras de Eſpanha, que juràra defender com a vida, & privava ao Emperador do Senhorio de taõ abundantes Ilhas, & aos pobres ſoldados do fruto, & premio da navegaçaõ tam perigoſa; & que os Portugueſes, como naçaõ ſoberba, & ſempre oppoſta à ſua, fariaõ riſo, ou gloria de tã vil rendimento. Porèm que elle ſa-

E o que niſto faz Fernaõ de Souſa.

amparo de ſeus habitadores; que aos Portugueſes convinha dar grandes ſatisfaçoens ao povo, para aſſegurar huma paz fundada ſobre aggravos.

Por eſta carta entendeo Dom Joaõ Maſcarenhas, que Çofar buſcava cauſas ao rompimento, havendo, que ſe lhe concedia o muro, facilitava a empreſa; ſe lho negava, juſtificava a guerra; & aſſi lhe reſpondeo, que em huma paz tam aſſentada, como Mahamud tinha com o Eſtado, mais ſeguro lhe ſeria derribar paredes, que intentar levantalas; que o muro nem à nos ſeria de perigo, nem à a elles de amparo; que entre a fortaleza, & a Cidade eſtava outro reparo mayor que a defendia, que era a fidelidade Portugueſa; que do novo Senhorio lhe dava o parabem, & que dos Portugueſes que alli eſtavaõ, fizeſſe a meſma conta que dos outros vaſſallos; que o negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual eſtava apreſtando a armada para vir viſitar aquella fortaleza, que chegado elle, lhe communicaria a ſua propoſta. E logo aviſou ao Governador do eſtado das couſas, que ja pelos enviados, que mandàra à Cambaya, tinha do certo noticia mais inteira,

Reposta do Capitaõ.

E aviſa ao Governador.

recebendo

recebendo do Soltaõ huma reposta incerta, sem declarar, nem encobrir a jornada; fazendo relaçaõ intempestiva de passadas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

Porèm o Governador, dandose todo a este negocio, pesando a importancia d'aquella praça, resólveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despesa, perigo, ou diligencia. As Cidades de Baçaim, & Chàul, que eraõ as mais vezinhas, encomendou affectuosamente os soccorros de Diu, lembrandolhes a honra, o premio, a obrigaçaõ; & logo em Goa mandou aperceber hum caravelaõ com munições, & bastimentos, & duzentos & cincoenta soldados, que por acharem ja os màres grossos, chegàraõ a Baçaim com trabalho, & tentando atraversar à Diu, foraõ os ventos taõ ponteiros, & furiosos, que tornàraõ a arribar destroçados.

Que soccorre Dio com gente, & munições.

Coge Çofar em quanto nam tinha as forças juntas, nos acometia com ardis differentes. Com largas dadivas, & promessas mayores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite désse fogo à

Traição intentada por Çofar.

polvora, ou lançaſſe peçonha na ciſterna, & que naõ pondendo conſeguir nenhum d'eſtes intentos, tentaſſe dar entrada na fortaleza aos Mouros pelas caſas em que vivia, commodas a eſta maldade, por eſtar vezinhas ao muro. O ſoldado temeroſo, ou irreſoluto, deu parte do negocio a hum Mouriſco ſeu familiar amigo; & como nas traiçoens mais ſeguro he o premio de as deſcobrir, que de as executar, delatou ao Capitão mór o caſo, o qual tendo noticia delle por duas vias mais, & conſiderando que eſte delicto era feyo para exemplo, para caſtigo, pouco averiguado, & que a culpa não merecia perdaõ, nem o tempo permittia caſtigo enviou eſte ſoldado a Goa com cartas ao Governador, ſignificandolhe os indicios da traiçaõ imaginada.

Prevençoens de D. Joaõ Maſcarenhas.

E como Dom Joaõ Maſcarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que ſe compraſſem os mantimentos que na Cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia ſombra ao cõmercio; diligencia que entreteve, ou remediou a fome muitos dias; porèm logo ſe alterou a ſegurança do trato, entrando na Cidade hum Capitaõ com quinhentos Turcos, mais a diſ-

por, que a fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Çofar para o Capitaõ mór, nas quaes cauteloso, & importuno, instava em levantar o muro; a que Dom Joaõ Mascarenhas ja nam quiz dar reposta, dizendo ao Turco, que os Portuguezes naõ deferião a petiçoẽs escritas com o arcabuz no rosto. Não foy este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Çofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendonos os soccorros da terra, porque os do mar começavaõ ja a impedir os temporaes do inverno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta praça foy o theatro em que os Portugueses obràraõ maravilhas tam grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

Chega C. far com gente de guerra.

A Ilha de Diu, celebre pela riqueza de seu trato, lastimosa pela ruìna de seus habitadores, illustre pela fama de nossas victorias, està situada em huma enseada, & ponta, que limita o Reyno de Cambaya, em altura de vintedous graos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundaçaõ fabùlão os naturaes, dandolhe principios mais illustres, que averiguados, cuja

Descripçaõ de Diu.

memoria conſervão ſuas tradiçoẽs na falta dos eſcritos. Foy ſempre o porto da enſeada a principal eſcàla, frequẽtada das náos, que navegão a Meca, cuja viagem fez aos Mouros grata a Religião, & o cõmercio. He a Cidade apartada da terra firme por hum eſteiro, que em torno a vay cingindo; pela qualidade do terreno he forte, & ajudandoſe da arte a natureza, a faz mais defenſavel. O eſteiro, que a rodea, faz duas bocas, hũa ao Norte, que por ſer aparcelado, & baixo, he ao ſerviço inutil; outra ao Sul, tambem deſacõmodada pela aſpereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde podem ancorar navios, & d'eſte recebe a Cidade mais cõmoda paſſagem. Não ſegui a fórma, em que a deſcreve Joaõ de Barros, por ſe haver alterado com a differença dos Mouros que a ſenhoreàrão, fortificandoa cada huns d'elles com varia diſciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes enſinava.

Entrado Coge Çofar na Cidade cõ oito mil ſoldados, muitos d'elles Turcos, trazidos a ſeu ſoldo, ſeſſenta peças groſſas, em que entravão dezoito baſiliſcos, cõ muniçoens, & baſtimẽ-

tos de homem que antevia a duração do ſitio. Trazia mil Janizaros no campo com avantajado ſoldo, os quaes com ſua ordinaria ſoberba deſprezavão a empreſa, accuſando o temor de Çofar, em convocar ſoccorros, & inquietar as armas do Graõ Senhor contra quatro miſeraveis Chriſtaõs, defendidos de huma fraca parede, com os quaes nem na peleija ſe ganhava honra, nem na victoria deſpojo. Coge Çofar nem louvava, nem reprendia o animo dos Turcos, mas da victoria fazia mais incerto juizo, enſinado do temor, ou da experiencia, & no abrir as trincheiras, plantar baterias, formar eſquadroens, moſtrou que era ſoldado; & logo que teve poſto ſitio à fortaleza, fez aos Turcos huma breve pratica, dizendo:

Pratica de Coge Çofar aos ſeus.

» Companheiros, & amigos, nam
» vos enſinarey a temer, nem a deſ-
» prezar eſſes poucos Portugueſes,
» que d'entro d'aquelles muros eſ-
» tais vendo encerrados, porque nã
» chegaõ a ſer mais que homens,
» inda que ſaõ ſoldados. Em todo o
» Oriente atègora os acompanhou,
» ou ſervio a fortuna, & a fama das
» primeiras victorias lhes facilitou as
» outras. Com hum limitado poder

como amigo, & naõ podia sofrer como Monarcha. Pedio mais, que as náos de mercadores nam fossem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade que devia outorgar em beneficio do cõmercio. Dom Joaõ Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores, & bombardas naõ se faziaõ acordos de amizade; que aquella fortaleza estava costumada a dar leys a todos, & nam a recebelas de ninguẽ; que em breve esperava castigalo, como a quebrantador das pazes, & que entaõ sofreria seu pesar condicoens mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Janizaros.

Reposta do Capitão.

Ja neste tempo o Governador tinha feito apreſtar nove embarcaçoẽs com estranha brevidade, dizendo aos soldados, que occasiaõ taõ honrada só a havia de fiar dos seus mimosos; que elle trocára agora as prisoens de seu cargo, pela liberdade de qualquer soldado; que ainda que estava resoluto em ir descercar Diu, naõ podia negar as envejas que tinha aos que primeiro que elle haviaõ de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho Dom Fernando, lhe disse em sala publica: „ Eu vos mando, „ filho, com este soccorro a Diu „

O Governador manda a Dio a seu filho Dom Fernando.

» que pelos aviſos que tẽho, hoje eſta-
» rà cercado de multidaõ de Turcos;
» pelo que toca a voſſa peſſoa não
» fico com cuidado, porque por ca-
» da pedra d'aquella fortaleza arriſca-
» rey hum filho. Encomendovos,
» que tenhais lembrança d'aquelles
» de quem vindes, que para a linha-
» gem ſaõ voſſos avós, & para as
» obras ſaõ voſſos exemplos; fazey
» por merecer o apellido que her-
» daſtes, acordandovos que o naſci-
» mento em todos he igual, as obras
» fazem os homens differentes; &
» lembrovos, que o que vier mais
» honrâdo, eſſe ſerà meu filho. Eſta
» he a bençaõ que nos deixàraõ noſ-
» ſos mayores, morrer glorioſamẽte
» pela Ley, pelo Rey, & pela Pa-
» tria. Eu vos ponho no caminho da
» honra, em vòs eſtà agora ganhala.
Com iſto lhe lançou a bençaõ, & o encomendou a Diogo de Reynoſo, hum dos mais valentes Cavalleiros que paſſàrão, à India. Neſte ſoccorro foy Sebaſtião de Sá, filho de Joaõ Rodriguez de Sá, que neſta occaſiaõ, & em outras deu de ſeu valor hum teſtimunho illuſtre. Com elle paſſou Dom Franciſco de Almeyda, filho de Dom Lopo, a acompanhar dous irmaõs,

que tinha ja em Diu. Com o meſmo ſoccorrro foraõ Antonio da Cunha, Pero Lopez de Souſa, Diogo da Sylva, Jorge Maſcarenhas, Antonio de Mello, & outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andavaõ apos os perigos, como ſe lhes fugiraõ.

Eſcreveo o Governador à Dõ Joaõ Maſcarenhas huma carta mui honrada, dizendhole, quanto mayor couſa era neſta occaſiaõ ſer Capitaõ de Diu, que Governador da India; que naquelle ſoccorro lhe mandava ſeu filho Dom Fernando, para que depois no Reyno, entre as vanglorias da velhice, contaſſe que fora ſeu ſoldado; que eſtiveſſe certo, que todas as forças do Eſtado ſe haviaõ de empenhar na defenſa daquella fortaleza; que naquelles navios hiaõ muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigaçaõ dos cercados ſó era defenderſe; que alli lhe mandava muniçoens, que baſtavaõ a eſperar ſegundo ſoccorro, dous engenheiros, & muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, com os inſtrumentos, & materiaes convenientes; no que Dom Joaõ de Caſtro não ſó moſtrou zelo de miniſtro, mas pratica de ſoldado, ante ven-

do as neceſſidades do ſitio, & occorrendo a todas.

Reparte o Capitão de Dio os poſtos da fortaleza.

Ja neſte tempo Dom Joaõ Maſcarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava ſerventia, por ſima da cava do baluarte Santiago, à outra banda, mandando fazer outra levadiça. A torre de Santiago entregou a Alonſo de Bonifacio Eſcrivaõ da Alfandega; o baluarte S. Thomè a Luis de Souſa; o de S. Joaõ a Gil Coutinho; o que ficava ſobre a porta, a Antonio Freire; & outro baluarte Santiago, que deſcubria o rio, a Dõ Joaõ de Almeyda cõ ſeu irmão Dõ Pedro de Almeyda; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a couraça pequena a Joaõ de Venezeanos; a grande a Antonio Rodriguez. Por eſtes Capitaẽs repartio cento & ſetenta ſoldados, ficãdo elle de ſobre rolda com trinta, para ſoccorrer as eſtancias. Com tão pequenas forças eſperava Dom Joaõ tão numeroſo poder, como contra ſi tinha, diſpondo com tanta ſegurança a defenſa, que lhe não fazia o perigo temor, ou novidade. Com as muniçoẽs, & mantimentos mandou ter grande conta, pela contingẽcia em que eſtava poder receber outros com os eſtorvos do tempo, & do inimigo.

Entre os eſcravos, & outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de polvora, pedras, & mantimento, por deſviar aos ſoldados de outra occupaçaõ mais que a da peleija. Neſte ſerviço entreteve os mininos, os velhos, & as mulheres, para que na fortaleza naõ houveſſe peſſoa inutil, ou ocioſa, pela idade, ou ſexo. E logo juntando os ſoldados no terreiro da fortaleza, lhes diſſe com alegre ſemblante.

E falla a ſeus ſoldados.

» Eſſes Turcos, & Janizaros, que » d'eſte lugar eſtamos vendo, vem a » reſtaurar com noſco a honra que no » primeiro cerco perdèrãõ; porèm » nem elles valem mais que os que » então forãõ vencidos, nem nòs va- » lemos menos que os vencedores. » Eu vos confeſſo, que me criey ſem- » pre com a enveja do menor ſolda- » do que defendeo eſta praça; pois » ainda agora a memoria de ſeu va- » lor honra ſeus deſcendentes, que » menos conhecemos pelo appelli- » do, patria, ou ſolar, que por fi- » lhos, ou netos d'aquelles que taõ » glorioſamente acabàraõ, ou trium- » phàraõ em Diu. Os mais illuſtres » honràraõ ſua familia; os mais hu-

» mildes deraõ a ella principio. Trou-
» xenos a fortuna eſta ẽpreſa a aquel-
» la nada deſſemelhãte; não ſepultà-
» raõ cõſigo aquelles valeroſos Portu-
» gueſes toda a gloria das armas, ain-
» da nos deixàrão eſta, que nos fará
» illuſtres. Não nos aſſombre a deſi-
» gualdade do poder, porque a fama
» não ſe alcança com perigos vulga-
» res. Navegamos cinco mil legoas
» ſó a buſcar eſte dia, para nelle gan-
» har a honra, que nos não podem
» dar os Reys, nem as gentes; porque
» os Reys dão premios, não dão me-
» recimentos. Não nos faltaõ muni-
» çoens, nem mantimentos para en-
» treter o cerco atè chegar ſoccorro;
» & ainda que andaõ os mares le-
» vantados, por ſerem os tempos
» verdes, temos hum Dom Joaõ de
» Caſtro, que por debaixo das ondas
» virà com a eſpada na boca a ſoc-
» corrernos, & tantos outros fidalgos,
» & Cavalleiros, que teraõ por in-
» juria ganharmos nòs ſem elles a
» hõra que ſe nos offerece, com a qual
» naõ temos que eſperar mais da for-
» tuna, pois ſeremos contados no
» numero d'aquelles, que ao Rey,
» & à patria fizeraõ algum memora-
» vel ſerviço, cuja honra viemos a

» ſuſtentar do ultimo Occidente a
» taõ remotas partes. E o que mais
» he que tudo, peleijamos com ini-
» migos de noſſa Fè, & naõ nos pò-
» de faltar favor para taõ juſta cauſa,
» pois ſervimos ao Deos das victorias.

Acabada a pratica, ſe ouvio logo no campo dos Turcos huma groſſa ſalva, com que Coge Çofar feſtejava hum ſoccorro de dous mil infantes, que lhe haviaõ chegado de Cambaya, todos ſoldados velhos, que faziaõ o ſoccorro mayor na qualidade, que no numero. Acompanhavaõ eſta gẽnte, entre outros, dous Capitaẽs Mogores, peſſoas entre os ſeus de grande nome. No meſmo dia entrou graõ parte da nobreza da Corte, que ſe alojou ſeparada do Campo, em muy luſtroſas tendas, com tal concerto, que naõ deviaõ nada à policia de Europa. Os noſſos com a deſeſtimaçaõ da vida divertiaõ o horror de tantos apparatos, animandoſe com diſcurſos conformes ao tempo, tirando da neceſſidade conſelho para as couſas preſentes.

Entrão mais ſoccorros ao inimigo.

Ao ſeguinte dia, que foy Quinta feira mayor d'eſte anno de mil quinhentos quarenta & ſeis, amanheceo vezinho à fortaleza hum baluarte entulhado de terra amaſſada, com

Começa a bater a fortaleza.

ſuas bombardeiras, & nellas algũas peças groſſas, & por ſima do muro quantidade de ſacas de algodaõ, forradas de couros crús para fazerem reſiſtencia ao fogo; maquina que eſpantou aos noſſos, pelo ſilencio, & brevidade com que ſe havia obrado; moſtrando bem, que não era eſta fabrica deſenho de multidaõ barbara, & confuſa; porque em todo o conflicto moſtràraõ igual o valor à diſciplina. Logo começàraõ a bater ditoſamente a noſſa fortaleza, porque nos cegàraõ quatro peças, das quaes a ſua bataria recebia mais dano.

O bom ſucceſſo d'eſte dia lhe deu para os outros conſelho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada diſtancia, para darem geral aſſalto por brechas differentes, a que não podiaõ reſiſtir divididos taõ poucos defenſores. Ao deſignio pudèra reſponder o ſucceſſo, ſe o noſſo forte do màr, que eſtava a cavalleiro dos ſeus lhes naõ fizera tanto dano, que julgaraõ lhes cõvinha acudir primeiro ao reparo, que à offenſa. Callàraõ as bõbardas dous dias, em quãto para ſegurança da primeira fabrica, maquinàraõ ſegunda. Lançàraõ ao màr huma nào alteroſa chea de polvora, al-

Eſtratagema do inimigo em huma nao.

catraõ, & outros materiaes diſpóſtos ao fogo; eſtes diſpuſeraõ na primeira cuberta, como ardil reſervado para ſegundo intento, por ſima d'elles fizeraõ huma grande eſplanada, onde podiaõ peleijar quaſi duzentos homẽs, para com elles intentar a eſcala; ficava a nào ſenhoreando o forte, donde com a ventagem do numero, & lugar da peleija, entẽdiaõ que ſeriaõ os noſſos entrados facilmente; & quãdo a reſiſtencia foſſe tam porfiada, deixada a nào, lhe pegariaõ fogo, que ateado no forte, o abrazaria, ſem dano, nem perigo dos ſeus; & que logo occupadas as ruìnas, que deixaſſe o fogo, ſobre ellas levantariaõ outro, donde ſe pudeſſe bater a noſſa fortaleza, ficando os ſeus baluartes ſeguros d'eſte padraſto, com que poderia laborar ſem dana a ſua artelharia. Eſtratagema inventado cõ militar diſcurſo.

Desbaratada pelos noſſos. Da obra, & do intento teve o Capitaõ mór aviſo por eſpias que trazia no cãpo, & chamãdo o Capitaõ do màr Jacome Leyte, ſoldado de grande cõfiança, lhe diſſe, que lhe naõ queria roubar a honra que tocava a ſeu poſto; que eſtimaſſe, que a primeira facçaõ d'eſte cerco foſſe ſua; &

praticandolhe tudo o referido, lhe ordenou, que na ſegunda vigia da noite, tiveſſe tudo a ponto. Sahio Jacome Leyte na hora determinada, com dous catures, & trinta ſoldados, remando a vóga ſurda, & emproando com a nào, a começou à ſervir de muitas panelas de polvora; vìraõ os Mouros ſeu perigo com o meſmo fogo, que os eſtava abraſando, & acudindo às armas, turbados do temor, & do ſono, ſe defendiaõ com huma reſiſtencia tìmida, & confuſa, impedindoſe huns aos outros com as vozes, & deſacordo, cauſado do ſubito acometimento. Alguns ſe começaraõ a lãçar ao mar, eſtes fizeraõ aos outros caminho, & exemplo; em fim entre queixas, & alaridos deſpejàraõ a nào, fazendo pòr em arma o cãpo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo à náo, & trazela atoada; a quem o Capitaõ mòr déu muitos abraços, & louvores, eſtimando eſſe ſucceſſo por dar à guerra tam ditoſo principio. Os Mouros ordenàraõ que ſe continuaſſe a bataría a riſco aberto, cuſtandolhes cada pedra que derribavaõ da fortaleza, ſoldados, & artilheiros. Naõ fazia a ſua bataría dano conſideravel, ſó o

E trazida à fortaleza.

baluarte Sãtiago, ou por mais fraco, ou por melhor batido, eſtava por duas partes aberto, & ja com roturas capazes de ſe entrar por aſſalto, ſe bem os de dentro ſe reparavaõ com alguns travezes, fazendo reparos do entulho que furtavaõ de noite.

Continuava a battaria nam ſem effeito, porque ja ſe via o muro por muitas partes aberto, por todas aballado, & naõ podia pelas ameas aſſomar ſoldado, que naõ foſſe encravado das ſettas do inimigo, ou ferido das ballas, que eraõ tantas, que pareciaõ huma continuada ſalva, doẽdo pouco a Coge Çofar deſpender muniçoens, & arriſcar ſoldados, como quem de tudo eſtava prevenido, & ſobrado. Tambem da fortaleza lhe reſpondia a meudo a noſſa artelharia com mais dano, porque como era tanta a multidaõ dos Mouros, nenhuma balla ſe jugava perdida.

Inſtavaõ os Turcos, porque ſe dèſſe o aſſalto, porque ja em muitos lugares pelas ruinas da bataria, ſe podia ſubir ao muro; porèm Coge Çofar os detinha, ou eſperando mayor poder, ou querendo, que o trabalho, & feridas quebrantaſſem o orgulho dos noſſos; cuja furia eſperava domar cõ

lentas armas, apurando as forças, as muniçoens, & ainda a paciencia dos cercados; diſcurſo, que não era de de todo errado, porque o inverno, que começava furioſo, impoſſibilitava os ſoccorros neceſſarios, & forçoſos deſde o primeiro dia, em razaõ de que os deſcuidos da paz, & a ſubita invaſaõ do inimigo, tinha os noſſos menos apercebidos para ſoſter o peſo d'eſta guerra; ſendo neſta parte taõ demaſiada a noſſa confiança, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, ſó com o reſpeito d'aquella victoria, ſe defendia a praça; & Dom Joaõ Maſcarenhas ſe achava ſó com quarenta barris de polvora de bombarda, & vinte de moſquete; a eſtreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro viraõ a guerra, que a eſperaſſem; os defenſores eraõ duzentos, os mais d'elles ſoldados de guarniçaõ, a quem a gloria d'eſte cerco deu a primeira fama.

Chega D. Fernando à Diu.

Traziaõ ao Capitaõ mór ſolicito o eſtado das couſas, & a incerteza dos ſoccorros, que importava encobrir tam cautamente aos de caſa, como aos de fóra, & naõ queria nos principios do cerco taixar os mantimentos, & muniçoens, vendo por huma

parte ſer danoſo, & por outra preciſo; quando as vigias lhe vieraõ dar aviſo, que a huma viſta pareciaõ nove vèlas, & que pela feiçaõ dos vaſos moſtravaõ ſerem noſſas. Chegàraõ os ſoldados todos ao muro com o alvoroço d'eſta nova, cauſando variedade nos juizos a diſtancia da viſta, & cerraçaõ do tempo; porèm dentro de huma hora diviſáraõ as bandeiras de quadra, & logo com as armas Reaes a Capitania, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demanda da noſſa fortaleza. Vinhaõ todas com flamulas, & galhardetes, empavezadas, & guerreiras. Salvàraõ logo as torres, donde lhes reſpondèraõ com a meſma corteſia naval. Os Mouros lhe tiràrão muitas peças de terra, em quanto davaõ fundo. Foraõ deſembarcando as muniçoens, & mantimentos, tras elles os ſoldados, & o ultimo de todos Dom Fernãdo, ou foſſe inſtruçaõ do pay, ou brio do filho.

D. Joaõ Maſcarenhas o recebe.

O Capitão mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de ſua fortuna, ſabendo que vinha alli Dom Fernando, o foy buſcar ao navio, & o encõtrou na eſcada da fortaleza, por onde ja ſobia, & le-

vãdoo nos braços, lhe diſſe palavras accõmodadas ao lugar, & tempo, & offerecẽdolhe ſua meſma pouſada, a não quiz aceitar Dom Fernando, pedindolhe, que aquella honra lhe poupaſſe para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriſcado havia de ſer a ſua guardaroupa, porque lhe não preſtaria o ſono hum paſſo deſviado da muralha. Dom Joaõ Maſcarenhas o tornou a abraçar, eſpantado de ver eſpiritos varonis em annos tam verdes.

Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, & baſtimentos; com que ſe podia entreter o cerco atè outro ſoccorro; tambem ſe lẽbrou o Governador de mandar aos enfermos, & feridos, remedios, & regalos. Moſtrou o Capitaõ mór aos ſoldados a carta do Governodor, em que (como diſſemos) o aſſegurava de ſua vinda, para a qual ſe ficava apreſtando com a mayor diligencia, & forças, que ſofria o Eſtado; o que deu coraçoens novos aos cercados, com que ja às neceſſidades, & apreſtos da guerra moſtravaõ outro ſemblante; a qual ſe hia continuando, recebendo Cogè Çofar cada dia ſoccorros, & traçando artificios, para que tinha conduzi-

do engenheiros de differentes partes que a emulacaõ, & premio incitava a inventar couſas novas, que fazia os noſſos mais attentos ao perigo occulto, que ao deſcuberto.

Publica o Governador guerra cõtra Cambaya.

Porèm o Governador, logo que deſpedio ſeu filho Dom Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo, & ſangue, contra el Rey de Cambaya, como perjuro, & quebrantador da paz, que tinha com o Eſtado, & iſto com inſtrumentos militares, & ſolẽnidades legaes, para fazer publicas, & juſtificadas as cauſas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Eſcreveo aos moradores de Baçaim, lembrandolhes, que como mais vezinhos lhes tocava a obrigaçaõ de ſoccorer a Diu; que as outras praças acodiaõ ao perigo do Eſtado, elles ao ſeu proprio, pois as bombardas, que batiaõ a Diu, aballavaõ os edificios de Baçaim; que elle ſe apreſtava para ir deſcercar a fortaleza, & fazer a Cambaya as hoſtilidades poſſiveis, porque o Eſtado nunca fizera guerra defenſiva aos Reys do Oriente; que lhes pedia eſtiveſſem promptos para o acompanhar com navios, & gente, como de tão honrados Cidadãos, & leaes Portugueſes ſe devia

esperar; que o serviço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer d'elles, com a fidelidade, & amor de seu Rey, excederia a possibilidade.

Na mesma fórma escreveo a todas as praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispóstos a servir, & despender as fazendas: felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrará a Historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, & achando o Estado pobre para tantas despesas, pedio aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro, & diamantes, que só entheſourára; prenda sobre a qual os homẽs de negocio lhe offereciáo tudo: & não sey se entre os poderosos correm hoje fazendas d'esta ley em tanta estima. Mandou fazer oraçoẽs publicas, & secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos Fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios, que das armas. Discorria de ordinario com os soldados de experencia sobre as cousas de Diu, naõ se inclinando ao voto mais authorisado, senaõ ao mais experto.

Empreſtimo que pede aos mercadores.

Recorre a Deos cõ preces publicas.

Em Diu naõ descansavaõ as armas.

Foy o Capitaõ mór aviſado, que no exercito ſe eſperava por huma grande cáfila de mantimentos, que ſe haviaõ de carregar por aquella coſta de Balſar, atè Dámaõ; o que entendido, deſpedio o Capitaõ do mãr Jacome Leyte com tres navios, para que a foſſe eſperar atè a Ilha dos Mortos; o qual ſahindo de noite pela barra fóra correndo a coſta, na qual tomou muitas Cotías, que vinhaõ baſtecer o exercito, paſſou os Mouros à eſpada, excepto alguns que reſervou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entraſſe a barra; o que aſſi ſe fez, dando com elles ao exercito huma laſtimoſa viſta, certificado mais do ſucceſſo com o fogo em que vio arder as Cotías; os mantimentos ſe recolhèraõ na fortaleza, que era a dróga mais importante para o tempo.

Tinha ja Coge Çofar perdido muita gente, ſem ver na fortaleza, nem nos animos dos cercados quebra, que lhe dèſſe eſperanças de ganhala; os noſſos paſſeavaõ no muro com galas, & plumagens, que móſtravaõ o goſto, ou deſprezo da guerra que ſoſtinhaõ. Vendo Coge Çofar que eſtavamos ſenhores do mar com tam pequenas forças,

ças, & que as proviſoẽs, que recebia o exercito vinhaõ furtivas, & arriſcadas, mandou ſahir huma armada da barra de Surrate, aqual encontrou tres embarcaçoẽs noſſas, que de Baçaim, & Chàul vinhaõ prover a fortaleza; peleijaraõ os Portugueſes deſeſperadamẽte, mas como era taõ deſigual o poder, os mais ficaraõ mortos, vendẽdo taõ bẽ ás vidas, que naõ tiveraõ os Mouros, que feſtejar na preſa, ou na victoria. Dom Fernãdo de Caſtro pedio ao Capitaõ mór licença para ſair ao inimigo em alguns navios do ſoccorro, que lhe naõ deu, por entender ſeria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella ſahida furtado, & ſe recolheo logo.

O Capitão de Diu aviſa por terra a el Rey.

Tratou Dom Joaõ Maſcarenhas de aviſar por terra a Sua Alteza do eſtado das couſas, para o que ſe lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua, & coſtumes dos Mouros; o qual deſpachou em hum Catùr ligeiro, para que o lançaſſe na coſta de Pòr; & d'ahi em trajas de Jogue (que entre elles he habito religioſo, & pobre) ſe paſſaſſe ao Cinde, & d'ahi a Ormùz, com cartas ao Capitaõ. Eſte fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorá, que o paſſaraõ a Babylonia pelo rio Eufrates, onde ha-

que mandaſſe huma almadìa a tomar lingua, para ſaber os paſſos do inimigo, porque as eſpias que trazia no campo, ou ſe haviaõ feito dobres, ou eraõ deſcubertas; o que ſe fez na meſma noite, trazendonos hum Mouro, que referio a vinda do Soltaõ, as promeſſas de Coge Çofar, & confianças da empreſa. Mandou o Capitaõ mór ſoltar o Mouro, & que diſſeſſe a el Rey de Cambaya, que lhe pedia ſe detiveſſe no exercito, porque eſperava irlhe pagar a viſita a ſeus alojamentos. O Mouro ſe foy contente com a liberdade, & aſſombrado com a repoſta do Capitaõ mór. Foy o Mouro levado ante Mahamud, & referindo as palavras do Capitaõ, lhe diſſe, que os Portugueſes tinhaõ a fortaleza derribada, & os animos ìnteiros.

Coge Çofar mandou continuar a bataría, & dizer a Dom Joaõ Maſcarenhas por Simaõ Feyo (hum priſioneiro noſſo, que contra as leys da guerra havia repreſado) que ſe eſpãtava de o ver encurralado, ſem ſahir a peleijar ao campo, como fazia o bom Cavalleiro Antonio da Sylveira; que mal reſpondiaõ as obras às palavras; à qual mẽſagem os ſoldados cõ pilouros reſpondèraõ do muro. Cinco

horas durou a batarìa, fazendo no edificio ja aballado, eſtrago grande. Porèm as noſſas peças lhe reſpondèraõ com mayor dano, & com melhor fortuna, porque dentro na tenda do Soltaõ, huma balla perdida matou hum Mouro, com quem o meſmo Soltaõ eſtava praticãdo; & como eſtes Mouros Orientaes ſaõ credulos em agouros, tomando el Rey o caſo, como aviſo de algum máo ſucceſſo, quiçà cubrindo com a ſuperſtiçaõ o medo, ſahio logo do campo, deixando a Juzarcaõ, hum Abexim valente, que nas guerras do Mogor tiràra ſoldo cõtra SoltaõMahamud, & agora como ſoldado mercenario, fora chamado com algũas ventagens a ſervir neſta guerra.

Retìraſe, & fica Juzarcaõ em ſeu lugar.

Partido el Rey do arrayal, mais bellicoſo na paz, que no conflicto, retirandoſe na meſma Ilha à quinta de Melique, dava calor aos ſoccorros, que cada dia reforçavaõ o campo; porèm Dom Joaõ Maſcarenhas, que pelo aperto do ſitio, naõ tinha aviſos certos dos deſignios do inimigo, praticou com os Fidalgos, & Cavalleiros quanto importava tomar algũa lingua. Ouvio eſta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hum Fidalgo que vivia do ſoldo, porèm com eſpiritos

Acçaõ notavel de Diogo de Anaya.

mui dignos de ſeu ſangue; eſte ſe offereceo ao Capitaõ mór, & lançado do muro por huma corda, aſſegurado do eſcuro da noite, encaminhou aos quarteis do inimigo, & a poucos paſſos vio junto a ſi dous Mouros, que eſtavaõ praticando; duvidou de os acometer, porque trazer dous não era poſſivel, peleijar com elles não convinha; porèm tomando da occaſiaõ conſelho, derribou com hum bote de lança a hum d'elles, & abraçandoſe com o outro, que ſe defendia brádando, mordendo, & forcejando, o levou atè as portas da fortaleza, onde achou o corpo de guarda, que entre louvores, & envejas o levàraõ ao Capitaõ mór com o ſeu priſioneiro. Referirey agora a circunſtãcia, por ſer mayor que o caſo. Levou Diogo de Anaya preſtado hum capacete de hum ſoldado, & vendoſe na fortaleza ſem elle, crendo, que com a luta, & bracejar do Mouro o perderia, ſe tornou pela meſma corda a derribar do muro, & buſcãdoo à viſta de hum exercito ja alterado, o recolheo, & trouxe, tam temerario, como ditoſo.

Pelos aviſos do Mouro, ſoube o Capitaõ mór, que Coge Çofar, &

Juzarcaõ, hum valente, & outro deſcõfiado, fizeraõ reciprocos juramentos a Mafoma de ganhar Diu, ou acabar na empreſa, dizendo, que ſe nos naõ podiaõ ſoportar amigos, mal nos poderiaõ ſofrer victorioſos. Com a cõtinuaçaõ da bataria, lhe rebentàraõ muitas peças, em lugar das quaes encavalgàraõ outras, batendo furioſamente os baluartes S. Joaõ, S. Thomè, & Sanctiago, de que eraõ Capitaens Dom Joaõ de Almeida, Luis de Souſa, & Gil Coutinho, os quaes ſempre com as armas veſtidas, ſobre ellas meſmas tomavaõ algum breve repouſo, ſempre conſtantes no perigo, & ao trabalho promptos.

O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fez mayores ruinas, & ja nelle podiaõ os Turcos peleijar quaſi iguaes aos noſſos; naõ ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que naõ foſſe arraſada; & do baluarte S. Joaõ atè o de Sanctiago, todo o lãço do muro eſtava aberto, com que ao trabalho do dia ſuccedia o da noite, ſendo impoſſivel, & forçoſo taõ poucos defenſores, com taõ quebradas forças, reparar em poucas horas o eſtrago de huma fortaleza por tantas partes rota; porèm todos conformes ſe diſpunhaõ

ao trabalho, que naõ podiaõ vencer, nem eſcuſar.

Valor das mulheres de Diu.

Acodiraõ as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defenſa, ſobindo ſem temor ao muro, tropeçando em lanças, eſpadas, & pelouros, vencendo a natureza, & o ſexo, como ſe trouxeraõ coraçoens varonís em habitos alheyos; taes houve, que veſtindo armas, fizeraõ aos inimigos roſto, correndo da agulha à lança, do eſtrado à muralha; entre todas mereceo mayor gloria Iſabel Fernandez, a quem noſſos Eſcritores em lugar de elogios, que honraſſem ſua memoria, chamaõ: a Velha de Diu; celebre por eſte nome nos annaes, ou memorias do Oriente. Deſpendeo parte de ſeus bens eſta grande matrona em mimos, & regalos, com que no mais vivo do conflicto, alentava aos ſoldados, exhortandoos à defenſa, & à peleija, com razoens mayores, que de hum eſpirito, & juizo feminil. Em fim a diligencia d'eſtas matronas ſervia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra ſervil, ou arriſcada que foſſe, promptas, & opportunas.

Vendo Coge Çofar, que tudo quãto ſuas armas arruinavaõ de dia, noſ-

ſa induſtria reparava de noite maquinou hum artificio mais ſutil pela traça, que util pelo ſucceſſo. Defronte do baluarte Sam Thomè, que pela materia, & diſpoſiçaõ do ſitio eſtava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficaſſe igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribaſſe as ameas, tolhendo peleijar aos defenſores, & ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte aſſeſtadas de dia, com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, & rama para entulhar a cava, fortalecendo a eſplanada com troncos de arvores groſſas para lhe aſſegurar o terrapleno. A quantidade dos gaſtadores, que ſerviaõ o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava ſem tempo, & ſem medida. Entretanto a artelharia do noſſo baluarte jugava com dano do inimigo, porque como eſta peonagem ſervia amontoada, & deſcuberta, naõ ſe tirava da fortaleza tiro algum perdido.

Reparou Coge Çofar no dano, por ſer grande, ordenando, que na obra ſe trabalhaſſe de noite, para que tirando os noſſos com pontaria incerta, & vaga, foſſe menor o effeito, man-

dando fazer mayor ruído onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassẽ as peças ao tino do rumor, & dos eccos. O que entendido por D. Joaõ Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavaõ amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porèm Coge Çofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, & encubertas, por onde continuàram os Mouros mais seguros a elevaçaõ do forte, gastando a nossa artelharia ballas inuteis, & perdidas.

Deu o negocio ao Capitaõ mòr cuidado, porque crescendo aquella maquina, naõ ficava na fortaleza lugar algum seguro, jugando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, naõ havia no lugar ventagem, ficando os Mouros com a do numero tam desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conheciaõ o perigo, & nenhum o remedio. Alguns com mayor ouzadia, que prudencia, votàram que sahissem os nossos, & lhes estorvassem a obra a

riſco deſcuberto, ſem ver que era mayor o perigo que acometiaõ, que o de que ſe livravaõ. Poucos approvàraõ eſte conſelho; nenhum ſabia dar outro. Fizeraõ os noſſos algũas ſortidas, porèm de pouco effeito, porque o inimigo poderoſo, & vigilante, tinha com groſſa eſcorta aſſegurados os pòſtos aos gaſtadores; mas como nos apertos grandes coſtuma o perigo ſer o melhor conſelheiro, lembrouſe Dom Joaõ Maſcarenhas, que na fortaleza havia huma eminencia, que ſobrelevava o forte S. Thomè, por ſima do qual podia jugar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algũas peças, as quaes tiràraõ com taõ ditoſo effeito, que em poucos dias derribàraõ aquella maquina, levantada, & caída com o ſangue dos que a fabricàraõ. Porem como eſta Hydra tinha tantas cabeças, emprendeo Coge Çocegar a cava com as meſmas ruínas; o que lhe era mais facil, por ſer obra que naõ havia miſter medida, diſpoſiçaõ, ou engenho.

Começàraõ dous mil piaẽs a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, ſettas, & eſpingardaria impedia os noſſos aſſomarſe a

muro. Creſceo a obra, & perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza eſtavaõ deſmantelados, pouco que ſubiſſe o terrapleno, ficava igual ao muro. Deſvelavaſe o Capitaõ mór por lhe fruſtrar o intento, & vacillando nos meyos cõvenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe differaõ, que no lugar onde eſtavaõ, tinha o muro hum poſtigo, que o diſcurſo dos tempos cubrira com terra movediça, & que por aquella parte ſem riſco, & com facil trabalho ſe podia furtar o entulho. Pedia a neceſſidade execuçaõ prompta; mandou cavar o Capitaõ mór, & achou o poſtigo accõmodado a ſeu intento. Sahiaõ os noſſos de noite, & furtavaõ o entulho por baixo, deixando a ſuperficie vaã, que cobria os vazios, ſolidos na apparencia do inimigo; porèm como aquella terra eſtava no ar violentada, trouxea ſeu meſmo peſo ao centro, caindo todo aquelle vulto fantaſtico à viſta do inimico.

Foy logo aviſado Coge Çofar da induſtria, com que lhe fruſtramos tam cuſtoſo trabalho, & acudindo àquella parte, impaciente na contrapoſiçaõ que achava a todos ſeus deſenhos, ſahio da fortaleza huma balla perdida,

Morre Coge Çofar de huma balla.

que no meyo de hum esquadraõ de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimento publico pela falta de tam grande soldado. Viraõ os nossos com desesperadas caixas, & arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, & politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecaõ sobre o sangue do pay tomar justa vingança: que entre elles a dor, & ira he a ultima piedade, que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

Succedeo Rumecaõ ao pay no odio, & cargo, continuando a guerra com a obrigaçaõ de General, & sentimẽto de filho, taõ empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, fẽdo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, muniçoens, & soldados, crescendo por toda a parte a obra que Rumecaõ esforçava, como disposiçaõ para nos dar o assalto. Tratou tambem de continuar a maquina, que o pay começàra, contrapondo hum artificio a outro; lavrou seis estradas encubertas, que todas hiaõ a parar no postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpavaõ o entulho; estas hiaõ fechar sobre a

Succedelhe Rumecaõ seu filho.

ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o meſmo intento de lhe furtar a terra, ſobre que armavaõ a maquina, que temos referido, & ſobre a ponte lançàraõ pedras, & traves, de tamanha grandeza, que a fizeraõ encurvar cõ o peſo, & logo virſe a terra, naõ ſem dano dos ſervidores, que por debaixo d'ella andavaõ recolhendo a terra. O que viſto pelo Capitaõ mór, mandou cerrar o poſtigo, por ficar ja eſta ſerventia inutil, & evitar algũa ſubita invaſõ do inimigo, o qual ſem eſtorvo continuava a obra, em quanto os noſſos vacillavaõ em deſcobrir algum engenho, ou força, com que pudeſſem contraſtar fabrica taõ danoſa, porque os Mouros com feſtas, & algazàras, mais moſtravaõ gozar ja da victoria, que eſperala.

A eſtes cuidados ſuccediaõ outros naõ menos peſados, porque já naõ havia na fortaleza duzentos homens defenſores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, & feridas, mais neceſſitados de reparar as forças, que de offerecelas a ſegundo trabalho. E nos ſoldados ordinàrios ja a deſconfiança hia abrindo porta ao temor. Faltavaõ muniçoẽs, & man-

timẽtos; os màres verdes, o inverno furioso, tiravaõ todo a esperança de soccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber era o tempo opportuno.

Era Vigario da fortaleza Joaõ Coelho, que sobre as virtudes do Sacerdocio, tinha resoluçaõ para emprender qualquer justo perigo. Este se offereceo ao Capitaõ mòr (a quem era singularmenre aceito) para, a despeito dos temporaes, tentar os màres, & aportando em Baçaim, ou Chàul, significar aos Capitaẽs, com certeza de vista, o estado das cousas; & d'ahi avisar ao Governador por correyos de terra, prometendo na fé do habito voltar a Diu com a primeira reposta, como fiel companheiro da fortuna de todos. O Capitaõ lhe mandou logo esquipar hum Catùr com doze Marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas, atè darmos razaõ do succesſo, que teve viagem taõ animosa, & pia.

O Vigario Joaõ Coelho vai ao Governador.

Os Mouros trabalhavaõ por força no entulho da cava, mas Rumecaõ cruel, & imperioso os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebiaõ por premio, na mesma obra, miseravel sepulchro. Emfim chegàraõ a igualar a cava; & pelo baluarte de

Gil Coutinho, que ſe naõ podia entulhar, atraveſſáraõ grandes maſtos com taboas pregadas, que lhes ſerviaõ de ponte, para picar o muro, o que ſe lhes naõ pode defender com a artelharia, por trabalhar cubertos.

Ordenou logo Dom Joaõ Maſcarenhas humas cadeas groſſas, que do muro alcançaſſem à pôte, das quaes pendiaõ muitas ſacas de gunes envoltas em polvora, ſalitre, & outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateáraõ na ponte com tal braveza, que logo a desfizeraõ. Acudio Rumecaõ a ſuſtentar a obra com novo madeiramento, & maior copia de ſervidores, & ſoldados, huns que aſſiſtiaõ à defenſa, outros ao trabalho, a que os noſſos ſe oppuzeraõ, dandolhes miudas cargas de artelharia, & eſpingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas inſiſtia Rumecaõ na obra tam porfiadamente, que por ſima dos mortos fazia ſobir outros, que inda que violentados, venciaõ o perigo com a obediencia. Chegou em fim por meyo de taõ cuſtoſo trabalho a igualar a cava.

Partidos que aos noſſos offerece Rumecáo.

Conhecendo pois Rumecaõ o eſtado em que nos achavamos pelos poucos defenſores que occupavaõ os póſtos,

nos quiz tentar os animos, crendo, que em taõ perigoſo eſtado nos enſinaria a razaõ, & a natureza, a naõ engeitar as vidas. Cerrada a noite, ouviraõ os do baluarte Sanctiago brádar pela vigia, em lingua Portugueſa, dizendo, que era Simaõ Feyo, que queria fallar ao Capitaõ mór em negocio importante. Foy logo aviſado Dom Joaõ Maſcarenhas, & pondoſe com o ſoldado à falla elle lhe diſſe, que era Simaõ Feyo, que vinha mandado por Rumecaõ, que affeiçoado ao valor de taõ grandes ſoldados, lhes queria poupar as vidas, que agora deſeſperadamente defendiaõ; que bem via a fortaleza arruinada toda; a mayor parte dos defenſores enfermos, ou feridos, ſem eſperança algũa de ſoccorro, faltos de muniçoens, & mantimentos; que naõ quizeſſem perecer obſtinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rendeſſemos, porque para gloria ſua deſejava conſervar vivos taõ valeroſos inimigos; que nos faria todos os partidos hõrados, deixandonos com a liberdade as fazendas, & os navios para noſſa paſſagem; o que naõ acéitando paſſariamos pelas leys da guerra,

& pelas licenças que dava nos eſtragos a ira, & a victoria. D. Joaõ Maſcarenhas lhe reſpondeo, que a fortaleza onde eſtavaõ Portugueſes, naõ havia miſter muros, que no campo raſo a defenderiaõ ao poder do Mundo; que eſta verdade conheceria no primeiro aſſalto; que trataſſe de pedir ao Soltaõ mais gente, & melhores ſoldados; que os Portugueſes deſprezavaõ victorias taõ pequenas; que as ruínas da fortaleza eſperava reparar com cabeças de Turcos; que ſe lhe falteſſem mantimentos, ao ſeu arrayal os iria buſcar como deſpojos; que em quanto ſeus ſoldados tinhaõ armas, naõ lhes podia faltar nada entre ſeus inimigos; que a boa paſſagem que lhes offerecia, eſperava fazer cedo com a eſpada na maõ por meyo de ſeus eſquadroẽs armados; & a elle Simaõ Feyo dizia, que ainda repetia forçado palavrás alheas, naõ tornaſſe com ſegunda menſagem, porque o mandaria eſpingardear do muro.

Reposta do Capitão mòr.

Vendo pois Rumecaõ, que dos perigos, trabalhos, & fomes, nos ſerviamos como de alimento, injuriado no deſprezo d'eſta reposta, determinou dar o primeiro aſſalto. Amanheceo aos noſſos hum temeroſo dia, que

Aſſalta o inimigo o baluarte S. Joaõ.

foy aos dezanove de Julho d'este anno de mil quinhentos quarenta & seis; em róda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcaõ com mil & quinhentos soldados escolhidos acometeo o baluarte Sam Joaõ, de que erá Capitaõ Luis de Sousa, acõpahado de Dom Fernando de Castro, Sebastiaõ de Sà, Diogo de Reynoso, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, & de outros Fidalgos, & soldàdos, que naõ passavaõ de trinta. Estes esperàraõ o primeiro impeto do inimigo com tanta gentileza, que rebatèraõ os primeiros oitenta que subíraõ, mostrando o dano que recebèram nas vozes, no sangue, & na caîda. Logo lhes succedèram outros, fazendolhes a subida mais facil os corpos dos que cahiraõ mortos. Juzarcaõ os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os àres feridos de instrumentos de fogo, & de vozes humanas, faziaõ nas paredes da fortaleza huma impressaõ medonha. A bataría continuava nos outros baluartes; em Sã Joaõ, & Sam Thomè o assalto; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas.

Rumecaõ com os Turcos assaltou E o de S. Thomè.

o baluarte Sam Thomè, de que eraõ Capitaens Dom Joaõ de Almeyda, & Gil Coutinho; & como gente pelo valor eſcolhida, pela naçaõ ſoberba, arremetèraõ tam furioſos, que pelas lanças dos noſſos intentavaõ ſubir atraveſſados, buſcando pela morte a victoria. Elles tinhaõ a ventagem do numero; a do lugar os noſſos; & os que tinhaõ cavalgado o muro, ou haviaõ de entrar victorioſos, ou morrer eſtropeados, porque lhes era mais perigoſa a retirada, que a peleija. O inimigo ſempre com nova gente reforçava o aſſalto, os noſſos valendoſe de humas meſmas forças, ſe moſtravao ſuperiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudiaõ cõ armas, & panelas de polvora, veſtindo os eſpiritos do tempo, nam os da natureza. Algũas com regalos, & bebidas alentavaõ aos ſoldados, & naõ podendo moſtrar esforço proprio, ſerviaõ ao alheyo. Taes houve, que com exhortaçoẽs os animavaõ, merecedoras de forças varonís em coraçoẽs tamanhos; mas nos feitos d'eſte cerco contaremos os ſeus pelos mais raros, ſenaõ pellos mayores. Via-ſe hum monte de corpos mortos aos pès dos baluartes, huns deſangrados do ferro,

& outros abrazados do fogo. Alguns agonizando entre a ira, & a dor, pediaõ vingança; & tal vez os que hiaõ a satisfazelos, acabavaõ primeiro. Em fim os nossos este dia fizeraõ cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escritura; porque sempre no particularizar accidentes, he a verdade incerta; mormente nos acontecimentos de guerra, onde, a ira, ou o temor, & outros affectos, arrebataõ o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

Resistencia dos nossos.

Dom Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, mayor que seus annos. Sebastiaõ de Sà nos deixou de seu valor huma clara memoria, atè que atravessado de huma setta ervada por hum joelho, cahio quasi mortal; & naõ podendo sustentar a peleija, naõ queria deixala. Foy em fim retirado dos cõpanheiros com lastima, & enveja, deixando ja nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos em fim obráraõ taõ valerosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia que começavaõ o assalto, obrando Rumecaõ, como quem queria acabar a guerra

em hum ſó dia ; mandou peleijar as naçoẽs divididas ; ou para que emulaçaõ as incitaſſe, ou por conſervar melhor a obediencia ; & elle, mandando, & peleijando, com a voz, & com o exemplo os obrigava ; & naõ ſe fartando do ſangue, que via derramado, louvava os ouzados, afrontava os remiſſos, moſtrando entre o horror das armas, colera com acordo. Dom Joaõ Maſcarenhas ſe moſtrou naõ ſó Capitaõ, mas ainda companheiro de todos nos mayores perigos, peleijando, & governando tam ſabiamente, que nam ficou devendo nada ao valor, menos à diſciplina.

Retiraſe o inimigo com perda.

Vendo Rumecaõ os muitos mortos, que eſtavaõ em torno dos baluartes, & que os ſeus acodiaõ ja com obediencia mais remiſſa, mandou tocar a recolher ; retirando com preſſa os mortos, & feridos, como para cobrir aos ſeus o dano, aos noſſos a victoria ; porèm d'elles meſmos ſoubemos, que perdèraõ quinhentos ſoldados neſte aſſalto, muitos mais os feridos ; dos noſſos morreo hum ſó ſoldado, os feridos foraõ menos de vinte. Neſta deſproporçaõ ſe vè, que naõ ſe alcançou a victoria ſó com forças humanas, & que Deos defendia a cauſa como ſua,

ſendo de ſeu poder noſſas armas felices inſtrumentos; de que ainda nos moſtrará a Hiſtoria argumentos mayores.

Recolhido o inimigo, chamou o Capitaõ mór os noſſos a ſegundo trabalho; o qual lhes fez mais facil, ou a neceſſidade, ou a victoria. Era preciſo reparar as ruínas da forteleza; ſendo as pedras, & o barro os leitos molles, em que os noſſos haviaõ de reſtaurar as forças ja tam quebradas; acodiraõ todos, faceis, & alegres ao ſerviço, a que o Capitaõ mór os obrigava com ſeu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a meſma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, reſpirãdo os noſſos no trabalho, como em novo deſcanſo; naõ lhes fazendo o peſo das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tam cortado d'eſte aſſalto, que ſe naõ atreveo em muitos dias vir com os noſſos a braços; fazendoo a experiencia mais cauto ou temeroſo. Tentava a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leves para quebrantar os noſſos com rebates continuos, & notar a diſpoſiçaõ dos animos no occupar dos póſtos; nam ceſſava porèm a bataría,

intentando enfraquecernos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossava o campo com diversos soccorros, & o Soltaõ significava o empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecaõ dar segundo assalto à fortaleza.

Considerando porèm o dano, que havia recebido, peleijando com tam superiores forças, entendeo que o estrago dos seus devia ter causas mayores, para o que cõvinha aplacar o Propheta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com a figura de Mafoma, & com ella désse o exercito diversas voltas em torno da Mesquita, & com outras expiaçoens barbaras, & ridiculas, tivessem a Mafamede aplacado, & propicio, cuja ira retardava aos seus a victoria. Fernaõ Carvalho Capitaõ do baluarte do màr, vio discorrer aquella noite o exercito cõ graõ copia de luzes, ouvindo a tempo as vozes, & clamores, que logo paravaõ em subito silencio, & tornavaõ a rebentar em huns gemidos de multidaõ confusa, succedendo aos ays, & alarídos instrumentos de guerra; & nesta superstitiosa vaidade occupàraõ muitas horas da noite. Deu a Fernaõ Carvalho cuidado a novidade, de que

Recorre Judarcão a superstiçoens.

naõ

não pode fazer juizo. Aviſou com tudo a Dom Joaõ Maſcarenhas do que vira; que entendeo ſeriaõ diſpoſiçoẽs para o aſſalto, ajudadas de algum barbaro culto, ou ſuperſticioſo rito, com que entendiaõ conciliar a indignaçaõ de ſeu falſo Propheta.

Apercebeoſe o Capitaõ mór para eſperar eſta ſegunda invaſaõ do inimigo, achãdo a todos os ſoldados eſpiritos naõs em forças tão quebradas; os feridos, & enfermos deſemparavaõ os leitos, & os remedios; mais prompos a buſcar o perigo, que a ſaude. Dom Joaõ Maſcarenhas obrava, & diſpunha as couſas neceſſarias à defenſa com valor, & juizo. Amanheceo o inimigo ſobre a fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, & alaridos medonhos, entre belicos inſtrumentos, que fazia mais temeroſos o ſilencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres eſquadras; traziaõ diante, entre outras, huma bandeira, em que eſtava figurado o ſeu Propheta, para que os incitaſſe intamente a Religiaõ, & a Regalia. No meſmo tempo aſſaltàraõ os baluartes S. Joaõ, & S. Thomè, & a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes naõ deixava ver, nem

Outro aſſalto.

temer o perigo; porèm forão recebidos dos noſſos de maneira, que voltàraõ mais depreſſa do que haviaõ ſubido, caindo muitos mortos, os mais feridos, & outros abrazados do fogo. Ouviaõſe as vozes de Juzarcaõ, & Rumecaõ, que incitavaõ a outros a eſcalar os baluartes. Eſtes ſubiraõ de refreſco, favorecidos da eſcopetaria do exercito, innumeraveis ſettas, & outros tiros miſſivos. Aqui ſe ateou com graõ calor o aſſalto, inſtando os Turcos por reſtaurar a opiniaõ perdida, peleijavaõ eſtimulados da furia, ou da vergonha, porfiando a ſobir por entre o ferro, & fogo, como homẽs que eſtimavaõ a vida menos que a victoria; aſſi chegàraõ a igualarſe com os noſſos, poleijando corpo a corpo ſobre o baluarte.

Luis de Souſa, Dom Fernando de Caſtro, com os Fidalgos & ſoldados de ſua companhia, deraõ eſte dia novo credito a noſſas armas, obrando de maneira, que Rumecaõ os nomeava aos ſeus, humas vezes para exemplo, & outras para injuria. Os Turcos tinhaõ por momentos ſoccorros ſucceſſivos; os noſſos ſempre os meſmos, tam valentes ſe moſtravaõ aos ultimos, como aos primeiros. Fervia

a guerra em todos os lugares. Dos inimigos eraõ ja muitos mortos, ou estropeados; porèm o furor, & a ira, ou encobriaõ, ou desprezavaõ o dano; porque sobre o corpo d'aquelle que cahia, estribava outro o pè para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventando o ardor, & a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

Entràraõ em fim o baluarte S. Thomè, que sustentàraõ por hum espaço largo, caindo huns, & succedendo-lhes outros. Aqui foy grande a furia do inimigo, & tambem o estrago. Os tres irmaõs, Dom Joaõ, Dom Francisco, & Dom Pedro de Almeyda, se mostràraõ taõ irmaõs no valor, como no sangue, sustentando o pesó de tantos inimigos o tempo que durou o assalto. Entraõ Turcós o baluarte S. Thomè.

Os Turcos do terço de Rumecaõ peleijavaõ com os nossos corpo a corpo, iguaes no sitio, no numero mayores, o perigo acrescentou esforço. Dos que entràraõ o baluarte, poucos baixàraõ vivos, mas como tinhaõ ja esta porta para a victoria aberta, a todo risco queriaõ sustentala. Rumecaõ, como este era o primeiro favor que lhe deraõ as armas nesta guerra, com louvores, &

promeſſas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os noſſos ſe derramou húa voz, que o baluarte era ganhado; & eſta fama, ou foſſe ardil, ou caſo, pudèra perder a fortaleza, porque os que nas outras eſtancias peleijavaõ, quaſi tinhão deſemparado os póſtos por ſoccorrer o baluarte, que haviaõ perdido; principalmente os que guardavaõ as caſas da banda da rocha, acodiraõ com tanto impeto ao ſoccorro, que ſe aliviàraõ em parte os companheiros, que do trabalho, & feridas, tinhaõ ja as forças laſſas, & quebradas.

Dom Joaõ Maſcarenhas jandou pelas eſtancias certificando a todos, que eſtava por nóſso baluarte, & do valor com que nelle ſe peleijava; que Rumecaõ eſtava vendo no deſtroço dos ſeus, que banhados em ſangue ſe precipitavaõ do muro, acabando de perecer na queda. Durava o aſſalto, & com as mortes, & feridas, parece, que creſciaõ em huns, & outros inimigos as forças, & a braveza: o que conſiderando Juzarçaõ, crendo que os poucos defenſores, que tinha a fortaleza, eſtariaõ nos baluartes eſcalados, ſaindo do conflicto, ſe foy cõ alguns ſoldados torneando o muro, &

Juzarcaõ enveſte a Couraça.

chegando àquella parte da fortaleza, que chamão a Couraça, a qual a natureza fizera defensavel, sem arte, pela altura, & aspereza do rochedo, em que o mar batia, & vendo que estava deserta, sem presidio, ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha assegurados; & mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, & prevenir escadas, começàraõ a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavaõ alli de guarda, com a nova do baluarte Sam Thomè ser perdido, desampaṙando o posto, que guardavaõ, com mais valor, que disciplina, se foraõ a soccorrelo.

Subiraõ os Turcos ousadamente a rocha, & foraõ demandar humas casas, que estavaõ encostadas à Igreja de Sanctiago, & davaõ passo a huma varanda baixa, em que logo arvoràraõ escadas para subirem outros; & Juzarcão de fora os animava, crendo que havia roubado a Rumecaõ a honra, & a victoria. Ganhàraõ os Turcos as casas, pelas quaes foraõ descendo à fortaleza, & hum mais atrevido, ou diligente entrou em casa de huma mulher casada, pedindolhe di-

Valor de huma mulher Portugueza.

nheiro com seguro da vida; a pobre da mulher cortada do temor mostrou que sahia a buscallo, & entrando na casa de outra vezinha, lhe contou desmayada o perigo em que estavaõ; & esta com o sobresalto da nova, deu aviso a outra; a qual com acordo, & forças de varaõ, tomou huma chuça & indo a demandar a casa em que os Turcos estavaõ, vio hum d'elles à porta, como vigiãdo o que passava fóra, & remetendo a elle, tirandolhe alguns botes de chuça, o fez recolher dentro, ficandolhe o juizo taõ livre no perigo, que teve acordo para cerrar a porta, & animo para esperar os Turcos, & impedirlhes a sahida; digna por certo, que entre os varoẽs mais claros ficasse sua memoria.

As mulheres que viviaõ para aquella parte assombradas de hum temor tam justo, foraõ em demanda do Capitaõ mór, gritando: Turcos na fortaleza; o qual acharaõ com tres soldados correndo os baluartes, & ouvindo as vozes das mulheres, nam menos acordado, que animoso, mandou, que se callassem, levãdoas comsigo por guia à casa onde estavaõ os Turcos; & despedindo hum soldado dos que o acópanhavaõ, lhe mandou que tirasse al-

Acode o Capitaõ mór.

gũa gẽte dos baluartes, que menos apertaſſe o inimigo, callando o perigo da fortaleza aos que peleijavaõ; & logo deſpedio outro ſoldado, para que lhe trouxeſſe a gente que achaſſe derramada por fóra das eſtancias. No caminho ſe lhe ajuntou André Bayaõ com outro companheiro; & chegando à caſa onde eſtavaõ os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendẽdolhes a ſahida com esforço mais que varonil; faltandolhe na vida premio, neſta Hiſtoria nome.

Dom Joaõ Maſcarenhas, havendo por preſagio da victoria, achar em huma mulher valor taõ novo, ſabendo d'ella, que eſtavaõ os Turcos encerrados na caſa, mandou a hum Abexim, que acaſo alli apparecèra, que lhe trouxeſſe huma panela de polvora, & porque ſe deſpachava lentamente, lhe travou de hum braço, a tempo que do eirado da Igreja, onde ja eſtavaõ alguns Turcos, ſahio hum pelouro, que matou o Abexim, ſervindo ao Capitaõ de eſcudo. Chegou logo hum ſoldado com huma panela de polvora, & tomandolha das maõs Dom Joaõ Maſcarenhas, lançãdo de hum vaivẽm as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo

E lança fóra os inimigos.

abrazou os mais d'elles, ſem lhe tocarem muitos pelouros, que de dentro tiràraõ com pontaria cerra; o que a muitos pareceo fortuna, a outros miſterio; & moſtrandoſe eſte dia igualmente Capitão, que ſoldado, cuberto de huma rodéla com a eſpada na mão, enveſtio os Turcos com mais quatro que o acompanhàraõ, & à força de cutiladas os levou atè a varanda, onde os apertou tanto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo ao de que fogiaõ, porque os mais d'elles mortos, ou eſtropeados, perecèraõ na quéda.

Sobem Turcos à Igreja.

Aqui foy Dom Joaõ Maſcarenhas aviſado, que ſobre o eirado da Igreja ſe viaõ muitos Turcos cõ dous guioẽs arvorados, os quaes do alto começavaõ a eſcopetear os noſſos, que ja vinhaõ chegando. Foy aqui grande o perigo, porque como tudo eraõ armas de fogo, obrava menos o valor, que a contingencia. Os noſſos eràõ menos de ſeſſenta, os Turcos mais de cem.

Vay o Capitaõ mòr a elles.

E vendo Dom Joaõ Maſcarenhas, que em quanto aquelles ſuſtentavaõ o lugar, creſciaõ outros, mandou que lhe trouxeſſem eſcadas, ordenando o caſo, & a neceſſidade, que na ſua meſma fortaleza déſſe elle o aſſalto. En-

coſtàraõ os noſſos ao muro huma pequena eſtada, & o primeiro ſoldado, que ſe lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas que os Turcos lhe deraõ. Chegàraõ logo eſcadas mais capazes, & arrimadas ao muro; querendo o Capitaõ mór ſubir primeiro, lhe fizeraõ os ſoldados juſta força para que nam paſſaſſe. Acommettèraõ os noſſos a ſubida pelas paredes do Apoſtolo Sanctiago, cuja a Igreja era, aſſegurandolhes o lugar a victoria. O ſitio fazia deſigual a peleija; huns firmes, outros dependurados quebràraõ duas eſcadas, porque entre os noſſos a competencia & o ardor de qual havia de ſubir primeiro, era outra nova guerra. O Capitaõ mór com as palavras, & com o exemplo animava os ſoldados, mais por officio, que por neceſſidade. Andava a briga muy travada; dos noſſos alguns cahiraõ mortos, nenhum ſe retirou ferido. Nos que eſtavaõ debaixo, a impaciencia de naõ ter lugar para ſubir, cauſava mayor dor, que as feridas que viaõ receber aos companheiros, porque ainda em taõ prolixo, & perigoſo cerco, os naõ fartava a guerra. Cortavaõſe huns aos outros com eſtranha crueza.

Juzarcaõ animava, & ſoccorria os ſeus com nova gente; aſſi encheo brevemente de ſoldados o lugar donde peleijava, que era o eirado, ou abobeda da Igreja. Emfim os noſſos a preço de ſeu ſangue cavalgàraõ o muro, depois de porfiada contenda, moſtrãdo a differença do valor na deſigualdade do lugar, & do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella ſe achàraõ, obràraõ de maneira, que merecia ſó eſta facçaõ particular Hiſtoria; porèm nem ainda os nomes lhes achamos eſcritos, havendo merecido com ſeu ſangue mais diſtincta memoria. Foraõ mortos quaſi todos os Turcos, huns na quéda, outros na reſiſtencia; & ſempre ſeriaõ os melhores os que merecèraõ ſer eſcolhidos para facçaõ tam grande.

E retiraõſe.

O Capitaõ mòr entendendo, que nos baluartes inda durava o aſſalto, levou os companheiros a deſcanſar em ſegundo perigo; & viſitando as eſtãcias achou os noſſos tam empenhados na reſiſtencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o aſſalto. Ao pè dos baluartes eſtavaõ tantos mortos, que lhes faltava a terra, cujos corpos facilitavaõ a ſubida do muro. Rumecaõ de fóra animava, ou

reprendia aos seus, segundo o brio, ou fraqueza com que se combatiaõ, incitandoos com premios, ou castigos, mostrando em todas as facçoẽs d'este cerco valor, & disciplina. Dom Joaõ Mascarenhas naõ descançava, ordenando, & provendo o necessario em todas as estancias, de sorte, que em nenhum perigo o achavaõ os companheiros menos. Neste dia, que foy do Apostolo Sanctiago, parece que nos quiz mostrar o Santo, que era a victoria sua, naõ menos poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

Durava a briga de huma & outra parte cruel & temerosa, & Juzarcaõ com a dor viva de naõ effeituar á escala da fortaleza, que lhe foy taõ custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto; porèm de hum pelouro da fortaleza, que lhe deu pelos peitos, cahio atravessado, & morto. E como era pessoa de tanta conta pelo valor, & posto que occupava, foy logo a nova derramada pelo exercito, & chegando aos ouvidos de Rumecaõ, a recebeo com grande sentimento, ou fosse temor, ou piedade: mandou logo tocar a recolher, & retirar o corpo de Juzarcaõ; perda que

Morte de Juzarcaõ.

se naõ pode encubrir aos seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavaõ, que ja a victoria naõ valia o que tinha custado; & quando bem a alcançassem, quem havia de ficar que lograsse o triumpho? Que bem se mostrava o Propheta estar contra elles indignado, pois sofria ver sua bandeira ignominiosamente rota; & a estas consideraçoẽs juntavaõ outras, accusando a fortuna do General, & as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes. Rumecaõ curava estas desconfianças com varios artificios, cubrindo a perda dos seus, & encarecendo a nossa; pondolhes diante dos olhos as merces do Soltaõ, & a fama, como parte melhor do premio que esperavaõ. Em este assalto perdemos sete soldados, & feridos trinta; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos, & foraõ perto de dous mil os feridos.

E de muitos Turcos.

O Capitaõ mór avisa o Governador.

Dom Joaõ Mascarenhas, depois de ordenar o entetro dos mortos, & cura dos feridos, em que naõ faltou cõ o cuidado, & menos com a fazenda, que despendeo sem conta, avisou por hum Catur ao Governador do estado das cousas, significandolhe a falta que tinha de gente, muniçoens, &

mantimentos. Neſta fuſta, ou Catùr ſe embarcou Sebaſtiaõ de Sà a rogo do Capitaõ mòr, & amigos, dizendo elle que ſó no baluarte onde fora ferido, podia ter ſaude, a qual lhe deſejavaõ poupar todos, porque naquelle cerco merecèraõ ſuas obras fama, & vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fuſta quaſi ſoçobrada, acodindo ao receber, & hoſpedar Dom Jeronymo de Menezes Capitaõ da fortaleza, enviando logo ao Governador as cartas com os aviſos de Dom Joaõ Maſcarenhas.

Cuidados do Governador ſobre ſoccorrer Diu.

Andava neſte tempo Dom Joaõ de Caſtro muy cuidadoſo dos ſucceſſos de Diu, porque os temporaes do inverno lhe impediaõ ter novas, & deſpachar ſoccorros; porèm ſem perdoar a deſpeſa, ou perigo, quaſi por debaixo dos màres, lhe acodio com muniçoens, & gente, nos mayores apertos, como logo moſtrará a Hiſtoria. Tinha abalhado todo o poder da India com animo de ir em peſſoa a deſcercar Diu, & parece que os ſucceſſos lhe reſpondiaõ ao intento, porque os Reys da India lhe faziaõ muy honradas offertas; & os Fidalgos, & ſoldados, ſem ſoldo, ou mercè, ſe lhe offereciaõ.

Neſte tempo, que era ja na entrada do mez de Julho, chegou à barra de Goa a nao Eſpirito Sancto, Capitaõ Diogo Rebello, a qual era da conſerva do Governador, & por roim navegaçaõ havia invernado em Melinde; & ainda que chegou com algũa gente enferma, os àres da terra, o cuidado do Governador, & o alvoroço da jornada de Diu, lhes fez em breve reparar a ſaude. Alegrouſe Dõ Joaõ de Caſtro com taõ opportuno ſoccorro para engroſſar a armada; porèm tardavaõ novas da fortaleza, que o povo interpretava com indicio de algum máo ſucceſſo; quando chegàraõ as cartas enviadas pelo Vigario, das quaes o Governador entendeo o aperto do ſitio, as forças do inimigo, a falta em que os noſſos eſtavaõ de gente, & baſtimẽtos; & como o tempo pedia mais concluſaõ, que conſelho, aſſentou conſigo enviar a ſeu filho Dom Alvaro de Caſtro com hum troço da armada contra o parecer dos mareantes, que haviaõ por temerario eſte acometimento no principio do inverno. Porèm Dom Joaõ de Caſtro ſem deixarſe vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, reſolveo enviar o ſoccorro; o que entendido

Chegalhe o aviſo do Vigario.

Manda ſeu filho D Alvaro cõ ſoccorro.

pelos ſoldados, & Fidalgos, ſe lhe vieraõ offerecer, ainda aquelles, que pelos annos, & authoridade ja eſtavaõ eſcuſos. Entre eſtes foy Dom Franciſco de Menezes, que depois de occupar grandes póſtos, ſe offereceo ao ſoccorro com praça de ſoldado; o Governador o levou nos braços, pedindolhe ſe guardaſſe para paſſar na armada em ſua companhia; mas vendo que eſtava reſoluto a ir neſte ſoccorro, lhe deu ſete navios, para que com elles tentaſſe o golfaõ, com os quaes partio Dom Franciſco com muitos ſoldados de brio, & alguns parentes ſeus, amigos de ganhar honra, que o acompanhàraõ.

E primeiro a D. Franciſco de Menezes com ſete navios.

D'ahi a tres dias partio Dom Alvaro, reconciliado ja com o pay da queixa de enviar ſeu irmaõ Dom Fernando primeiro, como ſe lhe tocaſſem por heráça os primeiros perigos. Neſte ſoccorro ſe embarcou graõ parte da nobreza, a quem o goſto da empreza, & o da companhia do General, fazia deſprezar os Turcos, & as tormentas. O Governador lhe lançou a bençaõ, & o embarcou com grande ſaudade do povo, entregando os filhos pela patria, de quem ſe moſtrou mais amoroſo pay, que de ſeu meſ-

Parte D. Alvaro com dezanove.

mo ſangue. Depois de o Governador dar ao filho algũas inſtrucçoens ſecretas, lhe ordenou, que eſtiveſſe à obediencia de Dom Joaõ Maſcarenhas, ſem embargo de o eximir o poſto, & aſſi lho eſcreveo; porque foy ſempre Dom Joaõ de Caſtro juſto eſtimador de virtudes alheas. Eraõ dezanove os navios da armada, cujos Capitaẽs foraõ Dom Jorge de Menezes, Dom Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luis de Mello de Mendoça, & Jorge de Mendoça ſeu irmaõ, Dom Antonio de Attayde, Garcia Rodriguez de Tavora, Lopo de Souſa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanaſio Freire, Pero de Attayde Inferno, Dõ Joaõ de Attayde, Balthaſar da Sylva, Dom Duarte Dèça, Antonio de Sà, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Franciſco Tavares, & Franciſco Guilherme.

Capitaẽs que cõ elle hião.

Logo que o Governador deſpachou eſta armada, ficou apreſtando a em que determinava paſſar, buſcando baſtimentos, & dinheiro, pedido ſobre ſua verdade, que era ſó o theſouro, que conſervou na India, com que ſe fez ſenhor dos coraçoẽs, & fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, com o argumentos vivos,

Apreſtos do Governador.

As dònas & donzellas de Chàul, movidas de hum meſmo eſpirito, juntàraõ todas as joyas com que ſe adornavaõ, de ouro, & pedraria, & com liberalidade mayor que de mulheres, as enviàraõ ao Governador, ſem preceder obrigaçaõ, ou rogo, ſignificandolhe, que de ſeus proprios filhos, & maridos tinhaõ menos ſaudade, que enveja, pois o acompanhavaõ; naõ lemos nos Annaes dos Ceſares acçaõ mais generoſa das matronas de Roma. As mulheres de Chàul offerecé ſuas joyas.

Acaſo ſe achava em Goa huma dòna de Chàul, chamada Catharina de Souſa, quando chegou o preſente, & juntando em huma boceta todas as joyas que tinha, as enviou ao Governador com eſta carta: » Senhor, eu ſoube » como as mulheres de Chàul tinhaõ » offerecido a V. Senhoria as ſuas » joyas para a guerra. Ainda que eu » me achaſſe em Goa, naõ quiz perder » a parte da honra, que me d'ahi ca- » be. Por Catharina minha filha man- » do as minhas joyas a V. S. Naõ jul- » gue, em quam poucas ſaõ, as que » pòde haver em Chàul, porque lhe » certifico, que eu ſou a que menos » tenho, porque as tenho repartido » por minhas filhas. E crea V. S. que » ſò das joyas de Chàul, podè fazer Offerta & carta de huã dona.

» a guerra dez annos ſem ſe acaba-
» rem de gaſtar. E a mercè que peço
» a V. S. he, gaſtar logo eſtas minhas
» na ida do Senhor Dom Alvaro, por-
» que eu eſpero em Noſſa Senhora,
» que haja elle tamanhas victorias,
» que ſe eſcuſe a ida, & trabalhos a
» V. S. Iſto peço em minhas oraçoẽs,
» & aſſi que acreſcente a vida a V. S.
» & o deixe ir a Portugal diante dos
» olhos da ſenhora ſua mulher, &
» filhas. Eſcrita em Goa nas caſas de
» Dona Maria minha filha, hoje onze
» de Junho. Minha filha Catharina
» empenharey, ſe for neceſſario, para o
» ſerviço de V. S.« Naõ ſei ſe do amor da patria, ſe da benevolencia do Governador, naſciaõ eſtes eſtremos. Vimos iguaes neceſſidades na India, mas naõ iguaes finezas, como nos dias de Dom Joaõ de Caſtro. Muitos Fidalgos acabàraõ de ſer Generaes, & os velhos arrimados nos bordoẽns ſe vinhaõ offerecer para ſoldados, porque naõ havia corpo, que pela authoridade, ou pelos annos pareceſſe peſado.

Deſpedido hum, & outro ſoccorro, ficou o Governador juntando o reſto do poder, diſpondo o governo da Cidade em ſua auſencia; & ſempre com

hum braço na paz, & outro na guerra, todas as occurrencias do Eſtado o achavaõ preſente. E porque de munições, & mantimentos havia na fortaleza falta, alèm dos que já tinha enviado, carregou hum caravelaõ grande, que por ſer embarcaçaõ peſada, podia mal ſofrer os mares. Alguns ſoldados lha tinhaõ engeitado, parecendolhes riſco ſem gloria, lutar com os elementos, mas pela importancia do negocio deſejava entregar a caravela a peſſoa de conta, a quem a honra fizeſſe o perigo mais facil. Communicou eſte negocio com Manoel de Souſa de Sepulveda, Fidalgo, que pelo valor, & juizo lhe era muito aceito; eſte lhe diſſe, que Antonio Moniz Barreto tinha brio, & induſtria para couſas mayores; que ainda que tinha d'elle Governador algúa leve queixa, ſeria para naõ pedir, mas naõ para engeitar o ſerviço Real em occaſiaõ taõ ardua; que elle o tentaria, & da reſoluçaõ traria reposta. Aſſi foy, que entendido por Antonio Moniz o goſto do Governador, & que lhe dava huma viagem engeitada de alguns ſó por difficultuoſa, a aceitou promptamente. Do ſucceſſo, & perigos que teve, diremos a ſeu tẽpo.

Antonio Moniz aceita ir a Diu.

Com a vigilancia do Governador haviaõ entrado na fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, & trabalho carregavaõ sobre forças mayores, bem que nam tinhaõ proporçaõ com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ao exercito, era de treze mil infantes, coduzidos por outro Juzarcaõ, naõ menor no valor, nẽ melhor na fortuna, que o primeiro. Este trouxe apertadas ordens do Soltaõ para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecaõ, que naõ era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mũdo fazer aos Principes de Cambaya injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empresa, porque antes queria hum Imperio deserto, que sojeito; que pois nas ruinas da fortaleza estavaõ ja os Portugueses meyos enterrados, quando os naõ pudessem render como a homẽs, os matassem como a leoẽs em suas mesmas covas. Rumecaõ nam respondeo com mais, que apõtar para as muralhas, & baluartes, todos postos por terra, ja para gloria, ja para desculpa; furioso de lhe parecer que o Soltaõ estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometeo satisfazerlhe com a

Vem outro Juzarcaõ a continuar o cerco.

norte, ou com a victoria; & como crueldade o fazia mais obedecido, ue o cargo, mandou levantar hum aſtião de fronte do baluarte Sanctia-. que ſe obrou com incrivel preſ-za; o qual guarneceo de artelharia, gente, que ficando a cavalleiro dos oſſos, naõ podiaõ aſſomarſe, que os aõ peſcaſſem as ballas do inimigo.

Levanta o inimigo hum baſtião.

Deu eſte negocio ao Capitam mór am pequeno cuidado, porque ſe Ru- Os noſſos o deſfazem. neçaõ dera por aquella parte o aſſal-, como era ſeu deſenho, naõ po-iaõ reſiſtirlhe os noſſos defenſores, m que ficaſſem deſcubertos às ballas o inimigo; & reſoluto a derribar eſ-a maquina, encomendou a facçaõ aos ous irmaõs Dom Pedro, & Dom oaõ de Almeyda, os quaes ſaindo om cem ſoldados no quarto da mo-orra, acharaõ os Mouros huns dor-indo, & outros deſcuidados na con-ança do lugar, & da hora, & dan-o ſubitamente nelles, fizeraõ em pe-ueno eſpaço eſtrago grande; porque ſacordados ſe meteraõ nas lanças, & padas dos noſſos, ſem conhecer a orte, ou o inimigo. Os que pudè-õ eſcapar fogindo, deſpertàraõ o rayal com gemidos, & vozes, ſem ber affirmar couſa certa. Com a meſ-

ma confuſaõ chegou a Rumecaõ a nova; & como os perigos da noite ſe fazem parecer mayores, entendeo elle, que o atrevimento dos noſſos eſtribava em forças grandes trazidas em algum ſoccorro, que havia chegado a furto de ſuas ſentinellas. Chamou os Cabos a conſelho, em quanto ſe punha o exercito em arma, & reſoluto em ſoccorrer o baſtiaõ com o poder todo, entre ordẽs, & apreſtos gaſtou o tempo de obrar, & quando ja chegou, achou a fabrica deſfeita; degolado o preſidio; os noſſos recolhidos; façaõ não menos ditoſa, que importante; morreraõ 300 inimigos, nenhum dos noſſos.

Rumecaõ mandou logo levantar humas groſſas paredes defronte do baluarte S. Joaõ, aſſeguradas com huma tropa de Mouros, que por quartos faziaõ ſentinella, & ſobre o terrapleno hia plantado alguã artelharia, para daquelle ſitio, em mais proporcionada diſtancia, bater o baluarte. Porẽm Dom Joaõ Maſcarenhas, como andava vigilante em impedir os deſenhos do inimigo, em huma noite tormentoſa, & eſcura, lançou quatorze ſoldados por huma bombardeira; que dando de ſubito nos Mouros,

Valor de quatorze ſoldados.

os lançàraõ do posto, em quanto os servidores com picoẽs, & outros instrumentos desfizeraõ a obra; do que sendo Rumecaõ avisado, resolveo assaltar a fortaleza com força descuberta, ordenando hum assalto geral para o seguinte dia; no qual fez huma pratica aos soldados, incitandoos com as injurias que tinhaõ recebido de taõ poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, & das feridas; que mais honrados estavaõ os que alli acabàraõ, que os que ficàraõ vivos, sendo no Mundo testemunhas infames de huma afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rey, vingar seus companheiros, & deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercès do Soltaõ estiveſſem seguros, porque havia de premiar, & contar huma a huma as feridas de todos; que se algum se atrevia a governar o bastaõ de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro.

Assi os despedio igualmente irritados da gloria, & da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se abãllou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras desenroladas, que se viaõ tremolar dos

nossos, & chegando aos muros, co-
Assalto geral. meçàraõ em torno da fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do corpo do exercito, com innumeraveis, & differentes tiros de settas, pelouros, & outras armas, ajudando o horror d'este conflicto, confusas, & duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, & turbando os juizos, impediaõ mandar, & obedecer. Subiraõ os Mouros ousadamente os muros, & os Turcos por outra parte, como envejado cada hum o perigo alheyo, trabalhavaõ todos por ser primeiros no risco, & nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum Capitaõ, & despertador de si mesmo, obravaõ de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que subiraõ, com sangue, & as vidas pagàraõ a ousadia; mas logo com o mesmo ardor lhes succediaõ outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou reprendia aos que subiaõ, segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

Lançavaõ os Mouros nos baluartes granadas, panelas, & alcanzias de fogo em tanta quãtidade, que os nossos peleijavaõ entre as chamas, que prendendo

dendo nos veſtidos os abrazavaõ vivos. Occorreo o Capitaõ mór neſte perigo com algũas tinas de agua, que em parte extinguiaõ, ou refrigeravaõ o ardor do fogo; porèm como o inimigo entendia o dano, continuou o ardil em todos os aſſaltos, a que os noſſos inventàraõ hum remedio mais facil, que efficaz, veſtindoſe muitos de couro, em que o fogo naõ podia prender taõ levemente; & Dom Joaõ Maſcarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar a muitos, ficandolhe as paredes nùas, & os ſoldados veſtidos.

Reparo dos noſſos contra o fogo.

Fervia a guerra, & apenas ſe diviſava a fortaleza, eſcondida entre nuvẽs de fumo, & ſó a deſcobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros; fazia horror o que ſe via, & o que ſe ouvia. Eſtavaõ ao pè do muro innumeraveis corpos, huns mortos, outros agonizando; & tudo o que ſe repreſentava à viſta, & ao juizo, era hum feyo eſpectaculo de mortes, horrores, & feridas. Em todos os baluartes ſe peleijava em ambas as partes com grande valor, ainda que deſigual pela deſproporçaõ do numero entre cercadores, & cercados. Mas o baluarte de Luis de Souſa, onde eſtava Dom

Fernãdo de Caſtro, quaſi eſteve perdido, porque o tomou o aſſalto com mayores ruínas, & foy acometido pela gente mais eſcolhida do campo. Porèm fizeraõ os defenſores illuſtres provas de valor, peleijando entre chamas de fogo com taõ nova conſtancia, que nenhum deſamparou o lugar, moſtrandoſe ſobre valentes inſenſiveis. Aqui ſe ſingulariſou Dom Fernando de Caſtro com esforço de mayores annos; parece que o valor naõ eſperou a idade. Obràraõ eſte dia os Portugueſes couſas dignas de melhor penna, & mais larga eſcritura. E os meſmos Turcos foraõ teſtemunhas fieis de ſuas proezas, dizendo, que ſó os Frangues mereciaõ trazer barbas no roſto.

Em quanto durou o aſſalto, deu o baluarte do màr muitas cargas ao inimigo, que como peleijava em tropas deſcuberto, recebeo grande dano. O que advertido por Rumecaõ, vendo ſuas bandeiras rotas, perdidos os melhores ſoldados, & que os Portugueſes haviaõ defendido as ruínas de ſua fortaleza, ſem perder huma pedra, mandou tocar a recolher, ſentindo o dano menos que a injuria. Foy eſte dia a noſſas armas muitas vezes fe-

Recolheſe o inimigo.

lice, porque morrendo dos inimigos trezentos, & levando dous mil feridos, nam faltou nenhum dos noſſos, ainda que alguns ficàraõ bem ſangrados. Proveo logo o Capitaõ mòr na cura dos feridos, ſendo a benevolencia com que lhes aſſiſtia, o primeiro remedio, acodindo aos enfermos com as deſpeſas, & tambem com a dor, & ſentimentos, parecẽdo pay na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo ſuccedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as baterias derribavaõ de dia; porèm acodiaõ todos taõ alegres ao ſerviço, que parecia vinhaõ a deſcanſar, acarretando as pedras, a terra, & a faxina.

Com morte de trezentos.

Vendo Rumecaõ o riſco, & a difficuldade que tinha tomar a fortaleza por eſcala, mandou correr com o entulho da cava do baluarte S. Joaõ atè o de Sanctiago, obra que encomendou aos Jenizaros, os quaes por opiniaõ, ou por valor ſoberbos, buſcavaõ com ambiçaõ os mayores perigos d'eſte cerco. Eraõ ja mortos quatrocentos, deixando entre os ſeus fama, & ſentimento; os que reſtavaõ aſſiſtiaõ a eſta obra, que para elles foy de nenhum fruto, & de grande perigo; porque a noſſa artelharia os

Trata Rumecaõ entulhar a cava.

peſcava, & a muitos ſervidores, cujos corpos lançavaõ no entulho com diſciplina barbara, & cruel. Creſcia a obra, como era de faxina, & terra, quaſi amaſſada com ſangue dos miſeraveis que nella trabalhavaõ; chegàraõ a encayalgar algumas peças, com que faziaõ dano aos baluartes, principalmente ao de S. Thomè, onde nos cegàraõ hum Camelo, & moſtrava ja a bataria diſpoſiçaõ para couſas mayores.

Torna o Vigario a Diu.

Neſte tempo chegou à fortaleza o Vigario Joaõ Coelho com nove ſoldados em huma embarcaçaõ pequena; & ainda que achou os màres groſſos, & os ventos ponteiros, o trabalho, & a neceſſidade fez vencer o perigo. Referio, que o Governador ſe apreſtava com vivas diligencias para acodir ao cerco, & os groſſos ſoccorros, que ja tinha enviado. Que em Baçaim ficavaõ quinhentos homẽs, que com o primeiro tempo eſperavaõ atraveſſar o golfaõ; & que muitos impacientes na tardança tinhaõ tentado os màres. Pela fortaleza ſe derramou logo eſta nova, que foy feſtejada dos ſoldados com folias & muſicas; & pondo todos os olhos no màr, as nuvẽs lhes parecìaõ navios: tam crẽdulos ſaõ homẽs

em qualquer esperança. Foraõ os Mouros sabedores das novas do soccorro, & antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperavaõ, dispuzeraõ hum assalto geral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dar ao Mundo, & ao Soltaõ desculpa com as mortes, com o sangue, & com as ruínas.

Começou a bataria aquelle dia com vinte & tres canhoẽs, & alguns basiliscos, & a continuàraõ atè o pôr do Sol, & no seguinte dia atè as tres da tarde. Arruinàraõ a mór parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou travezes, pelas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegàraõ logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomè pelas ruínas da bataria; porèm o Capitaõ Luis de Sousa, Dom Fernando de Castro, & Dom Francisco de Almeyda com outros valerosos soldados, que o guarneciaõ, os recebèraõ nas lanças com tal furia, que os fizeraõ voltar, huns mortos, outros estropeados. Succedèraõ logo outros de novo, que cortados do nosso ferro, fizeraõ aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se pelejava com a mesma fortuna, sendo o dano igual nos Mouros, & o valor

Novo assalto.

nos noſſos. Eſtava taõ raza a batalha, que os Mouros peleijavaõ com os noſſos iguaes no ſitio, como em campo partido, ſervindolhes as ruinas de eſcada, mas com grande vantagem do numero, & inſtrumentos de fogo. Porèm os noſſos merecèraõ eſte dia huma immortal memoria, ſuſtentando muitas horas o peſo de taõ deſigual batalha; porque dos inimigos aos cançados, ou feridos, lhes ſuccediaõ outros; os Portugueſes ſempre os meſmos, naõ moſtravaõ no valor, ou no tempo differença.

Reſiſtencia dos noſſos.

Dom Joaõ Maſcarenhas andava por todas as eſtancias mandando, & peleijando, humas vezes Capitaõ, & outras companheiro de todos; & vendo que o baluarte S. Thomè tinha o mayor perigo, por ſer mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de polvora por aquellas honradas matronas, que deſprezando o riſco, & o trabalho, acodiaõ opportunas a ſervir entre as lanças, & os pelouros, com nunca viſto exemplo, & algũas exhortaçoẽs aos ſoldados com juizo, & valor grande; outras com regalos & mimos os esforçavam, parecendo que buſcavaõ, ou mereciaõ fama igual com elles. Ti-

nhamos o vento contrario, & levantando nuvẽs de pó da terra movediça, que os Mouros pisavaõ, quasi cegava os nossos, que estiveraõ a risco de perderse só por este accidente; porèm elles peleijando com os olhos cerrados, acometiaõ os Mouros, mais attentos a offender, que a repararse. Os inimigos peleijavaõ desesperadamente; acordandolhes Rumecaõ por momentos a honra de seu Rey, & a sua.

Juzarcaõ com os soldados de sua obediencia acomete o baluarte S. Joaõ com tanto valor, que estiveraõ os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que haviaõ subido, tornàram outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentàram a peleija igual por muitas horas, atè que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desalentados, perdèram o lugar, & as vidas. Aqui foy mayor o esforço, & tãbem o perigo, porque estando os nossos cõ as forças ja lassas, & quebradas, sobrevieraõ outros Mouros de novo; porèm elles, como se tiveraõ poupadas as forças, & o espirito para o mayor trabalho, assi rechaçàram os ultimos, como os primeiros.

Juzarcaõ envestè o baluarte S. Joaõ.

Perda grande dos inimigos.

Na guarita de Antonio Peçanha ſe peleijou com naõ menor valor, nem deſigual fortuna; & ſem particularizar accidentes, podemos ajuizar pelo ſucceſſo, os caſos d'eſte dia; porque deixou o inimigo mil ſeiſcentos mortos, fóra innumeravel copia de feridos; couſa incrivel de pouco mais de duzentos ſoldados, que ſeriaõ os noſſos; aſſi o achamos eſcrito nas Relaçoẽs, & Hiſtorias d'eſte cerco, que ſendo noſſas, coſtumaõ eſcrever louvores proprios com penna muy eſcaça. Nós ficamos com tres ſoldados menos, & com trinta feridos.

Da bataria, que precedeo a eſte aſſalto, ficou a fortaleza quaſi em róda arruinada, & aberta, faltandonos para reparàla tempo, materiaes, & gente; porèm furtavaõ os noſſos as horas ao deſcanſo, trabalhando de noite, & derribando as caſas da fortaleza, ſe ſerviaõ das pedras, & madeiramento, fazendo huma fórma de defenſa ſubita, & furtiva, mais conforme ao tempo, que à neceſſidade.

Neceſſidades da fortaleza.

Faltavaõ as muniçoens, & os mantimentos, porque nam havia mais polvora, que a que ſe podia fazer dia por dia, pouca, & mal enxuta; falta que ja começavam a conhecer os Mou-

ros, concebẽdo eſperãças, & ouzadia para aturar o cerco, aviſados, que a eſta neceſſidade reſpondiaõ as outras, porque ja valia a trés cruzados hũ alqueire de trigo, & ainda a falta delle era mayor, que o preço. Os doentes, na falta de gallinhas, comiaõ gralhas, que acodiaõ a cevarſe nos corpos mortos, as quaes os ſoldados matavaõ; & vendiam por exceſſivo preço. Chegou em fim a tanto extremo a fome, que nam perdoavaõ a caẽs, & gatos, & outras viandas ſemelhãtes, nocivas, & immundas; & com tam miſeravel alimẽto reparavaõ as forças, deſprezando perigos, & trabalhos, vencendo com a grandeza dos animos, as paixoens, ou affectos da meſma natureza.

Como ſe remediou a falta de panelas de polvora.

Entre outros inſtrumentos offenſivos, que faltavaõ, eraõ panelas para a polvora, de que ſe ſerve a milicia da India em mar, & terra; & neſte cerco foraõ de naõ pequeno effeito. Eſta falta ſe reparou, juntando duas telhas com os vazios para dentro, & breadas por fóra, de que pendiaõ murroens com as pontas aceſas; & arrojandoas entre os inimigos, abrazavaõ a muitos, & com eſte facil engenho ajudàraõ os noſſos a victoria.

Desejava o Capitaõ mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz, & cardiloso nos encubria seus desenhos com estranho recato; alem de que do forte do màr havia tido aviso, que as mais das noites chegavaõ alguns Mouros atè a ponte da fortaleza, onde paravaõ, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, a hora, & a continuaçaõ mostravaõ naõ ser a diligencia a caso; pelo que Dom Joaõ Mascarenhas encomendou a Martim Botelho, soldado de cõfiança, que cõ dez companheiros se fosse hũa noite lançar na ponte, & que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hum d'estes Mouros. Foy lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bombardeiras da Couraça no quarto da moderna, levando só espadas, & rodelas; & chegando ao lugar determinado, se baqueàraõ em terra para naõ ser vistos dos Mouros, & a pouco espaço applicando o ouvido sentiraõ gente, que vinha a demandar a ponte, & levantados acometèraõ subitamente os Mouros, que eraõ dezoito, que como se viràõ de improviso assaltados, voltàraõ as costas aos primeiros golpes, ficando só

hum Nobi no campo, que se defendia com huma lança mui valerosamente; porèm Martim Botelho, vendo que era mais importante prendelo, que matalo, lhe desviou hum bóte de lança cõ a espada, & arcando cõ elle, o trouxe apertado nos braços atè a fortaleza, onde foy recebido com a honra, que merecia o feito.

Tomaõ os nossos huma lingua.

D'este prisioneiro soube o Capitaõ mór os intentos do inimigo, servindose do aviso para se vigiar de algũs ardís, que máquinavaõ os Turcos. Mais lhe disse, que faltavaõ do exercito cinco mil homẽs mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome; & que os soldados de melhor voto, desconfiavaõ da empresa, entendẽdo seriamos soccorridos com a primeira vaga, que o màr fizesse; porèm que Rumecaõ com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empenhado na honra, & na palavra, que havia dado ao Soltaõ. E assi aconselhado de hum engenheiro Turco de Dalmàcia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomè, onde estava Dom Fernãdo com Diogo de Reynoso, & outros Capitaẽs & Cavalleiros; o que se fez com estranho silencio, sem que

Que novas deu do inimigo.

Mina-se o baluarte Sam Thomè.

os noſſos pudeſſem raſtrear o intento, quiçá por lhes parecer, que os inſtrumentos de fogo nam eraõ taõ praticados na Aſia, como na noſſa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito eraõ os Turcos, parece que aſſi trouxeraõ o valor, como a diſciplina.

Em quanto ſe trabalhava na mina, mãdava Rumecaõ picar o muro por differentes partes, para que os noſſos attentos ao perigo publico, naõ deſſem no ſecreto; & por nos divertir a attençaõ com outra induſtria, mandou fabricar algũs cavallos de madeira, & poſtos naquella parte, que olhava o baluarte S. Thomè, dava huns longes de o tomar por eſcala, & determinando dar o aſſalto aos dez de Agoſto, aos nove mandou recolher a artelharia, que tinha nas eſtancias; & porque d'eſta novidade lhe podiamos raſtrear o intento, tratou de nos aſſegurar com outro novo engenho. Mãdou na meſma noite hum Abexim à fortaleza, induſtriado de hum ſotil engano; o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroſo recato, brãdou pela vigia, dizendo, que o recolheſſem dentro, porque queria tratar com o Capitaõ couſas de grande

Trata Rumecão divertirnos.

peſo. Recolhido, & eſcutado por Dõ Joaõ Maſcarenhas, começou a arengar diſcretamente, execrando a perdiçaõ do eſtado em que ſe achava, pois nacido de pays Chriſtaõs, perjuràra a fé paterna, em que fora creado, como fruto abortivo de Catholicas plantas, & que agora ja com os olhos abertos vinha bater às portas da Igreja, para que os Sacerdotes Latinos encaminhaſſem ao curral de Chriſto taõ perdida ovelha; que eſta era a miſeravel relaçam de tam deſconcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava, que o Soltão tivera aviſo, como o Mogor com poderoſo exercito entrava pelos confins do Reyno, pondolhe tudo a ferro; & que Juzarcaõ, que pouco antes viera ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para ſe unir com Rumecaõ, & juntos fazerem oppoſiçaõ ao inimigo; que com eſta reſoluçam mandàra recolher a artelharia; porèm que eſtiveſſe aviſado para eſperar hum aſſalto geral ao ſeguinte dia, porque queriam os Turcos que aquella guerra acabaſſe com algum eſtampido. Dom Joaõ Maſcarenhas lhe louvou, & confirmou a reſoluçam Catholica, que havia tomado, & no

mais lhe agradeceo o aviſo, tornandoo a lançar pelo muro, para que o fizeſſe ſabedor de qualquer novidade que houveſſe no campo.

Derramouſe pela fortaleza a nova de levantarſe o cerco com a certeza do futuro aſſalto, & os ſoldados alegres veſtiraõ aquelle dia galas, huns feſtejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitam mór achou a gente muy diſpoſta a eſperar o aſſalto, que como na opiniaõ de todos era o ultimo de tam prolixo cerco, cada hum queria deixar de ſuas obras a memoria mais freſca.

D. Fernando doente acode ao baluarte.

Dom Fernando de Caſtro eſtava de cama, curandoſe de febres, & ſabendo do aſſalto que ſe eſperava, ſe levantou, fazendo força o brio à natureza; o que Dom Joaõ Maſcarenhas tratou de lhe impedir, humas vezes como Capitaõ, & outras como amigo; mas como neſta parte a deſobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a ſaude, que contra a opiniaõ, veſtindo armas, & acodindo ao baluarte.

Amanheceo o dia do glorioſo Saõ Lourenço, dedicado com ſua felice batalha a martyrios de fogo. Acudiraõ a ſuas eſtancias Fidalgos, & ſol-

dados, com tanto alvoroço, como ſe ja tiveraõ poſſe do premio, & da victoria. Logo viraõ de longe aballarſe o exercito inimigo cõ ordenada marcha, derramandoſe em torno da fortaleza. Laborava a noſſa artelharia cõ nam pequeno effeito, porque o inimigo, como ſoldado, ſofre a carga ſem deſcompor a ordem com que vinha marchando, atè ganhar o poſto, & arvorar eſcadas para dar o aſſalto. Chegàraõ a acometer os baluartes com reſoluçam grande, querendo cevar os noſſos na peleija, para que a confuſaõ do conflicto ſerviſſe de cuberta ao engano de fogo, que tinhaõ maquinado. Faziaõ os noſſos grandes gentilezas nas armas, como quem ſe apreſſava a deſcanſar na victoria, prometida no termo d'eſte dia.

Finge o inimigo novo aſſalto.

No baluarte Saõ Joaõ ſe reſiſtia à violencia do ferro, ſem temer a do fogo. Peleijavaõ os inimigos tibiamente, atè que lhes chegou o ſinal de ſe dar fogo à mina, retirandoſe a hum meſmo tẽpo todos; porèm o temor igual, & ſubito nos deſcobrio o engano. Brádou logo o Capitaõ mór dizendo, que deixaſſem o baluarte, para que ſem dano rebentaſſe a mina, ja conhecida na improviſa retirada de

inimigo. Obedecèraõ todos às vozes do Capitaõ mór, deixando o posto; porèm Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustentou o lugar, tratando de covardes aos que o desamparavaõ. A estas vozes tornàraõ todos a occupar o posto, nam querendo seguir a razaõ senaõ o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, & aquelles valerosos defensores sustètàraõ mortos o lugar, que defendèram vivos. Aqui acabou Dom Fernando de Castro em idade de dezanove annos, levantado de hũa doença, que a natureza pudèra fazer leve, & o valor fez mortal. Morreo Dom Francisco de Almeyda, continuandose nelle o valor, & as desgraças dos de seu apellido. Aqui ficaraõ tambem sepultados Gil Coutinho, Ruy de Sousa, & Diogo de Reynoso, que pagou com huma vida tantas mortes, de que havia sido gentleroso, mas fatal instrumento. Dom Diogo de Sottomayor, voando com huma lança nas maõs, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesaõ do fogo, nèm da quèda. Alguns cahiraõ no arrayal dos inimigos; quasi sessenta homẽs perecèram nesta desaventura, & treze que escapàraõ com a vida, ou

* Dà fogo à mina.

Pessoas que perecèraõ nella.

ficàraõ feridos, ou disformes do fogo. Eſcrevem outros com dilatada penna os caſos d'eſte incendio. Nós por naõ laſtimar a attençaõ de quem ler eſta Hiſtoria, quizeramos nos ſucceſſos de taõ illuſtre cerco deixar antes em ſilencio eſte infelice dia. Admiràraõſe os noſſos de ver, que foy taõ grande o effeito da polvora opprimida, que as pedras da fortaleza, arrebatadas do violento impulſo, matàraõ muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais à vontade da natureza, que ao regulado limite do inventor da mina.

Paſſado algum eſpaço, logo que o fumo deſaſſombrou a fortaleza, mandou Rumecaõ entrar quinhentos Turcos pelas ruínas do baluarte abrazado, ſeguindoos de tropel o reſtante do campo; porèm achàram cinco valeroſos ſoldados, que lhes fizeraõ roſto, ſuſtentando largo eſpaço o peſo de tam nova batalha. Verdade tam eſtranha, que neceſſita de tanto valor para ſe eſcrever, como para ſe obrar; porèm calificada entaõ na confiſſaõ dos proprios inimigos, & agora nas cãs de tantos annos. Acodio logo àquella parte Dom Joaõ Maſcarenhas com quinze companheiros, & vio dous eſpectaculos; hum que merecia

Valor notavel de cinco ſoldados noſſos.

laſtima, outro eſpanto; & ſoccorrendo aos cinco ſoldados, fizeraõ todos taõ dura reſiſtencia ao inimigo, que baſtàram a retardar a furia de hum exercito ja quaſi victorioſo; caſo que referido ſò com a verdade nùa, excede tudo o que eſcrevèraõ, ou fabulàram os Gregos, & Romanos.

Correo voz pela fortaleza, que os Turcos eſtavaõ ja ſenhores do baluarte abrazado, com o que alguns ſoldados, que nas outras eſtancias peleijavaõ, corrèram àquella parte, como de mór perigo, & quiçá que eſte falſo rumor ſalvaſſe a fortaleza, porque formàraõ hum groſſo, que baſtou a fazer roſto a treze mil infantes, que tantos contaõ noſſas Hiſtorias, que comettèraõ o baluarte da mina. As mulheres, como enſinadas a deſpreſar as vidas, acodìraõ a miniſtrar lanças, peloutos, & panelas de polvora; & aquella valeroſa Iſabel Fernandez com huma chuça nas maõs, ajudava aos ſoldados com as obras, muito màis com o exemplo, & com as palavras, dizendo em altas vozes: Peleijai por voſſo Deos, peleijai por voſſo Rey, Cavalleiros de Chriſto, porque elle eſtá com voſco. Os inimigos, como o ſucceſſo da mina lhes havia aberto pa-

Eſforço de Iſabel Fernández, & mais mulheres.

ra a victoria huma tam larga porta, determinárão este dia concluir a empreza, incitados do General, & da occasião, pelejando ja como favorecidos; os que cõbatiaõ no baluarte, pela ambiçaõ de ser primeiros em façaõ tam illustre, se portavaõ com mais ardor, que os outros; & como eraõ Jenizaros, & Turcos queriaõ só para si a gloria d'este dia. Rumecaõ mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversaõ, em poder taõ pequeno, facilitar a entrada.

Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, & descansados; os nossos, sobre tam poucos, vencidos do trabalho de resistencia tam desproporcionada. Aqui acodio o Vigario Joaõ Coelho com hum Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa defendião, era o Autor das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, & fortes companheiros, parecia que obravaõ com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, & espirito com que a começáraõ.

O Vigario anima os soldados.

Ja declinava o dia, & os Turcos com os nossos mortalmente abrazados,

por humas meſmas feridas vertiaõ ſãgue proprio, & alheyo; & como hum exercito inteiro cargava ſobre tam poucos defenſores, chegàrao os noſſos ſoldados á receber muitas lançadas em huma ſó ferida. Parecerá exageraçam o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portugueſes obràraõ neſte dia, o Oriente os diga; eu cuido, que da illuſtre Diu, lhes ſerá cada pedra hum epitafio mudo. Porèm dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, nam deixaremos com ingrata penna os nomes em ſilencio. Eſtes foraõ Sebaſtiaõ de Sá; Antonio Peçanha, Bento Barboſa, Bertholameu Correa, Meſtre Joaõ Cirurgiaõ de nome. Com a peleija ſe acabou o dia; mandou Rumecaõ tocar a recolher depois de haver perdido neſte aſſalto ſetecentos ſoldados, & ſem conta os feridos, de que morrèraõ muitos mal aſſiſtidos na cura, porque pela multidaõ canſavaõ os meſtres, & faltavaõ os remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defendèram o baluarte, morreo ſó Meſtre Joaõ deſpedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, ſem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retiràram como peſſoa tam impor-

Nomes dos cinco ſoldados.

Retiraſe Rumecaõ.

tante pela artè, pelo valor naõ menos. Iſabel Madeira ſua mulher acodio a atarlhe as feridas mortaes, & depois de o enterrar por ſuas maõs com poucas lagrimas, & grande ſentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor eſtranho, ou raras vezes viſto ainda no varaõ mais conſtante.

Particular valor de Iſabel Madeira.

Logo que ſe retirou o inimigo, mandou Dom Joaõ Maſcarenhas enterrar os mortos, que eſtavam nas ruinas do baluarte, ſendo levados de hum ſepulchro a outro. Foraõ enterrados juntos pela eſtreiteza do lugar, & do tempo; faltando funebres honras, & piedoſas lagrimas a tam honradas cinzas; porèm dormem com ſaudade mayor da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabaſtro deixaraõ de huma vida ſem nome ociosa memoria. A Dom Fernando de Caſtro depoſitàraõ em ſeparado enterro, por ſe o Governador ſeu pay quizeſſe tresladarlhe os oſſos a lugar differente; lavrarlhehia tumulo mais ſoberbo, porèm naõ mais illuſtre. Depois que o Capitaõ mór cobrio aos companheiros de piedoſa terra acodio a reparar o eſtrago, que deixàra o aſſalto nas paredes; a que

ajudàraõ as mulheres companheiras do trabalho, & perigo, ſem reſervar tempo, & lugar para a dor, & lagrimas dos filhos, & maridos, que vìraõ eſpirar com ſeus olhos, & ellas meſmas haviaõ ſepultado, encobrindo o ſentimento natural com nunca viſto exemplo.

Determinaçam do Capitão mòr.

Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do ſangue, & do incendio, chamou o Capitaõ mór a conſelho os poucos companheiros, que ſobrevivèraõ ao eſtrago, repreſentandolhes o miſeravel eſtado em que ſe achavaõ; a mayor parte dos defenſores mortos; os que ficavaõ enfermos, & feridos; deſtroçadas as armas; corrupto o mantimento; as muniçoẽs gaſtadas; a fortaleza póſta por terra; os màres com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados; o inimigo vigilante, & ſoccorrido por horas, com a noticia de todas eſtas faltas; o que conſiderado pedia a todos, que nam ſe lembrando das vidas, o aconſelhaſſem, como melhor poderiaõ ſalvar a honra de ſeu Rey, & as ſuas; que entendeſſem, que eſtavaõ como eſpectaculo do mundo, & tinhaõ ſobre ſi olhos do Oriente todo, expoſtos a merecer a mayor fama, ou a mayor in-

famia; que se não podiaõ alcançar a victoria, podiaõ privar della aos inimigos, pois estava nas maõs de todos o poder acabar glorioſamente, ganhãdo mayor honra deſtroçados, que os Mouros victorioſos; que os havia chamado para lhes communicar a reſoluçaõ em que estava, eſperando, que todos a approvaſſem; a qual era, que em ſe gaſtando eſſe pouco mantimento, & muniçoẽs, que havia, queimar a roupa, cravar a artelharia, & ſair com as eſpadas nas maõs a buſcar o inimigo, para que naõ pudeſſe chamar victoria aquella, em que naõ acharia cativos, nem deſpojos. Ouvido Dom Joaõ Maſcarenhas, naõ houve ſoldado a quem naõ pareceſſe que tardava o effeito de reſoluçaõ tã valeroſa. Diga Roma, ſe acha nos ſeus Annaes eſcrita huma acçaõ taõ illuſtre dos ſeus Fabios, Scipioens, ou Marcellos.

Em quanto eſtas couſas paſſavaõ, andava Dom Alvaro de Caſtro com as tormentas do inverno a braços; porque ſendo vinte & quatro de Junho, tempo em que ſe naõ deixaõ navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, & deſprezando o da armada, forçava o remo navegan- Viagem de Dom Alvaro de Caſtro.

do por debaixo das ondas. Era o vento traveſſaõ, & os màres andavaõ taõ cruzados, & ſoberbos, que comiaõ os navios; huns abertos com a força do vento, outros ſem maſtos, & deſenxarceados andavaõ ſem governo à vontade das ondas, & ſe hiaõ alagando por hum, & outro bordo, ſem nenhum obedecer ao leme. Dom Alvaro obſtinado em ſoccorrer a Diu, andava a huma, & outra parte errando, vendoſe por momentos ſoçobrado; atè que com o trabalhar do navio, lhe ſaltou o leme fóra, com o que impaciente arribou a Baçaim deſtroçado com alguns navios de ſua conſerva; outros tomàraõ differentes pòrtos, & enſeadas. Aqui achou Dom Alvaro a Dom Franciſco de Menezes arribado com a meſma fortuna, depois de haver huma, & outra vez tentado o golfaõ, que achou com tal braveza, que alijou ao màr as muniçoẽs, & mantimentos que levava, por ſalvar o caſco.

Arriba a Baçaim.

Chega Antonio Moniz a Baçaim.

Neſte tempo chegou Antonio Moniz Barreto com o caravelaõ das muniçoens; & como era tam geral a tormenta, eſteve muitas vezes perdido, & ſurgindo o entregou a Dom Alvaro com animo de paſſar a Diu, a deſpei-

to dos mares, em qualquer embarcaçaõ que achaſſe, como ſaboreado de hum perigo para entrar em outro. Eſte dia, creſcendo o tempo, começou a caſſear o caravelaõ, & trincou duas amarras; & como era baixel tam importante, por trazer as muniçoẽs do ſoccorro, tentou Dom Alvaro acodirlhe; & por mais que trabalharaõ os marinheiros, não puderaõ chegarlhe com a força do tempo. Porèm Antonio Moniz Barreto, metendoſe em huma Galveta, que acaſo achou na praya, os de terra o viraõ mil vezes ſoçobrado; mas como era embarcaçaõ tam leve, & não fazia reſiſtencia aos mares, ſobre elles vagamente ſe ſoſtinha. Em fim chegou, deu cabo ao caravelaõ, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razaõ, trouxe atoado. E fazendo diſcurſo, que ſo aquella embarcaçaõ, por leve, & pequena, poderia penetrar mares tão groſſos, na qual faria menos impreſſaõ o choque & embate das ondas, a comprou a hum mercador ſecretamente, & com alguns marinheiros pagos a ſua vontade, ſe veyo embarcar nella. Eſtava acaſo na praya Garcia Rodriguez de Tavora, & vendo a reſoluçaõ de Antonio Moniz,

Salva o caravelão dos mantimẽtos.

Partem dous Fidalgos para Diu.

lhe pedio o levaſſe conſigo; eſcuſouſe o Moníz dizendo, que lhe não convinha acompanharſe de homem tam grande, que lhe fizeſſe ſombra, porque queria ſó para ſi eſte perigo, ſem que na ſua embarcaçaõ pareceſſe ſegundo. Garcia Rodriguez lhe affirmou, que em toda a parte confeſſaria, que elle era o que o levava, & que diſto lhe paſſaria eſcritos. Com tanto eſcrupulo ſe tratavaõ naquelle tempo os pontos da opiniaõ. Satisfeito Antonio Moníz d'eſte comedimento, deu lugar a Garcia Rodriguez; & vendoos fazerſe ao màr Miguel de Arnide, hum ſoldado de corpo agigantado, & mayor ainda no brio, que na eſtatura, bradandolhes de terra, lhes diſſe: Como, ſenhores, ſem mim paſſais a Diu? Não cabeis cá (lhe reſpondeo hum delles.) Mas o valeroſo ſoldado, lançandoſe ao màr veſtido, com huma eſpingarda na boca, hia nadando demandar a Galveta. E vendo Antonio Moníz tam grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo, que levava hũ bom ſoccorro a Diu, em tam bom companheiro.

Miguel de Arnide os acompanha.

Foraõ aquelles Fidalgos navegando com tempos tam rijos, que andàram todo aquelle dia, & noite

Perigos da viagem.

à miſericordia dos ventos, obedecendo a Galveta aos màres ſem carreira, ou governo. Humas vezes a faziaõ ſurdir as ondas, outras perder o que tinhaõ canjado. Foraõ correndo com huma moneta ao pè do maſto à diſcriçam dos màres, que a alagavaõ por hum & outro bordo, os quaes apenas podiaõ vencer com baldes. Neſta fadiga, & riſco paſſaraõ a noite toda rendidos do continuo trabalho, ſem que com a eſcuridaõ d'ella, & cerraçaõ do tempo, pudeſſem conhecer a paragem em que eſtavaõ. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, & elles continuando com a luta das ondas, até que ſobre a tarde houveraõ viſta da fortaleza; porèm tam arraſada, que apenas ſe dava a conhecer pelas ruínas. Chegàraõ em fim a dar fundo, ſem que foſſem ſentidos das vigias; argumento de ſer a fortaleza perdida. Brádou Antonio Moníz alto, & ſendo ouvido dos de dentro, foraõ correndo dar aviſo ao Capitaõ mór. Aqui ſe conta, que perguntando as vigias, quem eraõ? Reſpondèra hum ſoldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; o que Antonio Moníz ſofrendo mal, diſſe: que elle era o que allí vinha; & pudèra a deſcon-

Chegaõ a Diu.

Deſconfiança brioſa deſtes dous Fidalgos.

fiança chegar a mayor rotura, ſe Garcia Rodriguez cortès, & comedido, nam temperàra o animo de Antonio Moníz juſtamente ſentido; ſe bem o tempo, & o motivo pudèram fazer deſprezar queixa tam leve. Chegou Dom Joaõ Maſcarenhas, & levandoos nos braços, lhes diſſe, quanto eſtimava taõ opportuno ſoccorro. Perguntou a Antonio Moníz, onde ſe achava Dom Alvaro de Caſtro, o qual lhe reſpondeo em voz alta, que os ſoldados ouvíraõ: Aqui, ſenhor, em Madrefabat o tendes com ſeſſenta navios, & com a primeira vaga do tempo lhes vereis as bandeiras. E em ſecreto lhe diſſe, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tẽtar o golfo muitas vezes, mas tam impaciente na tardança, que nam eſperaria tempo para vir ſoccorrelo. Eſta nova foy feſtejada de maneira, que os ſoldados com danças, & folías, eſqueciaõ os trabalhos paſſados, na eſperança do ſoccorro vezinho; & os que haviaõ militado com Dom Alvaro, com a experiencia de ſeu brio, certificavaõ a vinda à deſpeito dos mares & dos ventos.

Daõ novas de Dom Alvaro.

Dom Joaõ Maſcarenhas agaſalhou os hoſpedes no baluarte Saõ Joaõ, &

S. Thomè, que eraõ os mais aruinados, dandolhes eſtes mimos da guerra, como a benemeritos dos mayores perigos. Naõ era neſte tempo menor o riſco, mas ja menos temido. Mandou Antonio Moniz a embarcaçaõ em que viera, a ſeu primo Luis de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Paſſáraõ nella alguns ſoldados eſtropeados com cartas do Capitaõ mór a Dom Alvaro de Caſtro, em que lhe dava conta de todo o ſuccedido, referindolhe em ſumma as neceſſidades que temos relatado. Chegou a Galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a viraõ, pelas novas de eſtar ainda por el Rey a fortaleza, ſe bem miſturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foy muy ſentida a de Dom Fernando de Caſtro, que em tam verdes annos deixou de ſi tam hõrada memoria. Dom Alvaro a recebeo com a conſtancia de ſoldado, tomando por alivio acharſe com a eſpada na maõ para vingala. E logo aquella meſma tarde mandou ſahir a armada com ordem, que todos puzeſſem a proa em Diu, & que nenhum navio aguardaſſe por outro.

Aviſa o Capitaõ mór a Dom Alvaro.

O qual ſahe de Baçaim.

Entretanto Rumecáõ vendo, que obravaõ mais as minas, que os aſſal-

Continua Rumecão as minas.

tos, ſabendo de alguns eſcravos, que da fortaleza haviaõ fogido, da fome & do perigo, o ſentimẽto com que os noſſos eſtavaõ pela falta de tantas peſſoas illuſtres, que acabáraõ na mina, & a eſtreiteza com que ſe repartiaõ as muniçoens & mantimentos, reſolveo continuar as minas, que ſe obravaõ com menos riſco, & com mayor effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Sanctiago, & o lanço de muro que para elle corria, tudo por eſtradas torcidas & encubertas, para nos eſconder o deſenho, & aſſegurar os ſeus trabalhadores. Dom Joaõ Maſcarẽnhas cauto, & prevenido, arguindo d'aquella breve pauſa que faziaõ as armas do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendoſe do baluarte de Antonio Peçanha, mãdoulhe fazer algũs repairos, & abrir eſcutas, por onde conheceo, que por aquella parte ſe picava o muro; o qual o inimigo achou tam forte, que o não podia rõper o picaõ; difficuldade que vẽceo cõ vinagre, & fogo. Donde ſe vè que a eſtes inimigos da Aſia naõ faltava valor, nem diſciplina, como erradamente eſcrevem, os que em abatimento de noſſas victorias, imaginãraõ os Mouros Orientaes barbaros, &

Os noſſos acodem ao reparo della.

biſonhos. Com eſte artificio começou a arruinar o muro; & logo entre o baluarte Sam Thomè, & o Cubello, ordenou Rumecaõ, que ſe lavraſſe a mina; a qual ſendo conhecida dos noſſos, lhe fizeraõ contramina, & alevantàraõ por dentro huma parede forte; & como eſtavaõ faltos de materiaes, & gente, acodìraõ aquellas honradas matronas ao ſerviço de tam peſada obra em beneficio dos feridos, & enfermos, que naõ podiaõ ſuprir eſte trabalho, nem taõ pouco eſcuſalo.

Logo que Rumecaõ teve poſta em perfeição a mina, determinou à ſombra d'ella dar hum geral aſſalto, & chamando a ſi os Cabos do exercito, & os que eſtavaõ eſcolhidos para eſcalar o muro, eſcrevem, que lhes fez eſta falla: » Aquellas ruínas, que » eſtais vendo, tintas no ſangue de » noſſos companheiros, haõ de ſer » hoje noſſo ſepulchro, ou noſſo alo- » jamento. Cem ſoldados ſaõ os que » guardaõ aquellas eſtragadas mura- » lhas, aos quaes a fome & as feri- » das tem tirado as forças deſorte, » que ſó peleijamos com as ſombras » dos que ja foraõ homẽs, offerecendo » os miſeraveis aos noſſos alfanges » vidas ſem ſangue. A honra, que

Anima Rumecaõ os ſeus para outro aſſalto.

» neſte cerco tem ganhado com valor
» infelice, ha de ſer toda noſſa, por-
» que do fim da guerra tomaõ nome
» as empreſas; que o mundo julga
» ſempre o valor da parte da ultima
» fortuna. Acabemos de ganhar aquel-
» la fortaleza, ſubamos a eſte monte
» de triumphos, vingaremos infini-
» tas injurias com huma ſó victoria.
» Livremos eſta eſcrava da Aſia das
» priſoẽs do tributo; livremos noſſos
» mãres, que debaixo de ſuas armadas
» violẽtados gemem. Com eſte ultimo
» aſſalto poremos fim a tã illuſtre em-
» preſa, & ſe acordará o Oriente ida-
» des largas com alegre memoria de
» tam fermoſo dia.

Cometem o baluarte Sãctiago.

Acabada a pratica, fallou, & animou aos particulares com razoens accommodadas ao tempo, & às peſſoas, ſinalando premios aos primeiros que ſubiſſem ao muro, como pudèra o mais ſabio, & pratico Capitaõ da Europa. No meſmo dia, que foy o de dezaſeis de Agoſto, ſahio o inimigo com todo o poder, de ſeus álojamentos, & repartindoſe ordenadamente pelos baluartes, deixou o mayor groſſo do exercito, para acometer o de Sanctiago, por onde eſperavaõ abrir a porta à victoria; ao qual ſe arroja-

raõ tumultuariamente, dando eſpantoſas vozes, & tirando ſobre elles grande copia de armas de arremeſſo para chamarem à defenſa a mayor força dos noſſos. Ateouſe por eſta parte com mayor calor a briga, atè que na força do conflicto, fingindo o inimigo, que cedia à noſſa reſiſtencia, ſe retirou ſubitamente, como a final certo. Os noſſos, que eſtavaõ ſobre aviſo, conhecendo o engano no temor ſimulado, com que ſe retrahiaõ, ſe apartàraõ tambem do baluarte, eſperando que rebentaſſe a mina. Deraõlhe os Mouros fogo, o qual achando reſiſtencia nos repuxos, & eſcarpas do muro, que lhe contrapuzeraõ, rebentou pela face de fóra retrocedendo; & voando a cortina do muro, a lançou ſobre os Mouros com taõ grande violencia, que matou mais de trezentos, & muitos mais ficàraõ eſtropeados.

Rebenta a mina com dano dos inimigos.

Ficou a fortaleza eſpaço grande eſcondida em nuvens de pó, & fumo, ſem que de huma, & outra parte ſe conheceſſe o dano; mas logo que ſe começàraõ a adelgaçar os àres, acodio o inimigo em tropas a ſubir pelos eſtragos, & ruìnas do fogo, com tanta certeza de victoria, que huns aos ou-

tros faziaõ impedimento, eſtimulados da cobiça do premio, ou da ambiçaõ da honra. Porèm os noſſos os recebèraõ nas lanças, fazendoos voltar em pedaços ſobre os opprimidos da mina. Tras eſtes acometèraõ outros, que depois de peleijarem grande eſpaço, foraõ tambem derribados dos noſſos; aos quaes deſatinavaõ muitas ſettas, chuços, & alcanzias de fogo, que tiravaõ do campo, com que nos encravavaõ algũa gente, & impediaõ a defenſa aos ſoldados attentos a hum & outro perigo; porèm aſſi abrazados, & feridos, naõ houve algum que largaſſe o lugar que ſoſtinha, onde fizeraõ tam heroicos feitos, como ſe deixaõ ver no ſucceſſo, & na deſigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançavaõ no baluarte, era tanto, que os noſſos peleijavaõ em hum incendio vivo; a que o Capitaõ mór occorreo mandando trazer tinas de agua, onde mitigavaõ, ou extinguiaõ os veſtidos, & corpos abrazados. Como a eſta parte ſe inclinou mais o poder do inimigo, tambem aqui lhe fez oppoſiçaõ mayor a força dos noſſos, com que ſe acendeo a peleija mais viva, ſoccorrida dos Mouros por momentos com gente de refreſco, & aſſiſtida com a preſença,

& voz do General, que os esforçava.

Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tavora, deraõ aqui de seu valor huma illustre prova, sostendo o peso dos inimigos com constancia nam vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da honra d'este dia coube àquellas nunca assaz louvadas matronas, naõ só companheiras no trabalho; mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandez cõ hũa chuça nas maõs, animava aos soldados com palavras, & melhor com o exemplo; & as demais entre as settas, as lanças, & pelouros, ou mostravaõ seu esforço, ou serviaõ ao alheyo.

Continuaõ as mulheres seu valor.

Nos outros baluartes nam estavaõ as armas ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversaõ facilitar a entrada pelo de Sanctiago onde havia rebentado a mina. Ordenou tãbem Rumecaõ, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrazada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porèm os nossos deraõ tam grande pressa aos inimigos, que chegavaõ ja froxos, & tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

Mandou Rumecaõ tocar a recolher

Retiraõse os inimigos com perda.

impaciente, deixando sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra, que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado, se assinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito; & como a taõ crecida creatura acompanhavaõ forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecaõ, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso, & do valor dos Portugueses fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiençaas d'este dia, dizia, que eraõ dignos de que os servissem as gentes; & que a fortuna do mundo estava, em serem elles tam poucos, porque a natureza, como a leoens, os tinha feito raros, encerrãdoos nas covas do ultimo Occidẽte.

Mojatecaõ louva o valor dos nossos

Este dia perdemos sete soldados, & ficàraõ vinte & dous abrazados; & ja os saõs eraõ tam poucos, que naõ bastavam a curar os feridos, & menos a repairar as ruinas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, & gente; mas comõ Rumecaõ achava nos assaltos tam dura resistencia, fazia de nossas forças differente concei-

to. Neſte tempo fugiraõ para o inimigo tres eſcravos noſſos, os quaes levados a Rumecaõ, lhe affirmaraõ, que na fortaleza naõ havia ſeſſenta ſoldados, que pudeſſem tomar armas, & eſtes muito debilitados com a fome & continuo trabalho das obras, & vigias, nos quaes não acharia mais que obſtinaçaõ ſem forças. Com a certeza d'eſte aviſo, reſolveo Rumecaõ aſſaltarnos com todo o poder para o ſeguinte dia, declarando aos ſeus o eſtado em que nos achavamos, & mandando, que todos o ouviſſem da boca dos eſcravos; os quaes diſcorrendo pelo exercito, eſpalhavaõ alegres a relaçaõ de noſſas miſerias.

Aviſado Rumecaõ de tres eſcravos fugidos.

Logo que amanheceo, ſe ordenou o exercito para dar o aſſalto, no qual como o ultimo da guerra, ſe quizeraõ achar todos, & alguns veſtiraõ galas, crendo, que hiaõ mais a triumpho, que a peleija. Sahiraõ de ſeus alojamentos, com todas as inſignias arvoradas, tocando diverſos inſtrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulavaõ eccos barbaros, & medonhos; & como traziaõ vencido o medo com as noticias, que temos referido, de longe ſe avançaraõ ao baluarte S. Thomè, que por

Dà outro aſſalto.

eſtar quaſi todo arraſado, as ruinas lhes ſerviaõ de eſcadas. Era de Turcos eſta primeira tropa, que arremetèraõ confiados, como a dar a victoria; porèm os noſſos quebrando entre elles algũas panelas de polvora, os fizeraõ retirar abrazados. Com a meſma furia chegàraõ outros, que depois de peleijarem algum eſpaço, voltaraõ tambem como os primeiros, ſangrados do noſſo ferro. Mas Rumecaõ, crendo, que tãp continua reſiſtencia nos teria conſumidos, como o ferro, que cortando ſe gaſta, ajuizando noſſa fraqueza do ſeu meſmo eſtrago, bràdou aos ſeus, que ſubiſſem a tomar poſſe da fortaleza, que ja não havia quem ſe lhes opuzeſſe. Aqui arremeteo tumultuariamente hum graõ troço de Mouros esforçados, ou credulos às vozes do General. Eſtes com o primeiro alento cavalgàraõ o muro, & começàraõ a peleijar com os noſſos braço a braço, muitos, & deſcanſados contra poucos ja laſſos, & feridos; porèm tirando forças do brio, & neceſſidade, ſe moſtràraõ tão valentes aos ultimos, como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahiaõ, & ſuccediaõ outros, com que eſteve a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui

Valeroſa reſiſtencia dos noſſos.

acodio Dom Joaõ Maſcarenhas animando os ſeus, como graõ Capitaõ, peleijando como o melhor ſoldado, & próvido a todas as occurrencias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de que ſe ajudavaõ os noſſos, miniſtradas por aquellas valeroſas mulheres. Luis de Souſa, Capitaõ d'aquelle baluarte, fez grandes gentilezas nas armas eſte dia. Antonio Moníz Barreto, Garcia Rodriguez deTavora, Dom Pedro, & Dom Frãciſco de Almeyda, fizeraõ obras dignas de mayor eſcritura; & todos os mais Cavalleiros, & ſoldados, que aqui ſe achàraõ, alcançàraõ bem merecida fama.

Mandou Rumecaõ acometer o baluarte S. Joaõ, crendo pela informaçaõ dos eſcravos, que achaſſe a entrada franca; mas obràraõ tanto os poucos defenſores que tinha, que obrigàraõ a retirar o inimigo com perda, & com vergonha. Rumecaõ aſſombrado do que via, affirmava, que eramos inſtrumentos da indignaçaõ do Ceo contra Cambaya, & ſegunda vez tratou de applacar Mafoma com algũas expiaçoens barbaras, & ridiculas; & porque nos aſſaltos perdia muita gente ſem fruto, & os ſoldados ja timi-

Acomete Rumecaõ o baluarte S. Joaõ, & retira-ſe.

dos desprezavaõ a obediencia com o horror de tam quotidiano estrago, tornou a tentar as minas, como artificio, ou mais efficaz, ou mais seguro. E primeiro mandou abrir muitas sétteiras na parede, que dividia o exercito da nossa fortaleza, por onde recebiaõ os nossos muito dano, porque peleijavaõ como em campo raso, sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começàraõ a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

Intenta arrombar a cisterna.

Ordenou que com hum Quartao se batesse a cisterna, a qual, se chegàra a arrombarse, nos perderiamos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está à entrada de huma rua, que chamamos a Cova, que foy a cava antigua dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahiaõ muitos pelouros com dano dos miseraveis, que alli se abrigavaõ, & perigo da abobeda que cobria a cisterna. A este perigo occorreo o Capitaõ mór, ordenando huma trãqueira alta de vigas, & entulho, com que remediou hum, & outro dano, furando as casas pela parte de dentro, com que de humas a outras se dava serventia segura.

Entretanto trabalhavaõ os Mouros

na mina, que hia demandar o baluarte Sanctiago; o que entendido dos noſſos, ordenàraõ por dentro repuxos fortes, & abrìraõ alguns vãos por onde ſe vazaſſe o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal reſiſtencia nas eſcarpas, que deu com parte do baluarte para a banda de fóra, matando quantidade de ſoldados, & mineiros, que aſſiſtiaõ na obra, ſem que dos noſſos perigaſſe algum, ficando inteira a cortina do muro; ſeria caſo, mas tão raro, que pareceo milagre. Em rebentando a mina, ſubíraõ de tropel os Mouros pelas ruínas do baluarte, donde ſe lhe oppuzeraõ os noſſos, deſvelados das continuas vigias, debilitados das fomes, & feridas, ſuſtentados mais na grandeza do eſpirito, que em forças naturaes; mas ainda aſſi os animou a honra, & o perigo, de ſorte, que pareciaõ peleijar com forças deſcanſadas, & inteiras, detendo a furioſa corrente do inimigo à cuſta d'elle meſmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, & a deſigualdade do numero fazia o perigo mayor. O ruído das armas, a confuſaõ das vozes, impediaõ mandar, & obedecer. Caíraõ muitos Mouros, mas pela diligencia dos Ca-

Rebenta outra mina com dano dos inimigos.

Perigo grande dos noſſos.

bos, lhes ſuccediaõ outros, com o que não deixavaõ reſpirar os noſſos, acometidos de longe com armas de arremeſſo, & de perto peleijando braço a braço. Aſſi aturàraõ muitas horas eſta dura contenda. Tiveraõ os inimigos lugar de arvorar tres bandeiras no baluarte, defendidas de boa copia de eſpingardeiros. D'eſte lugar foraõ decendo ao muro atè a Igreja do Apoſtolo Sanctiago, que ficava encoſtada ao meſmo baluarte, metendoſe nos altos da caſa; com o que ficou o baluarte, & a Igreja, ametade ſuſtentado dos Mouros, & a outra dos noſſos.

Arvora o inimigo tres bandeiras no baluarte Sáctiago.

Sobreveyo a noite, pondo termo à diſcordia, não a paz, ſenaõ a natureza; & ainda aſſi com golpes vagos, & incertos continuàraõ huma cega batalha. Ordenou logo o Capitaõ mór huma fraca trincheira, que mais nos dividia, que amparava do inimigo; a qual ſe obrou com as armas nas maõs, quaſi furtiva, ficando por alojamento dos ſoldados o lugar da batalha; onde, nem ſobre as armas, podiaõ ter ſeguros hum pequeno repouſo, porque nem para curar as feridas tinhaõ tempo, ou lugar opportuno. Naõ deſcanſava o Capitaõ

Cuidado do Capitaõ mór nos reparos.

mór com as armas, & menos com o eſpirito. Mandou aquella noite aſſeſtar hum Camelo à porta da Igreja, que ficava a Cavalleiro do baluarte, & com elle varejava os Mouros, que recebiaõ muito dano, em quanto cõſervavaõ a poſſe do que tinhaõ ganhado, atè que ſe cubrîraõ com huma trincheira groſſa, que os aſſegurava.

Naõ ſe paſſava menos perigo no màr, do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a Galveta de Antonio Moníz, ao outro dia, que ſe contavaõ quatorze de Agoſto, ſe embarcou nella Luis de Mello de Mẽdoça com quinze companheiros, & apos elle em hum Catùr Dom Jorge, & Dom Duarte de Menezes com dezaſete ſoldados; & Dom Antonio de Attayde, & Franciſco Guilherme cada hum em ſeu navio com quinze ſoldados. Luis de Mello ſe foy logo engolfando, ſordindo pouco, porque levava o vento pelo olho, & quanto mais ſe afaſtava da terra, via os màres mais groſſos; & como a Galveta era pequena, & eſtroncada, & as ondas tam ſoberbas, que rebentavaõ em flor, quebrandoſe cruzadas com a força do temporal, começou a entrarlhe a agua por hum, & outro bordo, que os ma-

Sahe de Baçaim Luis de Mello.

Perigos que tem na viagem.

nheiros deſpejavam com baldes, vendoſe por momentos ſoçobrados, com que ja areados, & tímidos, grumetes, & ſoldados requeriaõ a Luis de Mello, que arribaſſe, dizendo, que ſabiaõ peleijar com homẽs, & naõ com os elementos; que ja naõ era valor, ſenaõ porfia, perderem-ſe ſem fruto; que contra a indignaçaõ de Deos naõ valia esforço. Porèm Luis de Mello os aplacou, dizendo, que naquella Galveta, & com a meſma tormenta paſſára Antonio Moniz; que naõ levava melhores companheiros que elle, nem lhe tinhaõ mais corteſia os màres; que ninguem acabàra couſas grandes ſem perigo; & que quando ſeus companheiros, & amigos eſtavaõ às lançadas com os Turcos, nam haviaõ de eſperar os màres leite, & os ventos galernos para ir a ſoccorrellos; que quando as ondas lhe comeſſem o navio, ſobre a eſpada havia de chegar a Diu; que trabalhaſſem, que Deos os havia de ajudar.

O temor, ou o pejo d'eſtas palavras, fez por entaõ aquietar a todos; aſſi foraõ aquellà tarde, & noite lutando com a tormenta, eſperando que cada onda os ſoçobraſſe, & naõ podendo ja as forças com o trabalho,

vendo crecer o temporal por inſtantes, ſe conjuràraõ os marinheiros, & ſoldados a obrigar a Luis de Mello por força, que arribaſſe; do que ſendo aviſado por hum Gomez de Quadros, ſoldado de ſua obrigaçam, tomou as armas todas, & recolhidas no payol, ſe poz em ſima com a eſpada na maõ, dizendo, que quem lhe fallaſſe em arribar, às eſtocadas lhe havia de dar a repoſta; que a vida de nenhum d'elles era de mayor preço que a ſua, para ſe naõ quererem perder, onde elle ſe perdia; que puzeſſem os olhos em Diu, porque nem a honra, nem a ſalvaçaõ tinhaõ ja outro porto. Vendo os ſoldados eſta reſoluçaõ, & os marinheiros mais temeroſos do Capitaõ, que da tormenta, ſeguíraõ ſua viagem ſempre alagados, & com a morte bebida, parecendo, que cada rajada de vento os ſepultava. Aſſi foraõ em continuo naufragio navegando, atè que ſobre a tarde houveraõ viſta da fortaleza, donde foraõ olhados com eſpanto, & alegria. Os Mouros lhes tiràram muitas bombardadas ao entrar da barra; ſurgírão ſem dano na Couraça, onde o Capitaõ os veyo a receber com grande alvoroço; a quẽ Luis

Reſiſte aos que querem arribar.

Chega a Diu, & da novas de Dom Alvaro.

Perigo da fortaleza, & valor dos noſſos.

Os Mouros vendo que a agua nos apagava as cordas, & que nam podiaõ ſer offendidos com as panelas de polvora, nem outros inſtrumentos de fogo, interpretando a favor divino o curſo, ou variedade dos tempos, por entre eſpeſſos chuveiros ſe chegavaõ aos noſſos ſem medo, com vozes, & algazàras, como de quem tinha o Ceo propicio. Foy eſte o dia, em que mayor valor moſtràraõ os noſſos, & em que a fortaleza teve mayor perigo; porque os Mouros ſe metiaõ pelas lanças, & eſpadas, ou brutos, ou valentes. Durou ſeis horas taõ porfiado aſſalto, atè que tornou a abrir o dia, & os noſſos ſe começàram a aproveitar das panelas de polvora, com que abraſavaõ muitos, cuja viſta aos outros nesfriou o orgulho, peleijando mais cautos, atè que ſe lhes acabou o dia, & Rumecaõ tocou a recolher, deixando quatrocentos mortos, & mais de mil feridos; dos noſſos faltàram ſete, foraõ mais os feridos. Neſte aſſalto ſe achàraõ todos os Fidalgos do ſoccorro, moſtrando no valor as meſmas qualidades que no ſangue. Dom Joaõ Maſcarenhas fez as vezes de Capitaõ, & de ſoldado, ſabia & valeroſamente; aſſiſtindo ſempre ao perigo, ſem faltar ao

Retiraſe Rumecaõ com muito dano.

governo,

governo. Esta noite passàraõ os nossos muy vigiados pela vezinhança do inimigo, que havia recebido do Soltaõ novas honras, pelos apertos em que tinha os cercados; & lhe havia entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos, que Rumecaõ quiz logo avistar com os nossos, para lhes mostrar os contendores que tinha, como em prova do que havia obrado.

Entra soccorro ao inimigo.

Ao seguinte dia depois do assalto, entràram pela barra Dom Antonio de Attayde, & Francisco Guilherme, que naõ achàraõ menos bravos os mares, que os outros, que temos referido. Disseraõ, que nam podia tardar hum dia Dõ Alvaro de Castro, porque se tinha já levado a armada com ordem, que nenhum navio esperasse por outro. Os soldados festejàraõ a nova, & o soccorro, com musicas, & folias continuas, com que ja pareciaõ passatempos os perigos do cerco.

Chegão a Diu mais Fidalgos.

Entendẽdo Rumeçaõ, que vinham chegando à fortaleza alguns soccorros, & que em abrindo o tempo nam seriaõ os Portugueses tardos em darse huns aos outros a maõ nos mayores perigos, começou a desconfiar da empreza, vendo, que os trabalhos naõ

Desconfia Rumecaõ da empreza.

quebravaõ os animos dos noſſos, & que os ſeus ſoldados nas converſaçoens naõ tinhaõ por juſtificada a cauſa d'eſta guerra, acuſando aos quebrantadores da paz por nós fielmente guardada. Temeo a diſpoſiçaõ, que via para algum motim, a que atalhava, encarecendo o miſerável eſtado dos noſſos, & a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos ſoldados, & mandou prègar pelos Cacizes a certéza da gloria para todos os que morreſſem neſta guerra; & as mercès com que o Soltaõ havia de remunerar aos libertadores da patria, naõ ſe eſquecendo do temporal à volta do divino. E porque as minas èraõ de menos riſco que os aſſaltos; & obravaõ cõ mayores effeitos, determinou de as ir proſeguindo. Com eſte deſenho, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. Joaõ a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porêm como os noſſos andavaõ ſobre aviſo, ainda que Rumacaõ cauto, & ardiloſo fazia aos outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite com eſtrondo, para com eſta diverſaõ cobrir o intento; com tudo Dom Joaõ Maſcarenhas teve noticias da mina, contra a qual ſe

Abre outra mina que ſe atalha.

aſſegurou como das outras vezes, trabalhando os Fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos ſoldados o trabalho mais leve.

Chegado o termo de ſe dar fogo á mina, ſe abalou o exercito, & começou a tornear a fortaleza. Vinhaõ diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que eraõ os que haviaõ de entrar pelas roturas, que ſe abriſſem ao rebentar da mina, a qual cõ tremendo eſtampido voou pelos àres toda a face do muro. Corrèraõ lógo os Turcos, ainda cegos do fumo, & da terra levantada nos àres com o impulſo do fogo, porèm achàraõ outro muro contrapoſto, a que o fogo, ou naõ chegou, ou achou reſiſtencia; víraõ com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficàra por tres partes aberta, & voltando àquella parte as armas, intentàraõ ganhala; mas os noſſos acodíraõ a defendela, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo. Dáſelhe fogo, & os noſſos defendem as roturas.

Aqui andou por hum eſpaço a briga muy travada, peleijando cercadores, & cercados como em campo raſo. E crendo Rumecaõ, que eſtava naquelle lugar todo o poder dos noſſos, mandou acometer os outros ba-

luartes, onde tambem os Portugueſes lhe moſtràraõ o ferro. Metèraõ eſte dia os inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quaes naõ recebemos dano, eſtando ella quaſi arruinada; caſo, que por ſer raro, pareceo milagroſo. Durou em fim o combate algũas horas, retirandoſe o inimigo cõ o meſmo dano que outras vèzes, os noſſos com a meſma fortuna.

Retiraſe o inimigo.

Rumecaõ, que ja tinha por injuria a dilaçam do cerco, como homem que buſcava os perigos, & o dano por deſculpa, acometeo o outro dia o baluarte S. Thomè em peſſoa, fazendo com ſeu riſco exemplo, & mandou por differentes Capitaẽs eſcalar os outros baluartes, parecendo a invaſaõ d'eſtes dias hum ſucceſſivo aſſalto. Aqui peleijàraõ os Mouros, mais como deſeſperados, que valentes, correndo atraveſſados pelas lanças, & eſpadas dos noſſos a morrer, & a matar juntamente; mais promptos a offender, que a repararſe; buſcando a morte, como porta para a imaginada gloria, que lhe prometiam os Caizes, maquinando eſte diabolico incentivo em beneficio da empreſa, & deſprezo da vida. Com eſte ardor ſofrèraõ o peſo da batalha muitas horas,

Acomete Rumecaõ o baluarte S. Thomè.

perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijavaõ, incitados da dor, & da injuria dos companheiros mortos. Peleijàraõ em fim com tal porfia, que sustentàraõ aquella parte do baluarte, onde se combatia, & nelle arvoràraõ bandeiras, cobrindose com vallos, & estacadas.

Succeſſos no baluarte Sanctiago.

Nam andavaõ menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tiveraõ ganhado os inimigos, mas foraõ tam valerosamente resistidos que o tornàraõ a perder depois de bem sangrados. Aqui foy tanto o fogo, que os inimigos lançàraõ, que os nossos peleijavaõ abrazados, soccorrendose, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerarse. Antonio Moniz Barreto com dous soldados se achavaõ sós no baluarte, detendo a furia do inimigo; & querendo o Moniz sahirse a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou d'elle hum soldado, dizendo: Moniz, deixais perder o baluarte del Rey? Voume banhar n'aquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estaõ saõs para peleijar, tudo o al he nada (lhe respondeo o soldado.) Cuja advertencia aceitou o Moniz, taõ pagado do valor que o

Valor particular de hum soldado.

ſoldado moſtrava, que o trouxe comſigo para o Reyno, & lhe alcançou deſpacho, confeſſando generoſamente o ſeu deſar para credito alheyo; chamandolhe ſempre com honrado appellido, o ſoldado de fogo; nem as relaçoens d'eſte ſucceſſo no lo daõ a conhecer por outro nome.

Retiraſe outra vez o inimigo.

Neſtes, & nos outros baluartes ſe peleijou eſte dia com valor, & perigo igual, que naõ podemos relatar por extenſo, por ſerem os caſos tam ſemelhantes, que parecendo huma meſma couſa repetida, ſe eſcrevem, & ſe lem com faſtio; porèm ainda que a relaçaõ deſte cerco naõ deleite com a variedade, quem negará, que foy eſta facçaõ huma das mais illuſtres que ſe achaõ nas hiſtorias humanas, da qual fizeraõ eſtimaçaõ juſta as mais bellicoſas naçoẽs da Aſia, & da Europa? Retirado do aſſalto o inimigo, ſe fortificou nas ruínas da fortaleza, donde continuamente ſe moſtravaõ as armas.

Sae Antonio Correa a fazer algũa preza.

Ao ſeguinte dia deſpedio Dõ Joaõ Maſcarenhas em hum Catùr a Antonio Correa, com vinte companheiros, ſoldado de grande valor, a quem nam ſabemos o naſcimento, ſe bem ſuas obras o mereciaõ, ou ſuppunhaõ

illuſtre. Sahio da barra, & torneando a Ilha, como lhe foy ordenado, ſe recolheo ſem preſa; & como os ſoldados de valor ſe naõ contentaõ com obrar bem, ſenaõ ditoſamente; tornou o Correa ao meſmo negocio cinco vezes (mais deſconfiado, que obediente) a tentar a fortuna; mas como o que parecia caſo, era myſterio, ordenou, ou permittio o Ceo, que o valeroſo ſoldado fizeſſe da empreza porfia, o qual, como ſe a deſgraça fora culpa, ſe accuſava a ſi meſmo. Tornou em fim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer ſua ſorte, & dando volta à Ilha, diviſou ao longe hum fogo, que a diſtancia fazia mais pequeno, & remando contra aquella parte, deixando os companheiros no Catùr, ſaltou em terra, caminhou algum eſpaço ſò, atè que a meſma luz do fogo lhe deſcobrio doze Mouros, que em torno d'elle reparavaõ o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo, que ſahiſſem, porque tinhaõ como nas maõs a preza que buſcavaõ; porèm os ſoldados, ou eſquecidos de ſi meſmos, ou ſervindo a Providencia mais alta, o naõ acompanhàraõ, como dando lugar à fortuna do Capitaõ, o qual

vendo a fea reſoluçaõ dos ſoldados, ſe foy ſó a demandar os Mouros, baſtandolhe o animo para acometer o perigo, que naõ podia vencer. De repente enveſtio os Mouros, os quaes amedrontados com o ſubito acometimento, huns fugíraõ, outros ſe defendiaõ tìmidos, & ſobreſaltados; mas tornados em ſi, & vendoſe acutilados de hum ſó homem, começàraõ a fazerlhe roſto ja com mais ouſadia, voltando os que fugíraõ, a defenderſe unidos, & em quanto Antonio Correa ſe acutilava com huns, outros o ſojugàram pelos lados, & ainda depois de preſo, como a fera, o temiaõ atado; aſſi o levàraõ a Rumecaõ, moſtrando as feridas, que recebèraõ, em credito do preſo.

Enveſte cõ doze Mouros, que o prendé.

Mandou Rumecaõ que o ſoltaſſem, perguntandolhe, que gente haveria na fortaleza: ſe viria o Governador a Diu, com que poder, & em que termo ſe eſperava o filho. Elle lhe reſpondeo, com grande ſegurança, que na fortaleza havia ſeiſcentos homens, que cada dia importunavaõ o Capitaõ que os levaſſe ao campo; que eſperava brevemente a vinda de Dom Alvaro com oitenta baxeis, o qual em deſembarcando ſahiria à cam-

He preſentado a Rumecaõ.

panha, porque algũas galès que trazia, haviaõ miſter chuſma de Turcos; que o Governador apreſtava mayor poder, porque queria acabar de huma vez com as couſas de Cambaya. Rumecaõ, que ſabia a verdade de noſſas forças, envejou hum coraçaõ tão livre em tão baixa fortuna, fazendo eſtimaçaõ (como ſoldado) de quem entre priſoẽs o deſprazava. Rogoulhe, que ſe fizeſſe Mouro, porque com melhor Ley teria melhor fortuna, & conheceria a differença de ſervir a hum Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porèm o valeroſo Cavalleiro, eſcandalizado na injuria de favores tão feyos, lhe reſpondeo, que os Portugueſes, pela Ley, & pelo Rey eſtavaõ ſempre promptos a derramar o ſangue; que Mafamede fora hum enganador, infame por obras, & doutrina; que ſe em Cambaya havia renegados, ſeriaõ de outras naçoẽs, qual o fora ſeu pay Coge Çofar, que como monſtro da terra em que naſcèra, os pays, & a patria o negavam de filho.

Quer perſuadilo a deixar a Fè.

Rumecaõ nam podendo ſofrer de hum eſcravo as injurias da Ley & as da peſſoa, inflammado do zelo, & do deſprezo, o mandou ante ſi afrontar no roſto, primeiro que lhe tiraſſem

Afrontar que lhe faz.

a vida, crendo, que lhe seria mais leve a pena, que a injuria; & logo entre baldoẽs, & mofas, o mandou passear nù as ruas da Cidade, inventor barbaro de tão novo supplicio, ja contra o homem, ja contra a humanidade. Porèm o Cavalleiro de Christo, como soldado ja de outra milicia, cõ mais castigado valor vencia sofrendo. Rumecaõ depois d'estas injurias, dizendo que pedia satisfação de sangue a honra do Propheta, mandou que fosse degolado, & a palma, que começou a merecer soldado, alcançou martyr. Foy levantada a cabeça em huma pica, & pósta em lugar onde os nossos da fortaleza a vissem; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados, lhe vingàraõ o sangue; como Catholicos lhe envejàraõ a morte. Entràram ao outro dia os soldados de sua companhia, os quaes o Capitaõ mór nam quiz ver, nem castigar, tendo respeito ao tempo; porèm elles remìram a culpa, cõ se arriscar em todas as occasioẽs, como homẽs, que aborreciam huma vida sem honra. Muitos d'elles morrèram quasi voluntariamente, accusados de seu mesmo delicto. Os Mouros nos faziam mofas, & algazàras de lon-

Manda-o degolar.

ge, apontando para a cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfaçam de tantos danos aquella recompensa, & ja mais atrevidos faziam a despeito dos nossos algumas gentilezas.

Entre o baluarte Saõ Thomè, & o de Sanctiago estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hú Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, & pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos, & subindo pelas ruinas, travou da haste, & ainda que a abalou forcejando, nunca pode levala; & soltandoa temeroso, a deixou encostada; & vendo o pouco que lhe custára a primeira ousadia, tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porèm ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hú soldado nosso lhe encarou a espingarda, & o derribou morto. Aconteceo isto à vista do arrayal, que lhe tinha festejado o primeiro acometimento cõ gritas, & louvores; agora o olhavaõ cahido com hum profundo silencio; correràõ os nossos com graõ velocidade a cortarlhe a cabeça, que arvoràraõ, avistandoa com a de Antonio Correa.

Os Mouros, que estavam fortifica-

dos no entulho do baluarte Saõ Thomè, foraõ ganhando terra, palmo & palmo, à cuſta de ſeu ſangue, levando ſempre diante montes de terra, & rama, que os cobria, & fortificava. Porèm Dom Joaõ Maſcarenhas mandou levar hum Baſiliſco às portas da Igreja, que como lugar eminente lhe ficavaõ em bataria os Mouros, donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defenſas, & com morte de muitos foraõ deſalojados.

Extremos em que eſtà a fortaleza.

Ja neſte tempo eſtava arraſada a fortaleza, & os Portugueſes, em lugar de muros, defendiaõ ſuas meſmas ruínas; o inimigo dentro dos baluartes às portas da victoria; os mantimentos, huns eraõ, pelo tempo, corruptos, outros, pela qualidade, nocivos, de que reſultavaõ doenças de taõ má qualidade, que os ſaõs recebiaõ mayor dano do cõtagio, que da hoſtilidade.

Torna Dom Alvaro a arribar.

Tinhà partido de Baçaim Dom Alvaro de Caſtro com cincoenta navios, (aſſi chamaõ quaeſquer baxeis na India; inda que ſejam caravelas latinas, ou embarcaçoẽs de remo); & como vinham empachados com munições, & baſtimentos, nam podendo ſofrer màres taõ groſſos, tornàraõ a arribar em popa deſtroçados, & abertos, to-

mando diverſas angras, & enſeadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que forão correndo com a tormenta, foy o de que era Capitão Athanaſio Freire, o qual indo demãdar a terra, ſe foy metendo na enſedea de Cambaya quaſi alagado, & taõ perdido, que de cõmum acordo ſe aſſentou varar na primeira terra que aviſtaſſem, havendo, que precedia a vida à liberdade; aſſi forão encalhar junto a Surrate, onde foram cativos, & levados a Soltaõ Mahamud, que os mandou apriſionar, & meter na maſmorra, onde tinha Simaõ Feio com outros Portugueſes.

Ruy Freire, que vinha na conſerva de Dom Alvaro em hum navio ſeu, com ſoldados pagos à ſua cuſta, ſofreo melhor os mares, & navegando aquelle dia, & outro com fortuna, aviſtou a coſta de Diu, para onde ſe foy chegando atè ir demandar a fortaleza; & entrando pela barra foy bem recebido de todos, & deu ao Capitaõ mór as novas da vinda de Dom Alvaro, tam eſperada, como importante, porque inda naõ ſabia da arribada, de que daremos conta. Chega Ruy Freire a Diu.

Dom Alvaro de Caſtro, & Dom Franciſco de Menezes arribàram com Proſegue D. Alvaro a viagem.

tormenta geral a Agaçaim perdidos; aonde ſe reformàraõ brevemente, & tornàraõ acometer o golfaõ com a mayor parte dos navios de ſua conſerva; & vẽcendo a furia do tẽporal, houveraõ viſta da outra coſta por junto de Madrefaval. Neſta paragem appareceo de lõge huma nao groſſa, que ſe vinha furtando à noſſa armada. Mandou Dom Alvaro ao Meſtre, que arribaſſe ſobre ella; o que fizeram mais dous navios, que vinham na ſua eſteira. Amainou logo a nao, que era d'el Rey de Cãbaya, & vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fóra, que vieraõ apreſentar a Dõ Alvaro hũ cartaz paſſado antes da guerra; o qual fez repreſalia na nao, & a mandou levar a Goa, para que viſſe o Governador ſe era de preſa. As dròga que trazia, eraõ coral, chamelotes, làrins, & alcatifas, que tudo foy julgado por perdido. E logo Dom Alvaro de Caſtro, ſeguindo ſua derròta, tomou a barra de Diu com quarenta navios empavezados; traziaõ todos flamulas, & galhardetes, dando de ſi huma moſtra bellicoſa, & alegre. Saudou a fortaleza com toda a artelharia, que tambem lhe reſpondeo com a meſma, tocando todos os inſtrumen-

Toma huma nao de Cambaya.

Chega à fortaleza com quarenta navios.

tos de guerra. Mandou o Capitaõ mór abrir as portas da fortaleza para receber Dom Alvaro, baixando todos os Fidalgos, & ſoldados a receber, & feſtejar a armada, em que de mais da peſſoa de Dom Alvaro, vinhaõ Fidalgos, & Cavalleiros de muita conta. Traziam muniçoẽs, & baſtimentos para muy largo tempo, porque nam quiz o Governador deixar à corteſia dos màres, negar, ou abrir paſſagem a ſegundo ſoccorro. Apoſentouſe Dom Alvaro no baluarte, em que acabou ſeu irmaõ Dom Fernando; paſſàraõſe a elle os ſoldados de ſua milicia, & os mais dos Fidalgos, huns como companheiros de ſua dor, outros de ſuas victorias; & como a General do màr lhe hiaõ pedir o nome, ſem querer ſepararſe de ſua obediencia; opiniaõ encontrada com o tempo, & mais com a diſciplina. Porèm Dom Alvaro diſſe ao Capitaõ mór, que elle vinha ſojeito a ſuas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a Dom Joaõ Maſcarenhas, lhe reſpondeo com a meſma corteſia; mas Dom Alvaro lhe moſtrou a inſtrucçaõ que trazia, que entre as excellencias do Governador, naõ ſoy a mais pequena, na qual dizia, que a

Como he recebido do Capitam mòr.

jurisdiçaõ do cargo, & as provisoens Reaes o eximiaõ de qualquer subordinaçaõ, que nam fosse a do Governador da India; que elle mandava a seu filho Dom Alvaro, que estivesse às ordens de Dom Joaõ Mascarenhas, porque assi o pedia a muita honra, que n'aquelle cerco tinha ganhado: temperança de varaõ verdadeiramente grande; porque onde havia perdido hum filho, & aventurava outro, da fama, que ajudàra a ganhar com seu sangue, nam quiz para si nada; sem duvida mayor neste desprezo, que depois na victoria.

Aviſaõ ambos ao Governador do estado da fortaleza.

Rumecaõ sabendo da vinda de Dõ Alvaro, disse, que ja tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triũpho, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo Dom Alvaro o seu navio com cartas ao Governador, do estado em que achàra a fortaleza; & Dom Joaõ Mascarenhas o aviſou de todos os succeſſos passados. Haveria ja na fortaleza seiscentos homẽs, todos soldados de opiniaõ, com os quaes lhe pareceo a Dom Joaõ Mascarenhas que podia intentar cousas mayores que a defensa. Mandou logo assestar tres Camelos contra as estancias do inimigo, que as batèraõ

taõ furioſamente, que Rumecaõ reforçou as fortificaçoens que tinha, taõ attento a offender, como a defender.

Dos aſſaltos paſſados ficou nas ruìnas do baluarte S. Thomè hum Baſiliſco ſoterrado de eſtranha grandeza, o qual o Capitaõ mór deſejou ſubir à fortaleza, & ordenando cabreſtantes, & engenhos, nunca lhe foy poſſivel; & querendo ao menos ſeguralo, para que os inimigos ſe naõ ſerviſſem d'elle, o mandou liar com viradores groſſos: porèm os Mouros foraõ cavando por baixo das paredes do baluarte, & picando as pedras do aliceſſe, atè que faltandolhe os fundamentos, vieraõ as paredes a terra, ficando o Baſiliſco arado, & ſuſpenſo nos àres. Acodìraõ logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fez roſto Dõ Franciſco de Menezes cõ os de ſua companhia, que ahi ſe achavaõ, travando com os Mouros huma pendencia aſſaz de bem renhida; & como eſte era o primeiro dia, que viraõ a cara do inimigo, o carregàraõ com as maõs taõ peſadas, que houve a ſeu peſar de retirarſe, deixando muitos dos companheiros no campo: mas no tempo que mais fervia a briga, liàraõ outros o Baſiliſco com hum calabrote forte, & o le-

Enveſte o inimigo outra vez, & retiraſe.

vàraõ arraſtando, quaſi a furto dos noſſos, que attentos à peleija, nam deraõ fé da obra que os Mouros faziaõ.

Determinaõ os noſſos ir buſcalo.

Andava Dom Joaõ Maſcarenhas cõ grande vigilancia ſobre os deſenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ſer acometido com força deſcuberta; o que entendido pelos ſoldados de Dom Alvaro, temeroſos com o exemplo freſco de Dom Fernando de Caſtro, & outros Fidalgos, & ſoldados, que morrèraõ abrazados, ſe conjuràram em ſahir a peleijar com o inimigo, tímidos no perigo duvidoſo, temerarios no certo.

O Capitaõ mór trata diſſuadilos.

Diziaõ, que nam queriaõ com obediencia inutil perecer abrazados, quãdo podiaõ morrer na campanha victorioſos, ou vingados; que pois ſabiaõ peleijar como homẽs, naõ queriaõ acabar como féras, atados ao perigo; que de dous eſcolhiaõ antes o que podiaõ vencer, que o de que naõ podiaõ fogir. Dom Joaõ Maſcarenhas os diſſuadio, quanto lhe foy poſſivel, primeiro com razoens, depois com a autoridade do cargo, & da peſſoa; mas tudo foy ſem fruto, porque eſtavaõ tam vaõs, & altivos com ſua meſma culpa (como tinha ſemblante de

irtude) que eſperavaõ da deſobediẽ-
ia premios, & louvores. Dom Alva-
o de Caſtro acodio a detelos, eſtra-
handolhes reſoluçaõ tam fea, dizen-
lo, que El Rey ſentia mais a deſobe-
liencia de hum ſoldado, que a perda
de huma fortaleza; que ao Capitaõ
mór ſó tocava o governar, a elles obe-
decer, & peleijar. Dom Franciſco de
Menezes lhes diſſe, que foſſem embo-
ra a infamar o nome Portugues, que
a honra levavam ja perdida, a vida
grandemente arriſcada; que quando
eſcapaſſem das armas de ſeu inimigo,
naõ poderiaõ livrarſe da indignaçaõ
juſta de ſeu Rey, ao qual deſprezavaõ
na peſſoa de ſeu Capitaõ mór com ſe-
diçaõ taõ fea. Porèm elles fatalmen-
te obſtinados, ſe ordenàraõ para dar
a batalha, dizendo, que de nenhum
delicto ſe engeitava a victoria por diſ-
culpa; & quando ſe perdeſſem, fica-
vaõ fóra do premio, & do caſtigo;
que elles acodiaõ pela honra do Eſta-
do, que eſtava mais coſtumado a to-
mar praças aos Mouros, que perder
as ſuas.

D. Alvaro, & D. Franciſco fazem o meſmo.

O mais que ſe pode acabar com
os amotinados, foy, que ficaſſe a in-
vaſam para o ſeguinte dia, deixando-
lhes por conſelheiro aquelle breve

Proſeguem os ſoldados ſeu intento.

tempo, em que podiam conſiderar
que convinha à honra, & ſaude de
todos. Porèm elles fatalmente confor
mes, amanhecèrã reſolutos, & promp
tos à batalha, dizendo ao Capitã
mór, que ſe os nam quizeſſe gover
nar, entre ſi meſmos eſcolheriam ca
beça. Vendo pois Dom Joaõ Maſca-
renhas, que ja acompanhar aos deſa-
tinados, era hum lanço forçoſo, &
que os de fóra ſempre julgaõ melhor
a cauſa dos temerarios, que a dos pru-
dentes; elle, Dom Alvaro, & os mais
Fidalgos reſolvèram ſeguilos, onde
com nova diſciplina, obedeciaõ os
Capitaens, mandavam os ſoldados.

O Capitaõ mór, & Fidalgos os acompanhão por atalhar o mayor perigo

Haveria na fortaleza (como temos
dito) ſeiſcentos homẽs, dos quaes fi-
càram nas eſtancias cento; dos outros
fez Dom Joaõ Maſcarenhas tres bata-
lhas; as duas deu a Dom Alvaro de
Caſtro, & Dom Franciſco de Mene-
zes, & outra tomou para ſi; logo ſa-
hiraõ da fortaleza, & com o primeiro
impeto ganhàraõ as eſtãcias, que os
Mouros tinhaõ feito na cava, deixan-
dolhas com facil reſiſtencia. Por eſta
ſombra de victoria começou a ruína,
porque os noſſos altivos, & deſorde-
nados remetèraõ ao muro. O primeiro
que ſobio foy Dom Alvaro, ajudado

Sahem os noſſos, & em que ordem.

os dous irmaõs Luis de Mello, & orge de Mendòça, que tras elle soíraõ. Dom Franciſco de Menezes entou por outra parte; ſendo dos prineiros Antonio Moniz Barreto, Garia Rodriguez de Tavora, Dom Jorge, & Dom Duarte de Menezes, Dom Franciſco, & Dom Pedro de Almeyda.

Rumecaõ, Juzarcaõ, & Mojateaõ, vieraõ com groſſas companhias encontrarſe com os noſſos, entre os quaes ſe começou a batalha, ſuſtenada de noſſa parte com mais valor, que diſciplina. Dom Franciſco de Menezes foy levando do campo os Mouros, que naõ podendo ſofrer o peſo d'eſte encontro, perdèraõ muita terra, atè que ſoccorridos de outros muitos, detiveraõ a corrente dos noſſos. Dom Joaõ Maſcarenhas ſobindo o muro, quaſi ao meſmo tempo, que os outros Cabos, vio muitos ſoldados do motim, que eſtavaõ ao pè d'elle ſem ouzar cavalgalo, & em voz alta lhes accuſou, com palavras feas, a deſobediencia, & a fraqueza; os quaes callados, como querendo reſponder com as obras, o ſeguíraõ. E logo acometendo os inimigos, que andavaõ batalhados com Dom Alvaro, lhes fi-

Reſiſtencia dos inimigos.

Reprende o Capitaõ mòr os amotinados.

zeram perder parte do campo; mas como o partido era taõ desigual, os Mouros se foraõ melhorando, & carregando os nossos, de sorte, que se desordenàram.

Valor & disciplina de D. Alvaro.

Dom Alvaro fez obras, que respondèram bem ao sangue, opiniam, & ao valor; nam faltou à disciplina, difficil de conservar nas desgraças; porque foy ordenando, & recolhendo os seus, quanto lhe foy possivel, retirandose muy acordado com o rosto sempre no inimigo, o qual lhe havia degolado algũa gente, & outra se desmandava, nam podendo sofrer o impeto dos Mouros: o que vendo Jorge de Mendoça, inda que estava ja ferido, tomou a Dom Alvaro nos braços para o sobir ao muro; mas podendoo mal fazer, por estar desangrado, foy ajudado de seu Irmaõ Luis de Mello; & estando Dom Alvaro ja sobre a parede, lhe deraõ huma pedrada, que o fez cahir da outra parte sem sentido.

Sobe o muro donde cahio de huma pedrada.

Passa hum pelouro à Luis de Mello.

Depois de Luis de Mello acodir a Dom Alvaro, salvou tambem o irmaõ, ficando elle com Garcia Rodrigues de Tavora, Antonio Moniz, & outros Fidalgos, detendo o impeto dos Mouros, em quanto os mais subiãõ, até

que foy paſſado de hum pelouro, de que cahio mortal. Os companheiros o levantàram, & puzeram em ſima da parede, donde foy levado à fortaleza, & d'ahi a Chàul, onde acabou da ferida, merecendo ſeu ſingular esforço, ſenam mais glorioſa morte, mais dilatada vida.

Morte de D. Franciſco de Menezes.

Dom Franciſco de Menezes, peleijando muy valeroſamente, cahio atraveſſado de hum pelouro, com cuja morte os de ſua companhia ſe começàrão a retirar deſordenadamẽte. Aqui foy o eſtrago mayor, porque o inimigo, conhecendo o deſarranjo dos noſſos, carregou ſobre elles com mayor ouſadia.

Acordo do Capitão mór.

Dom Joaõ Maſcarenhas ſe portou neſta deſgraça com valor, & acordo, humas vezes retirando os ſeus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto ſe recolhiaõ os deſmandados, com que evitou grande parte do dano; & tendo ja ſalvado as paredes, ſe derramou huma voz, que era a fortaleza perdida, em que os ſoldados ſe começàraõ a eſpalhar por differentes partes, como gente deſbaratada. Neſte taõ apertado conflicto brádou Dom Joaõ Maſcarenhas aos ſeus, afeandolhes a retirada, & peleijando taõ valeroſamen-

Fidalgos que se assinalàraõ neste dia.

te, que só com alguns poucos que o seguiaõ, deteve o inimigo. Os Fidalgos, que aqui se achàraõ, alcançàraõ em dia tã infelice, illustre nome. Lopo de Sousa ao pè do muro se defẽdeo de hũ graõ tropel de Mouros, fazendoos afastar muitas vezes, com tal valor, que o acometiaõ de longe com armas de arremesso, atè que atravessado pelos peitos de hum dardo cahio morto, deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Duarte, & Dom Jorge de Menezes, que trazia dezasete feridas, fizeraõ ao inimigo muy custosa a victoria.

Enveste Mojatecão a fortaleza, & retirase.

Rumecaõ, querendo tirar mayor fruto de nosso desatino, mandou a Mojatecaõ, que fosse demandar a fortaleza cõ cinco mil soldados, cortãdo o passo aos que se recolhiaõ destroçados, & acometendo o baluarte Saõ Thomè, achou nelle a Luis de Sousa, que com a artelharia, & espingardaria lhe matou muita gente; porẽ o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escalada; mas foy tam valerosamẽte resistido, que se tornou a retirar com dano conhecido. Dom Joaõ Mascarenhas trabalhou tanto, que tornou a ordenar os soldados, que andavaõ derramados,

derramados, dos quaes fazendo hum batalhaõ cerrado, guiou à fortaleza, & encontrando muitos Mouros, desmandados na segurança da victoria, deu nelles tam valerosamente que muitos deixàraõ as vidas, & os de mais o campo. Perderaõse nesta desgraça trinta & cinco pessoas, em que entràraõ os Fidalgos, que havemos referido, & foraõ mais de cem os feridos; mas em tão desordenada empreza, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O Capitaõ mór foy logo demandar a Dom Alvaro, que ainda achou sem falla, & a juizo dos Cirurgioens, muy contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a Philosophia chama decretorios, ou criticos; porèm fez a doença termo, cobrando Dom Alvaro saude, com alegria de todos, que o amavaõ pelas qualidades do sangue, & da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual depois de peleijar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, & era casado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço del Rey gastou graõ parte, atè perder a vida, como diremos.

Ordena o Capitão mór os soldados.

Perda dos nossos nesta desordem.

Animaſe Rumecaõ com eſte ſucceſſo.

Vendoſe Rumecaõ com tão inopinada victoria, havida por hum valor deſordenado dos noſſos, concebeo mayores eſperanças do ſucceſſo, reſoluto a ver o fim da empreſa, para a qual começou a achar nos ſeus mais prompta obediencia, perdendo na experiença d'aquelle dia muita parte do temor, que tinhaõ a noſſas armas. Deu logo conta ao Soltaõ da victoria, que na Corte ſe feſtejou com alegrias publicas, & Rumecaõ recebeo d'el Rey honras de homẽ victorioſo, ſendo d'aquelle dia em diante mais aſſiſtido de gente, muniçoẽs, & dinheiro, acodindo muita parte da nobreza a militar com elle, eſperando gozar de ſua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtandolhe por baixo a terra, para que deſcarnado arruinaſſe o peſo, faltando o fundamento ſobre que aſſentava. Eſte deſenho diverteo Dom Joaõ Maſcarenhas, mandãdo fazer outro forte por dentro, que fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra, era mais defenſavel. Naõ ſe pode eſconder a Rumecaõ a obra, & carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravaõ de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzias de fogo, huns com

Continua as minas, & os noſſos os reparos.

ontaria certa nas partes que descotia o muro, & outros por elevaçaõ, om que feriaõ a nossa gente, mais enta ao trabalho, que à defensa; elo que o Capitaõ ordenou se trabanasse de noite com luzes escondidas, ondo as pedras pela estimaçaõ, & tio do que tinham desenhado de dia.

Fabricão huma nova cidade.

Rumecaõ altivo, & confiado com bom rosto, que lhe mostrou a guer na ultima peleija, como em desrezo da vinda do Governador, que e esperava, começou a edificar huna nova cidade, como quem ja lorava os ocios do triumpho na imaginada victoria; ou fosse por dar aos eus confiança; ou que obrava como omẽ credulo na prosperidade dos ucessos, que ja se promettia; fez alacios para sua pessoa com a polia & grandeza, que pudèra em huna paz ociosa. Para os Cabos mayoes ordenou aposentos, empenhanloos a defender suas proprias moralas, mostrando nesta fabrica naõ meor artificio, que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte, que se serve da Alandega para a villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui grosas amarras, terraplenou igualmente,

por onde (como em ponte , ainda que tremula , ſegura) tinhaõ facil paſſagem os carros , que baſteciaõ a Cidade. Da confiança com que Rumecaõ ſe dava a taõ cuſtoſa fabrica , ſe derramou huma voz por muitos Reynos vezinhos , & diſtantes de Cambaya , que era perdida a noſſa fortaleza ; & eſta fama como grata aos ouvidos dos Mouros , & Gentios , ſe eſpalhou por todo o Oriente , atè chegar a receber o Sol taõ congratulaçoẽs de muitos Principes , que lhe davaõ emboras da victoria. Em Goa ſe ouviaõ os eccos d'eſta nova , com temor & ſilencio , & ainda que vaga , & ſem author , chegou aos ouvidos do Governador , fazendoſe mais certa pelo ſecreto , & recato com que huns a referiaõ a outros.

Cuidados do Governador.

Eſta deſgraça que ſe temia , parecia que tomava certeza da tardança que havia nos aviſos de Diu ; porque nem da armada de Dom Alvaro ſe ſabia couſa certa , & os que queriaõ divertir o Governador , mais podiaõ deſprezar , que negar a fama que corria : & elle , ſendo o mais intereſſado , vendo quam neceſſario era animar o povo , moſtrava hum coraçaõ inteiro , deſmentindo com o ſemblante as novas que temia.

Com este cuidado passava o Governador, divertindose com os negocios, & apreſtos da armada, que ſolicitava com viva diligencia, quando lhe deram aviſo, que na barra ſurgira huma nao do Reyno, de que era Capitaõ Dom Manoel de Lima, & ſe apartàra de cinco mais, que vinhaõ na meſma conſerva, à ordem de Lourenço Pinez de Tavora. Das outras vinhaõ por Capitaẽs Dom Joaõ Lobo, Joaõ Rodriguez Peçanha, Fernaõ d'Alvarez da Cunha, Alvaro Barradas. Eſtimou o Governador a vinda de Dom Manoel de Lima, pela peſſoa, & pela occaſiaõ. Vinha provído na fortaleza de Ormuz, que el Rey lhe deu por deſviar alguns encontros entre elle, & o Governador Martim Affonſo de Souſa, com quem andava atraveſſado, eſperando que vieſſe da India, para lhe pedir ſatisfaçaõ de algũas queixas. Eſtes deſabrimentos curou el Rey, como pay, intereſſado na paz de hum, & outro vaſſallo. Quizera Dom Manoel partirſe logo a Diu com trezentos ſoldados à ſua cuſta, porèm o Governador o divertio, querendo acompanharſe d'elle na armada, ſervindoſe de ſeu valor, & experiencia na facçaõ preſente.

Chega do Reyno a Goa D. Manoel de Lima.

Tem o Governador novas de Diu.

O Governador andava ſobre maneira cuidadoſo dos negocios de Diu, interpretando mal a falta dos aviſos, quando aportou na barra de Goa a Capitania em que fora Dom Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, & dando alegres ſalvas, querendo indiciar de longe as novas que trazia. Occorreo à praya grande parte do povo, ſolicito a perguntar pelos filhos, parentes, & amigos, & os menos empenhados, pelo cõmum do Eſtado. O Capitaõ foy levado aos Paços do Governador, ſatisfazendo pelo caminho a duplicadas, & moleſtas perguntas. Achou o Governador com o Biſpo Dom Joaõ de Albuquerque, & Fr. Antonio do Caſal, Cuſtodio dos Frãciſcos. A primeira couſa que o Governador perguntou foy, ſe eſtava ainda a fortaleza por el Rey ſeu ſenhor. Ao que o Capitaõ reſpondeo, que eſtava, & eſtaria. A cuja nova ajoelhandoſe o Governador, com os olhos no Ceo, deu a Deos as graças, nam ſem derramar lagrimas, ſignificadoras da piedade com Deos, do zelo com ſeu Principe. E logo recebendo as cartas, ſoube da morte de ſeu filho Dom Fernando, que recebeo com tanta conſtancia, que ōs de fōra lhe nam conhe-

Piedade, & alegria com que as recebeo.

Valor com que ſe portou na morte de D. Fernando ſeu filho.

teraõ mudança no roſto, ou nas palavras, como ſe fora fraqueza parecer pay, ou indignidade ter affectos de homem. Fez merce ao Capitaõ, & o mandou que foſſe alegrar a Cidade com as novas que trazia, & logo recolhendoſe, chorou em ſecreto o filho, eſperando tempo à dor, ſem injuria do lugar, & do animo. Aquelle meſmo dia apportou o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas faleceo no mar. Foy o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que ſe deviaõ à peſſoa, acompanhado do Governador, Nobreza, & Povo, deixando de ſi eſte Fidalgo ſaudoſa memoria.

Ao ſeguinte dia ſe fez huma ſolemne prociſſaõ de graças, a que aſſiſtio o Governador veſtido de eſcarlata, conſolando com novo exemplo o povo na morte de ſeu proprio filho. Por eſte navio ſoube da ſahida que os noſſos fizeraõ deſordenada, & forçoſa, que fora occaſiaõ de tantas mortes, & do perigo em que ficava Dom Alvaro, cuja dor ſoube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos eſtimava menos a vida, que a memoria.

Prociſſão em acção de graças.

No meſmo dia deſpedio Vaſco da

Soccorros que manda a Diu.

Cunha, para que foſſe pelas bahias, & enſeadas da coſta, recolhendo os navios da armada de Dom Alvaro, & os levaſſe a Diu. Por elle eſcreveo a Dom Joaõ Maſcarenhas congratulaçoens da honra que havia ganhado, naõ menos para ſi, que para o Eſtado; affirmandolhe, que em breves dias iria aviſtar a Diu com todo o poder do Eſtado, para o que naõ perdoava a nenhuma deſpeſa, ou diligencia; & que em quanto ſe apreſtava a armada, lhe mandaria ſoccorros, que baſtaſſem a aſſegurar a fortaleza, & enfrear o inimigo; o que executou promptamente, porque logo apos Vaſco da Cunha, deſpachou a Luis de Almeyda com ſeis caravelas, & quatrocentos ſoldados, com muitas muniçoens, & baſtimentos, & graõ copia de materiaes importantes para as neceſſidades do cerco. E foy tam incanſavel a diligencia, com que ſe apreſtava, que em breviſſimo tempo ſe poz de verga d'alto toda a armada, & ſó lhe faltavaõ os ſoccorros de Cananor, & Cóchim para levarſe; porque era tal o amor, & obediencia cõ que lhe aſſiſtiaõ, que as Dónas, & Cavalleiros de Goa lhe vinhaõ offerecer os filhos, & a fazenda; levan-

do esta armada tantas bençoẽs do povo, como outras soem levar lagrimas & queixumes.

Chega Vasco da Cunha a Baçaim.

Vasco da Cunha seguindo a instrucçaõ, que levava, foy recolhendo os navios, que achou naquellas enseadas desaparelhados da tormenta, & com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitaõ mór Dom Jeronymo de Menezes com quinze navios apresta-dos para soccorrer Diu, empenhado de novo com o sentimento da morte de seu irmaõ Dom Francisco, que temos referido; porèm havia retardado a partida alguns dias, por ter avisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o visse ausente; diversaõ procurada pelo Soltaõ em beneficio dos cercadores. Dõ Jeronymo, vendose mais empenhado na defensa de Baçaim, que no soccorro de Diu, entregou a Vasco da Cunha os navios; o qual partido, encontrou a Luis de Almeyda com as seis caravelas, & todos em conserva entràraõ em Diu, representando soccorro mais crecido no numero dos vasos; porèm a fortaleza ficou assegurada da fome, & do perigo; & os soldados, pagos & bastecidos, mais desejavaõ, que temiaõ, a guerra.

Entra em Diu com Luis de Almeyda.

Vai Luis de Almeyda esperar as naos de Meca.

Era ja o tempo em favor dos noſſos, & começavaõ a ſenhorear o màr os navios do Eſtado. Dom Alvaro, como Capitaõ mór do màr, mandou a Luis de Almeyda com tres caravelas, de que elle hia por Cabo, & nas duas Payo Rodriguez de Araujo, & Pedro Affonſo, com ordem, que foſſem demandar a barra de Surrate a eſperar as naos de Meca, que vieſſem buſcar aquelle porto; os quaes ſeguindo ſua viagem, a poucos dias viraõ atraveſſar duas naos, huma groſſa, & outra de menos porte. Logo que Luis de Almeyda as aviſtou, foy demandalas com os traquetes dados. Vinhaõ as naos arraſadas em popa, & tanto que houveraõ viſta de noſſas caravelas, voltàraõ n'outro bordo; mas como as caravelas hiaõ mais boyantes, & eraõ mais ligeiras, ſoltando as velas, as alcançàraõ logo. Luis de Almeyda abordou a nao grande, em que vinha por Capitaõ hum Jenizaro, parente de Coge Çofar, que fiado na grandeza da nao, artelharia, & gente, que trazia, começou a defenderſe, ateandoſe entre huns, & outros huma bem renhida contenda. De ambas as partes ſe derramava ſangue; peleijavaõ os Mouros por neceſſidade, os noſſos

Toma duas.

por officio; & como erão melhores no valor, & disciplina, entràraõ a nao, onde os Mouros, com ultima desesperaçaõ mais atrevidos, peleijavaõ como para acabar vingados, atè que com a morte dos principaes, se rendèraõ os outros. Ao Jenizaro achàraõ atravessado de muitas feridas, o qual Luis de Almeyda mandou passar à sua caravela, & curar com resguardo. A outra nao rendeo Payo Rodriguez de Araujo cõ leve resistẽcia. Depois d'este feito, se deteve Luis de Almeyda naquella paragẽ os dias de seu regimẽto, nos quaes tomou algũas embarcaçoens de mantimentos, que hiaõ bastecer o exercito, fazendo varar outras em terra, com que se conheceo algũa falta na provisaõ do Campo; & logo entrou em Diu com as naos da preza, & os Mouros enforcados nas vergas, dando estranho pezar ao Cãpo taõ lastimosa vista. Rumecaõ offereceo pelo Capitaõ Jenizaro, que (como dissemos) lhe era conjunto em sangue, trinta & dous mil pardaos de ouro; porèm Dom Alvaro mandou que o enforcassem, porque nam viera a vender sangue, senaõ a derramalo; que dos Mouros naõ queria outro despojo, que as cabeças. Espantou a Rumecaõ a ira, aos Tur-

Entra em Diu com ellas.

Naõ quer D. Alvaro resgatar hum Jenizaro, & manda-o enforcar.

cos o desprezo, & por nam ter Dom Alvaro embainhada a espada dos seus, em quanto naõ chegava a batalha, mandou alguns navios de Baçaim, & Chaul tomar as Gelvas, que bastecia o inimigo; o que fizeraõ tam ditosamente, que preàraõ quatorze, trazendo pelas vergas os Mouros enforcados, de que ja era menor o sentimento, que o espanto, vendo que nam tinha a colera & vingança dos nossos, piedade, ou limite.

Tomão os nossos quatorze Gelvas ao inimigo.

Entretanto Dom Joaõ de Castro, resolvendo comsigo dar a el Rey de Cambaya hum castigo, de cujo exemplo resultasse nos Principes da Asia a paz, & reverencia do Estado; quiz primeiro palpar, ou satisfazer aos juizos de fóra, para que os que approvasse o intento, achasse doceis na execuçaõ de seu mesmo conselho. Para este effeito chamou a si o governo da Cidade, Ecclesiastico & Secular, com os Fidalgos, & soldados de nome, aos quaes declarou o animo com que estava de ir descercar pessoalmente a Diu, & dar a Rumecaõ batalha em seus alojamentos; que dado que todos o sabiaõ como particulares, lho queria certificar em commum, para que na approvaçaõ da Republica, levasse

O Governador declara em conselho a resolução de ir a Diu.

como parte da victoria a justiça da causa. Ouvido o Governador, agradecèraõ todos, em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar ministro independente, logo o fervente zelo, com que queria em serviço da patria sacrificar a vida sobre o sangue ainda fresco de seus proprios filhos. Chegados a votar na materia, discorrèraõ com sentimentos differentes. Dom Diogo de Almeyda Freire, Capitaõ mór de Goa, a quem os annos, & os casos da guerra tinhaõ dado experiencias largas, fallou d'esta maneira.

» As pequenas forças, que hoje te- Parecer de
» mos, saõ formidaveis a nossos ini- D. Diogo de
» migos, em quanto as naõ conhe- Almeyda em
» cem, porque toda esta Asia avalia contrario.
» nosso poder pelas victorias, mais
» que pelos soldados, desorte que
» só a fama das cousas passadas nos
» conserva as presentes. Tem V. S.
» junto nesta armada todo o poder
» da India, com que a penas pode-
» mos contar dous mil Portugueses,
» & tentamos estremecer o mundo
» com brado tam pequeno. Esta arvo-
» re do Estado, de cujas ramas pen-
» dem tantos trofeos ganhados no
» Oriente, tem as raizes apartadas

» do tronco por infinitas legoas, con-
» vem que as ſuſtentemos, arrimada
» na paz de huns, & no reſpeito dos
» outros. Nunca podemos reſponder
» ao que ſe eſpera de noſſas forças
» juntas, porque huma victoria pou-
» co nos acredita, & hum ſó eſtrago
» nos acaba. Temos a noſſa fortaleza
» ſoccorrida: de que ſerve em huma
» chaga ja curada, eſperdiçar o reme-
» dio das outras? Que nova prudencia
» nos enſina aventurar em huma ſó
» batalha, o que ſe tem ganhado em
» tantas victorias? Temos poder pa-
» ra nos conſervar inteiros, nam te-
» mos forças para nos reparar per-
» didos. Nenhum grande ſoldado deu
» batalha campal, ſenam neceſſitado,
» porque o deſtroço coſtuma ſer igual,
» ſó fica com o victorioſo o campo,
» & a fama inutil. De Diu não que-
» remos, nem podemos ter mais que
» a fortaleza; pois com que furia ce-
» ga tornamos a comprar com noſſo
» ſangue, o meſmo de que ſomos
» ſenhores? Que novos povoadores
» temos para habitar a Ilha? De que
» parte do mundo podemos trazer ou-
» tros, que deixem de ſer Mouros,
» ou Gentios, de fé tam incerta com
» o Eſtado, como eſtes, que agora

» nos offendem? Vamos a peleijar cõ
» Turcos, & com Mouros ſuperiores
» em numero, iguaes em armas, &
» diſciplina; ſe tivermos hum ſucceſ-
» ſo adverſo, naõ temos ſalvaçaõ, por-
» que a terra he ſua; ſe o alcançarmos
» proſpero, nenhum fruto tiramos da
» victoria. Com armas navaes con-
» quiſtamos a India, com ellas a ha-
» vemos de conſervar, porque temos
» a ventagem dos vaſos, & da mari-
» nharia. Se naõ queremos vencer,
» ſenaõ em batalhas, arrazemos as
» noſſas fortalezas, derribemos os mu-
» ros da Cidades. Se me dizem que
» he honra do Eſtado, arruinar por
» huma offenſa hum Reyno, ja eſti-
» vera deſpovoado o Oriente, ſe to-
» dos os que nos fizeraõ guerra, re-
» cebeſſem o ultimo caſtigo. Por ven-
» tura accuſaremos a Affonſo de Al-
» buquerque, porque depois de ſofrer
» tantas hoſtilidades, & enganos dos
» Reys, & Governadores de Ormuz,
» o naõ deixou abrazar? Perderá
» aquella grande fama, que mere-
» ceo na terra, porque nas offenſas,
» cavillaçoens do Çamorim, naõ dei-
» xou o Malabar deſtroído? Macula-
» rá Nuno da Cunha aquelle illuſtre
» nome, porque depois das traiçoẽs

» de Badur, nam fez guerra a Cam-
» baya? Iremos deſtruir ao Turco,
» pelo atrevimento, com que cercou
» o ſeu Baxá a noſſa fortaleza? Apreſ-
» taremos noſſas armadas contra o
» Achém, porque tantas vezes nos
» aſſaltou Malaca? Meteremos a fo-
» go, & ſangue eſte Hidalcaõ, por
» nos tolher cada dia os mantimen-
» tos, & inquietar as terras de Bar-
» dés, & Salſete? Que deſeſperaçaõ
» nos arraſtra, a offerecer a garganta
» do innocente Eſtado ao cutelo ini-
» migo? Eſta armada tão eſpantoſa
» nas apparencias, & no poder tão
» débil, he freyo a Rumecaõ, aos
» noſſos muros; porèm deſembarca-
» dos em terra eſtes poucos ſoldados,
» abrirá o Oriente os olhos ao ſegre-
» do de noſſas forças, & todos eſtes
» Principes trabalharaõ por romper
» a fraqueza das priſoens, em que
» os temos atados. Gloria foy do Im-
» perio Romano, vencer muitas ba-
» talhas Quinto Fabio Maximo; de-
» pois foy ſalvaçaõ eſcuſar huma. Os
» primeiros Conquiſtadores nos fize-
» raõ a caſa, a nós ſó toca o conſer-
» vala. Se na oppugnaçaõ de Diu
» perdeo o inimigo hum exercito,
» que falta a eſta facçaõ para victoria?

» E que para caſtigo ? A offenſa in-
» tentaſe com forças iguaes; a vin-
» gança com muito ſuperiores; por-
» que naõ ſe ha de ir a ſatisfazer hũ
» aggravo com riſco de nova injuria.
» Mormente, que em nada tem a for-
» tuna mayor imperio, que nas cou-
» ſas de guerra; alcançaõſe muitas
» vezes as victorias por leves acci-
» dentes, & por outros ſe perdem.
» Será pois juſto deixar na contingẽ-
» cia de hum ſucceſſo o cetro Orien-
» tal, com eſpanto, & enveja das
» gentes, fundado ſobre tantas vic-
» torias? Se perdermos eſta armada,
» onde eſtá junto todo o poder da
» India, que theſouros poupados tem
» S. Alteza pãra nos mandar outra?
» Começaremos a rogar, ou a con-
» quiſtar de noyo os Principes da In-
» dia; tornaremos à ſua infancia eſte
» Imperio já encanecido; viveremos
» na corteſia das Coroas que temos
» offendido, ficando creaturas miſe-
» raveis daquelles de quem ſomos
» ſenhores.

As razoens de Dom Diogo de Al-
meyda ſatisfizeraõ aos de ſua opiniaõ;
aballàraõ os que tinhaõ outra. Porèm
Dom Joaõ de Caſtro, ſeguro na re-
ſoluçaõ tomada, diſcorreo em contra- Reposta do Governador.

rio, dizendo, que nenhuma naçaõ dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz & da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas, que tinhamos na India, se conservavaõ com as mesmas armas, com que foraõ ganhadas; que o respeito, que nos tinhaõ os Mouros, & Gentios, naõ duraria mais, que atè saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes Principes estavaõ attentos ao castigo de Cambaya, & naõ ousaraõ atègora ajudala com forças auxiliares, temerosos de poderem cahir sobre suas ruínas; porem se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos de nossa fortaleza, & atar as feridas, que nos tinhaõ aberto, as tornariaõ a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coraçaõ do Estado; que a reputaçaõ era alma dos Imperios; o sofrimento nos particulares, virtude, nas coroas, ruína; que tinhamos perdido neste cerco tantos Fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, & soldados de nome, que cobririaõ os vivos, como sinaes infames, as feridas que recebèraõ nes-

ta guerra, ſe as nam viſſem vingadas; que ficava que contar ao Mundo d'eſte cerco, ſenaõ a paciencia com que o toleramos; que o Eſtado mais ſe aſſegurava com a fama, que com todas as drógas do Oriente; as quaes ſó eraõ de preço, quando as recebiamos, naõ por cõmercio, ſenam como tributo; que, ultimamente, naõ queria, que a primeira fraqueza de noſſas armas aconteceſſe nos dias de Dom Joaõ de Caſtro; que elle eſtava reſoluto a peleijar, a culpa ſeria de hum ſó, a victoria de todos. Referio o Governador eſtas palavras com hum eſpirito preſago do triumpho anteviſto, ou da eſperança do ſucceſſo, ou da grandeza do animo.

Em Diu naõ eſtavaõ ociosas as armas, porque Rumecaõ valeroſo, & conſtante, nam o aſſombravaõ os danos recebidos, nem os ſoccorros eſperados dos noſſos. Sabia o poder, com que o Governador vinha em peſſoa, ainda eſtimado por mayor na fama, que na apparencia; mas nem aſſi dobrou da reſoluçaõ de proſeguir o cerco, eſperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de ſobre a porta, em que eſtava Antonio Freire, & ainda que ſe trabalhava com eſtranho ſi-

Continua Rumecaõ cõ outra mina.

lencio, divertindo a attemçaõ dos noſſos com ardís differentes, o Capitaõ mór, a quem nenhum caſo ou accidente achava deſcuidado, lhe penetrou a obra, à qual contrapoz os meſmos reparos, que outras vezes. Deraõ os Mouros fogo à mina em dez de Outubro, a qual rebentou ſem dano pela face de fóra, retrocedendo o fogo por achar reſiſtencia nos repuxos, & víraõ os Mouros por dentro outra parede levantada, eſpantados de que anteviamos os fins de todos ſeus deſenhos, nam lhes valendo a força, nem a induſtria contra tam valeroſos & prevenidos inimigos. Rumecaõ ainda que experimentava que nas minas era menor o fruto, que o trabalho, ou por canſar os noſſos, ou por ter os ſeus em boa diſciplina, começou a abrir outras, que ſendo tambem conhecidas, ſe atalhàraõ, as quaes naõ referimos, porque nam involvèram ſucceſſo memoravel, como por evitar o faſtio de relatar couſas tam parecidas.

A que deu fogo ſem dano noſſo.

LIVRO TERCEIRO.

Aos dezaſete de Outubro d'eſte anno de mil quinhentos quarenta & ſeis, entregando Dom Joaõ de Caſtro o governo da Cidade ao Biſpo Dom Joaõ de Albuquerque, & a Dom Diogo de Almeyda Freire, ſoltou as vélas em direitura a Baçaim, onde quiz eſperar alguns ſoccorros, & mantimẽtos, que vinhaõ retardados, porque fez opiniaõ de naõ eſtar o Governador da India em Diu hum ſó dia cercado; querendo com a felicidade de Ceſar, chegar, ver, & vencer.

Parte o Governador para Diu.

Conſtava a armada de doze galeoẽs groſſos, de que era Capitania S. Diniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros eraõ Capitaẽs Garcia de Sá, Jorge Cabral, Dom Manoel da Sylveira, Manoel de Souſa de Sepulveda, Jorge de Souſa, Joaõ Falcaõ, Dom Joaõ Manoel Alabaſtro, Luis Alvarez de Souſa. Os navios de remo eraõ ſeſſenta, de que eraõ os principaes Capitaẽs Dom Manoel de Lima, Dom Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, Dom Diogo de Sottomayor, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Perez de Andrade,

Com que armada, & Capitaens.

Dom Manoel Déça, Jorge da Sylva, Luis Figueira, Jeronymo de Souſa, Nuno Fernandez Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serraõ, Coſme Fernandez, Manoel Lobo, Franciſco de Azevedo, Pedro de Attayde Inferno, Franciſco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Coſme de Paiva, Vaſco Fernandez, Tanadar mór de Goa, Cabo de quinze fuſtas, cotías, & taurins, em que hiaõ os Canarins de Goa, & outros navios de Cananor, & Cochim.

Chega a Baçaim, & faz guerra a Cá baya,

Em ſeis dias afferrou Baçaim, vindo buſcalo ao navio Dom Jeronymo de Menezes ſeu cunhado, Capitaõ mór d'aquella fortaleza, conſolandoſe reciprocamente hum na morte do irmaõ, outro do filho. E porque o Governador naõ queria ter ociosas as armas, deſpachou Dom Manoel de Lima com ſeis navios ligeiros, para que na enſeada de Cambaya fizeſſe algũas preſas nos navios, que ſoccorriaõ, ou baſteciaõ o Campo do inimigo. Naquella paragem andou alguns dias, em que tomou ſeſſenta cotías de Mouros com mantimentos; mandou eſpedaçar os corpos, & trazidos à toa, os ſoltou nas bocas dos rios, para que a corrente os levaſſe à Ilha,

onde foſſem viſtos com horror, & eſpanto, de que a ira dos Portugueſes inventaſſe cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento, ſe recolheo Dom Manoel com ſeſſenta Mouros pendurados nas vergas dos navios; eſpectaculo mais grato à vingança, que à humanidade. O Governador alegrandoſe com eſtes enſayos da guerra, que emprendia, tornou a mandar Dom Manoel de Lima com trinta navios, & inſtrucçaõ, que todo o maritimo de Cambaya puzeſſe a ferro, & fogo, para que a memoria do caſtigo duraſſe nas ruínas.

Lourenço Pirez de Tavora, Capitaõ mór das naos do Reyno (como temos referido) aportou em Cóchim com os mais navios de ſua companhia, & achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo, que acharia o Governador em terra; & ſabendo que ſe tinha levado toda a armada, róta batida foy demandar Diu, antepondo o ſerviço Real aos intereſſes da viagem, cujo exemplo ſeguiraõ muitos Fidalgos Reinoes, ſendo a primeira terra, que piſáraõ da India, as ruínas de noſſa fortaleza. Entre os quaes paſſou Dom Antonio de Noronha, filho do Viſo-

Lourenço Pirez o vay buſcar.

Rey Dom Garcia com seſſenta ſoldados à ſua cuſta; que eſtas eraõ as riquezas, que os Fidalgos d'aquelle tempo hiaõ buſcar ao Oriente, porque eraõ entaõ melhores dròga as feridas, que agora os diamantes. Neſtas naos teve o Governador cartas do Infante Dom Luis, que referiremos, porque ſe veja a attençaõ com que o Rey, & o Infante olhavaõ as acçoẽs mais pequenas dos miniſtros, fazendo d'ellas acertado juizo, para lhes reſponder com premio, ou caſtigo; & a ſingeleza do trato, tam alheyo da ſoberania, ou altivez de outros tempos; & naõ ſerá para os ſaudoſos d'aquella idade, prolixa eſta memoria.

[E outros Fidalgos.

Carta do Infante Dom Luis.

» HOnrado Governador, pelas cartas que eſcreveſtes a el Rey meu
» Senhor, & a mim, vi o diſcurſo
» de voſſa viagem depois de partido
» de Moçambique atè chegar à India,
» & o que nella fizeſtes atè a partida
» das naos, & o eſtado em que achaſ-
» tes a terra, & a condiçaõ dos homẽs,
» & devaſſidaõ dos tratos, & a fra-
» queza da armada, & como vos
» houveſtes com o Hidalçaõ nas cou-

ſas

» ſas do Meále, & aſſi nas couſas de
» Ormuz, & com os Fidalgos, que
» tinhaõ licenças de Martim Affonſo,
» para levarem lá drogas, & tudo
» mais, que por voſſas cartas dizeis.
» E porque el Rey, meu Senhor, vos
» reſponde a todas eſtas couſas em
» particular, o naõ farey eu, ſenaõ
» em ſomma. E porèm naõ deixarey
» dizer, quanto me aſſombrou cá em
» terra o perigo, que paſſaſtes a tra-
» vez da Ilha do Comaro, porque
» verdadeiramente foy acontecimen-
» to muy grande & temeroſo, &
» porèm eu o tomo, como por boa
» eſtrea, porque me parece, que vos
» quiz noſſo Senhor moſtrar niſto,
» que vos ha de ſalvar dos perigos da
» terra da India, para que he neceſ-
» ſario tanto milagre, como uſou
» comvoſco, em vos ſalvar de tama-
» nho perigo; pelo que eu lhe dou
» muitas graças: & folguey de ſaber,
» que Dom Jeronymo de Noronha
» vos teve companhia neſte perigo,
» pois noſſo Senhor tambem o ſalvou
» a elle, & he couſa de homem taõ
» honrado, como elle he, participar
» dos perigos & trabalhos de ſeu
» Capitaõ. Quanto às mais couſas,
» que me eſcreveis, porque el Rey,

» meu Senhor, vos reſponde a toda
» em particular, & eu fuy preſente
» às meſmas repoſtãs, naõ me pare-
» ceo acertado tornarvolas a referir,
» porque por ſuas cartas vereis o con-
» tentamento, que tem, de como
» neſſas partes o começais a ſervir,
» & a boa opiniaõ, que a gente tem
» de vós, o que particularmente vos
» manda, que façais em cada couſa.
» O que vos eu diſto mais poſſo di-
» zer he, que eſtou muy contente do
» modo, que levais nas couſas deſſa
» terra, & do que nella fazeis, &
» dizeis, porque bem ſe moſtra niſ-
» to, que o paſſar tantos climas, vos
» naõ mudou de quem ereis, & da
» conta em que vos eu ſempre tive,
» porque vos nam contentais de moſ-
» trar iſto aſſi por obras, mas alem
» diſſo, vos ides ſempre penhorando
» com palavras de demonſtraçoens a
» fazer o meſmo; o que eu tenho
» por mui certo, que vós fareis ſem-
» pre inteiramente, quanto humana-
» mente ſe puder fazer. Do modo
» que eſcreveſtes a S. Alteza naõ eſ-
» tou menos contente, porque vie-
» raõ voſſas cartas muy bem ordena-
» das, & nellas todas as couſas ne-
» ceſſarias, & nenhũas ſuperfluas; &

» bem se vè nellas o mesmo, que af-
» sima digo, & que entendeis as cou-
» sas, & que tendes zelo & desejo
» de as fazer sem respeito temporal
» de amor, nem interesse; o que muito
» folgo de vos ouvir, porque ainda que
» eu tenho por certo, que o fareis assim,
» parece huma grande avondança de
» coraçaõ & de virtude, que nelle
» tendes, folgardes tanto de o dizer;
» pelo que eu espero em nosso Se-
» nhor, que vos ha de cumprir vossos
» bons desejos, & que vos ha de
» trazer d'essa terra com muito vosso
» contento, & honra; porque naõ pó-
» de deixar de succeder isto, a quem
» nenhuma cousa procura, senaõ o
» serviço de Deos, & de seu Rey; &
» ainda que vos isto ha de custar grã-
» des trabalhos, lembrovos, que nel-
» les está o merecimento das cousas;
» que a Christo Senhor nosso con-
» veyo passalos para entrar na sua
» gloria; & se vos parecem as cou-
» sas difficiles, lembrevos que estas
» saõ as em que Deos poem a maõ,
» & o que ajuda a quem o serve nellas
» cõ a tençaõ com que vós o fazeis, &
» os homẽs naõ pòdẽ pôr mais de sua
» casa que a vontade, & a diligen-
» cia; & por isso Saõ Paulo naõ at-

» tribuhia a ſi, mais que o plantar
» das couſas, porque Deos ha de dar
» o incremento; & aſſi o dará elle
» em todas voſſas couſas, como as
» plantardes com o zelo, que eu con-
» fio que vós tendes em todas, &
» por iſſo vos naõ eſpantem as gran-
» des, nem tenhais em pouco as pe-
» quenas: fazey igual ponderaçaõ,
» & os fins d'ellas remetei-os a noſſo
» Senhor; & poſto que algumas vos
» naõ ſayaõ como deſejais, nunca en-
» tre em vòs deſconfiança, em quan-
» to fizerdes as couſas com juſto ze-
» lo & limpa tençaõ, porque muitas
» vezes permitte noſſo Senhor aos
» que o mais ſervem, que façaõ er-
» ros, para que mereçaõ na paciên-
» cia, & na confiança d'elle, & ſe
» eſpertem mais nas couſas, & ſe
» acreſcentem em mayor perfeiçaõ.
» Fazey juſtiça, como a entenderdes,
» tomando ſempre conſelho & pa-
» recer nas couſas, como fazeis; cõ-
» ſervaivos na limpeza de voſſa peſ-
» ſoa, que uſais acerca dos combates
» dos goſtos temporaes, & intereſſes
» d'eſſa terra, & com iſto venha o
» que vier, porque tudo ſerá para
» bom fim. Nas couſas, que tocaõ ao
» culto divino, na converſaõ dos in-

» fieis, vos eſmeray muito, porque
» eſtas ſaõ as armas que principal-
» mente haõ de defender a India.
» Procurai de lançar d'eſſa terra as
» deſpeſas ſobejas dos homẽs, & as
» branduras, & delicadezas de que
» uſaõ; & os veſtidos, & paramentos
» de caſas, que tratãõ, diſpondoos
» para eſtas couſas branda, & ſuave-
» mente com o exemplo, que lhes
» dais, & de voſſos filhos, & com
» fazer favor & mercè aos que uſaõ
» do contrario; & ſe eſtas couſas naõ
» puderdes emendar, naõ vos eſpan-
» teis diſſo, porque as que ſe danaõ
» com tempo, com tempo ſe haõ de
» tornar a emendar, & naõ ſe podem
» remediar de improviſo: por iſſo
» ide continuando com voſſo bom
» propoſito, & fazendo as couſas ſe-
» gundo a diſpoſiçaõ do tempo, & o
» ſujeito das peſſoas em que haveis
» de obrar, que com iſto eſpero em
» noſſo Senhor, que encaminhe to-
» das as voſſas couſas a ſeu ſerviço,
» & ao d'el Rey, meu ſenhor, & a
» voſſa honra, como deſejais. Quan-
» to ao que me dizeis, que procure
» que voſſa eſtada ſeja lá breve, bem
» vejo que tendes muita razaõ de o
» deſejar aſſi, & me parece que ſe

» naõ póde tratar atè naõ vèr as voſ-
» ſas cartas, que eſte anno embora
» viráõ, & por iſſo deixo a repoſta
» d'eſte ponto para o anno, que em-
» bora virá. E acerca do que me eſ-
» creveis de Dom Alvaro voſſo filho,
» eu fallei a S. Alteza naquelle nego-
» cio, & S. Alteza o conhece bem,
» & eſtà bem informado das quali-
» dades de ſua peſſoa, & deſeja de
» lhe fazer honra, & mercè; & po-
» rèm por algũas razoẽs, que S. Alte-
» za vos manda eſcrever, & porque
» eſte anno eſcreve, que naõ manda
» lá nenhum deſpacho, houve por
» bem deferir eſte para reſponder a
» elle o anno que vem, & por en-
» tretanto lhe manda fazer a mercè,
» que vereis por ſuas proviſoens; a
» mim me fica muy bom cuidado de
» lhe lembrar tudo o que a voſſos fi-
» lhos toca, eſpero em noſſo Se-
» nhor, que ſe faça de maneira, que
» elle receba honra, & mercè de S.
» Alteza, como voſſos filhos, a quẽ
» deſeja fazer o que vòs lhe mere-
» ceis; & podeis ter por certo, que
» S. Alteza eſtà em muy verdadeiro
» conhecimento da vontade com que
» ſervis, & muy contente do modo,
» que o tendes feito atèqui. Eu fal-

» lei a S. Alteza em Affonſo de Ro-
» jas, & por voſſo reſpeito lhe fize-
» ra logo a mercè, que lhe eu pedi,
» mas porque (como digo) manda
» dizer às peſſoas, que andaõ na In-
» dia, que eſte anno naõ manda lá
» nenhum deſpacho, deferio o de
» Affonſo de Rojas para o anno que
» vem, & diz que para entaõ lhe fa-
» rá merce. Eu terey cuidado, ſe a
» Deos aprouver, de vos mandar a
» proviſaõ, & folgo eu muito das
» boas novas, que me dais de Af-
» fonſo de Rojas, & de crer he, que
» ſendo irmaõ do meſtre Olmedo,
» & eſtando em voſſa companhia,
» naõ póde deixar de ſer homem de
» bem. O que me mandaſtes nas
» naos, que vieraõ, me foy dado, &
» com tudo folguei, por ſer couſa
» que veyo da voſſa maõ, agradeço-
» volo muito. *Eſcrita em Almeyrim,*
» *a vinte ſeis de Março de mil qui-*
» *nhentos quarenta & ſette.* O INFANTE
» DOM LUIS.

Danos que faz D. Manoel de Lima em Surrate.

Partido de Baçaim Dom Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, & ſobindo por elle com a maré, aviſtou huma povoaçaõ grande, que ainda que naõ era habitada de Abexins, tinha d'elles o nome. Eſta-

va a povoaçaõ da banda de Levante, derramada em huma eſtendida planicie, & ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil vezinhos, que aſſeguravaõ a defenſa com algũas trincheiras, ſem outra fortificaçam, fiados quiçà em que os ſeus neſta guerra eraõ os invazores, & nas eſpaldas, que lhes fazia o exercito que tinhaõ na campanha. Sahio Dom Manoel em terra, & os noſſos cõ a meſma ordem, com que deſembarcavaõ, hiaõ enveſtir o inimigo, mais valeroſos, que diſciplinados. Os Mouros tiveraõ animo para eſperar, naõ para reſiſtir, menos aſſõbrados do temor dos noſſos, que do horror de ſeus primeiros mortos, cujo ſangue os intimidou de maneira, que voltàraõ as coſtas. Perecèraõ muitos na fogida, poucos na reſiſtencia; foy o eſtrago grande, porque não perdoou a eſpada dos ſoldados a ſexo, nem a idade. Mandou Dom Manoel pôr fogo às caſas, abrazàraõſe fazendas, & edificios. O furor deſprezou a cobiça: mandou cortar as maõs a hum ſo Mouro, que deixou com vida, para que naõ levaſſe novas ſem ſinaes da victoria.

Aſſola a Cidade de Antáte.

Sahio do rio a armada, & coſteando dous dias, houve viſta da Cidade de

Antóte, conhecida pela ſoberba dos edificios, & riqueza de ſeus habitadores groſſos com o cõmercio maritimo. Eſtes prevenidos com o eſtrago alheyo, reſolvèraõſe a defender ſuas caſas, ou morrer dentro nellas; tão iguaes andaõ na eſtimaçaõ com a vida, eſtes bens da fortuna. Tomou Dom Manoel terra, inda que naõ ſem ſangue, porque os Mouros vieraõ eſperar os noſſos, moſtrandoſe na reſoluçaõ ſoldados, mas naõ na diſciplina, porque divididos em magótes, acometiaõ aos noſſos com tiros vagos, & incertos, deſcobrindo o meſmo temor na reſiſtencia, que depois na fogida. Dom Manoel os foy levando atè os encerrar na cidade, onde a viſta das mulheres, & filhos, os fez deter piedoſos. Aqui pareceo aos noſſos, que tinhaõ inimigos, porque peleijavaõ com amor de pays, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como o valor nam era natural, & naſcia de affectos piedoſos, ou covardes, cedeo a piedade ao temor, deixandonos a cidade, os filhos, & a victoria. E como Dom Manoel hia mais à deſtruir, que a vencer, deu a Cidade ao fogo. A crueldade ſobejou ao eſtrago, porque a

muitas donzellas Bramanas, na cor, & fermoſura, como as da noſſa Europa, naõ perdoou a victoria, eximindoas da culpa o ſexo, o parecer, da eſpada.

E outros lugares, & recolheſe.

Foy Dom Manoel de Lima aſſolando os lugares da coſta por toda aquella enſeada de Cambaya, fazendo taes eſtragos, que o naõ fartava o ſangue, nem a victoria. Emfim ſe recolheo com mais gloria que deſpojos; & achou o Governador ja na Ilha dos Mortos com toda a armada junta, com a qual no ſeguinte dia, que foraõ feis de Novembro, ſe fez na volta de Diu: hiaõ os navios boyantes, cheyos de flamulas, & galhardetes, dando de ſi huma fermoſa viſta.

Chega o Governador a Diu.

Tanto que da fortaleza deſcobríraõ a armada, foy o contentamento univerſal de todos, como os que depois de tantos diluvios de ſangue, viaõ quem lhes levava a paz, pela victoria. Embandeirouſe a fortaleza toda, veſtindoſe de alegria as poſtradas ruínas. Mandou o Capitaõ mór diſparar a artelharia. O Governador lhe reſpondeo do màr com huma eſpantoſa ſalva, a que ſuccedèraõ os inſtrumentos muſicos, & guerreiros das trombetas baſtardas, ſolemnizando com

alegres veſperas hum temeroſo dia. Os Mouros tambem diſparavaõ muitas peças, moſtrando da chegada do Governador alegria, ou deſprezo.

Ficou Dom Joaõ de Caſtro no màr aquella noite, donde mandou chamar ao ſeu navio, o Capitaõ mór, Garcia de Sá, Manoel de Souſa de Sepulveda, Jorge Cabral, & outros Fidalgos de conſelho; aos quaes ſignificou a reſoluçaõ com que vinhà de peleijar, ſobre que naõ queria parecer alheyo; que o Governador da India naõ deſembainhava a eſpada para ſe defender, ſenaõ para caſtigar; que no modo de cometer o inimigo, o aconſelhaſſem todos. Garcia de Sá lhe approvou, & louvou a reſoluçaõ tomada, apontando razoẽs, que ao Governador foraõ muy gratas, pela peſſoa, & pelos fundamentos. Sobre a forma de peleijar ſe diſcorreo, & aſſentou modo, que ſe teve encuberto atè a execuçaõ. Ordenou que ſe meteſſe a gente na fortaleza no ſilencio da noite, & em quanto deſembarcava, com muſicas, inſtrumentos, & tiros dos navios, occultar a Rumecaõ o intento. Em tres noites paſſou a gente à fortaleza por eſcadas de corda; o que ſe obrou taõ cautamente, que o

Faz conſelho no màr.

Mète a gente na fortaleza.

naõ pode entender o inimigo.

Discurso de Rumecaõ.

Rumecaõ moſtrandoſe mais ouſado no perigo viſinho, diſſe aos ſeus, que ſe o Governador quizeſſe peleijar na campanha, entrariaõ os Mouros na fortaleza pelas portas, & naõ pelas muralhas; que com as bandeiras Portugueſas eſperava varrer a caſa do Propheta; que peleijavaõ pela liberdade de tantos Principes, que gemiaõ opprimidos do peſo da ſervidaõ, & tributos; que poupaſſem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum ſó dia; que com o peſo de tantas victorias ja naõ podia o Eſtado; que ordenava a fortuna trazelos juntos, para os acabar de hum ſó golpe.

Que exercito tinha.

Eſforçou eſtas arrogancias o Turco, com mandar que a todos os ſoldados ſe dobraſſem as pagas. Paſſava de quarenta mil homẽs o exercito; eraõ os mais dos Cabos Turcos, ſoldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a fama do valor fizera conhecidos. Haviaõ chegado de refreſco ao Campo ſetecentos Jenizaros, que quizeraõ, com ſoberbá, militar ſeparados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria.

E como o diſpoẽ.

Guarneceo Rumecaõ as eſtancias, & poz o groſſo do exercito nas partes

onde lhe pareceo, que poderia pojar a noſſa armada, ſem que a confiança lhe foſſe impedimento à diſciplina. D'eſta ſorte eſperou a invaſaõ dos noſſos, à reſiſtencia prompto, & na batalha incerto.

Tendo o Governador recolhido na fortaleza ja todos os ſoldados, achou ſobre acometer o inimigo opinioens diverſas; & como as razoẽs de huns & outros cahiaõ ſobre a contingencia do ſucceſſo, naõ ſe podiaõ eſcolher, nem reprovar ſem o conhecimento do futuro a todos eſcondido. Garcia de Sà com authoridade dos annos, do valor, & do ſangue, diſcorreo outra vez ſobre conveniencias da batalha; mas Dom Joaõ de Caſtro, mandando guardar ſilencio a todos, diſſe, que a ſorte eſtava ja lançada; que dos valeroſos ſeria bem jugaldo, dos fracos naõ queria approvaçaõ, & os de fóra eſperariaõ o ſucceſſo para fazer juizo. Aquella tarde gaſtou em diſpor os ſoldados para o ſeguinte dia, para que a dilaçaõ nam alteraſſe os animos, ou a reſoluçaõ. Ordenou que os bateis da Armada eſperaſſem ſinal com tres foguetes da fortaleza, para que no meſmo tempo, que os noſſos determinaſſem ſahir, foſſem remando con-

Reſolve o Governador dar batalha.

Ordem que deu à Armada.

tra aquella parte donde o inimigo ſe temia, tocando os inſtrumentos de guerra, fingindo todas as demonſtraçoens de ſaltar em terra, metendo pelas perchas das fuſtas, muitas lanças, cuja viſta daria apparencias ao engano; & a do Governador ſe daria a conhecer de longe, pelo lugar, & bandeira Real, & pelos attavios; ſimulaçaõ, que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

Amanheceo o dia, em que ſe contavaõ onze de Novembro, dedicado à memoria do glorioſo S. Martinho Biſpo Turonenſe, que nos podia favorecer Santo, & ajudar Soldado. Cõ a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da fortaleza com baſtaõ de General, veſtido de armas brancas com tanta mageſtade, que na peſſoa ſe reſpeitava o cargo. Celebrouſe Miſſa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos ſe pediſſe a victoria. Cõmungou o Governador, & a mayor parte dos ſoldados, & o Cuſtodio dos Franciſcos publicou indulgencia plenaria aos que morreſſem na batalha. Acabado eſte acto, mandou tirar as portas da forteleza, & guizar com ellas hum almorço aos ſoldados, para que a con-

Faz outras prevençoens.

fiança do General, & a deſeſperaçaõ de algum abrigo, igualmente ſerviſſem à victoria, fazendolhes o peleijar preciſo, por gloria, ou por neceſſidade; diſſe aſſim aos ſoldados: Falla aos ſoldados.
» entramos em huma batalha, onde
» vencidos, honraremos noſſo Deos
» com o ſangue; vencedores, noſſo
» Rey com a victoria. A força do
» exercito inimigo, ſaõ Turcos, &
» Jenizaros, os quaes como ſolda-
» dos mercenarios, buſcaõ a guerra,
» aborrecem a peleija. A outra parte ſe
» compoem de naçoẽs differentes, o
» ſoldo as obriga a eſtar juntas, mas
» naõ a eſtar conformes. Naõ ſaõ eſ-
» tes mais valeroſos que ſeus pays,
» & avòs, naõ feraõ mais felices; a
» todos ſujeitaràõ noſſas armas. Eſte
» Imperio da Aſia he filho de noſſas
» victorias, criamolo em ſeu primei-
» ro berço, ſuſtentemolo agora ja ro-
» buſto, que depois de largas idades
» nos ha de moſtrar ao mundo com
» o dedo a fama d'eſte dia. Animar
» a batalha, fora eſquecerme que ſo-
» mos Portuguezes.

Neſta fórma tinha ordenado a gente. Deu a vanguarda a Dom Joaõ Maſcarenhas, devendoſelhe eſte mayor perìgo, como premio dos outros; ag- Ordem em que os poz.

gregoulhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A Dom Alvaro de Castro, outros quinhentos Portuguezes, em que entravaõ todos os Fidalgos, & Capitaẽs de sua Armada. A Dom Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que seriaõ oitocentos Portuguezes com alguns Canarins, & Malabares.

Os Mouros cada dia engrossavaõ o campo, & de fresco tinhaõ chegado Alucaõ, & Mojatecaõ com cinco mil soldados. Mandou o Governador fazer sinal à Armada com os foguetes, o qual conhecido, partio à voga arrancada, & arrimandose à praya, desparou a artelharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo naõ acodio ao que havia de temer, senaõ ao que temia, solicito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumecaõ com o grosso do exercito carregou àquella parte do mar a impedir a desembarcaçaõ aos nossos. O Governador sahio a este tempo da fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. Dom Joaõ Mascarenhas foy com os de sua companhia cingindo a cava,

Comete a Armada à terra.

Acode alli Rumecaõ.

O Governador sahe da fortaleza.

por ſubir por aquella parte, onde eſtava o baluarte de Diogo Lopez de Sequeira. Antonio Moniz Barretto, que hia neſta conſerva, encomendou a ſua eſcada a tres valentes ſoldados: eſtes foraõ os primeiros que enſanguentàraõ a victoria, ſem que chegaſſem a vela. Tinhaõ vindo aquelle anno nas naos do Reyno com Lourenço Pirez de Tavora; eraõ naturaes da Villa do Torraõ, & traziaõ cartas a Antonio Moniz de ſua mãy, que lhos recomendava, as quaes lhe deraõ eſtando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos ſoldados, que ſe livraſſe com vida, lhes faria bons officios com o Governador; ao que elles reſpondèraõ conformes, que ſó naquelle dia neceſſitavaõ de ſeu favor, que ao diante ſeus procedimentos lhes fariaõ paſſagem; que lhe pediaõ lhes entregaſſe aquella eſcada, ſeguro de que a ſaberiaõ arvorar, & defender com as vidas. Antonio Moniz, vendo brios tam honrados em ſoldados humildes, lha entregou confiado, dizendo, fiava d'elles o credito, & a eſcada; a qual logo que levantàraõ com deſgraciado valor, hum tiro cego lhes eſtroncou as cabeças.

Brio laſtimoſo de tres ſoldados.

Desafio estranho.

Referirey hum estranho desafio, que deixàra de escrever por lastimóso, senaõ fora tam illustre. Dom Joaõ Manoel, & Joaõ Falcaõ, Fidalgos de muita opiniaõ, andavaõ entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homẽs, vem a pesar aquillo em que se estimaõ. Tratàraõ de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz d'esta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravaõ na contenda com mais livre juizo, reduziraõ a questaõ a mais honrado duello, discorrendo que o Governador tinha a pique a jornada, & que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo, que pelo bando perdiaõ as cabeças; & que Dom Joaõ de Castro naõ era pay, ainda que o parecia; sofria culpas, mas naõ atrevimentos; que podiaõ sanear as honras, onde arriscavam as vidas; cõcertandose, que o que primeiro & com mayor valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular & na cõmum batalha, inventando, com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizeraõse da proposta hum & outro inimigo; pediraõ a parentes & amigos lhes tivessem as

eſcadas, como homens, que haviaõ de peleijar pela honra do Eſtado, & pela ſua. Começàraõ de ſobir a hum meſmo tempo. Dom Joaõ Manoel, lãçando huma maõ ao muro, lha levàraõ de hum golpe; acodindo com a outra, tambem lhe foy cortada; ſoccorrendoſe dos cotos para ferrar o muro, com hum golpe de alfange lhe levàraõ a cabeça. Joaõ Falcaõ acometeo ao meſmo tempo o muro, & tendo o ja vencido, defendendoſe valeroſamente, foy morto a cutiladas. Sobre qual d'eſtes dous contendores deu mayores provas de valor, fizeraõ os ſoldados de brio juizos differentes; nòs diremos, em beneficio de ambos, que não devia mais à honra, quem deu tudo por ella.

Que faz Dõ Joaõ Maſcarenhas.

Começou Dom Joaõ Maſcarenhas com os ſeus a arrimar as eſcadas, ſobindo muitos com tanta reſoluçaõ, cõmo fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencèraõ a reſiſtencia; eſtes compràraõ a gloria de ſer primeiros com o perigo de ſe achar ſós no campo, tendo o peſo dos Mouros em quanto lhes chegavaõ os companheiros. Os feitos de armas, que ſe obràraõ neſta primeira eſcala, ſe deixaõ conhecer da poſtura com

que se combatia; pois os Mouros peleijavaõ firmes, & os nossos pendentes. Dom Alvaro de Castro, & Dom Manoel de Lima atravessàraõ o muro por differentes partes, recebendo na mayor resistencia, mayor dãno. Perdèraõ algũa gente em quanto peleijavaõ derramados, logo que se firmàraõ, deraõ lugar mais franco a que os seus sobissem.

Que faz D. Alvaro de Castro.

O Governador achou no raso mayor perigo, que tève na sobida, porque encaminhou logo à ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, & muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Cometeo-a o Goveanador a risco aberto; o valor foy singular, o caso milagroso; porque chegãdo muitas vezes os Mouros o murraõ às peças escorvadas, nenhũa tomou fogo; succesSo para milagre, opportuno; para accidente, raro. Porèm naõ quiz o Ceo toda a victoria, porque crecendo os Turcos na defensa da ponte com escopetas, panelas de polvora, & lanças de arremeço, retardàraõ o impeto dos nossos. Alguns voltàraõ os rostos aos pelouros, quiçá para mostrarnos Deos quanto valemos, deixados em nós mesmos; fogiaõ os fracos, de-

Perigo do Governador na ponte.

Livra por milagre.

tinhaõſe os valentes, porèm Dõ Joaõ de Caſtro a nenhum inferior no esforço, mayor que todos no acordo, com alguns que o acompanhavaõ, cerrou com o inimigo, bràdando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Eſta voz ſe derramou com taõ felices eccos, que os noſſos outra vez unidos, buſcàraõ ſua bandeira; & os inimigos tímidos, ou credulos, foraõ perdendo o campo, ſendo eſta voz do General a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizeraõ os noſſos eſtrago, como de vencedores, & o que era ardil, ja parecia verdade. O Governador, ſem perdoar inſtante a ſua fortuna, foy atravéſſando o Campo, & como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conſelho, Dom Joaõ cercado de quaſi todo o exercito inimigo, ſe acclamou victorioſo, fogindo por aquella parte os Mouros, ſem dano, mas ja deſordenados. Em fim tivemos por ſeu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador, ſe affirmou ſem contradiçaõ, que fora elle o primeiro que cavalgàra o muro, & d'eſte feito naõ achou teſtimunha contra ſi, mais que a ſi meſmo, que liſamente diſſe, que Lourenço Pirez de Tavo-

Acclama victoria.

E proſegue-ſe.

Que diz de Lourenço Pirez.

ra primeiro afferràra o muro; naõ querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por eſcuſado furtar honra, quem ſabia ganhala.

Oppoem-ſe Rumecaõ.

Aviſado Rumecaõ da deſordem cõ que os ſeus fogiaõ, acodio com hum groſſo batalhaõ de Turcos a deter, ou eſtorvar a victoria, & como a vantagem do numero era tam ſuperior, retardando a furia dos noſſos, igualou a batalha. Durou a porfia eſpaço largo. Foy derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador, brádou impaciente: que he iſto Portuguezes? Tiraõvos das maõs a victoria? Tiraõvos a bandeira? E remetendo ao inimigo cuberto de huma adarga, em que trazia duas ſettas cravadas, com a voz, & com o exemplo animou os ſoldados de maneira, que com furioſa corrente, fizeraõ retroceder aos Mouros, fogindo os ultimos com o terror dos primeiros.

Peleija o Governador peſſoalmẽte.

Dom Alvaro de Caſtro, & Dom Manoel de Lima, feitos em hum ſõ corpo, ſe fizeraõ envejar de ſeus ſoldados, & de ſeus inimigos. Acometèraõ a Alucaõ, & Mojatecaõ valentes Turcos, & Cabos principaes do exercito, que muito eſpaço lhes fizeram duvidoſa a victoria. O ſangue tingia

as armas, tingia a terra; a vozeria dos Mouros eſtremecia o Campo, como perigo novo; o horror, & a confuſaõ arrebatava os ſentidos, de ſorte, que muitos ſentiaõ as mortes, primeiro que as feridas: cedeo em fim ao valor o numero, & os Turços ſe retiràraõ com infinitos mortos, as eſtancias perdidas. Dom Joaõ Maſcarenhas acometeo a Juzarcaõ, ao qual ganhou o poſto, com naõ menos valor, nem peyor fortuna. Rumecaõ, naõ perdendo animo, nem acordo com a primeira deſgraça, eſperou a ultima, formando ſeus eſquadroens no campo aberto, ou foſſe neceſſidade, ou confiança, porque em tam numeroſo exercito, mais ſe conhecia o temor, que a perda, & como he proprio nas deſgraças accuſar a fortuna, fez Rumecaõ ſuas expiaçoẽs com vozes, & alaridos ſupertícioſos, que os noſſos ouviraõ, como para conciliar a indignaçaõ dos Aſtros.

Eſtancias dos inimigos ganhadas, & por quem.

Rumecaõ ſe forma no cãpo raſo.

Dom Joaõ de Caſtro, naõ querendo perder hum ſó momento de tam fermoſo dia, juntou a ſi o pequeno exercito, & dando a vanguarda a ſeu filho Dom Alvaro, arroſtou o inimigo, que o eſperou formado, & eſtendendo as pontas da mea lua, com que eſtava

O Governador, & ſeu filho o envoſtem.

plantado, veyo cingindo a noſſa infanteria; porèm Dom Alvaro, como ſe quizera para ſi ſó a gloria d'eſte dia, enveſtio o inimigo com tanta gentileza, que foy entre os ſeus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, cometendo, ou abrindo com eſpada & rodela hum eſquadraõ cerrado. Suſtentou o inimigo o campo na primeira enveſtida, mas naõ podendo ſofrer o peſo da batalha, começou a retirarſe, com deſordem. Os noſſos rompendo de todo as fileiras turbadas, ſeguiaõ mais, que deſtroçavaõ os inimigos rotos. Por eſta parte ſe começou a declarar a victoria; mas Rumecaõ com hum groſſo batalhão de Mouros, & Jenizaros, fez aos noſſos roſto, que derramados no alcance, ou deſprezàraõ, ou eſquecèraõ a diſciplina.

D. Alvaro rompe.

Torna Rumecáo a fazer roſto.

Aqui eſteve Dom Alvaro perdido, porque nam podendo ſeus ſoldados reſiſtir divididos, hiaõ deixando aos inimigos o campo, & a victoria, ſem que as vozes de Dom Alvaro, & conſtancia com que peleijava, pudeſſe deter a huns, nem ordenar a outros; tam pendente eſtá do mais leve accidente a fortuna da guerra. Fr. Antonio do Caſal, de cujo valor religioſo

Perigo, & conſtancia de D. Alvaro.

religioso fazem os Autores memoria, com hum Crucifixo arvorado, começou com piedosas & esforçadas razoẽs, a reprender, & animar os nossos, mostrandolhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz a segundas injurias; aconteceo, que huma pedra perdida desencravou hum braço do Crucifixo, & lho deixou pendente, mostrandose em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos infieis caído. Os nossos com mayor espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado, mostràraõ differente valor em differente causa, devendo mais à offensa, de quem eraõ creaturas, que ao imperio de quem eraõ soldados. Subitamente se uniraõ conformes, & recobrando forças, mais foram os instrumentos da victoria, que os authores d'ella. Rumecaõ se retirou desbaratado, & Dom Alvaro baralhado com elle, entrou de envolta na Cidade, achando ja mayor estorvo nos mortos, que cahiaõ, que resistencia nos vivos, que se naõ defendiaõ.

Arvora Fr. Antonio do Casal hum Crucifixo.

Animaõse os nossos.

Rumecaõ se retira, & D. Alvaro entra na Cidade.

A este tempo chegou Dom Manoel de Lima, tam valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou, rompeo o inimigo, atè se

Ajuntaselhe D. Manoel de Lima.

juntar com Dom Alvaro, & entrados na Cidade, fizeraõ cruel estrago nos Mouros, que rotos, & divididos buscavaõ salvaçaõ na fugida, mais que na resistencia. Ja o semblante da guerra, mais parecia saco, que batalha; os nossos achavaõ Mouros, nam achavaõ inimigos; muitos metidos pelas casas roubàraõ suas mesmas fazendas, que occultavaõ, como furto à victoria; outros deixavaõ as armas, por fogir mais ligeiros. Dom Joaõ Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a tam illustre cerco.

E D. Joaõ Mascarenhas.

O Governador ainda peleijava no Campo, solicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso, que a Cidade estava ja rendida. Mas Rumecaõ, pondo tropeços à victoria, tornou a rebentar, como mina, com oito mil soldados, ordenandose em forma de dar ou esperar nova batalha; que era o poder tam grande, que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra. Sahiaõ a este tempo da Cidade Dom Alvaro de Castro, & Dom Joaõ Mascarenhas, & Dom Manoel de Lima a congratularse da victoria com o Governador, quando viraõ a Rumecaõ no campo com ou-

Offerece Rumecaõ nova batalha.

tro novo exercito. O Governador naõ querendo, que a ſuſpenſaõ pareceſſe temor, quaſi com o meſmo alento da paſſada batalha começou a ſegunda, ordenando tres eſquadroẽs, os dous, que buſcaſſem os inimigos pelos lados, & elle pela frente. Neſta ordem começou o inimigo, o qual mais deſeſperado, que conſtante, aguardou o primeiro impeto dos noſſos; mas como peleijava ja tímido, & deſconfiado, & os ſeus com cobarde & forçada obediencia lhe aſſiſtiaõ, com leve reſiſtencia nos deixàraõ o campo. Bem que em todas as facçoens do cerco, & da batalha, ſe moſtrou Rumecaõ taõ valeroſo, como diſciplinado; mas nas adverſidades merece-ſe melhor, do que ſe alcança, a fama. O Governador o deſfaz.

Abriraõſe os Mouros pela frente, & o Governador, á maneira de rio impetuoſo, cuja corrente tudo leva diante, quaſi indefeſos os foy deſbaratando. Ja no Campo ſe fazia eſtrago ſem batalha; os Mouros pareciaõ inimigos na fogida, & naõ na reſiſtencia; & como os noſſos acometiaõ algumas mangas, que ſe mantinhaõ inteiras, elles meſmos ſe deſordenavaõ por remedio, fogindo huns dos outros Alcançaſe a victoria.

com igual, ou mais certo perigo, que fogiaõ dos noſſos. Outros, por naõ parecer inimigos, arrojavaõ as armas, como inſtrumentos, que nos podiaõ acordar aggravo, ou vingança. Em fim naquella tragedia ſe repreſentavaõ todos os affectos, de que o temor ſe veſte. Rumecaõ vendo tudo perdido, veſtindo huma pobre cabaya, ſe lançou entre os mortos, occultandoſe á ira, & á victoria; porèm huma pedra tirada de maõ incerta, o livrou, com a morte, do triumpho. Muitos d'eſte homicidio ſe fizeraõ authores, como ja nos tempos de Galba, de quem quizeraõ ſer mais os matadores, do que foraõ as feridas. E em noſſos dias, & no noſſo meſmo Reyno, vimos tambem hum caſo nada deſſemelhante.

Morre Rumecaõ.

Advertidamente calley os caſos particulares d'eſta batalha, porque ſe naõ podem louvar huns, ſem injuria de outros; ſó dos Cabos, & peſſoas mayores demos breve noticia, por reverencia do lugar, & do ſangue; demais, que na confuſaõ de huma batalha, difficultoſamente ſe podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; & he certo, que aquelles, a cuja penna naõ eſcapàraõ

os atomos do caſo mais occulto, ou buſcàram ſoccorros para a hiſtoria, ou penetràraõ os acontecimentos com viſta mais aguda. Baſta ſaber, que taõ illuſtre empreſa honrou naquelles tempos noſſas armas, neſtes noſſa memoria; & creyo, que em todas as facçoens da Aſia, nos cercos naõ tivemos mayor, nas batalhas naõ tivemos igual.

Varia eſtimaçaõ do numero dos inimigos.

O numero do exercito inimigo ſe naõ pode averiguar ao certo, porque com eſtimaçaõ deſigual, huns o ſobem a ſeſſenta mil, outros differaõ menos, & nem os Mouros, que ficàraõ cativos, ſouberaõ formar juizo certo da gente, que perdèram. Mas de qualquer maneira, foy a deſproporçam tam notavel de hum poder a outro, que baſtou a dar pelo Mundo hum eſpantoſo brádo; & nas Hiſtorias alheas achamos a victoria eſcrita com mais honrado applauſo, do que em noſſas memorias; & ſe a Patria imitàra a gratidaõ do Imperio Romano com filhos benemeritos, dera a ler ao Mundo as obras de Dom Joaõ de Caſtro em ſublimes eſtatuas, que como annaes de bronze, foſſem volumes publicos a todas as idades. Naõ achamos, que reſpondeſſem os premios a

seu merecimento; quiçá para o fazer mayor, o alcançou nesta parte a desgraça dos varoens excellentes; logrou porèm, como premio de duraçaõ mais larga, a fama de seu nome. Os Principes da Asia com ambiciosas mensagens lhe deraõ emboras da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que o advertia, ou que o desejava. El Rey Dom Joaõ o honrou com titulo de Viso-Rey da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios devia de os sepultar a mesma terra, que cubrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de tam grande ascendente.

Parabens da victoria.

Recolheo o Governador os despojos, que foraõ os Reaes, muitas bandeiras, & quarenta peças de artelharia grossa, em que entrava aquella, que hoje temos na fortaleza de S. Giaõ, que do lugar, em que se ganhou, inda conserva o nome. Entregou a Cidade ao saco, sem reservar para si hum só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. D'esta, & outras virtudes nasceria, affirmarem os Mouros, que fora o Governador assistido de algum poder divino, porque sobre o tecto

Despojos della.

Saco da Cidade.

Favor divino que nos assistio.

da Igreja viraõ huma Donzella, cujos rayos não podia ſofrer a viſta, cujo aſpecto lhe enfraquecia os coraçoens, com que deixavaõ as armas, huns tímidos, outros reverentes. Naõ temos eſte favor do Ceo por indigno de credito, ſe olhamos a piedade do General, a juſtiça da cauſa. Dos Mouros morrèraõ cinco mil, em que entravaõ Rumecaõ, Alucaõ, Accedecaõ, & outros Turcos de nome; ficàraõ ſeiſcentos cativos, que depois ſervìraõ ao triumpho; dos noſſos faltàraõ trinta, foraõ quaſi trezentos os feridos.

Quantos Mouros morrèraõ.

Noſſos mortos, & feridos.

Poucos dias deſcançou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados moleſtos de reedificar, antes fundar, a fortaleza deſda primeira pedra; obra, que a neceſſidade fazia preciſa, o aperto impoſſivel, porque as deſpeſas de taõ prolixa guerra tinhaõ apurado as rendas do Eſtado, & ſobre ellas ſe haviaõ feito empenhos, que ſó ſe podiaõ remir com a paz de muitos annos: porèm o Governador, ſem ſe atar aos inconvenientes, começou a dar principio à nova fabrica, deſenhandoa em fórma differente, que a antigua; porque a juizo de homens

Reedifica o Governador a fortaleza.

intelligentes, convinha eſtender o ſitio, engroſſar o muro, fazer os baluartes mais vizinhos, & lavrar armazẽs para recolher as muniçoẽs, & mantimentos em parte enxuta, em que ſe conſervaſſem bem acondicionados, differentes dos outros, que pela humidade do terreno corrompiaõ os baſtimentos. Os materiaes naõ ſe podiaõ comprar, nem conduzir ſem pagas, & jornaes; pedreiros, pioens, & architectos, pediaõ ſuas ferias. Naõ tinha o Governador baixellas, nem diamantes de que poder valerſe, aſſim recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza naõ. Mandou deſenterrar os oſſos de ſeu filho Dom Fernando, para fazer d'elles à Cidade de Goa hum nunca viſto empenho; mas como a terra ainda tiveſſe o corpo mal gaſtado, cortou da barba alguns cabellos, ſobre que pedio vinte mil pardaos à Camera de Goa, abrindolhe o amor da patria huma eſtranha porta, por onde naõ ſouberaõ entrar aquelles fideliſſimos Dècios, Curcios, & Fabios, de que Roma ainda hoje ſoberba, de entre as ruínas de ſeu Imperio lhe ſalvou a memoria. Acompanhava o penhor a ſeguinte carta.

Empenha para iſſo os cabellos da barba.

Carta que o Governador Dom Joaõ de Castro escreveo de Diu à Cidade de Goa.

» SEnhores Vereadores, Juizes, & » Povo da muito nobre, & sempre » leal Cidade de Goa: os dias passa- » dos vos escrevi por Simaõ Alvarez » cidadaõ d'essa Cidade, as novas da » victoria, que me nosso Senhor deu » contra os Capitaens d'el Rey de » Cambaya, & calley na carta os tra- » balhos, & grandes necessidades em » que ficava, porque lograsseis mais » inteiramente o prazer, & conten- » tamento da victoria; mas ja agora » me pareceo necessario nam dissimu- » lar mais tempo, & darvos conta » dos trabalhos em que fico, & pe- » dirvos ajuda para poder supprir, » & remediar tamanhas cousas, co- » mo tenho entre as maõs; porque » eu tenho a fortaleza de Diu derri- » bada atè o cimento, sem se poder » aproveitar hum só palmo de pare- » de; de maneira, que naõ sómente » he necessario fabricala este veraõ » de novo, mas ainda de tal arte, & » maneira, que perca as esperanças » el Rey de Cambaya, de em ne- » nhum tempo a poder tomar. E com

» eſte trabalho tenho outro igual, ou
» ſuperior a elle, aldemenos para
» mim muito mais incomportavel de
» todos, que ſaõ as grandes oppreſ-
» ſoens, & continuos achaques, que
» me daõ os Laſquerins por paga, de
» que lhes eu dou muita certeza,
» porque d'outra maneira ſe me iriaõ
» todos, & ficarey ſó neſta fortaleza;
» o que ſerá occaſiaõ de me ver em
» grande perigo, & por eſſe reſpeito
» toda a India, como quer que os
» Capitaẽs d'el Rey de Cambaya com
» a gente que ficou do deſbarato,
» eſtaõ em Suna, que he duas legoas
» d'eſta fortaleza, & el Rey lhes man-
» da cada dia engroſſar ſeu campo
» com gente de pè, & de cavallo,
» fazendo muitas amoſtras de tornar
» a tentar a fortuna, em querer dar
» outra batalha; para as quaes cou-
» ſas me he grandemente neceſſario
» certa ſomma de dinheiro, pelo que
» vos peço muito por mercè, que
» por quanto iſto importa ao ſerviço
» d'el Rey noſſo Senhor, & por
» quanto cumpre a voſſas honras, &
» lealdades, levardes avante voſſo
» antigo coſtume, & grande virtude,
» que he acodirlhes ſempre às eſtre-
» mas neceſſidades de S. Alteza, co-

» mo bons, & leaes vaſſallos ſeus,
» & pelo grande, & entranhavel
» amor, que a todos vos tenho, me
» queirais empreſtar vinte mil par-
» daos, os quaes vos prometto como
» Cavalleiro, & vos faço juramento
» dos Santos Evangelhos de volos
» mandar pagar antes de hum anno,
» poſto que tenha, & me venhaõ de
» novo outras oppreſſoẽs, & neceſſi-
» dades mayores, que das que ao pre-
» ſente eſtou cercado. Eu mandey
» deſenterrar Dom Fernando meu
» filho, que os Mouros matàraõ neſ-
» ta fortaleza, peleijando por ſervi-
» ço de Deos, & d'el Rey, noſſo
» Senhor, para vos mandar empe-
» nhar os ſeus oſſos, mas achàraõ-no
» de tàl maneira, que naõ foy lici-
» to inda agora de o tirar da terra;
» pelo que me naõ ficou outro pe-
» nhor, ſalvo as minhas proprias bar-
» bas, que vos aqui mando por Dio-
» go Rodriguez de Azevedo; potque
» como ja deveis ter ſabido, eu naõ
» poſſuo ouro, nem prata, nem mo-
» vel, nem couſa algũa de raiz, por
» onde vos poſſa ſegurar voſſas fa-
» zendas, ſómente huma verdade
» ſecca, & breve, que me noſſo Se-
» nhor deu. Mas para que tenhais por

» mais certo voſſo pagamento, & naõ
» pareça a algũas peſſoas, que por
» algũa maneira podem ficar ſem elle,
» como outras vezes aconteceo, vos
» mando aqui huma proviſaõ para o
» Theſoureiro de Goa, para que dos
» rendimentos dos cavallos vos vá
» pagando, entregando toda a quan-
» tia que forem rendendo, atè ſer-
» des pagos. E o modo que neſte pa-
» gamento ſe deve ter o ordenareis
» lá com elle. Hey por excuſado de
» vos affeitar palavras, para vos en-
» carecer mais os trabalhos em que
» fico, porque tenho por muito cer-
» to, por todos os reſpeitos, que aſ-
» ſima digo, haverdes de fazer neſta
» parte tudo, & mais do que puder-
» des, ſem entrevir para iſſo outra
» couſa, ſalvo voſſas virtudes coſtu-
» madas, & o amor, que todos me
» tendes, & vos tenho. Encomendo-
» me, Senhores, em voſſas merces.
» *De Diu, a vinte & tres de Novembro*
» *de mil quinhentos quarenta & ſeis.*

Chegado o menſageiro a Goa, lhe reſpondeo o Povo com mayor quantidade, que a pedida, vendo que tinhaõ hum Governador tam humil-
Os Cidadaõs de Goa lhos tornaõ.
de para os rogar, tam grande para os defender. Remetèraõlhe outra vez

aquelles honrados penhores, que hoje se conservaõ em maõs do Bispo Inquisidor Geral seu dignissimo neto, que os recolheo em huma urna, ou pyramide de cristal, assentada em huma base de prata, na qual estaõ gravados em torno disticos differentes, que fazem de acçaõ taõ illustre, engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de Dom Joaõ de Castro. Levàraõ os portadores do dinheiro a carta que se segue.

Hoje se conservaõ.

Carta da Camera de Goa, em reposta da do Governador.

» ILlustrissimo, & excellente Capi-
» taõ gèral, & Governador da India,
» pelo muito alto, & muito poderoso, & muito excellente Principe el
» Rey nosso senhor. Diogo Rodriguez
» de Azevedo chegou a esta Cidade
» segunda feira seis dias do mez de
» Dezembro, & o dia seguinte deu
» em Camera huma carta de Sua Illustrissima Senhoria, que foy lida
» com muito prazer, & grande con-
» tentamento, por sabermos de sua
» saude; a qual boa nova sempre
» queriamos saber, & muito me-

» lhores lhe deſejamos; & por ella
» a Cidade, & todo eſte povo em
» geral, & em eſpecial, damos mui-
» tas graças a Noſſo Senhor, & te-
» mos certa eſperança em noſſa Se-
» nhora Virgem Maria Madre de
» Deos noſſa advogada, que tendo os
» povos da India a V. S. Illuſtriſſima
» por ſeu Duque, & Governador,
» que em noſſas afrontas, & traba-
» lhos nunca careceremos de ajudas
» divinaes, por merecimento de ſeu
» catholico, & modeſto viver, &
» auto, & obras de muitas louvadas
» virtudes; & com eſta eſperança vi-
» vemos em novo repouſo, porque a
» preſente, & glorioſa victoria, que
» por ſeu prudente conſelho, & gran-
» de esforço, & cavallaria venceo,
» & deſcercou a fortaleza de Diu, &
» deſbaratar, & deſtruir o poder d'el
» Rey de Cambaya, com mais ou-
» tros vinte mil homens Mouros, Tur-
» cos, Rumes, Coraçoes, & Chriſ-
» taõs renegados da Fè de N. Senhor,
» Alemaens, Venezianos, Genove-
» zes, Francezes, & aſſi d'outras mui-
» tas, & diverſas naçoens, dos quaes
» graõ parte d'elles foraõ mortos a
» ferro de lança, & eſpada, de que
» a Cidade tem certeza de peſſoas de

» bem, que de vista forão presentes;
» os quaes bós serviços nos mostrão
» claros sinaes, que ao diante, pra-
» zendo a nosso Senhor, & a seu am-
» paro, não temeremos outros traba-
» lhos, que de futuro se apresentão
» do proprio Rey de Cambaya com
» outro novo poder, & outros Reys,
» & Senhores, nossos comarcaõs, &
» os de toda a India, saõ de certo
» inimigos nossos, & de muitas ini-
» mizades, alem de serem infieis ini-
» migos de nossa santa Fé Catholica,
» dos quaes huns, & outros naõ te-
» mos segura nem firme paz, antes
» temos sinaes de faltas & engano-
» sas amizades. E quanto ao empres-
» timo que em nome d'el Rey nosso
» Senhor nos manda pedir, respondeo
» a Cidade, que os moradores fare-
» mos de presente, & sempre que
» cumprir, servirmos S. Alteza com
» as fazendas, & vidas, & com as al-
» mas. E porque a tençaõ da Cidade,
» & de todos he servir Vossa Illus-
» trissima Senhoria, havendo respei-
» to, que o tal emprestimo cumpre
» muito ao serviço d'el Rey nosso Se-
» nhor, cuja a Cidade he, & todos
» somos, com muita diligencia, &
» cuidado d'aquelle dia, que Diogo

» Rodriguez de Azevedo deu o re-
» cado atè o fazer d'eſta, que ſaõ vin-
» te & ſete de Dezembro, ſe ajuntá-
» raõ vinte mil cento quarenta & ſeis
» pardaos, & huma tanga, de cinco
» tangas o pardao; os quaes empreſtou
» eſta Cidade, a ſaber Cidadaõs, &
» o Povo, & aſſi os Bramenes merca-
» dores, gameares, & ourives. E eſ-
» crevemos em certo a V. S. que eſta
» Cidade, & os honrados moradores
» pelo ſervir, temos obrigaçaõ de
» pòr as vidas, & as fazendas com
» melhor vontade do que o faremos
» por noſſas proprias honras, & in-
» tereſſes. E quanto ſenhor, aos penho-
» res que nos manda; a Cidade, &
» moradores nos temos por aggrava-
» dos de V. S. ter tam pouca con-
» fiança em nós, & em noſſas leal-
» dades, que para couſa que tanto
» cumpria ao ſerviço d'el Rey noſſo
» ſenhor, & a ſeu Eſtado Real, naõ
» eraõ neceſſarios tão honrados, &
» illuſtres penhores, porque noſſa
» lealdade nos obriga ao ſerviço d'el
» Rey, & a preſente neceſſidade, &
» depois d'iſſo as obrigaçoẽs em que
» ſomos, & a grande affeiçaõ, & mui-
» to amor que V. S. tem a eſta Cida-
» de, & moradores; & por ello, &

» tudo o mais que neſte caſo lhe ſen-
» timos, lhe beijamos as maõs, &
» rogamos noſſo Senhor, que lhe dè
» perfeita ſaude, & o proſpere de
» muita honra, & grandes victorias
» contra os inimigos de noſſa ſanta
» Fé. E todavia, Senhor, Diogo Ro-
» driguez de Azevedo lhe torna a le-
» var os ſeus penhores; & aſſi lhe le-
» vaõ elle, & Bertholameu Biſpo,
» Procurador da Cidade, o dito di-
» nheiro, que lhe a Cidade, & Po-
» vo d'ella empreſtàraõ de ſua boa,
» & livre vontade. E aſſi lhe levaõ
» mais a proviſaõ, que cá mandou
» para o Theſoureiro pagar o dito
» dinheiro, & lhe pedem por mercè
» que tudo aceite, como de leaes vaſ-
» ſallos, que ſomos a el Rey noſſo
» Senhor, & a V. S. mui obrigados.
» *Eſcrita em Camera, a 27 de Dezem-*
» *bro de* 1547. E eu Luis Tremeſſaõ
» Eſcrivaõ da Camera o mandey eſ-
» crever, & ſobſcrevi por licença
» que para ello tenho. Pero Godi-
» nho. Joaõ Rodriguez Paes. Ruy
» Gonçalvez, Ruy Dias. Jorge Ri-
» beiro. Bertholameu Biſpo.

Continua a obra da fortaleza.

Continuava a obra da fortaleza cõ tanto goſto dos officiaes, & jornaleiros, que creſcia ſem tempo, ſendo

tam pontuaes as pagas dos servidores, & soldados, que haviaõ, que só para o Governador estava o Estado pobre. Alem do empreſtimo da Cidade, lhe enviaraõ as dónas, & donzellas em hum cofre a pedraria, & joyas, com que a fraqueza feminil serve ao poder, & à vaidade: offerta de que naõ podiaõ esperar retribuiçaõ, ou usura; donde se vè, quanto melhor servidas saõ dos póvos as virtudes, que as tyrannias dos regentes.

E a guerra de Cambaya.

Ordenou a Dom Manoel de Lima, que com trinta navios aviſtaſſe os lugares da costa de Cambaya, & os abrazaſſe todos, moſtrando ao Soltaõ, que a vingança naõ acabàra na victoria; porèm que na Cidade de Goga naõ entraſſe, por ter aviſo, que a ella se recolhèra toda a gente que escapou da batalha. Dom Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foy correndo a costa, & a poucos dias de viagem lhe sobreveyo hum temporal tam rijo, que o levou a neceſſidade da tormenta a demandar abrigo no meſmo porto, que pela inſtrucçaõ lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhaõ preſente a imagem do paſſado perigo, tanto que viraõ as meſmas armas, de

D. Manoel de Lima a faz.

Vay à Cidade de Goga.

que eſtavaõ corrados, deſemparàraõ a Cidade, aſſi os ſoldados, como a gente popular, & inutil, fogindo para o ſertaõ com igual deſacordo. Eſtava ancorada no porto huma nao de Mouros, que era do Zamaluco, bom correſpondente do Eſtado, o qual vendo a fogida dos Mouros, começou a capear aos noſſos, para que deſſem na Cidade. Dom Manoel, naõ entendendo o ſinal do navio, pareceolhe que de confiado o chamava à peleija, & pondoſe logo em armas colerico, & impaciente, notou, que a Cidade ſe deſpejava, & o miſeravel povo corria com hum tropel confuſo a demandar huma pequena ſerra, que lhe ficava à viſta, crendo, que a diſtancia, & aſpereza do ſitio os livraria da invazaõ dos noſſos. Conheceo Dom Manoel o intento com que lhe capeava o navio, & perplexo entre a occaſiaõ, & a obediencia, poz o caſo em conſelho; & como entre os ſoldados de valor, he ſempre o brio o primeiro interprete das ordens, votàraõ, que ſe entraſſe a Cidade, porque a inſtrucçaõ do Governador nam podia comprehender todos os accidentes, o qual ſe eſtivera preſente, fora o primeiro que ſaltaſſe em terra. Seguio

Que saquea, & abraza.

logo a execuçaõ o conselho. Entrou Dom Manoel a Cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foy grãde, & o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abrazou fazendas, & edificios; foy o dãno mayor do que a victoria. Cativou Dom Manoel tres Baneanes, dos quaes soubè que toda a gente se salvàra em hum lugar da serra, que ficava em pequena distancia; determinou assaltalo, para que aos fugitivos, & opposros, igualasse o castigo. Foy amanhecer sobre o lugar, levando os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade a entregar os filhos, & parentes; & os que se imaginavaõ no abrigo do sertaõ seguros, viraõ primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Naõ fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, & estrangeiros, culpados, & innocentes pagàraõ com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheyo. Das pessoas passou à religiaõ a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superstiçoens he culpa inexpiavel. Degollou os gados do contorno, salpicando as Mesquitas com o sangue das vacas; animal, que como deposito das almas,

veneraõ com culto abominavel.

Embarcado Dom Manoel de Lima, tornou a cõtinuar a enseada; onde se vio perdido sem remedio, porque o fluxo & refluxo das ondas he taõ impetuoso, que basta a destroçar os navios. Passado mais adiante, houve vista da Cidade de Gandar, povoada de Mercadores Gentios, rica pelo comercio, & fraca pelos habitadores. Esta foy na primeira envestida, rendida, & abrazada, sendo, que entregavaõ os naturaes as fazendas como preço das vidas, que nam podèraõ salvar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados, antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruio, durando nas cinzas, & ruinas muitos annos as memorias do estrago; & os naturaes, que sobreviveraõ às miserias dos outros, se recolhèraõ ao interior do Reyno, onde com pobreza entretinhaõ as vidas.

Embarcase; & perigo.

Destroe Gandar.

Deu Dom Manoel volta a Diu, onde achou ao Governador entre os materiaes da nova fabrica, a cuja vista crescia o edificio. Desejava deixar a fortaleza sem defensa, porque o chamavaõ a Goa differentes negocios. Porèm Dom Joaõ Mascarenhas, ou can-

Recolhese a Diu.

Deixa Dom Joaõ Maſcarenhas a praça.

ſado, ou ſatisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixaçaõ da praça, ſem acabar o tempo, querendo aquelle anno hir ao Reyno lograr taõ merecida fama. Quizera o Governador diſſuadillo, temendo, que ninguem lhe aceitaſſe a fortaleza, porque com a victoria, & alteraçaõ do cõmercio, faltavaõ os eſtimulos da honra, & do proveito, que ſaõ os mayores incentivos, de que os homẽs ſe vencem. Porèm Dom Joaõ Maſcarenhas reſoluto a paſſar ao Reyno nas naos de Lourenço Pires de Tavora, obrigou ao Governador, a que buſcaſſe Capitaõ para a praça, que ja alguns fidalgos lhe haviaõ engeitado, aborrecido lugar de tantas victorias, quiçá pello perigo que tem ſucceder a varoens excellentes; porèm Dom Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou por confiança de ſi meſmo, ſe offereceo para ficar na praça.

D. Manoel de Lima ſe offerece a ficar nella.

Entretanto o Governador ſe apreſtava para paſſar a Goa, mandou Antonio Moniz Barreto com alguns navios a eſperar as naos de Cambaya, que por intelligencias ſecretas ſabia, que haviaõ de vir dar a coſta de Pòr, & Mangalòr, as quaes elle encontrou, rendeo, & troixe a Diu, cujas

Toma Antonio Moniz algumas naos

fazendas ajudàraõ a reparar as deſpezas do Eſtado. El Rey de Cambaya com o ſentimento de tantas perdas rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous priſioneiros noſſos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficàraõ cativos, vingando-ſe de tam grandes injurias em ſombras taõ pequenas.

Vingança barbara d'el Rey de Cambaya.

Concluídos os negocios de Diu, começou a fortuna a ſobreſaltar o Eſtado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados aviſos de Ormuz, que os Turcos com creſcido poder tinhaõ lançado de Baçorá a Mahamet As-Enam, fiel amigo do Eſtado, o qual chamava noſſas armas, para com forças auxiliares reſiſtir ao cõmum inimigo. Viaõſe naõ de longe os perigos, & as conſequencias, que reſultavaõ de tam roim vizinho, com quem apenas podiamos caber no mundo, quanto mais no Eſtado. Ponderavaſe a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para couſas mayores; de cujo ſitio daremos huma breve noticia. He Baçorá povoaçam de quatro mil vizinhos, ſituada na Arabia Felix, em altura de vinte & quatro graos para a banda do Norte; apartaſe do rio Eufrates em pequena

Aviſos de Ormuz.

Deſcripçaõ de Baçorá.

diſtancia. Diſtará da fortaleza de Ormuz duzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella ſe navega ao longo da coſta pela parte da Perſia, por ter melhores ſurgidouros, & aguadas. A Ilha he povoada de Mouros oppoſtos aos Turcos, por ſerem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque ſeguem os ritos, & ceremonias do Perſa; a quem dá a beber o Demonio as abominaçoens de Mafoma em vaſos differentes. Aqui ſe fortificàram os Turcos, & começàram a ganhar os Arabios vizinhos, huns com as armas, outros com beneficios, eriando em Baçorá novo Principe, que como deſcendente de ſeus antigos Reys, ſeria aos Arabios grato, & aos Turcos fiel; liberalidade, com que moſtravaõ entrar com ſemblante de amigos, eſcondendo a ambiçaõ de Senhores. A juſtiça d'eſte, que os Turcos ſaudàraõ por Rey, eſcrevem outros em dilatadas letras, cuja relaçaõ deixo, por ſer ao goſto importuna, & alhea da Hiſtoria.

Os Turcos ſe fortificaõ nella.

Reſolveo o Governador deſpachar a Dom Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pela morte de Dom Manoel da Sylveira lhe cabia, tomando

Vai D. Manoel de Lima para Ormuz.

tomando a obrigaçam da guerra com os Turcos, como penſaõ da praça, ficando outra vez a fortaleza de Diu, como pedra reprovada dos que a edificavaõ; porque não havia Fidalgo, que quizeſſe ficar com o trabalho da fortificaçaõ, havendo Dom Joaõ Maſcarenhas levado as honras do perigo. Naõ ſey ſe as couſas da India correm hoje por eſta opiniaõ. O Governador ſe moleſtava, de que lugar de tantas victorias ficaſſe taõ aborrecido. O que entendido por Dõ Joaõ Maſcarenhas, ſe lhe offereceo para ficar aquelle Inverno na praça; couſa que o Governador eſtimou ſobre modo, dizendolhe, que em quanto a fortaleza eſtava imperfeita, a fama de ſeu nome ſerviria de muro. E porque ſe veja quam facil era eſte grande Varaõ em authorizar honras alheas, referirey a carta que eſcreveo a ſeu filho Dom Alvaro, quando entendeo que Dom Joaõ Maſcarenhas iria a Goa para paſſar ao Reyno. » Lá vay o Senhor Dom Joaõ Maſ- » carenhas, tal qual os Mouros, & » Gentios confeſſaõ; & eu, que ſou » bom Chriſtaõ, faço a meſma con- » fiſſaõ de ſeu eſforço, porque em » todas as batalhas o achey ſempre a » meu lado. Vay-ſe embarcar para o

E D. Joaõ Maſcarenhas torna a ficar em Diu.

O que delle eſcreve o Governador a ſeu filho D. Alvaro.

» Reyno, rogovos muito, que lhe
» façais o meſmo tratamento, que á
» minha peſſoa, & nam conſintais
» que tome outra pouſada, ſenam a
» voſſa; porque alem de elle o mere-
» cer, eſpero em Deos, que tornará
» muito cedo a eſtas partes, a emen-
» dar meus deſcuidos. Tambem eſ-
E a el Rey de todos. creveo a el Rey largamente ſobre os merecimentos dos homens, de ſi naõ fallou nada, moſtrandoſe agradecido aos ſerviços de todos, & ſó aos ſeus ingrato.

Deixa naquella coſta a D. Jorge. Concluidas as couſas de Diu, deixou o Governador a Dom Jorge de Menezes com ſeis navios, para que andaſſe o reſto do Verão na enſeada de Cambaya; & mandou lançar pregão em todos os lugares confinantes; que todos os Mouros, & Gentios podeſſem tornar a povoar a Ilha, porque debaixo de ſua juſtiça eſtariaõ as peſſoas, & cõmercios ſeguros, gozando da paz, & liberdade antigua; & como a verdade recebe credito do valor, tornaraõ os Gentios a buſcar aſſi o abrigo de noſſas armas, como de noſſas leys, vindo copia de mercadores; & vizinhos a engroſſar o trato, havendo por mais ſegura a paz que começava nos limites da guerra.

Embarcouse o Governador para Goa, aonde o esperava o applauso universal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias; onde vieraõ a visitalo ao mar o Bispo, Capitaõ mór, & Regentes, pedindolhe se detivesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triumpho, com que o queria receber, porque naõ reputasse o Mundo aquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumpho tam merecido, naõ era ambiçaõ da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavaõ os Reys o fruto, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

Embarcase para Goa.

Chega, & he visitado no mar.

Deixou-se o Governador vencer d'este agrado do povo, como quem nam podia desprezar as honras do triumpho, sem injuria dos que lho ajudáraõ a merecer; nem pôr limite às alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstraçoens festivas tinhaõ na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarenta & sete se destinou o dia do triumpho, primeiro, & ultimo, que viraõ nossas armas, costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a Cidade no Bazar

Decretaselhe triumpho.

Fabrica delle.

de Sãcta Catherina hum eſpaçoſo caes, cujo material cobriaõ varias alcatifas. Raſgouſe a porta da Cidade atè o alto do muro, como que ſe moſtravaõ as pedras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de cuſtoſos brocados. A grandeza naõ podia ſobir a mais; o goſto naõ ſe contentava com menos. Em partes era o adorno de diverſos velludos; para que o ouro ſerviſſe à mageſtade, as cores ao deleite. Na portada ſe viaõ dous leoẽs dourados, ſuſtentando em huma & outra tarja as Roèlas dos Caſtros ſempre illuſtres, agora triumphantes. Junto ao caes corria hum dilatado boſque de arvoredo, que com interrõpidas ſombras mitigava o calor, ſem occultar o dia. Via-ſe o mar cuberto de naos, & galeoẽs, de fuſtas, & almadias, que das Ilhas vizinhas concorrèraõ, todas embandeiradas, & alegres. Eſtava no terreiro do Paço huma fortaleza, deſenhada pela planta de Diu, & dentro algũas bombardas carregadas ſem balla, & outros inſtrumentos de fogo, com que figuravaõ huma repreſentaçaõ alegre dos paſſados horrores. Na meſma fortaleza ſe eſcondiaõ curioſas danças, que com accordadas vozes cantavaõ ao Governador louvores a numeros atados, deleitan-

dò o ouvido na armonía, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as tellas de lavores, por uſuaes, ſe olhavaõ com deſprezo. As galas dos moradores, taes, & tantas, que parecia, que triumphava o Povo. Nem ſeria menos dos animos o applauſo, ſe os coraçoens ſe víraõ, pois eraõ demonſtraçoens voluntarias de naturaes affectos.

Abalou o Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno a fazia differente das outras; levava comſigo os Fidalgos velhos, que o acompanhàraõ na jornada, igualmente parciaes na gloria, & no perigo. Hiaõ diante os galeoẽs da armada, a quem ſeguiaõ as embarcaçoens de remo com as velas içadas nos palancos, & todos navegando aſſombrados com o verdor de differentes ramos, pareciaõ da terra hum boſque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que aviſtàraõ a fortaleza, lhe deraõ huma tão temeroſa ſalva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contrapoſta lhe reſpondeo a artelharia de terra, com tal horror, que os ſentidos naõ conheciaõ differença da batalha ao triumpho. Para dar paſſo à galeota do Go-

Entra o Governador.

vernador, ſe abrio a armada toda. Vinha cúſtoſamente trajado, dando o que era ſeu ao tempo, veſtindo naõ menos airoſamente as galas, do que veſtia as armas. Trazia huma roupa Franceza de ſetim carmezim com troçaes de ouro, que lhe tomavaõ os golpes, & como quem naõ queria perder memorias de ſoldado, veſtia huma coura de laminas aſſentada em brocado com ſeus tachoens de prata, gorra com plumas, moſtravaõ ouro as guarniçoẽs da eſpada. No caes o eſperavaõ os Cabos da milicia, Nobreza, & Regimento da Cidade, com os quaes entrou a primeira porta onde hum Vereador na lingua Latina lhe orou diſcretamente, diſcorrendo, como por beneficio de ſeu valor tinhamos humilhado o mais ſoberbo cetro do Oriente, cujas ruínas ſeriaõ de ſua fama os elogios mayores; que agora tinha Portugal ſeguro o Eſtado, em ſeus braços ſegunda vez naſcido, cujas armas ſerviaõ tanto à Fè, como ao imperio, obrando, que em taõ remotas partes ſe ouviſſem os brádos do Evangelho; que agora os Mouros, & Gentios creriaõ, que naõ podia deixar de ſer Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente monſtrariaõ

Hum Vereador lhe faz pratica.

tom o dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradiçaõ o eſtrago de Cambaya de naçaõ à naçaõ, de Reyno a Reyno; que os pays o contarião aos filhos, ainda ſobreſaltados na memoria dos perigos paſſados; que ja noſſas bandeiras glorioſamente enroladas poderiaõ deſcançar no templo da paz, aberto o da victoria. Sobre os accidentes de ſeu governo, diſcorreo largamente, parecendo ao Povo, que antes abreviava, que encarecia ſuas virtudes, mayores na conſideraçaõ dos eſtranhos, do que em noſſos elogios. Rematou a oraçaõ na ſuavidade de muſicos inſtrumentos, diferentes & acordes. Logo ſe diſpràraõ algũas peças, cujas ballas eraõ doces diverſos, que caindo em pequena diſtancia, foraõ à gentalha do povo convite, inda que arrebatado, alegre. Os Vereadores da Cidade, receberaõ ao Governador com paleo, & logo hum Cidadaõ de authoridade, inclinado, & reverente, lhe tirou a gorra da cabeça, pondolhe nella huma coroa triumphal, & na maõ huma palma. Diante caminava o Cuſtodio dos Religioſos Franciſcos com Crucifixo, que levou na batalha, & o braço deſencravado, & pendente; (ſinal com que ja de taõ

Recebemno com paleo.

Ordem do triumpho.

longe aquella Mageſtade divina, neſta, & naquella idade nos aſſegura os Reynos, & as victorias.) Seguioſe a bandeira Real de noſſas Quinas, olhadas com admiraçaõ nova de Mouros, & Gentios. Logo os eſtandartes de Cambaya arraſtados à viſta de Jucarcaõ, & outros Capitaens maniatados; que repreſentavaõ a tragedia de ſua fortuna, a elles laſtimoſa, a nós alegre. Viaõ-ſe ſeiſcentos priſioneiros arraſtrando cadeas; trás elles as peças de campanha, com varias & numeroſas armas. As damas das janellas banhavaõ ao triumphador em aguas deſtilladas de aromas differẽtes. Os officiaes, que tratavaõ o ouro, ou precioſas drògas, lhe vinhaõ a offerecer voluntarios tributos, ſendo a igualdade dos animos, outra couſa mayor, que o triumpho. Os Templos adornados, & abertos, ſe moſtravaõ benevolos, & gratos; neſta fórma chegou a viſitar a Cathedral, Metropoli do Oriente, onde o Biſpo, & Clero o recebèraõ com o hymno: *Te Deum laudamus*. Entrado na Sè, recõheceo cõ piedoſas offertas ao Author das victorias, & por ſer ja tarde cõ abreviadas ceremonias ſe recolheo aos Paços, naõ cabendo a mageſtade do triumpho nas horas de hum ſó dia.

Vay à Sè.

Reconhece a Deos por Autor de ſuas victorias.

LIVRO QUARTO.

POucos foraõ os Reynos do Oriente, que no Governo de Dom Joaõ de Caſtro nam alteraſſem aquelle Eſtado com diverſos movimentos de guerra, ou cõ armas oppoſtas, ou com reciprocas diſcordias, chamando noſſas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria, vendo-o muitas o Oriente, em ſerviço da Religiaõ, cingir a eſpada.

Religioſos Franciſcos paſſaõ a Ceilaõ.

Havia el Rey Dom Joaõ enviado alguns Religioſos Franciſcos à Ilha de Ceilaõ, exemplares na vida, & na doutrina, para que com o ſangue, & com a palavra teſtimunhaſſem a verdade Evangelica, ſendo eſte o mayor cuidado de noſſos Principes, cujas bandeiras mais vezes vio tremolar a Aſia em obſequio da religiaõ que do imperio. Entrados eſtes Religioſos na Ilha, foraõ recebidos d'el Rey da Cotta com benigna hoſpedagem, começando a naſcer ſegunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo; & ao beneficio da terra inculta reſpondia o fruto, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

Paſſaraõ eſtes embaixadores do Evã-

Prègão a Pè em Candea, & el Rey se inclina a ella.

gelho a dar novas da luz a el Rey de Candea no coraçaõ da Ilha, o qual achàrao grato no tratamento das pessoas, & facil na obediencia da doutrina; foy instruído nos mysterios de nossa crença, para que com fé mais robusta se lavasse nas aguas do Baptismo. Deu aos Religiosos terra, materiaes, & despezas para a fabrica de hum Templo, sendo esta a primeira fortaleza, que levantou a conquista do Evangelho naquella Ilha contra os erros da idolatria; porque das vozes do Apostolo S. Thomè (se alli achegàraõ) nem nos entendimentos havia luz, nem na terra memoria.

Mostra inconstancia.

Mostravase este Principe aos preceitos de nossa Religiaõ obediente; mas ainda naõ constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da ley, lhe fazia, por naõ perder o que amava, deixar o que entendia; porque como planta ainda sem raizes, o inclinavaõ a huma, & outra parte contradiçoens humanas. Tentàraõ os Religiosos desviarlhe estes tropeços do caminho da vida, affirmandole, que debaixo do amparo de nossa Religiaõ, & nossas armas, assegurava huma, & outra coroa, porque estava naquelle tempo governando o

Os Religiosos o animaõ.

Eſtado aquelle Dom Joaõ de Caſtro, que pela Fé ſabia derramar o ſangue, pelos amigos arriſcar o Eſtado.

Ouvio bem o Rey eſta propoſta, dizendo, que ſe o Governador lhe mandaſſe ſoccorro, naõ ſó profeſſaria a Fè, porèm que a prégaria a ſeus vaſſalos. Com eſta reſoluçaõ partio hum Religioſo a Goa, & certificado o Governador da cauſa de ſua vinda, zelou a converſaõ d'aquelle Principe, como o mayor negocio do Oriente; naõ menos prompto a dar à Igreja filhos, que ao Eſtado victorias. Deſpachou logo com ſete fuſtas Antonio Moniz Barreto, & ordem, que encontrandoſe com navios noſſos os levaſſe comſigo; eſcrevêdo àquelle Principe honradas cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vay navegando, fallaremos na toma de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relaçaõ dos ſucceſſos.

Sua reſoluçaõ.

O Governador acela eſta converſaõ, & manda a iſſo Antonio Moniz.

Tinha o Governador deſpedido de Diu a Dom Jorge de Menezes, para que na enſeada de Cambaya fizeſſe todas as hoſtilidades poſſiveis, moſtrando ao Soltraõ, que com os eſtragos paſſados, noſſas armas naõ embotàraõ os fios. Tomou Dom Jorge al-

gũas embarcaçoens de mantimentos, que paſſavaõ a baſtecer os portos do inimigo, porque acabaſſe a fome aquelles, que perdoàra a eſpada. Deu huma tarde viſta à cidade de Baroche, cujos edificios lhe repreſentàraõ na mageſtade a policia de Europa. Eſtava ſituada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais ſerviaõ ao adorno, que à defenſa. Com tudo ſe deixavaõ ver diverſos baluartes, obrados naõ ſem alguma luz de fortificaçaõ, guarnecidos de muita artelharia, que ſenhoreava as entradas do porto. Com a elevaçaõ do ſitio ſe deſcobriaõ portadas de cantaria lavrada onde a correſpondencia de torres, & janellas moſtravaõ de ſeus habitadores o poder & artificio. Era o trato da terra, de finiſſimas ſedas, dróga, que d'aquelle porto ſe navegava a muitos do Oriente. Poſſuía Madre Maluco eſta Cidade, tributada das aldeas vizinhas, que na fertilidade, & na grandeza lhe compuhaõ hum mediano eſtado.

Sitio, & fortificação de Baroche.

Trato dos moradores.

Madre Maluco a ſenhorea.

Acaſo tomàraõ os noſſos huma almadìa de peſcadores naturaes da terra; que perguntados, diſſeraõ da Cidade o que temos referido. E querendo ſaber Dom Jorge, que preſidios havia

na Cidade, disseraõ, que toda a milicia levàra Madre Maluco a Amadaba, Corte do Soltaõ, & que só ficavaõ ao presente alguns mecanicos, & outra gente de trato. Dom Jorge, parecendolhe opportuna a occasiaõ de assaltar a Cidade, ainda que era o poder desigual para façaõ taõ grande, como os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, & por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quem navegava por differente rumo, levando comsigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, & saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defensa, ou sentinella algũa, foraõ ferindo os nossos naquella gente desarmada, & fraca, onde a noite, a confusaõ, & o sono, os trazia a encontrar o perigo, de que andavaõ fogindo; errando miseravelmente, se desviavaõ tanto dos seus, como dos inimigos, fogindo dos que tambem fogiaõ. Os gemidos dos filhos naõ moviaõ os pays à piedade, & menos à vingança; porque o temor subito obrava com os peyores affectos da natureza. Os lamentos,

D. Jorge entra de noite.

& gritos das mulheres, eſſes as deſcobriaõ, ſendo ſeus ays ſeu mayor perigo. E os que eſcondidos em ſuas caſas eſcapàraõ ao ferro, nellas meſmas os abrazou o incendio, naõ ficando aos miſeraveis para a morte remedio, ſenaõ eſcolha. A hum meſmo tempo ſe fazia a invaſaõ, & o ſaco. Foy o eſtrago como em guerra ſem reſiſtencia; o deſpojo, como em Cidade entregue. Alcançou em fim Dom Jorge neſta empreza, fama ſem riſco, victoria ſem inimigo. Porèm naõ duvidamos, que ſe achàra oppoſiçoens mayores, podèra conſeguir ſeu valor o que obrou ſua fortuna. Mandou dar a Cidade ao fogo, aonde em breves horas os nobres, & plebéos, as plantas, & edificios ſe convertèraõ em laſtimoſas cinzas, ſem que a natureza as diſtinguiſſe, lugar as ſeparaſſe. Embarcouſe alguma artelharia miuda, & rebentouſe a groſſa, ſendo eſta facçaõ taõ celebre entre os noſſos, que fizeraõ tomaſſe o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como ja as ruinas de Cartago deraõ a Scipiaõ o nome de Africano.

Poem lhe fogo.

Toma della o appellido.

Acudio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo à laſtima, tarde ao remedio; & vendo que o ferro, & fo-

Acode o Maluco tarde.

go naõ deixàra couſa algũa com ſemelhança do que havia ſido, voltou impaciente a el Rey de Cambaya, como quem levava em chaga freſca a dor mais ſenſitiva. Repreſentoulhe o eſtrago da Cidade, aggravo que parecia mayor, por ſer depois de tantos. Sentio o Soltaõ eſte novo accidente, jurando acometer outra vez Diu, que era a pedra do eſcandalo, onde ſe quebravaõ as forças de tamanho imperio. Em tanto, pois, que os odios de Cãbaya reſpiraõ na imaginada vingança, diſcorreremos no eſpiritual de Candea, que como ſemente afogada entre eſpinhas, naõ chegou a lograr fruto.

O Rey de Cotta diſſuade ao de Candea da converſaõ.

Entendia o Madune Rey da Cotta, como o de Candea buſcava com a mudança de Religiaõ, a protecçaõ do Eſtado; & como eſtes Gentios ſaõ obſervantes zeladores de ſeus erros, buſcou meyos para lhe perſuadir, que era a idolatria neceſſaria à Coroa; affirmandolhe, que com a nova crença, faria aos vaſſallos deſobedientes, aos Reys inimigos, ingrato a ſeus antigos Idolos, que haviaõ proſperado o cetro de Candea tantos annos em Reaes aſcendentes; que o Governador da India devia ſer o mais inſolente homem

da terra, pois naõ sofria, que o Mundo tivesse outro Rey, nem outro Deos, mais que os que elle servia, & adorava; que naõ negava ser a Religiaõ dos Portuguezes, ou melhor, ou mais felice, pois cultivaõ o Deos das victorias; porèm, que a elle lhe bastava servir aos deoses da patria, em que nascèra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna, que os que lhe precedèraõ. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o cetro? Que nam recebesse na Ilha homens tam valerosos, que em nenhuma parte sabiaõ ja estar, senaõ como senhores. Que se os Frangues lhe prometiaõ trazer a casa melhor Ley, & augmentarlhe o estado, quem com inteiro juizo havia de dar credito a taõ nova bondade de homens, que nunca vira; & mais quando estes nam eraõ taõ desprezadores do humano, que naõ viessem do fim do Mundo a dominar a Asia? Que se queria exemplos, mais Reynos acharia por elles destruídos, que doutrinados; que era verdade, que os seus Jogues (que elles chamaõ Sacerdotes) eraõ faceis em derramar o sangue pela Ley que enfinavaõ, mas que estes

o fariaõ, ou como ambicioſos do nome, ou prodigos da vida; ſe ja nam era, que no Occidente havia mais loucos, que nas outras Regioens, & davaõ todos naquella perigoſa teima de doutrinar ao Mundo; que ultimamente lhe aconſelhava, como Rey, & amigo, que devia degollar o ſoccorro dos Frangues, que eſperava, para dar ſatisfaçaõ a ſeus antigos deoſes, juſtamente indignados de os querer deſamparar por divindade eſtranha; que pela ſoberba de lhe virem dar luz ao entendimento, ou pela ambiçaõ de lhe uſurpar o Reyno, mereciaõ eſte caſtigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para eſte effeito o ajudaria com armas, & ſoldados, fazendo cõmum a cauſa, pois o era tambem a injuria dos Idolos de todos.

O miſeravel Principe, naõ podendo levantarſe de todo com o peſo de ſeus antigos erros, ſe deixou perſuadir das razoens do barbaro & fraudulento amigo, porque os olhos ainda cegos com as nevoas da idolatria, naõ podiaõ ſofrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; & logo ou incauto, ou violentado conſpirou na traiçaõ do Madune, como enfermo frenetico, contra os inſtrumentos da

O de Candea conſente niſto.

ſaude indignado; eſperàram em fim os hoſpedes, reſolutos em executar a maldade, que tinhaõ concebido.

Viagem de Antonio Moniz.

Entretanto, partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes pórtos alguns navios noſſos, que comforme a inſtrucçaõ, que levava, aggregou à ſua armada. Dobrado o cabo de Comorim, & paſſados os baixos de Manar, foy demandar Baticalou, para d'ahi entrar em Candea, caminhãdo por terra. Levava doze fuſtas de remo, de que tirou cento & vinte ſoldados eſcolhidos, & com elles foy caminhando com a ſegurança de quem hia buſcar hum Principe amigo, & obrigado, & ſobre tudo, fenaõ fiel ainda, ao menos grato ja, & benevolo às verdades da Ley, que lhe prègavamos. Chegado a Candea, como tudo fervia em armas, naõ pode ſer a traiçaõ taõ cauta, que Antonio Moniz a naõ entendeſſe por diverſos aviſos, & pela. Simulaçaõ com que tentàraõ dividirlhe os ſoldados para os poder matar mais a ſeu ſalvo. De mais, que o Rey lhes naõ quiz ver o roſto, quiçá por naõ deſcobrir nos affectos a conſciencia temeroſa, & culpada. Antonio Moniz ſe ſahio logo da Cidade, mandando queimar os impedi-

Chega a Cádea, acha tudo trocado.

mentos, & bagages, que trazia, ficando assi mais livre para a defensa, & para a retirada, & juntando os soldados lhes disse.

» Companheiros, & amigos: todos » sabeis a traiçaõ, que nos tem orde- » nado este Rey infiel, a quem vie- » mos soccorrer, & servir; entendo, » que nos cometeràm com força des- » cuberta, pois tem agora huma ra- » zaõ, ou causa mais para nos offen- » der, que he havermos conhecido » seus enganos. Nenhum de nós te- » rà mais vida, que em quanto a sou- » ber defender. Póde salvarnos o va- » lor, & a conformidade; soccorros » naõ esperamos de fóra, pois estaõ » em nós mesmos; & estes barbaros » naõ se empenhàraõ na traiçaõ, se » virem que he custosa; & que mui- » to, façamos nós agora por nós mes- » mos, o que vinhamos a fazer por » elles, que he derramar o sangue. » Os caminhos, que guiaõ a Bate- » calou, onde està a nossa armada, » devem estar occupados do inimigo, » pelo que nos parece, que vamos » demandar o Rey de Ceitavaca, fiel » amigo do Estado, onde acharemos » hospedagem, & abrigo seguro, pa- » ra d'ahi irmos a buscar nossa arma- » da.

Trata voltarse.

He cometido dos inimigos.

Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobríram os inimigos em trópas, acometendonos com settas, dardos, & pedras, & outras armas d'este genero, com que nos feríraõ algũa gente, determinando com este importuno modo de peleija acabarnos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por seus Cabos, a que chamaõ Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cometer, & retirar, superiores aos nossos no numero, & na agilidade, & sem duvida hum & hum nos foraõ derribando a todos, se os naõ fizera afastar a nossa espingardaria, de que recebèraõ dano, & temor grande, vendo cahir alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguiaõ mais tímidos, & cautos; assi nos foraõ picando todo aquelle dia, hũas vezes atrevidos, & outras cobardes, & com este sequito desigual, & importuno, hiaõ dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

Trabalhos que passa.

Sobreveyo a noite, de que os nossos recebèraõ mais segurança, que repouso, porque sempre os foraõ inquietando com tiros vagos, & perdidos, sem que os pobres soldados po-

deſſem ainda ſobre as armas receber algum breve deſcanſo; maſtigando o biſcouto com os olhos no inimigo, & as maõs nas armas. Aſſi paſſaraõ atè o ſeguinte dia, que ſe deſcobrìraõ os barbaros mais ſoltos, & arrevidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhe faziaõ os inſtrumentos do fogo. Chegàraõ em fim a ferirnos de perto com armas curtas, com o que foy forçado Antonio Moniz deter a marcha, & fazer algũas voltas, em que lhe degollamos gente, & cativamos, entre outros, hum ſeu Modeliar, que no habito, & nas armas, parecia o Regente de todos; o que moſtrou ſer aſſi no riſco, & ouſadia com que intẽtàraõ livralo, fazendo muitas arremetidas, de que ſaìraõ cortados, porèm ſempre conſtantes naquella invaſaõ porfiada, que ja os noſſos naõ podiaõ aturar, rendidas as forças do trabalho.

Alguns foraõ de parecer, que fizeſſem roſto ao inimigo, & ſe livraſſem peleijando, ou acabaſſem vingados; porèm Antonio Moniz lhes diſſe, que a melhor parte do esforço, era o ſofrimento; & que ſò eſte os podia ſalvar; que tinhaõ a mayor parte do caminho vencido; que marchando vi-

Prudencia com que mo dera os ſeus.

giados, & unidos, naõ poderiaõ receber grande dano; que por grande, que o perigo foſſe, ſeria depois mayor o goſto, quando o recontaſſem glorioſos, & ſeguros. Aſſi lhes foy o Capitaõ criando eſpiritos novos, & enfreando a deſeſperaçaõ de taõ prolixa reſiſtencia, atè os viſitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia; na qual os barbaros tambem quebrados deixàraõ em algũa maneira reſpirar os noſſos. Porèm tanto que amanheceo, tornàraõ a ſeguir a preſa mais furioſos, parece que corridos de achar oppoſiçaõ tam valeroſa em poder tam pequeno. Aqui ſe deſenvolvèraõ mais ſoltos contra os noſſos, que ja ſe defendiaõ, ainda que com os meſmos animos, com forças mais remiſſas.

Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, & lançalo na eſtrada, a quem os ſeus, deixando a peleija, acodiraõ logo detidos do amor, ou da piedade do mayoral, ou companheiro, que viaõ em taõ miſeravel eſtado; ficàraõ os noſſos hum eſpaço largo, como ſem inimigo; porèm ſubitamente movidos de hum eſpirito de laſtima, ou vingança, acometèraõ impetuoſamente os noſſos em hum paſſo eſtreito

que hia fechar èm huma ponte, fundada ſobre hum grande rio, que ſe naõ vadeava. Moſtrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros roſto aos inimigos em quanto ſeus ſoldados paſſavaõ; & como os teve da outra parte, quebrou hum lanço da ponte; induſtria, com que tolheo aos barbaros a paſſagem, & ſequito. Naõ alcançou Antonio Moniz fama popular por taõ heroica defenſa, porèm entre os poucos que ſouberam fazer juſta eſtimaçam das obras excellentes, mereceo eſta retirada applauſos de huma grande victoria. Chegàram em fim aõ Rey de Ceitavaca, onde achàram benigna, & fiel acolhida, reparandoſe da fome, feridas, & trabalho com liberalidade piedoſa, & grata, offerecendolhes ſuas forças para a vingança de tam juſto aggravo.

Esforço com que peleija.

Retiraſe.

O pobre Rey de Candea arrependido da maldade cometida por inducçam do Regulo vizinho, aborrecendo à traiçam, como couſa criada em peito alheyo, enviou à Antonio Moniz hum menſageiro com dez mil pardaos para os gaſtos da armada, eſcrevendolhe, que o ſentimento era ſeu, & os erros alheyos; que pois o fora

Arrepende-ſe el Rey de Candea.

Mandalhe hum menſageiro.

buſcar infiel, nam o deſemparaſſe Chriſtaõ; que o Deos, em que começava a crer, por iſſo era taõ grande, porque perdoava offenſas: que aquellas tenraś flores, que começavaõ a abrir no jardim da Igreja, naõ as quizeſſe deixar deſabrigadas às injurias do ardor da idolatria; que pois vieraõ com armas limpar aquelle matto de ſuperſtiçoens gentilicas, naõ ſe eſpantaſſe de ſahir laſtimado das eſpinhas, & cardos da infidelidade; que ſendo taõ benigno o Deos, que lhe prègavão, cõ juſtiça ſem miſericordia nam ſalvaria os homẽs; que a quem naõ deſprezava o Ceo, naõ deſprezaſſe a terra; que lhe pedia o ſoccorreſſe porque eſtava prompto a offerecer pelo amparo a fazenda, & pela Fé o ſangue.

Quer Antonio Moniz tornar.

Com eſta carta eſteve Antonio Moniz reſoluto em ſe tornar a Candea, repreſentandoſelhe mayores os intereſſes da Religiaõ, que os perigos da vida. Porèm os ſoldados, como abraçados com a taboa, em que haviaõ eſcapado, naõ quizeraõ ſahir do abrigo do Principe amigo, dizendo, que o primeiro engano fora do traidor fementido, o ſegundo ſeria do Capitaõ crèdulo, & incauto; que ſe naõ queriaõ tornar a fiar da vibora, que

Os ſeus o encontraõ.

huma

huma vez os mordèra; porque se os quizera matar quando obrigado de hum grato soccorro, que faria, quando offendido na injuria de seu exercito afrontado? Que queriaõ agradecer a Deos hum milagre, antes que pedir outro; que o Governador os naõ mandava como Apostolos, senaõ como soldados; que se hiaõ a derramar o proprio sangue pela Fè, fossem sem armas, mas que a sua vocaçaõ era defender a Ley com a espada, & naõ prègala. Vendo Antonio Moniz, que os soldados estavaõ frios no zelo, & duros na obediencia, entendendo, que se Deos quizesse salvar aquelles póvos, abriria os caminhos, resolveo buscar sua armada: & em quanto elle navega, tornaremos às cousas do Hidalcaõ, que temos retardadas.

Recolheo-se à armada.

Sobresaltado o Hidalcaõ com a presença do Meàle em Goa, tentou com o remedio das armas purgar estes receyos; & porque as guerras de Diu tinhaõ hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo a Cidade de Goa o tinha ausente, acometeo as terras de Bardèz, & Salsete, que asseguradas na paz, estavaõ sem defensa. Despe-

O Hidalcaõ manda sobre as terras firmes.

dio quatro mil ſoldados, que ſem golpe de eſpada as ſenhoreáraõ, fazendo, que os agricultores lhe acodiſſem com os frutos, & fóros annuaes, que pagavaõ ao Eſtado. Chegou a Goa o aviſo d'eſta entrada, que deu grande cuidado, por naõ ſe achar com forças para fazer ao inimigo roſto. Reſolvèraõ eſperar a vinda do Governador, cujo nome baſtaria a quebrantar ao Hidalcaõ o orgulho, preſidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar às incurſoens do inimigo eſte pequeno freyo.

Retiraõſe de temor dos noſſos.

Logo que o Governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao goſto dos ſucceſſos paſſados, naõ querendo dar outros ao deſcanço, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por coſtume, paſſou a Agaçaim, donde deſpedio a Dom Diogo de Almeyda Freire, com novecentos homẽs, para que deſalojaſſe o inimigo, que eſtava com quatro mil ſoldados nas aldeas vizinhas. E tanto que os Mouros tiveraõ aviſo, que a noſſa gente marchava, ſem eſperar o ſom das caixas, nem a viſta das bandeiras, ſe recolhèraõ ao ſertaõ; o que a todos pareceo reſpeito às victorias de Diu, cuja fama tinha cheyo de temos

& reverencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha à noſſa obediencia, logrando com os receyos da guerra huma paz mal ſegura, qual ſe podia eſperar de Principe queixoſo, & vizinho. O Hidalcaõ, dandoſe na fogida dos ſeus por afrontado, acodio pela opiniaõ das armas, como ſegunda cauſa para mover a guerra, mandando oito mil ſoldados a ſenhorear as terras da contenda, em quãto apreſtava poder mayor, intentando, (como elle dizia) onde aventurava o Reyno, arriſcara peſſoa. Porèm em quanto o eſtrondo d'eſtas armas, ſe naõ ouve em Goa, fallaremos das couſas de Malaca, & Maluco, por ſerem diſpoſtas com a providencia do Governador, & acabadas com ſua fortuna.

Manda outra gente, & quer elle vir.

Eſtava Bernardim de Souſa deſpachado com o governo das Malucas, que como taõ diſtantes do coraçaõ do Eſtado, recebiaõ mais tibia obediencia, aſſi na ſojeiçaõ dos naturaes, como na liberdade dos Governadores, que obravaõ voluntarios, & independentes. Tinha Jordaõ de Freitas enviado o Goa a el Rey Aeyro, ligado com prizoens, indignas da Coroa, & criminado com proceſſos alheyos da

El Rey Aeyro preſo em Goa.

He absoluto pelo Governador.

verdade. Os quaes Dom Joaõ de Castro mandou verificar por tela de juizo, & absoluto o pobre Rey dos delictos impóstos, depois de o hospedar com Real tratamento, lhe restaurou com honras & favores as injurias do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar a posse do Reyno com mayor reverencia, que de nossos Governadores costumavaõ receber seus passados, para que conhecessem aquelles pòvos a clemencia, & justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos, & amigos.

Levado a Ternàte.

Chegou Bernardim de Sousa à Ilha de Ternáte, & saltando em terra, se foy meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambiçam d'aquelles povos costuma receber a seus Governadores. Jordaõ de Freitas, que na subita vinda do succeßor, & na conciencia culpada, estava lendo o processo de suas demasias, ficou sobremaneira alterado, conhecendo da intreireza de Dom Joaõ de Castro, que nam permittia aos Capitaẽs móres, que aos Reys amigos fizessem nem sofressem injurias, & que se nam podia justificar Aeyro, sem o condenar a elle. Com tudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem lo-

go acudiram os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pay, que a esperalo: tam tìmidos saõ os juizos dos homens nas cousas que desejam. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da nao tam honrado, que pareceria, que mais fora representar serviços, que responder a culpas. Os filhos, ainda iucredulos no gosto da insperada nova, foraõ correndo à praya, seguidos de multidaõ de povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirandose da igualdade de nossas leys, indifferentes a naturaes, & estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe deraõ a victoria de nós mesmos; & que das excellencias do Governador da India fallaria sempre com o dedo na boca. Levantados em as mãos levava os grilhoens, com que d'alli partìra preso, servindose da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousàram as cousas de Maluco, em grata obediencia, muitos ànnos.

É restituido aos seus.

Gozava neste tempo Malaca de huma profunda paz, assentada sobre as amizades, & cõmercio dos Principes vizinhos; & porèm el Rey de Viantana achandose com forças para inten-

Conjurão varios Reys contra Malaca.

tar qualquer empreſa grande; o poder, & o ocio lhe trouxeraõ à memoria muitos aggravos eſquecidos, que dos Reys de Patane havia aquella caſa recebidos; & como era bem correſpondido dos Principes de Quedá, Pam, & outros confinantes, teve meyos para os colligar, fazendo-os parciaes na vingança de alheas injurias. Pozeraõ ſobre o mar huma groſſa armada, capitulando, que o de Viantana ſe contentaria com a vingança do inimigo, & elles ficariaõ com os deſpojos da guerra, a reſpeito de aventurarem o ſangue na ſatisfaçaõ dos aggravos de outro.

Que faz o Capitaõ della.

Era neſta occaſiam Simaõ de Mello Capitaõ de Malaca, & ſabendo das diſcordias d'eſtes Principes, eſcreveo a Diogo Soares de Mello, que eſtava no porto de Patane, que ſe vieſſe àquella fortaleza, porque como todos aquelles Reys eraõ amigos do Eſtado, queria antes ſer arbitro, que parcial em ſuas differenças; de mais, que era razaõ politica, deixar que a guerra os quebrantaſſe, para que deſangrados viveſſem na paz, & obediencia de noſſas armas mais ſugeitos, conſiderando, que o tempo lhes podia dar occaſiam, & as forças ou-

ſadia, porque para o odio, baſtava ſermos nós dominantes; & para a guerra, o poder nam buſca outras cauſas.

Diogo Soares, nam engeitando o aviſo, deſpedio alguns navios de carga para a China, & elle com duas galeotas ſe partio na via de Malaca. Andava neſte tempo o Achem às preſas com vinte velas groſſas, fazendo com forças de Senhor, o officio de Coſſario. Tomou alguns juncos de baſtimentos, & fez no mar outros inſultos em navios de amigos. Com a fortuna creſceo o atrevimento, chegando a deſembarçar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que chegàra a pizar terra de noſſa obediencia; & logo com eſta gloria, ganhada tanto a furto, ſe tornou a embarcar.

Saheem terra o Achem, & recolheſe logo.

Tocouſe na Cidade a rebate, onde o temor, & a noite fez mayor o perigo, fogindo muitos de ſuas meſmas ſombras. Chegàraõ à fortaleza as vozes dos que ſõ temiaõ, porque viaõ temer, aſſombrados do medo ſem perigo. Mandou o Capitaõ mór a Dom Franciſco d'Eça com alguns ſoldados, que entrados na povoaçaõ dos Chelins, vìraõ na confuſaõ, & temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que eſtava já embarcado, ſem

levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simaõ de Mello a covardia do Achem, como se fosse injuria; taõ respeitadas estavaõ as paredes d'aquella fortaleza, que parecia insolencia cometèlas, avistalas, delicto. Mandou logo por hum Bantim ligeiro, espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caraveloẽs, & seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasiaõ Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que têmos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudàr a victoria. Nomeou a Dom Francisco d'Eça por Cabo d'esta esquadra, o qual ainda mal armado, com a pressa de quem acodia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucçaõ, que se em dez dias naõ achasse o inimigo, se recolhesse ao porto; porque naõ hia bastecido para mais largo tempo.

Sae a buscalo a armada.

Navegàraõ oito dias sem encontrar a armada, & chegados a huma Ilha, tiveraõ novas, que o inimigo estava ancorado em Quedá, viagem de dous dias. Determinou Dom Francisco passar avante; porèm os soldase amotinàraõ, dizendo, que era de Capitaõ bisonho seguir a quem fogia;

Tem novas d'elle o Capitaõ, & quer seguilo.

Os soldados se amotinaõ.

que os baſtimentos eſtavaõ ja acabados; que elles naõ hiaõ a peleijar com a fome; & que ſe o regimento do Capitaõ mór ſe eſtreitava a dez dias, melhor era a obediencia, que a victoria. Porèm Diogo Soares de Mello, ainda que inferior no poſto, mayor na authoridade, diſſe, que todo o Capitaõ que ſe voltaſſe, havia de peleijar com elle primeiro, porque mayor ſerviço faria a el Rey em meter no fundo ſoldados deſobedientes, que inimigos atrevidos. Applacado neſta fórma hum temor com outro, navegàraõ a Quedá, onde ſouberaõ, que o inimigo eſtava em hum porto oito legoas diſtante; reſolveo Dom Franciſco ſeguilo, viſto eſtar tam vizinho. Aqui foy a murmuraçam dos ſoldados mayor, mas naõ o atrevimento, porque víraõ que a injuria era mais do temor que do perigo; aſſi foraõ ſeguindo a Capitania com mayores demonſtraçoens de goſto, do que nunca tiveraõ, ou foſſe por dourar os receyos paſſados, ou que os coraçoens preſágos da victoria, criàraõ mais honrados affectos.

Diogo Soares os aplaca.

Aviſtàraõ naquella meſma tarde a Cidade de Parlés, em cujo porto eſtava o inimigo ſurto em huma enſeada,

Aviſtão & cometem o inimigo.

que fazia o rio em pequena diſtancia da Cidade. Mandou o Capitaõ mór ſondar o rio, & abaliſar com ramas o canal para fogir dos bancos; & ſabendo pela ſonda, que tinhaõ as caravelas fundo, cometeo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galés, & outros navios buſcar a noſſa armada, porque pelas eſpias entendeo, que eraõ navios mercantís, em razaõ de haverem viſta da terra dos caraveloens ſómente, por eſtarem as fuſtas, & galeotas cubertas com a ſombra de huma ponta torcida em voltas que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante, que davaõ eſcolta a outra muita fuſtalha; as quaes como achàraõ ſoldados, aos que imaginavaõ mercadores, quizeraõ voltar, mas como o rio era muito eſtreito, & ellas vinhaõ arrazadas em popa, o naõ podèraõ fazer, que primeiro lhe chegaſſem os noſſos. Atracados em breve eſpaço, tingìraõ as armas, & ainda o rio em ſangue. Diogo Soares entrou a galé Capitania com cincoenta ſoldados, & achou nos Mouros tam porfiada reſiſtencia, que todos foraõ mortos, porèm nenhum rendido; com o meſmo orgulho peleijàraõ os outros. Conheceo-ſe a victoria pelos vaſos,

Rende Diogo Soares a Capitania.

mas naõ pelos cativos. Parece, que com obſtinaçaõ hõrada, nenhum quiz ſobreviver à ſua ruína. A reſiſtencia do inimigo he argumento do valor dos noſſos, pois naõ ſo peleijàraõ com valentes, mas com deſeſperados.

Entretanto el Rey de Viantana, & os mais confederados recebèram tantas ſatisfaçoens do de Patane, que aſſentàraõ com mayores vinculos a paz; eſtes ſabendo, que a noſſa armada era ſahida, ajuizando que a fortaleza ficaria ſem guarniçaõ baſtante, vieraõ tentar, ſe eſta occaſiaõ lhes abria caminho para tirar de Malaca taõ peſado vizinho; & como o odio os fazia atrevidos, & o temor covardes, quizeraõ com o ſemblante da paz diſfarçarnos a guerra. Enviàraõ hum Capitaõ pratico a Simaõ de Mello, ſignificarlhe o ſentimento, que tinhaõ de haver o Achem deſbaratado a noſſa armada; & que ſabiaõ, que com o goſto da victoria, juntava poder mayor para vir ſobre a fortaleza, que como tinha tam poucos defenſores, era forçoſo, que o valor cedeſſe à multidaõ, pois o numero, & a occaſiaõ dava as victorias; que elles como amigos do Eſtado lhe pediaõ licença para deſembarcar naquelle porto; & remirem

Embaixada dos conjurados.

com seu sangue a fortaleza de taõ certa ruina, & faria o Mundo juizo, que eraõ melhores amigos no trabalho, que na prosperidade. Alèm d'esta mẽsagem cautelosa, vinha o enviado instruìdo, que notasse os soldados que tinha a fortaleza, & do semblante do Capitaõ conjecturasse o valor, ou receyo com que ouvia o destroço da armada: por ser o coraçaõ nos affectos mais fiel que a lingua.

Reposta do Capitaõ de Malaca.

Porèm Simaõ de Mello entendendo, que a offerta era traiçaõ, & o mensageiro espia, determinou ferilos pelos seus mesmos fios, servindose de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a taõ opportunos soccorros, como lhe offereciaõ, & que em retorno de taõ grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria, que os seus navios alcançàraõ do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; & que na fortaleza tinha gente, & muniçoens sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem sahira d'aquelle porto fogindo; que os Portuguezes tiveraõ no alcance difficuldade, na victoria, nenhuma. Estas palavras recebèraõ credito da segurança com que se disseraõ, ficando o Mouro crédulo, & descontente no esforço

do Capitaõ, na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitaõ mór, ou entendèra o ardil, ou desprezàra o medo.

Simaõ de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusandose de leve, & temerario, por haver empenhado as forças d'aquella praça contra hum inimigo de cuja paz naõ tiravamos fruto, nem gloria da ruina; porque humilde prova de valor seria destroçalo com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assi discorria o Capitaõ, como se naõ podèra haver desgraça sem culpa. Hiaõ na armada embarcados os casados de Malaca, cujas mulheres, & filhos com lagrimas anticipadas ao succesſo, choravaõ a victoria, que ignoravaõ, queixandose do Capitaõ, que quizera comprar fama com o sangue alheyo; sendo mais conveniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E ja o tumulto popular tocàra em liberdade, se o Mestre Francisco Xavier (que entaõ a India respeitava Penitente, & agora o Mundo venera Santo) naõ enfreàra o povo, lembrandolhe a paciencia nas adversidades,

Faltão novas da armada.

Queixase o vulgo.

O P. Xavier o sossega.

naõ ſó como virtude, ſenaõ como remedió; deſcobrindolhe cauto, mas tambem compaſſivo, huns longes de mais alegres novas, que mais pareciaõ alivios de proximo, que annuncios de Propheta. Quando no meſmo dia, em que ſe deu a batalha, eſtando à viſta de numeroſo povo, enſinando os caminhos da vida, ſe arrebatou ſubitamẽte em hum extaſis profundo, como bebendo em ſuave ſilencio os ſegredos divinos; atè que deſpertando da myſterioſa pauſa dos ſentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que proſtrados ante os altares, deſſemos graças ao Autor das victorias, porque naquella hora deſbaratàra Deos com noſſos braços a armada do inimigo. O povo reverente no preſagio do Interprete divino, com gratas, & piedoſas lagrimas louvava a Deos no Santo, começando dos eſtremos do peſar, mais ſegura a alegria. Aquella meſma tarde eſtando doutrinando a plebe em huma Ermida vizinha, referio os caſos da batalha com taõ particulares accidentes, como quem ſabia o ſucceſſo, de quem deu a victoria; & d'eſta felicidade cremos, foy o glorioſo Santo interceſſor, & oraculo, o qual com muitas outras

Pronoſtica a victoria.

E annuncia o modo della.

illuſtraçoens divinas antevio os ſegredos eſconditos com eſpirito preſágo do futuro. Ficou Malaca gozando de huma honrada paz, aſſegurada com a victoria, que temos referido; porèm o Governador em Goa, ainda com as armas quentes no ſangue de huma batalha, o chamavaõ a outra.

Cuidados do Hidalcão.

Entre o Hidalcaõ, & o Eſtado deixou Martim Affonſo de Souſa vivas as cauſas dos odios, que temos referido, de que Dom Joaõ de Caſtro lhe naõ podia dar ſatisfaçaõ, ſem afronta; nem negarlha, ſem guerra. Com a retirada dos Mouros eſtavaõ à noſſa obediencia as terras de Bardéz, & Salſete, naſcendo os frutos da agricultura, quaſi debaixo das armas com que os defendiamos. O Hidalcaõ, como via com ſeus olhos as terras, & tambem os aggravos continuados na retençaõ que avaliava injuſta, cada dia nos acordava com as armas ſeu direito, ſobreſaltado juntamente com a preſença do Meále em Goa, que era veneno, que acometia o coraçaõ do Reyno; & entendendo, que com as entradas dos ſeùs, ſubitas & furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Eſtado; & que com a negaçaõ dos mantimentos empobrecia os vaſſallos, & engroſ-

fava os vizinhos, de cujos portos os recebiamos, entrou em conſideraçaõ de nos fazer a guerra com poder deſcuberto, em que aventuraſſe o Reyno, & a peſſoa, deixando na fortuna de huma batalha a juſtiça de humas & outras armas; & como a paz, & a tyrannia o tinhaõ feito rico, eraõlhe faceis as deſpeſas da guerra, que havia de mover, quaſi dentro em ſua meſma caſa. Deſpachou logo oito mil ſoldados a ſenhorear as terras da contenda, em quanto ſe diſpunhaõ forças mayores para ſuſtentar o que aquellas ganhaſſem.

Manda gente à terra firme.

O Governador, com o primeiro aviſo d'eſta entrada, ordenou, que Dom Diogo de Almeyda Freire com novecentos Portuguezes, & alguns Canarins de ſoldo, & huma companhia de cavallos foſſe encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o ſoccorrer com o reſto da gente, ſe o Hidalcaõ vieſſe peſſoalmente; fama, que os Mouros derramavaõ, & nos queriaõ perſuadir, ou ſe perſuadiaõ. Dom Diogo de Almeyda partio com eſta gente, & fez alto na fortaleza de Rachol, a cuja viſta teve algumas eſcaramuças leves com o inimigo, que naõ quiz empenhar o poder, nem

Dom Diogo de Almeyda lhe ſahe.

aceitar a batalha que lhe offerecia-mos, quiçá conhecendo, que naõ po-diamos ſoſtentar guerra lenta pela fal-ta de proviſoens, & incómodidades do terreno alagadiço, & retalhado em eſteiros, onde nam podiamos ter alojamento enxuto, nem ſervirnos de cavallaria em todos os lugares da cam-panha; huns, que pela humidade nos tolhiaõ a paſſagem, outros pela aſpe-reza; inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como natu-raes da terra ſabiaõ melhor os paſſos, & eſtavaõ feitos ao trabalho de cal-car os pantanos com agilidade, & ſol-tura; de mais, que eraõ baſtecidos cóm mayor abundancia, como ſenho-res do paiz. Vendo pois Dom Diogo, que o inimigo tinha a eſcolha de pe-leijar, ou retiratſe, & que os manti-mentos lhe faltavaõ, conſultou o Go-vernador, que lhe ordenou, que re-colheſſe a gente na fortaleza de Ra-chol, em quanto reſolvia o que ſe devia obrar.

O Governador o faz recolher.

Voltou o Governador Pangim a Goa, onde poz em conſelho o Eſtado das couſas, & deſejos que tinha de opprimir o Hidalcaõ com guerra mais peſada para evitar as moleſtias de tam repetidas entradas, ficando de huma

E poem eſta guerra em conſelho.

vez com as maõs livres para acodir a negocios differentes, o que naõ poderia ser, deixando armado, & sem castigo tão importuno vizinho. Porèm a todos pareceo, que a guerra se differisse para tempo opportuno, qual seria o do Veraõ seguinte, em que os nossos podiaõ campear ja no terrano enxuto, & com forças mayores, engrossadas com os soldados reynoes, que nas naos de viagem se esperavaõ; que o fim das empresas naõ era a brevidade, era a victoria.

Dilatase para outro tempo.

O Governador, ainda que bellicoso, & mal sofrido, houve de sojeitar a vontade ao entendimento, esperando monçaõ, em que podesse pedir ao Hidalcaõ mais rigorosa conta de seus atrevimentos. O que assentado ordenou a Dom Diogo de Almeyda Freire, que retirasse a gente, deixando a fortaleza de Rachol com sufficiente presidio, pondo às correrias do inimigo este pequeno freyo. E como o Governador era no exercicio das armas incansavel, em quanto naõ tinha real a guerra, parece que se deleitava com a imagem d'ella. Hia todos os dias ao campo, onde mandava aos soldados tirar à barra, jugar as armas, formar esquadroens, incitando a huns

Exercita a guerra na paz.

com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulaçaõ, & exercicio, crecer eſtas virtudes, trocando huma Cidade pacifica & politica, em eſcola de armas, que eſtes eraõ os ſaraos, & comedias, onde com util, & bellicoſa diverſaõ ſe recreava o povo, tendo com a frequencia d'eſtes enſayos os ſoldados tam bem diſciplinados, que nas occaſioens da guerra verdadeira, nenhum caſo, ou accidente os tomava de novo. Paſſando pela rua de Noſſa Senhora da Luz, vio em huma caſa terrea quantidade de armas em hum cábide, tratadas com tal luſtro, & aſſeyo, que ſe pagou da limpeza, & concerto, com que eſtavaõ diſpoſtas; & tendo a redea ao cavallo, perguntou, quem na caſa vivia. Acodio a lhe reſponder o meſmo dono, que era hum Franciſco Gonçalvez, ſoldado de fortuna. O Governador depois de o louvar de curioſo & bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que luſtraſſe o ferro; ſendo que nos dias de ſeu governo tiveraõ pouco tempo as armas para criar ferrugem.

Favorece os ſoldados.

Era ja entrado o mez de Agoſto, & o Governador, como antevendo as occaſioẽs futuras, naõ perdia momen-

Tem aviſos de Diu.

to em municionar, & baſtecer a armada, quando aportou na barra de Goa Franciſco de Moraes Capitaõ de hum catùr, com cartas de Dom Joaõ Maſcarenhas, em que o aviſava, que o Soltaõ de Cambaya juntava todas as forças de ſeus Reynos com voz de pòr ſegundo ſitio àquella fortaleza; que convinha moſtrarlhe eſte Veraõ as armas, porque attento à ſegurança de ſua meſma caſa, deixaria de inquietar a alhea; mòrmente, que impedindolhe noſſas armadas a liberdade da navegaçaõ, & os uteis do cõmercio, abriria os olhos para ver, que ſó da paz do Eſtado pendia ſua proſperidade.

Communica-os ao Senado, & pedelhe ajuda.

O Governador mandou juntar o governo da Cidade a quem deu copia da carta de Dom Joaõ Maſcarenhas, pedindolhe o ajudaſſem, para acabar de domar, ou reduzir eſte inimigo; & ainda que eſta exacçaõ os tomava ſobre tão freſco empenho foy a propoſta do Governador tão grata a todos, que lhe offerecèraõ as vidas, & as fazendas, como ſe fora o ſerviço do Eſtado, alimento & herança dos filhos, que criavaõ. Eſta felicidade de tempos naõ alcançou a India em todos os governos. Dom Joaõ de Caſtro lhes

Offerecem-lhe quanto tem.

pedio dez mil pardaos, com que o Povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns Cidadaõs ricos lhe mandàraõ quantidade de joyas, com huma carta chea de honradas queixas pelas naõ haver aceitado nem despendido na primeira offerta; mostrandose as dè Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta mayores. Porèm o Governador escasso no uso, & dispendio de tão fieis donativos, lhos tornou a remeter agradecido, & pagandolhes nas honras dos maridos, & filhos, tam liberal, & opportuno serviço. Avisou aos moradores de Baçaim, & Chaul das noticias do Capitaõ de Diu, & despesas da armada, & necessidade em que estava para que o ajudassem; os quaes lhe respondèraõ tam faceis ao serviço Real, que parecia, recebiaõ as novas occasioẽs de perigo & despesa, como premio qüe tinhaõ servido.

E as mulheres fuas joyas.

Avisa Chaul, & Baçaim.

Andava o Governador dando expediente aos apressos da armada, quando lhe chegou nova, que na barra de Goa haviaõ lançado ferro duas naos do Reyno, que se apartàraõ da conserva de outras. Tinhaõ aquelle anno partido do Reyno seis, sem Capitaõ mór; das que chegàraõ eraõ Ca-

Chegaõ naos do Reyno.

pitaẽs Balthaſar Lobo de Souſa, & Franciſco de Gouvea: das quatro que faltavaõ, Dom Franciſco de Lima em S. Philippe, & vinha provído na Capitanía de Goa; Franciſco da Cunha no Zambuco; & eſtas duas partíraõ tarde, & vieraõ tomar a barra em vinte & tres de Setembro. De outra Nao, que era a Burgaleza, vinha por Capitaõ Bernardo Nazer, invernou em Socotorá, & aportou em Goa nos ultimos de Mayo. Era Capitaõ da outra Dom Pedro da Sylva da Gama, filho do Conde Almirante, deſpachado para Malaca, & por ruim navegaçaõ do ſeu Piloto, ſe perdeo nas Ilhas de Angoxa; ſalvouſe porèm a gente, que paſſou a Moçambique, & d'ahi repartida por outras embarcaçoẽs, chegou à India. Neſtas naos veyo ordem ao Governador, que mandaſſe alargar o ſitio à fortaleza de Moçambique, por aviſos que ſe tinhaõ, de haverem Rumes de vir a ella, & convinha aſſegurar os moradores, & o porto, como eſcala principal de noſſas naos, tolhendo ao inimigo o impedimẽto, que nos podia fazer no cõmercio de Çofala, & Cuama.

Ordens que trazem.

Achavaſe o Governador com tres

mil ſoldados Portuguezes, & alguns ſoccorros de Naires de Cochim, que foraõ as mayores forças, que juntou na India, & conſiderando, que o Hidalcaõ com ſua auſencia poderia perturbar o Eſtado, attento a naõ ficar em Goa quem lhe fizeſſe oppoſiçaõ baſtante, reſolveo buſcalo no interior do Sertaõ, neceſſitando o a aceitar a batalha, porque tinha para eſta guerra tam preciſa, taxado o poder, & o tempo. Cõmunicou eſta reſoluçaõ com os Regentes da Cidade, & aos Cabos da milicia; & a todos pareceo a occaſiaõ opportuna. E como o Governador era nas execuçoens ſobre-maneira preſto, & tinha a gente prompta, repartio em cinco eſquadras os ſoldados, ſegundo a diſciplina da India, de que fez Cabos a ſeu filho Dom Alvaro, Dom Bernardo, & Dom Antonio de Noronha, filhos do Viſo-Rey Dom Garcia de Noronha, Manoel de Souſa de Sepulveda, & Vaſco da Cunha. Hia tambem Dom Diogo de Almeyda Freire com duzentos cavallos, & os caſados de Goa, a quem ſe aggregàraõ os pioẽs da terra, em numero de mil & quinhentos. Preſidiava a fortaleza de Rachol Franciſco de Mello com trezentos ſoldados Portu-

Reſolve a guerra do Hidalcão.

Ordena ſua gente.

guezes, & algũa infanteria dos naturaes, ao qual aviſou o Governador, que ſe apreſtaſſe para ſe ajuntar com elle na Villa de Margaõ.

Vemlhe Embaixadores do Canará.

Neſte tempo chegàraõ a Goa Embaixadores do Rey do Canará, que pertendiaõ a confederaçaõ do Eſtado, para com armas auxiliares moleſtar ao Hidalcaõ ſeu confinante. Foy eſte Reyno entre os Orientaes, pela grandeza do imperio, o mais illuſtre; pelos principios da origem, o mais deſvanecido, fabulando mil tradiçoẽs apócrifas, com que à veneraçaõ Real ſervio a liſonja. Ouvio o Governador a embaixada com ceremonias decentes à ambiçaõ do Rey, & grandeza do Eſtado; & logo capitulàraõ amizades com condiçoens honeſtas a huma, & outra Coroa. Tanto que o Hidalcaõ entendeo a reſoluçaõ do Governador, mandou retirar a guarniçaõ das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invazaõ, querendo canſar o Eſtado com aquella fórma de guerra repentina, & furtiva, aos noſſos intoleravel, a elle facil.

Ouve os, & deſpede-os.

Retira o Hidalcaõ a gente.

Soube o Governador, que os Mouros eraõ recolhidos a Pondá, onde eſtavam abrigados com a artelharia do ſeu forte; alguns Capitaens foraõ de parecer,

parecer, que o Governador naõ seguisse o inimigo, que fogia; opiniaõ envelhecida dos mayores soldados: porèm Dom Joaõ de Castro, querendo vestir de balde as armas, mandou passar avante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcaõ em sua mesma casa. Foy esta resoluçaõ grata aos soldados, crendo, que levavaõ na fortuna do General graõ parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia duas legoas, & ja sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

O Governador os segue.

Dom Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, & peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou algũa gente, porèm sem impedir, ou retardar aos outros, que passavaõ. Os demais Capitaẽs cortàraõ o rio por differentes partes, & quando chegàraõ, achàraõ a Dom Alvaro baralhado com os Mouros, & ja tão apertados, que hiaõ deixando o campo, porque naõ era seu intento peleijarem no raso, tanto que vencemos o rio, cessàraõ da opposiçaõ, que nos faziaõ, reti-

D. Alvaro peleija na vanguarda.

Os Mouros fogem.

randoſe ordenados à ſua fortaleza de Pondá. O Governador mandou ſeguilos, o que ſe fez aquelle dia por ſima de alguns eſtrèpes, que encravàraõ a muitos; & chegando a Pondá vio a todos os Capitaens do Hidalcaõ ordenados em forma de dar, ou aceitar batalha. O Governador com o meſmo paſſo da marcha, que levava, mandou acometelos; os Mouros na reſoluçaõ parece que conhecèraõ a peſſoa de Dom Joaõ de Caſtro, & como ſe deraõ lugar à fama de ſeu nome, lhe deixàraõ o campo, onde ſó com reſpeito alcançou a victoria. Retirouſe ao ſertaõ o inimigo, onde pela aſpereza da terra naõ podia ſer ſeguido. Entrou Dom Alvaro na fortaleza, que achou deſamparada: foraõ muitos de parecer, que ſe deſmantelaſſe; o Governador porèm, com mais altivo acordo, mandou que aos miſeraveis fugitivos ſe deixaſſe aquelle abrigo; era deſprezo, & pareceo piedade.

Manda o Governador ſeguilos.

Retiraõſe ao Sertaõ.

Ficàraõ outra vez as terras à noſſa obediencia, ſem paz ſegura, nem guerra continuada. O Hidalcaõ tinha forças para nos tolher os frutos, mas naõ para logralos; & peleijava ja mais pela reputaçaõ, que pelos in-

tereſſes da campanha. Voltou o Governador a Goa, onde tinha a armada prompta para paſſar ao Norte, naõ tendo outro lugar para deſcanſo, que o mar, ou a batalha; & como o tempo chamavá as velas, & os ſucceſſos traziaõ aos ſoldados contentes, naõ foy neceſſario para ſe embarcarem, bando, ou diligencia. Volta a Goa.

Achou-ſe o Governador no mar com cento & ſeſſenta fuſtas, de que eraõ os Capitaẽs, Dom Alvaro de Caſtro, Dom Roque Tello, Dom Pedro da Sylva da Gama, Dom Joaõ de Abranches, Dom Jorge d'Eça, Dom Bernardo da Sylva, Vaſco da Cunha, Franciſco de Lima, Franciſco da Sylva de Menezes, Dom Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Souſa de Sepulveda, Cide de Souſa, Duarte Pereira, Diogo de Souſa, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Joaõ de Attayde, Dom Joaõ Lobo, Gaſpar de Miranda, Dom Brás de Almeyda, Jorge da Sylva, Dom Pedro de Almeyda, Pedro de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Coſme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebaſtiaõ Lopez Lobatto, Antonio de Sá, Alvaro Serraõ, Dom Antonio de Noronha, Diogo Alvarez Tellez, Antonio Hen- Torna a Diu.

riquez, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthaſar Dias, Balthaſar Lopes da Coſta, Damiaõ de Souſa, Manoel de Sá, Fernaõ de Lima, Alonſo de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodriguez Pereira, Melchior Cardoſo, Coſme Fernandez, Nuno Fernandez, Franciſco Marquez, Duarte Dias, Diogo Gonçalvez, Franciſco Alvarez, Franciſco Varella de Almeyda, Franciſco de Britto, Gonçalo Gomez, Gregorio de Vaſconcellos, Gomez Vidal Capitaõ da guarda do Governador, Antonio Peſſoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcaõ, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaſpar Pirez, Joaõ Fernandez de Vaſconcellos, Fernan d'Alvarez, Joaõ Soarez, Ignacio Coutinho, Joaõ Cardoſo, Joaõ Nunez Homem, Joaõ Lopez, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandez, Manoel Affonſo, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalvez de Leaõ, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Pirez, Pero Affonſo, Pero Preto, Luis Lobatto, Simaõ de Areda, Franciſco da Cunha, Simaõ Bernardez, Thomé Branco Patraõ mór da Ribeira, Coge Percoli lingua; & os navios, que vieraõ de Cochim, de

que os Cabos eraõ noſſos. Foraõ neſta conſerva alguns navios de Particulares, que por benevolencia do Governador ſervíraõ graciosamente o Eſtado.

Com toda eſta frota foy o Governador ſurgir em Baçaim, donde mandou algumas eſpias a Cambaya, para reconhecer as forças, & deſenhos do inimigo, de cujo poder ſe fallava em todos aquelles portos com temor, & eſpanto; & os Guzarates credulos, ou ſoberbos diziaõ, que o Soltaõ poria d'eſta vez o Eſtado debaixo de ſeu açoute. Aqui teve o Governador aviſo, que Caracém genro de Coge Çofar eſtava na fortaleza de Surrate com pequeno preſidio, na confiança do exercito vizinho. Dom Joaõ de Caſtro deſejando cometer alguma das praças, que cobria a ſombra do inimigo, mandou a ſeu filho Dom Alvaro com ſeſſenta velas, para que ſobindo o rio de Surrate, deſpachaſſe algũa peſſoa de confiança, que notaſſe o eſtado da fortaleza, ou tomando lingua da terra, ſoubeſſe, com que muniçoens, & preſidio Caracèm ſe achava; & parecendo, que ſe podia tomar a fortaleza por eſcala, lhe déſſe logo o aſſalto, porque pelas meſmas piſadas,

Chega a Baçaim.

Manda D. Alvaro a Surrate.

que deixaſſe, iria a ſoccorrelo.

Deſpede D. Alvaro a D. Jorge.

Chegou Dom Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, & logo deſpachou a Dom Jorge de Menezes Baroche com ſeis fuſtas, para reconhecer a fortaleza. Sobio Dom Jorge pelo rio, remando à voga ſurda, atè que ſendo viſto da fortaleza, lhe tiràraõ algũas bombardadas. Os das fuſtas voltàraõ logo os remos, ou tìmidos, ou cautos, por mais que lhes brádou Dom Jorge que eſperaſſem. Aqui foy o perigo mayor, donde ſe naõ temia, porque de huma povoaçaõ de Abexins, que eſtava ſobre o rio, tiràraõ muitas peças; o que viſto por Dom Jorge, ſaltou em terra, & entrando a povoaçaõ, ganhou a artelharia dos redutos com valor, & animo taõ quieto, que a baldeou nas fuſtas; ſem que lhe fizeſſe eſtorvo a gente que acodia de terra. Eſta ſegurança fez parecer o poder mayor, quiçá medindo o inimigo noſſas forças por noſſo atrevimento.

E outros Capitaẽs.

Logo que Dom Alvaro deſpedio a Dom Jorge com as fuſtas, mandou tras elle outras duas, de que eraõ Capitaens Franciſco da Sylva de Menezes, & Joaõ Fernandez de Vaſcon-

cellos; os quaes desejando tomar lingua em terra, surgiraõ em hum poço antes da povoaçaõ dos Abexins, donde mandàraõ os marinheiros, que fizessem aguada; que saltando em terra, caminhàraõ quasi hum tiro de espera. Caracèm, tanto que ouvio as bombardadas, que se tiràraõ da povoaçaõ dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes achàraõ as estancias perdidas, & a artelharia embarcada; & passando mais avante foraõ vistos dos marinheiros, que faziaõ aguada; que bradáraõ a Francisco da Sylva, dizendo, que no campo havia inimigos, & Francisco da Sylva encaminhou logo a soccorrellos, acompanhado de Joaõ Fernandez de Vasconcellos, & fazendo hum esquadraõ cerrado, envestiraõ com os Turcos, & os rompèraõ, ficando alguns caídos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes deraõ. Dom Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, & que os nossos peleijavaõ em terra, poz nella a proa, & acodio a tempo, que pode carregar ao inimigo, o qual se recolheo fogindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Cus-

Que lhes succede.

tou-nos a victoria hum ſoldado.

Voltaõ a D. Alvaro.

Embarcàrao-ſe os noſſos, & foram na companhia de Dom Jorge a demandar a armada. O qual referindo a Dom Alvaro o ſucceſſo, & obſervaçam que fizera, pareceo aos Cabos, que naõ tinha lugar a facçaõ, viſto eſtar a armada deſcuberta, & a terra appellidada. Só Dom Jorge ſuſtentou tenazmente, que ſe devia cometer a fortaleza, ſendo a grandeza de ſeu animo a mayor razaõ, com que o perſuadia; porèm erão as contradiçoens tão vivas, que naõ podia acontecer ſem culpa o mais feliz ſucceſſo.

Que fez o Governador em Baçaim.

Em quanto Dom Alvaro eſteve no rio de Surrate, o Governador ſurto, deu expediente a diverſos negocios, & como ſobre valeroſo, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltaõ dentro em Amadabá, onde à viſta dos Turcos, que o aſſeguravaõ, o havia de aſſar vivo. E como eſta voz recebia credito de taõ grandes victorias, huns aos outros a referiaõ os Mouros temeroſos, ou crèdulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galanteria, mandou lavrar huns eſpetos grandes, como quem para deſcançar dos negocios mais graves, ſe deleitava em di-

verſoens brioſas. Coſtumavaõ os ſoldados d'aquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas muy polidas; que ſerviaõ de cortar as driças, & enxarceas dos navios de preſa, & tambem de arrombar caixoẽs, & fardos; eſte era o uſo, o outro era cuberta. Deſgoſtavaſe o Governador de armas, que tinhaõ tam humilde ſerviço, & vendo acaſo paſſar Fauſto Serraõ de Calvos, ſoldado limpo, cõ huma machadinha, lhe diſſe, que os homens de conta, ſó a eſpada cingiaõ airoſamente: Senhor (lhe reſpondeo o ſoldado) ſem eſta machadinha naõ ſervem os eſpetos de V. Senhoria, porque naõ poderemos aſſar inteiro a el Rey de Cambaya.

Foy o Governador ajuntarſe com Dom Alvaro na barra de Surrate, onde ſoube que a fortaleza eſtava ſoccorrida. Paſſou d'ahi com toda a armada junta a aviſtar Baroche; de cujo porto deſpedio a Franciſco de Sequeira Capitaõ dos Naires de Cochim, para ſondar o rio, & ver o que ſe podia obrar, informandoſe do eſtado da fortaleza com viſta de olhos. Eſte Capitaõ ſubio pelo rio atè haver viſta do exercito do Soltaõ derramado por huma dilatada campina. Era fama,

Ajuntaſe cõ ſeu filho.

que trazia duzentos mil Soldados; o certo he, que era a multidaõ tam grãde, que cobria os campos vizinhos, & diſtantes. Referio ao Governador o que vìra, o qual altivo de ſe ver tam temido, quiz aviſtar as forças do inimigo por credito de ſua meſma fama.

Aviſta o Soltaõ. Mandou que levantaſſe ferro a armada, & foy ſobindo atè dar fundo na frente do exercito, cujo numeroſo poder ſecava os rios. E deſembarcando em terra, formou campo, & apreſentou batalha ao Soltaõ; acçaõ tam

Apreſenta-lhe batalha. valeroſa, que entre as memoraveis do Mundo naõ deve eſta ſer ſegunda. O Soltaõ nem aceitou, nem recuſou o conflicto; eſperou ſer cometido, aſſi como buſcado: vio ao Governador, naõ lhe quiz ver a eſpada. Porèm Dõ Joaõ de Caſtro, como buſcando nova gloria em facçoens nam vulgares, chamou a ſi os Cabos, & Fidalgos de nome, aos quaes fallou neſta ſubſtancia.

Falla aos ſeus. » Temos à viſta o mayor Rey da
» Aſia, & o mayor exercito: anda
» buſcando occaſioens à fortuna de
» nos fazer famoſos, para que ſobre
» eſta victoria, na obediencia do
» Oriente, deſcanſemos as armas.
» Confeſſovos a deſigualdade tão grã-

» de entre hum poder, & outro; po-
» rèm noſſas eſquadras não ſe con-
» tão pelo numero, ſenaõ pela virtu-
» de. Aquelles ſaõ os meſmos, que
» ha poucos dias deſtroçamos em Diu,
» naõ he neceſſario a eſtes fazer no-
» vas feridas, raſguemos mais as que
» inda trazem abertas. Seu meſmo
» numero os faz mais temeroſos, ven-
» do embaraçados os caminhos para
» poder ſalvarſe; ſe hontem nos dei-
» xàraõ o Campo, tendonos ſitiados,
» como nos haõ de reſiſtir agora vic-
» torioſos? Mal ſuſtentaraõ a honra
» de ſeu Rey, os que perdèram a ſua.
» Mayor poder he o noſſo, que o do
» inimigo; peleijaõ de noſſa parte a
» fama, & a victoria. Naõ creyo, que
» haverá quem engeite a grande par-
» te que lhe cabe na gloria d'eſte dia.

Os Fidalgos, & ſoldados diſſuadí-
raõ ao Governador de tam perigoſo acometimento; porque em forças tam deſproporcionadas, ainda era digna de reprehenſaõ a victoria; que os homẽs grandes fiavaõ mais da razaõ que da fortuna; que olhaſſe pela conſervaçaõ, pois ja lhe ſobejava a fama; que aſſaz era haver deſembarcado, & offerecer ao Soltaõ batalha piſando ſua meſma terra. O Governador ſe

Reposta dos Fidalgos, & Cabos.

deixou vencer d'eſtas razoens, temendo mais a culpa, que o perigo. Dom Jorge lhe pedio quinhentas eſpingardas, para com ellas fazer algũa ſorte no inimigo; porèm Dom Joaõ de Caſtro, como lhe deſviàraõ o golpe da batalha, parece, que nam quiz laſtimar o Soltaõ com chaga tão pequena. Eſperou tres horas na Campanha, ſem que o inimigo ſe movelſe, & logo mandou embarcar os ſoldados, que o fizeraõ tam deſaſſombrados, & ſeguros, como em porto do Eſtado; facçaõ a mais glorioſa que tivemos ſem ſangue.

Eſta no Campo tres horas, & embarcaſe.

De Baroche foy o Governador atraveſſando a Diu, & deſpedio alguns navios por dentro da enſeada de Cãbaya a deſtruir os lugares da coſta, a que havia perdoado a eſpada dos noſſos. Eſtes talàraõ as hortas, & palmares plantados para a recreaçam, & alimento de ſeus habitadores, abrazàraõ gram copia de navios, derribàram ſoberbos edificios, de que ainda hoje ſe conſerva a laſtima, & a memoria nas proſtradas ruínas.

Dános que faz.

Aportou o Governador em Diu, onde o Capitaõ mór o veyo receber à praya, & os naturaes da Ilha lhe fizeraõ feſtas, como ſoberbos na ſojei-

Chega a Diu.

ção de tam valeroſo inimigo. Dom Joaõ Maſcarenhas lhe lẽbrou a licença que ja tinha para paſſar ao Reyno, a qual o Governador lhe nam quizera conceder, nem podia negar; alguns Fidalgos lhe havião engeitado a praça, temendo, parece, não ter as occaſioẽs, que ſeus anteceſſores. Quando chegou àquelle porto Luis Falcão, que vinha de governar Ormuz, & primeiro que elle haviam chegado ao Governador algumas notas de ſeu procedimento, toleraveis por nam tocarem no valor, & juſtiça de ſeu governo. O Governador o chamou, & lhe diſſe os cargos de que o ſindicàraõ, os quaes deſejava eſquecer, como amigo, & nam podia como ſuperior, que com novos ſerviços podia pòr ſilencio em defeitos paſſados; ficando naquella fortaleza, em que S. Alteza, & o Mundo tinhão póſtos os olhos. Luis Falcaõ a aceitou, rendendo ao Governador as graças por tam honrado caſtigo, offerecendo deſpender na praça, a fazenda que adquirira em Ormuz, & a que no Reyno tinha. Eſte brio lhe louvou, & accendeo Dom Joaõ de Caſtro com favores publicos.

Dom Joaõ Maſcarenhas faz deixaçam da praça.

O Governador a entrega a Luis Falcaõ.

Concluídas as couſas de Diu, ſe

Embarca-se, & dános que faz.

embarcou o Governador em direitura a Baçaim, dando vista à costa de Pòr, & Mangalor, a onde abrasou as Cidades de Pate, & de Patane. Os moradores fogindo ao açoute, salvàraõ no sertão as vidas, & parte das fazendas, faltandolhes valor, & acordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento, & oitenta embarcaçoẽs, que estavão em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incendio com lagrimas inuteis. Ouviaõse de longe as vozes, & os gemidos, desprezados da ira, & da victoria. Alguns velhos, & mininos, que naõ podèrão salvarse, mandou o Governador livrar do incendio; misericordia aos soldados importuna, grata à humanidade. Os despojos se entregàraõ ao fogo, sendo menor a presa, que o destroço. Muitos outros lugares d'aquella costa, sem nome, foraõ arruinados, ficando este cerco de Diu mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

Compaixaõ do Governador.

Passa a Baçaim.

D'aqui se passou o Governador a Baçaim, determinando gastar o que restava do Verão na guerra de Cambaya, donde despachou algũas espias para saber os passos do inimigo, dos quaes soube, que na Corte de Ama-

dabá, naõ havia caſa ſem lagrimas, & que o Soltaõ mandára com rigoroſo decreto, que ſe naõ fallaſſe no cerco, & batalha de Diu, como ſe tiveraõ as leys imperio na dor, ou na memoria. D'eſtes meſmos enviados entendeo o Governador, que as fortalezas de Surrate, & Baroche, ſe deſpejáraõ à viſta da armada de Dom Alvaro, que podèra tomalas por eſcala, ſenaõ fora encontrado dos Cabos, que lho diſſuadíraõ; de que Dom Joaõ de Caſtro moſtrou taõ vivo ſentimento, como ſe acertar as occaſioẽs fora neceſſidade; chegando ſua modeſtia a romper em palavras, que accuſavaõ os Capitaens da armada de tibios, & remiſſos.

Sente naõ ſe tomar Surrate.

Neſte breve ocio, que o Governador teve em Baçaim, começou a eſcrever para o Reyno, fazendo taõ honradas lembranças a el Rey dos homens que ſervíraõ, que moſtrava ſer eſte zelo, ou gratidaõ, virtude ſingular entre tantas; & os ſoldados ſe avantajavaõ no valor, aſſegurados, que nam lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

Lembra a el Rey os que ſervíraõ.

O Hidalcaõ entendendo, que as forças do Eſtado eſtariaõ, ainda que glorioſas, quebradas com as victorias,

Torna o Hidalcaõ com guerra.

tournou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, à ordem de Cala Batecão, hum valeroso Turco naſcido na Dalmacia, pratico nas linguas, & diſciplina de Europa. Eſte ſenhoreou ſem contradiçaõ as terras, fazendo recolher à fortaleza de Rachol alguns poucos ſoldados noſſos, que aviſaraõ a Goa do poder do inimigo.

O Capitaõ de Goa lhe quer ſahir.

Recebido eſte aviſo, Dom Diogo de Almeyda com conſelho do Biſpo, que governava, & de alguns Fidalgos, & ſoldados, reſolveo deſalojar os Mouros com a milicia da terra, primeiro que ſe fortificaſſem, & crecendo em atrevimento, & forças, chegaſſem a aviſtar as muralhas de Goa, Cidade dominante. Ordenada a gente, que o havia de acompanhar, & eſtando para marchar ja prompto, vierão os Vereadores, & governo da Cidade com requerimentos, & proteſtos, que nam paſſaſſe avante, nem arriſcaſſe com forças tam deſiguaes a çabeça do Eſtado; que o Governador eſtava em Baçaim com armada chea de ſoldados victorioſos, com que podia caſtigar o inimigo, contra o qual levaria, como ſegundo exercito, ſeu nome, & ſua fortuna.

A Cidade o encontra.

Durou entre cidadaõs, & ſoldados a controverſia de maneira, que por pouco chegàra a ſedição, & diſcordia; zelando huns a conſervação da Cidade, outros a reputação das armas. Em fim partíraõ, & compoſeraõ a differença com que ſe deſſe aviſo ao Governador, pois eſtava vizinho; o qual logo que entendeo, que o governo politico ſe queria adjudicar à direcção da guerra, reprendeo aſperamente ſua animoſidade; & a Dom Diogo de Almeyda agradeceo, & confirmou a reſoluçaõ de buſcar o inimigo, ordenandolhe, que o eſperaſſe em Pangim, com a gente, onde ſeria em breves dias.

Aviſa ao Governador.

Nam bem tinha Dom Joaõ de Caſtro ſoltado da maõ a penna, com que eſcreveo ao Reyno, quando tomou a eſpada. Aquelle dia, que recebeo o aviſo, mandou tirar peça de leva, & ao ſeguinte deſamarrou a armada, & indo coſteando, aviſtou a cidade de Dabul, ja famoſa pelo caſtigo que lhe deraõ noſſas armas, & agora dos pórtos do Hidalcaõ a principal eſcala. Deixavaõſe ver de longe muitos jardins, pomares, & edificios polidos, que moſtravaõ a delicia, & grandeza de ſeus habitadores; ſeria a Cidade

Embarcaſe logo.

Aviſta Dabul.

de quatro mil vizinhos, com dous fortes, & alguns redutos, que defendiaõ a entrada do porto; & dado, que a facçaõ era para muy diſcurſada, reſolveo o Governador entreprendela.

Sahe D. Alvaro em terra.

Aquella tarde andou a armada pairando à viſta da Cidade, notando os ſurgidouros, & defenſas; & ao ſeguinte dia no quarto d'Alva, mandou o Governador paſſar aos bateis a ſeu filho Dom Alvaro com dous mil homens para ſaltar em terra, ſendo elle dos primeiros que a piſaraõ por meyo de muitas bombardadas. Aqui fizerão os inimigos roſto, impedindo, ou retardando a paſſagem dos noſſos; eſteve a batalha igual hum largo eſpaço, fazendo-os ouſados, na peleija, o lugar, & a cauſa; as vozes das mulheres, & filhos que ouvião, lhes fazia receber as feridas ſem dor, & ſem receyo; os mortos que cahiaõ, naõ lhes faziaõ exemplo ao temor, ſenam à vingança. De ambas as partes ſe derramava ſangue, & a conſtancia de huns, & outros inimigos fazia contingente o ſucceſſo. Quando chegou o Governador com o reſto do poder, & carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defenſa; pouco a pouco nos foy largando o campo,

O Governador o ſegue, & toma a Cidade.

atè que com declarada fogida, nos deixou a victoria. Entrou o Governador com os Mouros de envolta na Cidade, onde perecèraõ muitos à viſta das mulheres, que não ſouberaõ deixar, nem defender. Ao eſtrago ſuccedeo a cobiça; o deſpojo igualou à victoria; apenas ſe pode recolher a fazenda nas vaſilhas da armada. Ardeo em poucas horas a Cidade com terrivel incendio, ficando ſegunda vez laſtimoſas ſuas ruínas pela memoria de hum, & outro eſtrago. Perdemos neſta occaſião cinco ſoldados, o inimigo duzentos; mayor numero ſeria o dos feridos.

Chega a Agaçaim.

O Governador, deixando a Cidade abrazada, ſe tornou a embarcar, & foy demandar Agaçaim, onde o eſperava Dom Diogo de Almeyda com cento & cincoenta cavallos, & a milicia da terra, com quantidade de barcas para paſſar a gente. Deteve-ſe o Governador aqui hum dia, em que ſe informou dos deſenhos, & forças do inimigo; & logo no ſeguinte, que era veſpera do Apoſtolo Saõ Thomè, ſe reſolveo cometer os Mouros, & invocar o nome do Santo na batalha, naõ lhe querendo tirar a honra da protecçaõ da India comprada com a doutri-

na, & ſangue derramado na Cruz de ſeu martyrio.

Inveſte os inimigos. Eſtava o inimigo alojado na Villa de Morgaõ, que de Agaçaim ficava em pequena diſtancia; o que ſabido pelo Governador, ordenou a ſua gente em duas batalhas. A primeira deu a ſeu filho Dom Alvaro de Caſtro, companheiro de ſuas victorias; com quem forão os Naires de Cochim, & os caſados de Goa. A ſegunda, que tomou para ſi, ſe compunha de todos os Fidalgos, & ſoldados da armada; aos quaes a cavallaria da Cidade guarnecia os lados. Neſta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que deſcobriſſem o campo.

Fogem. Os Mouros eſtavaõ derramados ſem ordem, ou diſciplina, como gente que não temia inimigo, ou o não eſperava; porèm tanto que alguns ſoldados, que andavão pelo campo, vírão noſſas bandeiras, & por viſta, ou aviſo, entendèrão, que o Governador os buſcava, forão dar conta a Cala Batecão ſobreſaltados, encarecendo o poder, que o temor, ou a diſtancia fazia mais crecido. O Turco aſſombrado de ter ja ſobre ſi tam victoriofas armas, nam teve mais acordo, que

para fazer com a fogida aos seus exemplo. Deixàraõ nos quarteis as tendas, bastimentos, & bagages, & ainda as viandas da cea, ja quasi cozinhadas, que forão para o trabalho da marcha, necessario, & suave despojo. Nesta fogida começou a tomar o Governador posse das terras, & da victoria.

D. Alvaro os segue.

Passaraõ-se os Mouros à outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados à maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porèm com tanta pressa, que ainda a terra movediça deixava passo aberto, & ainda que difficil, naõ perigoso. Por esta parte tentou Dom Alvaro a passagem do rio, começando poucos, & poucos a vadealo, como a estreiteza do lugar o sofria.

Naõ estava tam alheyo de si o inimigo, que perdesse a occasiaõ de pelejar com taõ conhecida ventagem. Voltou c'os seus ao rio, mostrandonos, que fora ardil o temor cauteloso. Carregàraõ os Mouros sobre os que hiaõ passando trémulos, poucos, & desordenados. O Governador os animava a que passassem, com a voz, com o imperio, com a presença, mas o te-

Voltaõ.

mor venceo a obediencia; voltàraõ os primeiros, naõ ſem derramar ſangue, & com peyores ſinaes, que os das feridas. Ja a eſte tempo a impaciencia do Governador fez cometer o rio por differentes partes. Dom Diogo de Almeyda o vadeou com hum troço de cavallaria, achando por aquella parte melhor vao, e melhor fortuna; porque ſe topou com o General dos Mouros, que a cavallo andava ordenando, & animando os ſeus, ao qual enveſtio com grande gentileza. Do encontro veyo o Turco a terra cahido, mas naõ deſacordado, porque levantandoſe, meteo maõ ao alfange, & buſcou a Dom Diogo, que inda que naõ perdeo a ſella, ficou deſarmado com a força do golpe, por hum pequeno eſpaço; mas tornando a cobrarſe, cometeo ſegunda vez o Turco, ſoccorrido de dous ſoldados, & o deixou com muitas feridas eſtendido no campo.

Mata Dom Diogo o General.

Os outros Capitaens, ainda que com difficuldade atraveſſaram o rio, eſtimulados do exemplo do Governador, que viaõ andar com os inimigos envolto, mais envejado, que obedecido de ſeus meſmos ſoldados, que derramados, & ſem ordem, ſe lançavão ao rio, huns tardos, outros

Peleija o Governador.

precipitados; porèm depois que paſſou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que nam podendo ſofrer o peſo da batalha, foy deſamparando o campo. O Governador, que nam perdoava accidente à ſua fortuna, foy apertando os Mouros, ja tímidos, & deſordenados, de ſorte, que em breve eſpaço rematou a victoria. Morrèraõ poucos dos noſſos, foram muitos feridos: nos Mouros foy o eſtrago grande, & no alcance mayor que no conflicto; porque como os noſſos naõ tomavaõ cativos, com o meſmo golpe cortavaõ oppoſtos, & rendidos. Dom Alvaro de Caſtro mandando, & peleijando, nunca pareceo mais filho de tal pay, que neſte dia. Os outros Fidalgos, & Cavalleiros ſe houveraõ taõ iguaes no valor, que nenhum mereceo ſegunda fama. Com o nome de S. Thomè, & em ſeu dia ſe venceo eſta batalha, dando de ſeu favor aos Catholicos Orientaes hum teſtemunho illuſtre. Foy eſta rota memoravel, & ainda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na ſingeleza de verſos faceis, louvores ſem artificio, nem liſonja.

Alcançou victoria.

Em dia de Saõ Thomè & com ſeu nome.

Deſpedio o Governador a gente, & foy-ſe deſcanſar a Pangim, eſcu-

sandose de ter a festa em Goa, desprezando as palmas, & triumphos Marciaes justamente; pois era ja seu nome na voz do Mundo, mayor que todo applauso. Aqui esteve despachãdo as naos de carga, que haviaõ de voltar ao Reyno, em que foy embarcado Dom Joaõ Mascarenhas, varaõ mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Foy recebido d'el Rey, & da Nobreza com honras naõ vulgares. Os premios naõ respondèram com igualdade aos serviços. Foy Conselheiro d'el Rey Dom Sebastiaõ no Estado, depois hum dos Governadores do Reyno. Casou com Dona Elena filha de Dõ Joaõ de Castellobranco, de que deixou illustre, & fidelissima posteridade.

Despacha as naos do Reyno.

Elogio de Dom Joaõ Mascarenhas.

Naõ pareceo a Dom Joaõ de Castro, que estava o Hidalcaõ ainda bem cortado de nossas armas; resolveo quebrantalo com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando a Dom Diogo de Almeyda com cento & vinte cavallos, & mil pioẽs da terra; & nos rios de Rachol ordenou, que ficassem alguns navios para defensa das aldeas vizinhas; cujos lavradores desamparavaõ as terras, vendo o dominio d'ellas,

Continua o Governador a guerra.

las, incerto, & contingente pela instabilidade dos successos da guerra. Entendendo pois o Governador, que seria facil de prostrar hum Reyno declinado, foy continuando com o Hidalcaõ a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, & nos trabalhos pay; & dando à vela, foy navegando por aquella costa do Hidalcaõ, a qual destruhio com taõ igual açoute, que nam deixou lugar, que podesse consolar as miserias de outro; nam se livrou nenhum pela resistencia, alguns pela distancia.

Dános que faz.

Outro Dabul, que chamam de sima, que por espaço de duas legoas se apartava da praya, estava por forte, & por distante rico com os depositos, & fazendas de muitos; mas nem assim lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foy demandar o Governador, dando a seu filho Dom Alvaro o primeiro perigo, a que chamaõ os soldados vanguarda, (que estes eraõ os favores d'aquelle pay, & os d'aquelle tempo); porèm quando chegou, os Mou-

Assola Dabul o de sima.

ros tinhaõ affegurado no interior do
fertaõ, peſſoas, & fazendas. Naõ achá-
raõ os noſſos couſa, que ſerviſſe á
victoria; ao eſtrago ſi, porque os edi-
ficios, que naõ poderaõ ſervir ao deſ-
pojo, pagáraõ com a ruina. Vieraõ as
Meſquitas, & Pagodes a terra, dei-
xando os Idolos deſfeitos, & proſtra-
dos, ſem que a ira dos noſſos de pe-
dra a pedra fizeſſe differença, cho-
rando aquelles Mouros & Gentios,
com humas meſmas lagrimas, as mi-
ſerias de ſeus deoſes, & as ſuas. Paſ-
Tala a cam- ſou a indignaçaõ de noſſas armas a ta-
panha. lar a campanha, deſtruindo os gados,
& palmares, para que a fome acom-
panhaſſe a guerra; eſpada, de que os
naõ podia livrar a fuga, ou reſiſten-
cia. Ficou em fim tam aſſolado tudo,
que das povoaçoens á campina ſe naõ
fazia differença pela viſta, ſenaõ pe-
la memoria.

Vay a Ba- Recolheo-ſe o Governador a Ba-
çaim. çaim, donde voltou as armas á guer-
ra de Cambaya, deſpedindo alguns
Capitaens para que danaſſem todo
aquelle maritimo, fazendo preſas nas
Faz dános a naos de Meca, que vinhaõ ancorar
Cambaya. nos portos da enſeada; o que Dom
Antonio de Noronha, & Dom Jorge
Baroche fizeraõ com felices armas,

crescendo com presas & victorias, reputaçaõ & forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, & temidas nos dias de Dom Joaõ de Castro, de maneira, que os mais dos Principes da Asia, vizinhos, & distantes, com voluntaria obediencia tributavaõ ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender, ou assegurar os Reynos. D'esta verdade nos daràõ os Reys de Campar, & Caxem naõ leves argumentos.

Escrevem nossas Chronicas, & com mayor espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Diu, que defendeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebèraõ na India, ou a primeira, ou a mayor afronta. Foy General da empresa Rax Solimaõ, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas naos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar, fugindo, & deixando em terra bagages, & feridos. Este vendo, que naõ podèra conseguir a facçaõ promettida a seu Senhor, o qual soberbo, & imperioso naõ costumava aceitar satisfaçam de culpas, ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adem com voz de amigo, onde

Rax Solimaõ quem foy.

Chega a Adem.

o Rey o mandou visitar com mimos, & refrescos da terra, cauto porèm, & vigilante em guardar a Cidade, porque a fé, & o poder faziaõ ao Baxá sospeitoso. O Turco que vio sua traiçaõ temida, ou descuberta, quizera por escala cometer a Cidade, porèm temeo a fortaleza da praça, o valor dos Arabios; & assi recorreo a outro ardil mais vil, & mais seguro; qual foy mandarse desculpar com o Rey de naõ entrar na Cidade, por naõ perder a monçaõ; que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do Graõ Senhor, em beneficio de seu Reyno. O pobre Rey, facil, & crédulo em prosperar o estado, se foy logo ver ao mar com o Baxá, assegurado da consciencia innocente; mas o tyranno esquecido da fé, & humanidade, o mandou descabeçar na galé entre baldoẽs & mofas, deleitandose cruel em traiçaõ tam fea. Morto o Rey, foy facil ao Baxá occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe temerosa & confusa. E porque pela vizinhança dos Turcos custou cuidado, & sangue ao Estado, daremos d'ella huma breve relaçaõ.

Degolla o Rey.

Sitio de Adem.

Jaz situada ná costa da Arabia Fe

lix em altura do Pólo Artico de doze graos, & hũm quarto, abrigada de huma pequena ſerra, que com alguns caſtellos lhe defende a entrada da terra. Eſtá aſſentada na boca do Eſtreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte; ainda que deſcuberto aos Ponentes, que ſaõ os ventos, que alli curſaõ nas monçoẽs do Eſtio. A arte, & a natureza a fizeraõ defenſavel por terra, aſſegurandoſe da ambiçaõ dos Régulos vizinhos, & incurſoens dos Alarves Arabios, que com importunas correrias moleſtaõ a campanha. Eſtá no porto huma pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamaõ Cirà; defronte fiça outro ſurgidouro, abrigado de muitos ventos, onde coſtumaõ dar fundo naos, que navegaõ a Meca. Naõ tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, & tãbem as aguas do Ceo lhe faltaõ por dous, & por tres annos, ou ſeja condiçaõ do clima, ou caſtigo ſecreto; aſſi a conduzem em cáfilas de camelos de partes muy remotas. A dróga principal da terra he Ruyva; mas o que mais lhe importa he a ancoragem das naos, que navegaõ o Eſtreito. A gente he bellicoſa, & cruel, ſegue com promp-

tidaõ a guerra, pelos deſpojos mais, que pela victoria.

Soliman̄ á occupa. Occupada pelo Baxá a Cidade, vendoſe, inda que intruſo, obedecido, começou a quebrantar o povo com diverſos gravames, tirandolhe as forças para melhor os dominar, tímidos & ſujeitos. Aos poderoſos mandava degollar, & confiſcar ſem cauſa, ſendo a vida culpa, a riqueza delicto. O ſofrimento dos miſeraveis era melhor para virtude, que para remedio; porque atè da paciencia ſervil dos inocentes ſe canſava o tyranno. No dominio da Cidade lhe ſuccedeo Marzaõ, & tambem nos inſultos, tão crueis, que apuràraõ de todo a paciencia dos pobres moradores, reſolvendoſe a podelo ſofrer como inimigo, mas naõ como Senhor. Tiveraõ meyos para offerecer a el Rey de Campar a Cidade, & a obediencia, dizendo, que com qualquer ſoccorro acometeriaõ os Turcos deſcuidados com o dominio pacifico, & quaſi hereditario, & muito mais com o deſprezo de homens, que tinhaõ, ao parecer, perdido a memoria de ſua liberdade, & ſua injuria.

Quem lhe ſuccede.

Os moradores a offerecem a el Rey de Campar.

Aceita-a o Rey, & que fez. O Rey vizinho, com palavras de laſtima & agrado, lhes aceitou a offerta,

ou fosse ambiçaõ, ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de façaõ taõ grande, querendo ser o mesmo Rey companheiro, & Capitaõ de todos. Partiraõ no silencio da noite, & chegando à Cidade, lhe deraõ os conjurados huma porta, por onde entràraõ, fazendose senhores do castello com leve resistencia. Marzaõ com quinhentos Turcos se fez forte nos paços, mais certo do perigo, que das causas, & authores d'elle. Com a primeira luz do dia appareceo el Rey capitaneando os seus, & logo enviou a Marzaõ hum trombeta, dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, & agora por eleiçaõ dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusaõ do Baxá, tiveraõ a voz, & a liberdade atadas para naõ pronunciarem o nome de seu natural Principe; que elle os vinha amparar como a afligidos, & mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos; permittindolhes levar as armas, & roupa que tivessem; & quando naõ, a justiça, & a victoria o fariaõ duas vezes senhor de seus mesmos vassallos.

O Turco, entendida a conspiraçaõ Que fazem os Turcos.

dos Arabios, & que para se defender lhe faltavaõ forças, & bastimentos, obedeceo ao tempo, sahindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, à occupar hum castello distante oito legoas, do qual intentou com os soccorros de Baçorá, reduzir a Cidade à servidaõ primeira. Começou assaltando aos de Adem as cáfilas, que bastèciaõ a Cidade, a qual, como recebe do serraõ agua, & mantimentos, padeceo em breves dias grandes necessidades, porque se alguns bastimentos lhe entravaõ, eraõ poucos, custosos, & furtivos. Com lagrimas o povo lastimado pesava em huma mesma balança a fome, & tyrannia; males, de que só tinha miseravel escolha. Engrossava o tyranno seu partido com soccorros continuos, a que naõ podia o Rey fazer opposiçaõ com forças iguaes; & discorrendo com as cabeças do Povo sobre os meyos de salvar a Cidade, lhe trouxeraõ à memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, & a fidelidade de nossa protecçaõ aos confederados. Resolvèraõ mãdar huma Terrada ao Capitaõ de Ormuz, que entaõ era Dom Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, & os rendimentos da alfandega; dan-

Saõ soccorridos.

Mensageiro dos moradores a Ormuz.

donos juntamente a conhecer o perigo do Eſtado, ſe os Turcos firmaſſem o pè naquella praça.

Era fama, que o Marzaõ eſperava de Baçorá em breve importantes ſoccorros; & que ſe o deixaſſem engroſſar o poder, cometeria a Cidade com força deſcuberta; pelo que el Rey de Campar moſtrandoſe no diſcurſo, & no valor ſoldado, nam querendo que eſte tronco prendeſſe com mayores raizes, determinou com tres mil homens eſcolhidos, cercar a fortaleza; o que emprendeo com mayor reſoluçaõ, que fortuna, porque nos primeiros aſſaltos, o matàraõ. Os Arabios cortados do temor com a morte do Rey, deixado o ſitio, vieraõ a ſepultar o corpo, ſendo na occaſiaõ a vingança mais opportuna, que a piedade.

A Terrada que navegava a Ormuz, entrando o cabo de Roſalgate, ſe encontrou com Dom Payo de Noronha, que cõ doze navios de remo, guardava aquelle Eſtreito, & entendida a pertençaõ do Arabio, parecendolhe eſte ſoccorro digno de todo grande ſoldado, eſcreveo ao Capitaõ de Ormuz, que ſe naõ houveſſe de tomar eſta honra para ſi, lha naõ negaſſe a elle. Dom Manoel lhe mandou mais dous

Topa Dom Payo de Noronha.

navios, & algũa gente eſcolhida, para que foſſe aſſegurar a Cidade, em quanto lhe apreſtava mayores forças; & ao Embaixador d'el Rey de Campar, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconſelhou, que pediſſe ao Governador da India armada, que elle era tal, que naõ negaria amparo aos amigos do Eſtado, mormente cõtra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de noſſas armas.

Chega a Adem.

Chegou Dom Payo a Adem, onde foy recebido com a benevolencia, & grandeza, que podèraõ a ſeu proprio Principe, entregandolhe a Cidade, tanto para a defenſa, como para o governo. Arvoràraõ huma bandeira noſſa, pela qual ſe apoſtàraõ a morrer todos, ſangrandoſe nos peitos com demonſtraçoens, & ceremonias barbaras, mas fieis, proteſtando, que defendiaõ aquella Cidade, como mẽbro do Eſtado, de quem ja eraõ por obediencia vaſſallos, & filhos por amor. Porèm Dom Payo ſe portou de maneira, que fez declinar a opiniaõ de noſſas armas no Oriente, & nós troncaremos os accidentes d'eſta Hiſtoria em beneficio de tam grande appellido; dado que andaõ de outra penna mais livre referidos em vulgares eſcritos.

E naõ ſe ha bem.

Desamparados os de Adem por Dõ Payo, nem assi perdèraõ a devoçaõ do Estado, defendendo a Cidade com a voz de Portugal na boca; & porque ou naõ tinhaõ, ou naõ quizeraõ outro abrigo, que o de nossas armas, resolveraõ enviar huma pessoa Real ao Governador, que lhe significasse o estado em que se achavaõ; de cujas miserias podiamos tirar nova fama, naõ desprezando a gloria de amparar afligidos; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leys, & a Coroa, a quem se faria feudatario com hum grato, & honesto tributo. Os moradores enviaõ a Goa.

Dom Joaõ de Castro se alegrou de ver soar seu nome, & suas victorias nos ouvidos dos Principes remotos, fazendo os naõ só reverentes, mas sojeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do Governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal haviaõ chegado por noticia, as suas chegavaõ por imperio. Alegrase o Governador.

Deu o Governador esta empresa a seu filho Dom Alvaro, tam benemerito de todas, que naõ pareceo a eleiçam de pay, mas de ministro. Quizeraõ-se embarcar com elle muitos Fi- Manda seu filho.

dalgos velhos, que o Governador deſviou com hum modeſto decreto, ordenando, que ſe ficaſſem em Goa, porque neceſſitava d'elles para couſas mayores; era porèm tam grande o goſto da jornada, que recebèraõ o decreto como aggravo de todos: parece que era o vicio d'aquelles tempos a ambiçaõ dos perigos. O Governador os ſatisfez alegre de ver aquelles eſpiritos criados debaixo de ſua diſciplina. Mandou logo cifar, & baſtecer trinta navios de remo, de que fez Capitaẽs a Dom Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey Dom Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provído na fortaleza, que ſe havia de fazer em Adem, Dom Pedro d'Eça, Dom Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, Dom Joaõ de Attayde, Alvaro Paez de Sottomayor, Fernaõ Peres de Andrade, Pero Lopes de Souſa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho Porca, irmaõ de Diogo Botelho de caſa do Infante Dom Luis, Alvaro Serraõ, Luis Homem, Melchior Botelho, Veador da fazenda, Gomez da Sylva, Antonio da Veiga, Luis Alvarez de Souſa, Joaõ Rodriguez Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo

Com que armada.

Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, & outros.

Outra embaixada de Caxem.

Poucos dias antes que çarpaſſe a armada, chegou a Goa hum Embaixador d'el Rey de Caxem, a quem os Farraques vizinhos haviaõ uſurpado grande parte do Reyno. Eſte, como reynava na outra contracoſta da Arabia, ſabendo que Adem era ſoccorrida de noſſas armas, ajuizando que com a meſma armada o podiamos reſtaurar, eſcreveo ao Governador, que naõ ſeria menos grato ao Mundo reſtituir a Caxem, que defeder a Adem. Repreſentava quam fiel hoſpedagem acharaõ noſſas armadas em ſeus pórtos, fazendo reſenha das que alli haviaõ ancorado em tempos differentes, a cuja cauſa ſe fizera aos Turcos ſoſpeitoſo; offerecia àlem da fidelidade moderado tributo. O Governador entendendo, que eſtes ſoccorros reputavaõ noſſas forças, & criavaõ amigos ao Eſtado, aſſentou, que com a meſma armada ſe déſſe favor ao de Caxem, viſto ſer huma meſma a viagem, & a deſpeſa, com que ſe podia obrar huma & outra empreſa. E porque os de Adem, como cercados, neceſſitavaõ de prompto ſoccorro, o Governador antevendo, que o corpo da ar-

Reposta do Governador.

mada podia chegar tarde, frustrando o intento, & cabedal, despachou logo a Dom Joaõ de Attayde cõ quatro navios, para que entrasse em Adem, & entretivesse o cerco atè chegar Dõ Alvaro. Dom Joaõ de Attaydè deu à vela, & por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais foraõ seguindo sua viagem.

O que passou em Adem.

Entretanto peleijavaõ em Adem obstinadamente cercadores, & cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o peso d'esta guerra sobre alguns Portugueses da armada de Dom Payo, que mostràraõ valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhàraõ na resistencia, como se defendèraõ sua patria no principado alheyo. Estes bastàraõ a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, & como eraõ soldados de fortuna, nossas Chronicas, com ingrato silencio lhes callàraõ os nomes, como se a virtude necessitàra de heroicos ascendentes, & fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros pelas alheas. Creyo, que com injuria da natureza criàraõ novas leys os poderosos, em que naõ só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

Eſtando as couſas de Adem na contingencia que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que conſtava de nove galès Reaes, & algũas galeotas, as quaes deraõ viſta à Cidade, & ſurgindo fóra da enſeada, ſaíraõ em terra, armàrão tendas, & fortificàraõ alojamento, aviſando ao Baxa ſe lhes aggregaſſe com a gente que tinha. Os Arabios, que vìraõ ſobre ſi forças taõ grandes, acodiaõ remiſſos à defenſa, huns tibios, outros deſconfiados, parecendolhes inſuperavel o valor, & o poder dos inimigos, & ja em privadas juntas accuſavaõ em ſeu Rey a ambiçaõ de dilatar a Coroa com o ſangue do innocente povo, naõ cabendo ſeu eſpirito na fortuna de ſeus anteceſſores. Porèm os Portugueſes, que com elles eſtavaõ, vendo que dos caſos mais arduos era mais glorioſa a fama, eſforçàrao os Arabios, moſtrandolhes a reſiſtencia neceſſaria & poſſivel; offerecendoſe de novo por companheiros voluntarios de ſua fortuna; o que baſtou a criarlhes outros eſpiritos novos, com que ſe apoſtàraõ à morrer na defenſa; menos pela obrigaçaõ, que pelo exemplo.

Chegão Turcos.

Sitiàraõ a Cidade os Turcos, pon-

Poem-lhe cerco.

dolhe duas batarias com algumas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamavaõ Quartaos; jugavaõ balla de quatro palmos de roda; fizeraõ nos muros mais ruínas, que brechás, com que aos cercados o perigo enſinou a diſciplina, fazendo ſeus reparos, & travezes por dentro, com que entretinhaõ, & rebatiaõ os aſſaltos, & faziaõ aos Turcos duvidoſa, & cuſtoſa a victoria. Porèm Dom Payo de Noronha (arraſtado de algum fatal deſtino) privou aos Arabios da victoria, aos noſſos da honra, mandando ſecretamente aviſar a todos os Portugueſes ſe vieſſem a elle, deſemparando a defenſa do Principe feudatario, & amigo, faltando às obrigaçoens do cargo, & às do ſangue. Os mais dos Portugueſes obedecèraõ; ſo Manoel Pereira, & Franciſco Vieira, dous ſoldados de fortuna, diſſeraõ, que aquella Cidade era d'el Rey de Portugal, & que na defenſa d'ella haviaõ de perder as vidas: parece que na milicia d'aquelles tempos primeiro ſe perguntava pelo valor, que pela diſciplina. Eſtes ſuſtentàraõ a Cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opiniaõ na ruína, que os Turcos na victoria.

Dom Payo manda recolher os noſſos.

Logo que os Arabios entendéraõ, que eraõ os Portugueſes recolhidos, perdida a eſperança da defenſa, tratàraõ de partidos; mandou porèm o Principe ceſſar a pratica, dizendo, que antes ſahiria da Cidade deſbaratado, que rendido; que aquella bandeira d'el Rey de Portugal naõ havia deixar ganhala aos Turcos ſem nodoas de ſeu ſangue: fidelidade digna de ſer melhor aſſiſtida de noſſas armas. Continuou os aſſaltos o inimigo, conhecendo ja nos moradores diviſaõ, & fraqueza, com que tornou a tomar calor a pratica da entrega; a qual o Principe atalhou ſempre, a ſi meſmo fiel, & ao Eſtado. Porèm o perigo, a fome, & a deſconfiança dobràraõ alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta ſecreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida deſempenhou a fidelidade prometida ao Eſtado, peleijando com eſpirito Real, mas infelice. Manoel Pereira, & Franciſco Vieira ſalvàraõ a hum Infante, que levàraõ a Campar, conſolando aos vaſſallos com aquelle pequeno ramo de ſeu proſtrado tróco. Que fazem os Arabios.

Dom Joaõ de Attayde, que deixámos no mar com tres navios, foy fazendo viagem, & porque tinha ven- Succeſſo de D. Joaõ de Attayde.

tos de ſervir, em poucos dias vio a coſta da Arabia, & foy demandar a Cidade de Adem, & entrando a remo na bahia, deu de roſto com as galés que eſtavaõ ſurtas; & porque ainda curſavaõ os Levantes, ſe tornou a ſahir para o pégo. Os Turcos, logo que viraõ os navios, levàraõ as ancoras, & os foraõ ſeguindo taõ apreſſadamente com a ventagem do remo, que os navios de Gomez da Sylva, & Antonio da Veiga, lhes ficavaõ ja quaſi debaixo dos eſporoens das galés, & vendo, que lhes naõ era poſſivel a fogida, menos a reſiſtencia, varáraõ os navios na terra, que lhes ficava perto, onde ſalvàram as vidas. Dom Joaõ de Attayde, como levava melhor navio, foy metendo de ló tudo o que pode, vendoſe muitas vezes perdido, atè que ſobreveyo a noite, com que ſe fez na volta do Abexim, em cuja coſta eſpalmou o navio no Ilheo de Mete, que faz frente às Cidades de Barbara, & Zeila. Os que ſe ſalvàram em terra, foraõ buſcar o abrigo d'el Rey de Campar, onde achàraõ Manoel Pereira, & Franciſco Vieira, de quem ſouberaõ os ſucceſſos, que temos referido; foraõ hoſpedados, & providos de tudo com amor & abundancia.

Dom Alvaro de Caſtro, partindo com toda a armada junta, como leva-va os Levantes em popa, fez a viagem breve, & tanto avante, que aos Ilheos de Canecanim, lhe ſahio Dom Joaõ de Attayde; do qual ſoube a perda de Adem, & como lhe corrèraõ os Turcos, de cujas galés ſe livrára com o favor da noite. Dom Alvaro, & os Fidalgos, & ſoldados da armada, moſtràraõ juſto ſentimento d'eſta nova, avaliando em menos a perda do Eſtado, que o deſar de noſſas armas, porque das quebras da opiniaõ entre naturaes & eſtranhos, dura ſempre a memoria. O Embaixador, & cunhado d'el Rey de Campar, que hia na armada, ſentio vivamente as mortes do cunhado, & ſobrinho, conſolandoſe porèm muito com ſaber que nada ficàraõ devendo à honra, nem à fidelidade, moſtrando neſtas conſideraçoens animo tam inteiro, como ſe buſcàra alivio a dor alhea. Dom Alvaro com os Cabos da armada poz em conſelho o que ſe devia obrar; & pareceo a todos, que viſto o ſocorro de Adem eſtar fruſtrado, voltaſſem as armas em beneficio do Rey de Caxem, como trazia por inſtrucçaõ a armada, a quem os Farta-

Viagem de D. Alvaro.

Faz conſelho, & que aſſenta.

ques vizinhos tinhaõ tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava hum porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empresa mais util, que difficil.

Vay a Xael. Mandou Dom Alvaro governar a Xael, & surgindo à vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebèraõ como de paz a armada. Era o Forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tam pequenos, que bastavaõ para o guarnecer trinta & cinco soldados, que o presidiavaõ. Estes, tanto que vìraõ a armada, lançàraõ fóra huma mulher, que entendia & fallava a nossa lingua, a qual perguntando pelo Capitaõ mór, lhe disse, que os Fartaques eraõ amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largariaõ logo. A muitos pareceo, que se lhe aceitasse, porque de inimigos tam poucos, & sem nome, naõ esperavamos gloria, nem despojo; os mais votàrao, que por authoridade de nossas armas, os mandassem render à discriçaõ. Entendida pela mulher esta resoluçaõ, disse, que os Fartaques saberiaõ defender as vidas, & o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tiràraõ logo huma

Intenta a escala.

bandeira branca, & arvoràraõ ourra vermelha, a que ſuccedeo tirarem os noſſos algũas bombardadas, com pontaria tam incerta, que nam fizeraõ dãno. Dom Alvaro rodeou com todos os ſeus a fortaleza, que mandou cometer por eſcala por differentes partes, aſſegurando os que ſubiaõ com a eſpingardaria de baixo; & porque era a carga continua, nam ouſavaõ apparecer os Mouros. Fernaõ Perez foy o primeiro, que começou a ſubir por hũma eſcada, levando o ſeu guiaõ diante, que arvorou, & ſuſtentou no muro. Quaſi ao meſmo tempo ſubio Pero Botelho com o meſmo riſco, & fortuna que o primeiro. Eſtes franqueàraõ aos mais a ſubida.

Peleijaõ os Arabios até morrer todos.

Antonio Moniz Barreto, Dom Antonio de Notonha, Dom Joaõ de Attayde, & outros foraõ demandar a porta da fortaleza, que eſtava entulhada com fardos de tamaras, & nam podèram entrar, ſem que os noſſos vieſſem por dentro, & a deſentulhaſſem. Os Farfaques ſe retiràram a dous cubellos, donde ſe defendiaõ com deſeſperado valor, engeitando as vidas, que Dom Alvaro lhes offerecia, que parece, queriaõ perder para vingança, ou para deſculpa da força, que

naõ podèram defender, que atè entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijàraõ em fim os Mouros atè acabar todos, naõ merecendo nome de esforço a obstinaçaõ barbara, donde nam podiaõ esperar victoria, nem vingãça. Dos nossos morrèraõ cinco, & passàram de quarenta os feridos.

Ganhase a praça.

Ganhada a fortaleza (facçaõ mais importante ao Regulo, que grande a nossas armas) a entregou Dom Alvaro ao Embaixador d'el Rey de Caxem, que mostrou a gratidàõ do beneficio, entaõ em bastecer a armada, depois em ter com o Estado fiel correspondencia; & porque se hia gastando a monçaõ, se foy Dom Alvaro invernar a Goa, onde foy recebido com applauso mayor que a victoria; festas que o Governador fomentou como pay, & Dom Alvaro estimou como soldado.

Chega Lourenço Pires a Lisboa.

Tomou Lourenço Pirez de Tavora a barra de Lisboa com as cinco naos de sua conserva; as quaes tiveraõ naõ só breve, mas facil, & prospera viagem. Dissemos como nella vinha Dom Joaõ Mascarenhas, cheyo de fama, & de merecimentos. As novas de Diu se derramàraõ logo pelo povo, ajuizando cada hum, como entendia, a

paciencia do cerco, a resolução da batalha. O vulgo naõ sabia pôr taixa nos louvores de Dom Joaõ de Castro, como gente sem enveja das pessoas & fortunas mayores. Os Fidalgos & grandes ajudavaõ, ou consentiaõ a voz universal de todos, sendo virtude rara, poder sofrer de seus iguaes a fama; & naõ houve algum taõ ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

Vestiraõ galas os Reys, & a Corte, & determinaraõ dia para dar graças na Capella com offertas pias, & Reaes. Houve hum douto Sermaõ, em que se disseraõ do Governador encomios, & virtudes. El Rey deu conta da victoria ao Summo Pontifice, & aos mayores Principes da Europa, que todos lhe congratularaõ, como a mais illustre façaõ do Oriente. Na carta que escreveo a el Rey, Dom Joaõ de Castro, pedia licença para se vir ao Reyno, mostrando que naõ buscava postos quem deixava os mayores; & porque naõ parecesse ambiçaõ nova o desprezo de tudo, pedia a el Rey duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Sintra, & remataõ em hũ pequeno cabeço, que inda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras.

Festejase a nova de Dia.

Que pede o Governador de alviçaras.

ras. Parece, que nas honras teve el Rey consideraçaõ a seus serviços, & o premio à sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.

Carta d'el Rey D. Joaõ Terceiro.

Que mercès lhe faz el Rey.

» VIso-Rey amigo. Eu El Rey vos
» envio muito saudar. A victoria, que
» Nosso Senhor vos deu contra os Ca-
» pitaẽs de el Rey de Cambaya, foy
» de taõ grande contentamento para
» mim, como era razaõ, que eu ti-
» vesse por tal, & tamanho vencimen-
» to, & por quam grandes merces,
» & ajudas nisso recebestes de nosso
» Senhor, polas quaes elle seja mui-
» to louvado; & muito se deve à
» vossa prudencia, & grande animo,
» que naquelle dia mostrastes; & assi
» no que fizestes no grande, & apres-
» sado soccorro, que mandastes à for-
» taleza de Diu em taõ desvairado
» tempo, offerecendo ao mar vossos
» filhos; em que se vio, quanto mais
» pode com vosco o que importa a
» meu serviço, que o affecto natural
» de pay; o que eu assi estimo, co-
» mo he razaõ, vendo, que naõ só-
» mente desbaratastes tam grande po-
» der de inimigos, mas ainda déstes
» muita segurança a toda a India, no

» grande

» grande receyo, que aos inimigos
» d'ella fica com esta tamanha victo-
» ria; cujo serviço assi he razaõ, que
» eu tenha na conta que elle merece,
» como que tenha delle o contenta-
» mento, que se requere. E do fale-
» cimento de vosso filho Dom Fer-
» nando recebi muy grande despra-
» zer, assi por ser elle vosso filho,
» como porque hia bem mostrando
» naquella idade, quem houvera de
» ser em toda a outra; & pois aca-
» bou taõ honradamente, & em taõ
» grande serviço de nosso Senhor, &
» meu, deveis de sentir menos sua
» perda, & dar graças a nosso Senhor
» por como foy servido, que acabas-
» se; o que sey, que vós fizestes,
» mostrando ainda no esquecimento
» da morte do filho, a lembrança do
» que cumpria a meu serviço; das
» quaes cousas assi serey sempre lem-
» brado, que naõ sómente volas
» conhecerey com grande contenta-
» mento d'ellas, mas ainda com mui-
» ta mercè; a que agora quiz dar
» principio nas que faço a vós, & a
» vosso filho Dom Alvaro, guardan-
» do o remate d'ellas para o cabo de
» vosso serviço, que eu confio, &
» tenho por muy certo, que será tal,

» como foraõ os que atègora me tendes feito; & com esta confiança, » & com a experiencia, que d'isso » tenho, desejando muito neste tempo vos fazer mercè em tudo, con» siderando porèm quanto isto cum» pria a meu serviço, & vendo por » vossas obras, quanta mais conta ti» nheis com elle, que com todas vos» sas cousas, houve por bem de vos » naõ dar licença para vos virdes, » como me pedieis. Polo que vos en» comendo muito, & mando, que o » hajais assi por bem, & que nesse car» rego me queirais ainda servir outros » tres annos, no fim dos quaes vos » mandarei licença para vos virdes » embora. E eu espero em nosso Se» nhor, que vos dè mui boa disposi» çaõ para o fazerdes. E porèm se » por cima do que tanto cumpre a » meu serviço, como he ficardes» me ainda servindo nessas partes por » este tempo, vos a vós parecer que » tendes todavia necessidade de vos » virdes, folgarei de mo escreverdes, » & entretanto esperareis minha re» posta. *Pero de Alcaçava Carneiro a* » *fez em Lisboa a vinte de Outubro de* » *mil quinhentos quarenta & sete.*

Creyo, que nos pede attençaõ mayor a carta da Rainha Dona Catharina, onde naõ he só Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acçoẽs da victoria com maduteza de varaõ, & brios de soldado.

Carta da Rainha Dona Catharina.

» VIso-Rey. Eu a Rainha vos envio » muito saudar. Vi a carta, que me » escrevestes, na qual particularmen- » te me dais conta do que tendes fei- » to, & provído em todas as cousas, » que vos pareceo que cumpriaõ ao » serviço d'el Rey meu senhor, & à » defensaõ & segurança d'essas par- » tes; & de tudo ser taõ conforme a » quem vós sois, & à grande con- » fiança que S. Alteza de vos tem, » recebo tanto contentamento, co- » mo he razaõ, assi por ver, que S. » Alteza he de vós taõ bem servido, » como pola muita honra, que nisso » tendes ganhada. E quanto ao cui- » dado, & grande diligencia, com » que logo entendestes no corregi- » mento, & provimento da armada, » foy grande principio, & muy neces- » sario para remedio de tamanhas » cousas, como depois se offerecè- » raõ; & por certo tenho, que por

» muy grande, que foſſe o trabalho,
» que niſſo levaſtes, ſeria mayor o
» contentamento, que terieis de ſer
» taõ bem empregado. E a guerra,
» que fizeſtes ao Hidalcaõ, foy couſa
» muy bem acertada, pois taõ claro
» ſe vio nella o contrario da opi-
» niaõ, que dizeis ſe tinha, que da
» guerra dos Portugueſes lhe naõ po-
» dia vir dano; o que ſeria cauſa de
» a mover tantas vezes; nem de ſua
» paz ſe lhe ſeguia proveito, polo
» que naõ eſtimaria quebrala. E ſe
» elle ſoubera quem vós ſois, & quan-
» to mais vos lembra a honra, que o
» proveito, nem curàra de vos fazer
» o offerecimento, que vós fez acer-
» ca de Meále; mas a pouca impreſ-
» ſaõ que fez em vós, & voſſo claro
» deſengano, lho daria a conhecer.
» E quanto ao negocio do cerco, &
» guerra da fortaleza de Diu, foy
» muy grande mercè de noſſo Senhor
» a victoria, que vos alli deu contra
» tamanho poder, & numero de ini-
» migos de ſua ſanta Fè Catholica,
» que de taõ diverſas partes alli eraõ
» juntos, & muy claro ſinal de elle
» ter de ſua maõ o Eſtado de eſſas
» partes, & lhe dou por tudo tantos
» louvores, como he razaõ, & lhe

» devo. E muito acrecenta no grande
» contentamento, que el Rey meu
» ſenhor, & eu temos dẽ tamanho,
» vencimento, ver com quanta pru-
» dencia, & diſcriçaõ proveſtes em
» todas as couſas, que para ſe poder
» alcançar, eraõ neceſſarias, & quam
» animoſamente vos houveſtes o dia
» da batalha, & com quanta preſte-
» za ſoccorreſtes aquella fortaleza,
» offerecendo a iſſo voſſos filhos em
» taõ fortes tempos; o conhecimento,
» que Sua Alteza, & eu temos de todas
» eſtas obras, & do grande fruto, que
» d'ellas ſe ſeguio, he muy conforme
» à qualidade & grãdeza d'ellas; & aſſi
» confio, que o Sua Alteza moſtre, na
» honra, & mercè que vos farà, & por-
» que tudo ſe vos deve; & bem o deu
» a entender no goſto, & cõtentamen-
» to, cõ que logo quiz dar a iſſo princi-
» pio, nas que agora fez a vós, & a voſ-
» ſo filho Dõ Alvaro, ſegundo vereis
» por ſua carta. E do falecimento de
» Dõ Fernãdo voſſo filho, recebi muy
» grande deſprazer, aſſi por quanto
» ſey, que o havieis de ſentir, como
» pola perda de ſua peſſoa, que ſe-
» gundo tinha moſtrado naquelle
» feito, ſe pode bem ver, que foy
» grande; mas eu tenho tal conheci-

» mento de vós, & de voſſa muita
» prudencia, & virtude, que ſey cer-
» to, que em todo tempo, em que
» noſſo Senhor o levàra para ſi, vos
» conformàreis vòs com ſua vontade,
» & tomàreis de ſua maõ; quanto
» mais ſendo naquelle, em que por
» defenſaõ de ſua Fè, & em tamanho
» ſerviço de S. Alteza, taõ honrada-
» mente acabou, & cumprio com a
» obrigaçaõ de quem era, que ſaõ
» razoens muy grandes para vós mui-
» to o deverdes fazer aſſi, & muito
» menos ſentirdes ſua morte. E quan-
» to ao que me pedis acerca de voſſa
» vinda, em que Dona Leonor voſſa
» mulher (que eu muito folguey de
» ver polo merecimento de ſua peſſoa,
» & virtudes, & pola muito boa von-
» tade que lhe tenho) me fallou de
» voſſa parte, como em couſa que
» tanto deſeja; eſtimàra eu muito de
» com goſto & contentamento de
» el Rey meu ſenhor, poder niſſo ſa-
» tisfazer a vòs, & a ella; mas polo
» muito, que Suá Alteza tem de voſ-
» ſo taõ bom ſerviço, & pola gran-
» de falta, que lá poderia fazer em
» tal tempo voſſa peſſoa, houve por
» bem de ſe ſervir ainda lá de vós,
» outros tres annos, ſegundo por ſua
» carta vereis. E tenho por muy cer-

» to, que por todas eſtas razoens o
» havereis aſſi por bem, & vos rogo
» muito, que aſſi ſeja, & eſpero em
» N. Senhor, que vos dará ſaude,
» & forças para o poderdes fazer,
» & vos ajudará, & esforçará em to-
» dos voſſos trabalhos, pois d'elles ſe
» ſegue tanto ſeu ſerviço; & pois ſa-
» be, que o principal reſpeito, por-
» que S. Alteza o ha aſſi por bem, he
» ſaber, que ſerá elle lá de vós in-
» teiramente ſervido. E na lembran-
» ça, que entre tamanhos trabalhos,
» & taõ importantes negocios, tiveſ-
» tes d'aquellas couſas minhas, que
» levaſtes a cargo, ſe vè bem, quan-
» to deſejo vendes de niſſo, & em
» tudo me ſervir, o qual eu eſtimo,
» como he razaõ. E quanto o que to-
» ca a Diogo Vaz, por outra carta
» vos eſcrevo o que niſſo folgarey
» que ſe faça. Com o beijoim de bo-
» ninas, & com todas as mais couſas
» que me enviaſtes por Lourenço Pi-
» rez de Tavora, recebi muito pra-
» zer, por ſer tudo tam bom, que
» bem parece ſer enviado com taõ
» boa vontade, a qual eu ainda mais
» eſtimo, & tudo vos agradeço mui-
» to. E dos criados meus, & peſſoas,
» que me eſcreveis, que lá tem bem

» ſervido, & aſſi das couſas, em que
» vos parece neceſſario prover, farey
» lembrança a el Rey meu ſenhor,
» como pedis que faça. O que Sua
» Alteza houver de prover, aſſi nas
» mercès, que houver de fazer a to-
» dos os que lá o ſervem, ha de ter
» tanto reſpeito ao que vós em tudo
» lhe eſcreverdes, & pedirdes, como
» he razaõ que ſeja; & muito vos
» agradeço a boa informaçaõ, que a
» Sua Alteza dais dos meus criados,
» que naquelle feito de Diu ſe achà-
» raõ, & aſſi o muito favor, & boas
» obras, que ſey, que a todos là fa-
» zeis por meu reſpeito. *Pero Fer-*
» *nandez a fez em Lisboa a trinta dias*
» *de Outubro de mil quinhentos qua-*
» *renta & ſette.*

A RAINHA.

Naõ he de menor eſtimaçaõ a carta, que lhe eſcreveo o Infante Dom Luis, como de Principe em fim, que tam grande juizo ſoube fazer de merecimentos & virtudes.

Carta do Infante Dom Luis.

» HOnrado Viſo-Rey. Recebi voſ-
» ſa carta, que veyo neſta armada de
» Lourenço Pirez de Tavora, em que

» me dizeis, que recebestes a minha,
» que por Luis Figueira vos mandey;
» & agradeçovos muito dizerdesme,
» que vos parecèraõ bem as lembra-
» ças que vos fazia; & muito mais
» o pordelas em obra; & bastava pa-
» ra o eu crer que seria assi, ainda
» que vos eu naõ conhecèra, ouvir
» o que lá fazeis, & ver, que com
» a boca cheа me escreveis vossos tra-
» balhos, pobreza, & abstinencia,
» cousas com que se vence o Diabo,
» o Mundo, & a carne, que nessas
» partes da India tem tanto poder; o
» que he mayor victoria, que a d'el
» Rey de Cambaya, nem ainda de
» todo o poder do Turco. Polo que
» em quanto viverdes nam deveis de
» temer cousa algũa, mas antes espe-
» ray em nosso Senhor, que vos ajuda-
» rá, como agora fez na defensaõ, &
» batalha de Diu, em cuja victoria vós
» tẽdes muito que lhe louvar, pois vos
» fez instrumento de tanto serviço seu,
» & d'el Rey meu senhor, e de tanta
» honra vossa & de todos os Portu-
» gueses, assi dos que se achàraõ com
» vosco, como dos que estiveraõ au-
» sentes. E certo, que vós tendes feito
» nesta jornada, desdo primeiro
» dia que tivestes novas do cerco de

» Diu, atè o de voſſa & noſſa
» victoria, tudo o que entendo,
» que hum valeroſo, & aſtuto Capi-
» taõ podia fazer, aſſi na preſte-
» za dos ſoccorros, como em por-
» des voſſos filhos por baliſas da
» fortuna, & perigos do Inverno,
» & mares da India, para que os
» outros os tiveſſem em menos; no
» que ſe monſtra bem claro, quanta
» mais parte teni em vós o ſerviço
» d'el Rey meu Senhor, & a obriga-
» çam de voſſo cargo, que os effeitos
» naturaes de pay, que faõ os que
» mais forçaõ a natureza. E no ſofri-
» mento que moſtraſtes na morte de
» Dom Fernando de Caſtro voſſo fi-
» lho, ſe confirma bem eſta opiniaõ;
» & certo, que eu o ſenti por mim &
» por vós, & houve por mui grande
» perda, por quam certos ſinaes nel-
» le via de ſeu grande eſforço, &
» creyo, que niſſo lho quiz Deos pa-
» gar, com o tirar de vida taõ tra-
» balhoſa por meyos tam honrados,
» & de tanta gloria ſua, que deve
» ſer grande cauſa de voſſa conſola-
» çaõ. Dom Alvaro de Caſtro voſſo
» filho nam empregou mal ſua jor-
» nada, pois com tantos trabalhos,
» & perigos ſoccorreo a fortaleza de

» Diu, a tempo, que ſua chegada
» foy por entaõ o remedio d'ella; &
» de como ſe niſto houve, & no dar
» nas eſtancias dos imigos, & em
» tudo o mais lhe lanço muitas ben-
» çoens por voſſa parte, & minha.
» E tornando à voſſa determinaçaõ de
» aventurardes voſſa peſſoa, & o Eſ-
» tado da India, por ſoccorrerdes
» Diu, foy muy boa, pois de o naõ fa-
» zerdes eſtava tanto mais aventura-
» do; & o chegardes a Diu, & orde-
» nardes voſſa embarcaçaõ, & man-
» dardes, que os navios cometeſſem
» a terra a tempo que havieis de dár
» a batalha, & o modo de cometer
» que niſſo tiveſtes, tudo me pare-
» ceo digno de agora & ſempre dar-
» mos muitas graças a Deos noſſo
» Senhor, & de Sua Alteza vos fa-
» zer muitas mercès, a que agora dá
» principio, como vereis acerca de
» vòs, & de voſſo filho; & aſſi o de-
» ve fazer, & fará aos Fidalgos, &
» Cavalleiros, que neſſa jornada com
» voſco o ſerviraõ, em eſpecial a Dõ
» Joaõ Maſcarenhas, que ſe houve
» no peſo d'eſſe cerco, como honrado
» Capitaõ, & esforçado Cavalleiro.
» Folguey muito de ver o modo, que
» tiveſtes no eſcrever a Sua Alte-

» za ſobre os ſerviços, que os Fidal-
» gos, & Cavalleiros, que neſſas
» partes andaõ, lhe fizeraõ no nego-
» cio de Diu, no que ſe vio, que ti-
» nheis com ſeus trabalhos conta.
» Iſto fazey ſempre por amor de mim,
» & folgay de louvar os homens,
» porque ja que eſtá certo, naõ fal-
» tar quem diga d'elles os males,
» (que haveis de caſtigar os que nel-
» les ſentirdes) razaõ he tambem,
» que os bons os levanteis, para que
» os que là naõ poderdes galardoar,
» Sua Alteza por voſſa informaçaõ o
» faça. Eu falley ſobre voſſa vinda,
» como me eſcreveſtes, que me elle
» naõ concedeo, & me deu para iſ-
» ſo duas razoens, que a meu pare-
» cer, ainda que vòs tenhais muitas
» para vos deſejardes de vir, Sua Alte-
» za tem muitas mais para vos man-
» dar rogar, que o ſirvais neſſe gover-
» no outros tres annos, o que ha-
» veis de folgar de fazer por ſer-
» virdes a noſſo Senhor, pela gran-
» de mercé, que vos tem feito, & a
» S. Alteza pela confianca, que de
» vós tem, & contentamento de voſ-
» ſo ſerviço. E confiay em Deos, que
» vos dará forças para poderdes com
» os grandes trabalhos, & deſorden-

» da India, & eu eſpero nelle, que
» fazendoo vós aſſi, venhais encher
» eſtes picos da ſerra de Sintra de
» Ermidas, & de voſſas victorias,
» & que as viſiteis, & logreis com
» muito deſcanſo voſſo. Nas couſas
» particulares vos naõ fallo, porque
» el Rey meu ſenhor vos eſcreve o
» que ha por ſeu ſerviço em repoſta
» da carta geral, que lhe eſcreveſtes,
» que vinha em muito bom eſtylo,
» & em muito boa ordem. *Eſcrita*
» *em Lisboa a vinte & dous de Outu-*
» *bro de mil quinhentos quarenta ſette.*

O INFANTE DOM LUIS.

Deixa-ſe bem ver d'eſtas cartas, quam gratos eraõ aos Reys os ſerviços de Dom Joaõ de Caſtro. Negoulhe el Rey Dom Joaõ a licença que pedia para vir deſcanſar ao Reyno, como em beneficio da patria, & do Oriente; prorogoulhe outros tres annos do governo com nome de Viſo-Rey; naõ teve vida para lograr eſte acrecentamento; para o merecer, ſi: fez lhe mercè de dez mil cruzados de ajuda de cuſto, & patente de Capitaõ mór do mar da India a ſeu filho Dom Alvaro; cargo, que ja exercitava com menos annos, que victorias.

Tinha entendido el Rey Dom Joaõ pelos avisos do Viso-Rey, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado; & que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criavaõ odio nos Principes vizinhos, cuja ruina era para outros exemplo. Com estas, & outras consideraçoens, despachou este anno para a India seis naos, que partiraõ em monçoens differentes. Das primeiras tres, que partiraõ em Novembro, era Capitaõ mòr Martim Correa da Sylva, que levava a fortaleza de Diu. Os outros Capitaens eraõ Antonio Pereira, & Christovaõ de Sá; & porque na costa da India teve a Capitania os ventos ponteiros, esgarrou, & naõ podendo ferrar Goa, foy tomar Angediva; donde mandou aviso ao Viso-Rey para o prover do necessario, visto serlhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovaõ de Sá soube-se marear melhor, porque tanto que avistou a costa da India, foy metendo de ló para se pòr a barlavento de Goa, & houve vista da terra por Carapataõ, donde foy demandar a barra.

Manda el Rey seis naos à India.

Logo que o Viso-Rey soube, que

Chega huma a Goa.

entrára nao do Reyno, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foy visitar, & prover. E certo, que entre as excellencias d'este bom Viso-Rey, podemos dar o primeiro lugar à charidade, porque naõ costuma ser virtude de Soldado, & menos de Ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, & mercès, que havemos dito, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os Fidalgos a si proprios se davaõ parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rey outro triennio governando, como quem entendia, que tinhaõ nelle os soldados pay, & o Estado homem.

Achava-se Dom Joaõ de Castro; gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tam continuas guerras, com que veyo a cahir rendido ao peso de taõ graves cuidados. Enfermou gravemente, & descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou o Bispo Dom Joaõ de Albuquerque, Dom Diogo de Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano, Chanceller mór do Estado, a Sebastiaõ Lopez Lobat-

Adoece o Viso-Rey.

Deixa o governo.

to, seu Ouvidor Geral, & a Rodrigo Gonçalvez Caminha, Védor da Fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos Principes vizinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da Cidade, ao Vigario Geral da India, ao Guardiaõ de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a Saõ Francisco Xavier, & aos Officiaes da Fazenda d'el Rey, a quem fez esta falla.

Falla aos do Conselho.

» Nam terey, senhores, pejo de
» vos dizer, que ao Viso-Rey da In-
» dia faltam nesta doença as commo-
» didades, que acha nos hospitaes o
» mais pobre soldado. Vim a servir,
» naõ vim a cõmerciar ao Oriente;
» a vós mesmos quiz empenhar os
» ossos de meu filho, & empenhey
» os cabellos da barba, porque para
» vos assegurar, naõ tinha outras ta-
» peçarias, nem baixellas. Hoje nao
» houve nesta casa dinheiro, com
» que se me comprasse huma galli-
» nha; porque nas armadas que fiz,
» primeiro comiaõ os soldados os sa-
» larios do Governador, que os sol-
» dos de seu Rey; & nam he de es-
» pantar, que esteja pobre hum pay
» de tantos filhos. Peçovos, que em
» quanto durar esta doença, me or-

» deneis da fazenda Real huma ho-
» neſta deſpeſa, & peſſoa por vós
» determinada, que com modeſta
» taixa me alimente. E logo pedin-
do hum Miſſal, fez juramento ſobre os Evangelhos, que atè a hora preſente, naõ era devedor à fazenda Real de hum ſó cruzado, nem havia recebido couſa algũa de Chriſtaõ, Judeo, Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da peſſoa tinha outras alfayas, que as que de Portugal trouxera; & que ainda a prata, que no Reyno fizera, havia ja gaſtado, nem tivera ja mais poſſibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama viaõ; ſó a ſeu filho Dom Alvaro fizera huma eſpada guarnecida de algũas pedras de pouca eſtima, para paſſar ao Reyno. Que diſto lhes pedia mandaſſem fazer hum termo, para que ſe alguma hora ſe achaſſe outra couſa, el Rey, como a perjuro, o caſtigaſſe. Eſta pratica ſe eſcreveo nos livros da Cidade, a qual ſe podèra ler, como inſtrucçaõ, aos que lhe ſuccedèraõ; nos quaes, creyo, ficou a memoria mais viva, que o exemplo.

Juramento que toma.

Logo que o Viſo-Rey entendeo, que era chamado a mais dura batalha,

fugindo à importuna diverſaõ de cuidados humanos, ſe recolheo com o Padre S. Franciſco Xavier, buſcando para taõ duvidoſa viagem, tam ſeguro piloto; o qual lhe foy todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, interceſſor, & meſtre. Como naõ adquirio riquezas, de que diſpor de novo, nam fez outro teſtamento, que o que deixou no Reyno, quando paſſou a governar a India, em maõs do Biſpo de Angra Dom Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o eſpirito em ſeis de Junho de mil quinhentos quarenta & oito, aos quarenta & oito de ſua idade, & quaſi tres de governo d'aquelle Eſtado. As riquezas, que grangeou na Aſia, foraõ ſuas heroicas obras, que neſte papel viraõ a ler os futuros com ſaudoſa memoria. No ſeu eſcritorio ſe acharaõ tres tangas larins, & humas diſciplinas, com finaes de uſar muito d'ellas, & a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em Saõ Franciſco de Goa depoſitar ſeu corpo, para que d'alli ſe tresladaſſem os oſſos à ſua Capella de Sintra. Tratouſe logo do funeral, naõ menos laſtimoſo, que ſo-

Recolhe-ſe com o P. Xavier.

Sua morte.

Enterro, & ſentimento.

lemne, merecendo de todo o Eſtado lagrimas illuſtres, & plebèas.

Depois de alguns annos vieram ſeus oſſos ao Reyno, que foraõ recebidos com reverente, & piedoſo applauſo, ultimo beneficio, que com ſuas cinzas ha recebido a patria, & trazidos aos hombros de quatro netos ſeus ao Convento de Saõ Domingos de Liſboa, onde muitos dias ſe lhes fizeram ſumptuoſas exequias. D'aqui foraõ ſegunda vez traſladados ao Convento de S. Domingos de Bemfica, onde (poſto que em Capella alhea) eſtiveraõ alguns annos com tumulo decente, atè que o Biſpo Inquiſidor Geral Dõ Franciſco de Caſtro ſeu neto, lhes fez capella, & ſepultura propria; na traça, na materia, & na eſcultura, depois das Reaes, a nenhuma ſegunda; cuja relaçaõ naõ deſagradará, em beneficio da memoria do avò, & piedade do neto.

Vem ſeus oſſos ao Reyno.

Depoſitão-ſe em S. Domingos de Liſboa.

Treſladãoſe a Bemfica.

Diſta o Convento de Saõ Domingos de Bemfica, dous mil paſſos da Cidade de Liſboa. Hum lugar vizinho lhe dá aquelle nome. Foy o ſitio d'elle em propriedade dos Senhores Reys de Portugal; no qual, por ſua freſcura, tinhaõ huma caſa de campo, que frequentavaõ, ja para diver-

Onde eſtá hoje.

ſaõ dos negocios, ja para o exercicio da caça. El Rey Dom Joaõ o Primeiro vendoſe devedor a Deos de tantas victorias, entre outras acçoens de graças, fez d'eſtes paços doaçaõ a Ordem de S. Domingos, com terras, hortas, & pomares vizinhos, em vinte & dous de Mayo de mil trezentos noventa & nove, para ſe fundar eſte Convento, que nam ſó teve os aliceſſes Reaes, ſenaõ os augmentos. Obrigouſe o fundador (por proviſaõ, que nos archivos do Convento ſe guarda) a amparar, & defender as couſas, & Religioſos d'elle, ſolicito na cauſa de Deos; valeroſo na ſua. El Rey Dom Joaõ o ſegundo lhe dotou huma groſſa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje poſſue a caſa; ſem lhe impor obrigaçaõ, que podeſſe fazer menos grata, ou liberal a eſmola. El Rey Dom Manoel, ainda que repartido em cuidados, & fabricas mayores, deixou nos ſacrificios d'eſte Templo, religioſa memoria, ordenando, que ſe diſſeſſem cada ſemana aos Anjos duas Miſſas cantadas a favor dos navegantes; que eſte era o Aſtrolabio de ſeus deſcobrimentos, & as forças das victorias Orientaes d'aquella idade. A Rainha Dona

Catherina tratou eſta caſa como Capella ſua, offerecendolhe de ſeu Oratorio, Reliquias de reverencia, & preço; entre outras, em huma grande Cruz de prata, hum pedaço do Santo Lenho, que ſendo offerecido por maõs Reaes, calificaõ a certeza de tam ſuperior donativo; accumulando os ſenhores Reys neſta caſa, a beneficios temporaes, os ſagrados. El Rey Dom Philippe o Segundo lhe acrecentou os proprios com huma honeſta eſmola. Foy ſempre dos mais obſervantes da Religiaõ eſte Convento, que com nome de Recoleta, nam permitte declinaçaõ, ou indulgencia do primeiro inſtituto. Nelle, como em eſcola de virtudes, ſe coſtumavaõ retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; huns a fugir, outros a deſcançar das Prelaſias, para vagar a Deos em ocio ſanto, & reformar o eſpirito.

Neſta caſa, por fundaçam, & diſciplina illuſtre, deſcanſaõ as cinzas victorioſas de Dom Joaõ de Caſtro, em huma Capella, & ſepultura de religioſa grandeza. He eſta da inſtituiçaõ de *Corpus Chriſti*, tem a porta principal no clauſtro do Convento, & ſobre ella pendente hum eſcudo relevado das armas de funda-

dor; abraça o largo d'ella quarenta palmos; tem mais de setenta o comprimento; proporçaõ a que os Architectos chamaõ Dupla; & à obra, Dorica. He de huma só nave de pedraria brunida; o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto & proporcionado pedestal, sobre que se funda a armonía da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos, sobre bases, capiteis, & simalhas tambem em torno, com seis luzes obradas com respeito à architectura. Tem hum retabolo, & sacrario (em que sempre está o Santissimo Sacramẽto alumiado com duas alampadas de prata) de obra de talha com floroens, tudo dourado, & no alto hum painel da Cea do Senhor. Detrás do Altar, & retabolo ha Coro dos Noviços, para cuja criaçaõ, & melhor serviço do Senhor, se lhes fez casa com vinte cellas, & mais officinas, que formaõ o corpo de hum Convento. O tecto da Capella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria apainelado com artezoens & molduras. Dos seis arcos, que a compoem, ficaõ os dous primeiros, nos Presbyterios; no da

parte do Evangelho, eſtà huma porta, que dá ſerventia para a tribuna, & apoſentos do fundador; & no da parte da Epiſtola, outra para o ſerviço da Sancriſtia. Os outros quatro ocupaõ quatro ſumptuoſas ſepulturas, cujas urnas formaõ pedras de cores luſtradas, que deſcanſam às coſtas de elefantes de pedras negras.

No primeiro arco, que fica junto ao do Preſbyterio da parte do Evangelho, eſtá a ſepultura de Dõ Joaõ de Caſtro, onde, antes de ſe fechar, foraõ recolhidos ſeus oſſos, cõ o ſeguinte epitaphio.

D. JOANNES DE CASTRO
XX. PRO RELIGIONE IN UTRAQUE MAURITANIA STIPENDIIS FACTIS:
NAVATA STRENUÈ OPERA THUNETANO BELLO:
MARI RUBRO FELICIBUS ARMIS PENETRATO:
REBELLATIS INTER EUPHRATEM ET INDUM NATIONIBUS:
GEDROSICO REGE, PERSIS, TURCIS UNO PRÆLIO FUSIS:
SERVATO DIO. IMO REIPUB. REDDITO:
DORMIT IN MAGNUM DIEM;
NON SIBI, SED DEO TRIUMPHATOR:
PUBLICIS LACRYMIS COMPOSITUS,
PUBLICO SUMPTU PRÆ PAUPERTATE FUNERATUS,
OBIIT OCT. ID. IUN. ANNO M. D. XLVIII.
ÆTATIS XLVIII.

Eſtaõ em o ſeguinte arco junto a eſte, os oſſos de Dona Leonor Coutinho ſua mulher.

Da parte da Epiſtola, em o arco que reſponde ao da ſepultura de Dom Joaõ de Caſtro, eſtà a de Dom Alvaro ſeu filho, em que do meſmo modo foram póſtos ſeus oſſos, tem o epitaphio, que ſe ſegue.

D. ALVARUS DE CASTRO,
MAGNI IOANNIS PRIMOGENITUS,
CUI PENE AB INFANTIA DISCRIMINUM SOCIUS,
PUGNARUM PRÆCURSOR,
TRIUMPHORUM CONSORS,
ÆMULUS FORTITUDINIS,
HÆRES VIRTUTUM, NON OPUM:
REGUM PROSTRATOR, ET RESTITUTOR:
IN SINAÏ VERTICE EQUES FELICITER
INAUGURATUS:
A REGE SEBASTIANO SUMMIS REGNI
AUCTUS HONORIBUS:
BIS ROMÆ, SEMEL CASTELLÆ, GALLIÆ,
SABAUDIÆ LEGATIONE PERFUNCTUS.
OBIIT IV. KALENDAS SEPTEMBRES
ANNO M. D. LXXV.
ÆTATIS SUÆ. L.

E logo no outro arco junto a eſte, eſtá Dona Anna de Attayde ſua mulher. No vaõ d'eſta Capella ſe fez hum carneiro com ſeis arcos de pedraria, em hum dos quaes ha altar para ſe dizer

dizer Missa; & os mais tem repartimentos para os ossos & corpos dos defuntos.

Dotou o Bispo Inquisidor Geral, fundador d'esta Capella, ao Convento de Bemfica, para sustento dos Religiosos, que hão de assistir às obrigaçoens d'ella, duzentos & quarenta mil reis de juro em cada anno, situados nas rendas da Camera d'esta Cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento & vinte mil reis, por tres Missas quotidianas. Cincoenta (anticipada esmola) pelos anniversarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para fabrica, & provimento da Capella. Trinta, para se poder acudir às necessidades dos Religiosos, que naquelle Noviciado residem, para a custodia, & limpeza da Capella. Alem do que, a ornou de muitas peças ricas & devotas; & a Sanchristia d'ella de todo o necessario ao culto divino; assi ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios, roupa branca, castiçaes, tocheiras, lampadas, ciriaes, & mais cousas semelhantes; tudo com abundancia & perfeiçaõ.

Dom Joaõ de Castro, tam claro

Ascendencia de Dom Joaõ de Castro.

V.

pelo ſangue, como pelas virtudes, naceo em Liſboa a vinte & ſette de Fevereiro de mil & quinhentos; foy filho ſegundo de Dom Alvaro de Caſtro, Governador da Caſa do Civel, & de Dona Leonor de Noronha, filha de Dom Joaõ de Almeyda, ſegundo Conde de Abrantes: neto de Dom Garcia de Caſtro, que foy irmaõ de Dom Alvaro de Caſtro, primeiro Conde de Monſanto, filhos de Dom Fernando de Caſtro; netos de Dom Pedro de Caſtro, & biſnetos de Dom Alvaro Pirez de Caſtro, Conde de Arrayolos, & primeiro Condeſtable de Portugal, irmaõ da Rainha Dona Ines de Caſtro, que foy mulher d'el Rey Dom Pedro o Cruel. Era eſte Condeſtable filho de Dom Pedro Fernandez de Caſtro, a quem chamàraõ em Caſtella, o da Guerra, que vindo a eſte Reyno, principiou nelle a illuſtre Caſa dos Caſtros, que em tanta grandeza ſe tem conſervado. O qual Dom Pedro, era por varonía deſcendente do Infante Dom Fernando, filho d'el Rey Dom Garcia de Navarra, caſado com Dona Maria Alvarez de Caſtro, filha unica do Conde Alvaro Fanhez Minaya, quin-

ta neta de Lain Calvo, de quem diriva ſua origem eſta familia. Sendo moço, caſou Dom Joaõ de Caſtro com Dona Leonor Coutinho, ſua prima ſegunda, mayor na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada fogio com anticipada velhice às ambiçoens da Corte. Paſſou a ſervir a Tanger, aonde deu de ſeu valor as primeiras, mas naõ vulgares provas, bem que d'eſtas alcançamos mais fama, que noticia. Tornou à Corte, chamado por el Rey Dom Joaõ o Terceiro, & como ja ſeus brios naõ cabiaõ no Reyno, paſſou à India com Dom Garcia de Noronha. Acompanhou a Dom Eſtevaõ da Gama na jornada do Eſtreito do mar Roxo, & fez d'eſta viagem hum roteiro obra util, & grata aos Navegantes. Tornado a Portugal, ſe retirou à ſua quinta de Sintra, deſcanſando na liçaõ dos livros, ſempre exemplar, no ocio, & na occupaçaõ. Outra vez cingio eſpada para ſeguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunez, onde a ſeu nome ajuntou gloria nova. Acabada eſta empreza, ſe recolheo a Sintra, eſcondendoſe à ſua propria fama; ſoube

fogir dos cargos, naõ pode livrarſe. El Rey Dom Joaõ o chamou para General das armadas da coſta; ſerviço, em que a ſeu valor reſpondèraõ os ſucceſſos. Paſſou ultimamente a governar a India, onde, com as victorias, que havemos referido, aſſegurou, & reputou o Eſtado. Nas horas, que lhe perdoavaõ os cuidados da guerra, deſcreveo em copioſo tratado toda a coſta, que jaz entre Goa, & Diu, ſinalando os baixos, & recifes; a altura da elevaçaõ do Pólo, em que eſtaõ as Cidades, reſtingas, angras, & enſeadas, que formaõ os portos; as monçoens dos ventos, & condiçoens dos mares; a força das correntes, o impeto dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes; tudo com taõ miuda, & acertada Geographia, que o podèra eſta ſó obra fazer conhecido, ſe já o nam fora tanto pelo valor militar. Com igual ſemblante o vìraõ as incommodidades da pátria, & as proſperidades do Oriente, parecendo ſempre o meſmo homem, em diverſas fortunas. Fez brio de merecer tudo, & de naõ pedir nada. Fazia razaõ, & juſtiça a todos igualmente, ſendo nos caſtigos inteiro, mas taõ

juſtificado, que mais ſe podiaõ queixar da ley, que do Miniſtro. Era com os ſoldados liberal, & com os filhos parco, moſtrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava cõ grande reſpeito as acçoens de ſeus anteceſſores, honrando atè aquellas de que ſe apartava. Sem eſtragar a corteſia, conſervou o reſpeito. Dos grandes parecia ſuperior, dos pequenos pay; vivia de maneira, que emendava as culpas, mais que com o caſtigo. Sempre zelou a cauſa de Deos, primeiro que a do Eſtado; nenhuma virtude deixou ſem premio; alguns vicios deixava ſem caſtigo, melhorando aſſi muitos, huns, com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos, que recebia dos Principes da Aſia, mandava carregar na fazenda Real; virtude, que louvàraõ todos, imitàraõ poucos. Os ſoldados enfermos achavaõ nelle laſtima, & remedio; a todos obrigava, & parecia devedor de todos. Evitou (como ruìna do Eſtado) chatinar aos ſoldados; nenhuma facçaõ emprendeo, que naõ conſeguiſſe, ſendo nas execuçoens promptiſſimo, maduro nos conſelhos. Entre occupaçoens de ſoldado, con-

ſervou virtudes de Religioſo; era frequente em viſitar os Templos, grande honrador dos Miniſtros da Igreja, compaſſivo, & liberal com os pobres; devotiſſimo da Cruz, cujo ſinal adorava com inclinaçaõ profunda ſem differença de lugar, ou tempo. E tam religioſamente ardia no culto deſte ſinal ſantiſſimo, que quiz mais lavrar templo à ſua memoria, que fundar caſa à ſua poſteridade, deixando como em piedoſa bençaõ a ſeu filho Dom Alvaro, que ſe na graça, ou juſtiça dos Reys achaſſe alguma gratidaõ de ſeus ſerviços, do premio delles edificaſſe na ſerra de Sintra hum Convento de Recoletos Franciſcanos, advertindo, que com a invocaçam da Cruz ſe titulaſſe a Caſa. Dom Alvaro de Caſtro, que das virtudes de taõ piedoſo pay foy legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do Convento, menos grande, pela mageſtade do edificio, que pela ſantidade dos varoens penitentes, que o habitaõ. Sendo a primeira vez mandado pelo Senhor Rey Dom Sebaſtiaõ com embaixada ao Papa Pio IV, impetrou delle privilegiar o Altar do dito Convento para todas as Miſſas, & para o dia da In-

vençam da Cruz, indulgencia plenaria a todos os que rogassem pelas necessitades mayores da Igreja; & advertidamente pela alma de Dom Joaõ de Castro: graça taõ singular, & nova, que a naõ vimos concedida a Principes soberanos. Parece que andava em Italia taõ viva a fama de suas victorias, como de suas virtudes, qualificadas com taõ illustre testimunho do Vigario de Christo. Por estas, & outras virtudes, cremos, terà alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triumpho. Teve tres filhos, que todos, como bençaõ do pay, seguiraõ os perigos da guerra. Dom Miguel o mais moço, que nos dias d'el Rey Dom Sebastiaõ passou à India, & faleceo Capitaõ de Malaca. Dom Fernando, que faleceo abrasado na mina do baluarte de Diu. Dom Alvaro, com quem parece, que partio as palmas & as victorias filho & companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reyno, sem outras riquezas, que as feridas, que recebeo na guerra, casou com Dona Anna de Attayde, filha de Dom Luis de Castro, Senhor de casa de Montsanto. Foy d'el Rey Dom Sebastiaõ particular aceito,

Que filhos teve.

Elogio de Dom Alvaro de Castro.

fiandolhe os mayores negocios, & lugares do Reyno; fez diverſas embaixadas a Caſtella, Franca, Roma, & Saboya. Foy do Conſelho do Eſtado, & unico Veador da Fazenda; & entre cargos tam grandes, acabando valído, morreo pobre.

FIM.

INDEX

D'AS PRINCIPAES COUSAS D'ESTA HISTORIA.

A

ADem, Cidade d'Arabia. Seu ſitio. *fol.* 412. Rax Solimaõ a occupa com extorſaõ. 414. Succedelhe Marzaõ. *Ibidem.* Os moradores a offerecem a el Rey de Campar. 415. Elle pede ſoccorro, & offerece huma fortaleza a Dom Manoel de Lima. 416. Recebem os moradores a Dom Payo de Noronha, que os vem ſoccorrer. 417. E deſamparados d'elle aviſaõ ao Governador. 419. Valor com que alguns Portugueſes ſe houverão neſta guerra. 422. Poem os Turcos cerco à Cidade. 423. Como ſe haõ os Arabios deſamparados dos noſſos. 424. Entrão os Turcos a Cidade por traição. 425.

Affonſo de Noronha, (Dom) Governador de Ceuta, 23. Recebe a Dom Joaõ de Caſtro com grandes feſtas, 28.

Agaçaim. Chega o Governador Dom Joaõ de Caſtro a eſta Cidade, 403. Enveſte aos moradores, 404. Elles fogem, 405. Dom Alvaro de Caſtro os ſegue, 405. Voltão outra vez, *ibid.* Morre o ſeu General. 406.

Alvaro Baçaõ. (Dom) General da Armada do Emperador, 23. Viſita a Dom Joaõ de Caſtro no mar. 25. Diſcorrem ſobre a jornada. *Ibid.* Reſolvem peleijar. *Ibid.* Muda de parecer, 26.

Alvaro de Caſtro (Dom) Paſſa à India com ſeu pay, 13. He armado Cavalleiro por Dom Eſtevaõ da Gama, 16. Torna ao Reyno com ſeu pay, 17. Vay com ſoccorro a Alcacer Ceguer, 29. Parte para a India com o Governador ſeu pay, 34. Vay contra o Hidalcaõ, 63. Sahe com ſeis navios, *ibid.* Preſa que faz, *ibid.* Deſtruida a Cidade de Cambre, volta para Goa, 70. Vay com ſoccorro a Diu, 183. Capitaens que com elle vaõ, 184. Trabalhos da viagé, 216. Arriba a Baçaim, *ibid.* Sahe d'ahi para Diu, 221. Torna a arribar, 252. E ſahindo tornou a arribar a Agaçaim, 253. Toma huma nao de Cambaya, 254. Chega a Diu com 40 navios, *ibid.* Como

he recebido do Capitam mor, *ibid.* Apoſentaſe no baluarte em que acabou ſeu irmão Dom Fernando, 255. Aviſa ao Governador ſeu pay do eſtado da fortaleza, 256. Eſtranha aos noſſos o quererem ſahir ao inimigo, 258. E vendo os reſolutos, os acompanha, 259. Valor, & diſciplina com que ſe ha, 262. Sobe o muro, donde cahio com huma pedrada, 262. Engeita grande reſgate, que lhe offerece Rumecão por hum Capitão Jenizaro, 274. Aſſinalhe o Governador (chegado a Diu) 500 Portugueſes para a batalha, 303. Valor com que ſe ha, 308. Perigo em que ſe vê, 312. Entra na Cidade, 313. O Governador ſeu pay o faz hum dos Cabos contra o Hidalcão, 383. Peleija na vanguarda, & com grande valor, 385. E faz fugir o inimigo, 386. Parte a Diu com o Governador ſeu pay, 387. Vay a Surrate, 389. E manda Dom Jorge de Meneſes tomar lingua, 390. E depois outros Capitaens, 391. Entra em Dabul, & toma a Cidade, 403. Enveſte os inimigos em Agaçaim, 404. E fogindo elles, os ſegue, 405. Alcançaſe victoria, 406. Aſſola outra Cidade Dabul, 409. Vay com ſoccorro a Adem, 411. Que armada leva, *ibid.* Succeſſo da viagem, 427. Faz conſelho, & que ſe aſſenta, *ibid.* Vay ſobre Xael, 428. Ganha a fortaleza, & volta a Goa, 430. Elogio de Dom Alvaro de Caſtro, 463.

Antonio de Attayde, (Dom) Sahe de Baçaim, 235. Chega a Diu, 237.

Antonio do Caſal (Frey) Na batalha de Diu anda animando os noſſos cum hum Crucifixo na mão, 313.

Antonio Correa. Sahe da fortaleza de Diu a fazer alguma preſa, 246. Enveſte com doze Mouros que o prendem, 248. He preſentado a Rumecão, *ibid.* Quer perſuadilo a que deixe a Fé, 249. Affrontas que lhe fazem, 250. He degolado pela Fè. *ibid.* Os Mouros fazem com ſua cabeça moſas, & algazaras aos noſſos. *ibid.* Arvorão os noſſos a cabeça de hum Mouro à viſta da de Antonio Correa, 251.

Antonio Moniz Barreto. Aceita ir a Diu com hum caravelão de baſtimentos, 187. Chega a Baçaim, 216. Valor com que ſalva o caravelão, 217. Parte para Diu, *ibid.* Perigos da viagem, 219. Chega à fortaleza, *ibid.* Deſconfiança brioſa que houve entre elle, & Garcia Rodriguez de Tavora. 219. Valor com que ſe ha em varias occaſioens, 227. E em outra eſtimulado de hum ſoldado,

que trouxe comsigo ao Reyno, & fez despachar, 245. Vay esperar as naos de Cambaya, & toma algumas dellas, 334. Parte a Candea ajudar a conversaõ d'aquelle Rey, 347. Viagem que faz, 354. Chega a Candea, & acha tudo trocado, *ibid.* Trata de voltarse, 355. He acometido dos inimigos, 356. Trabalhos que passa, *ibid.* Prudencia com que modera os seus soldados, 357. Esforço com que peleija, 359. Retirase, *ibid.* Por huma carta que tem d'el Rey de Candea quer tornar, 360. Os soldados o encontrão, *ibid.* Recolhese a armada, 361. Torna a Diu com o Govetnador, 387. Vay a Adem com Dom Alvaro, provido na fortaleza que se havia de fazer, 419. Valor com que se ha em Xael, 429.

Antonio de Noronha (Dom) Filho do Viso-Rey Dom Garcia, embarcase para Diu, com sessenta soldados à sua custa, 287. Faz presas nas naos de Meca, 410. Vay a Adem em companhia de Dom Alvaro, 419. Valor com que se ha em Xael, 429.

Antonio Peçanha. Capitão do baluarte Saõ Jorge em Diu, 131. Valor com que peleija, 163. Hum dos cinco soldados que resistem valerosamente ao inimigo, 212.

Antote. Cidade assolada por Dom Manoel de Lima, 297.

Athanaõ Freyre, indo para Diu, foy encalhar junto a Surrate, & levado a Soltão Mahamud, 253.

Azedecão, Capitão do Hidalcão, 54. Desbaratado pelo Governador Dom Joaõ de Castro, 56.

B

Baçorá, na Arabia Felix, sua descripçaõ, 335. Os Turcos se fortificão nella, 336.

Baluarte. O baluarte Sanctiago faz grandes ruinas, 151. Defronte do baluarte Saõ Thomé levanta Coge Çofar huma maquina, que faz grande dãno, 153. Assalta Juzarcão o baluarte S. Joaõ, 162. E Rumecão o baluarte S. Thomè, 162. Entrão os Turcos este baluarte, 171. E corre fama que he perdido, 172. Levanta o inimigo hum bastião defronte do baluarte Sanctiago, 189. Os nossos o desfazem, *ibid.* Chegão os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé, 197. Comete o inimigo o baluarte Sanctiago, 224. E o baluarte S. João, & retirase, 231. Arvora o inimigo tres bandeiras do baluarte Sanctiago, 234. E ahi se peleija com valor, 239. Acometese o baluarte S.

Thomè, 244. Succeſſos no baluarte Sanctiago, 245.

Barba. Manda o Governador empenhar os cabellos da barba à Cidade de Goa por vinte mil pardaos para reedificar a fortaleza de Diu, 320. Os Cidadãos de Goa lhos tornão, 324. Onde & como ſe conſervão hoje, 325.

Barba-Roxa. Coſſario famoſo, 5. Perſuade ao Turco faça guerra à Criſtandade, 19. Vem com huma armada em demanda do Eſtreito, 25. Vendo a reſolução de Dom Joaõ de Caſtro, ſe faz em outra volta, 27.

Baroche. Sitio, & fortificação d'eſta Cidade, 342. Trato de ſeus moradores, 348. Madre Maluco ſenhor d'ella, 348. Dom Jorge de Menezes a entra, & lhe poem fogo, 350. Acode tarde o Maluco, 351. Deſpejaſe a fortaleza aviſtando a Dõ Alvaro, 399.

Bento Barboſa. Hum dos cinco ſoldados, que em Diu valeroſamente reſiſtem ao inimigo, 212.

Bernardim de Souſa, Capitão das Malucas, 363. Leva comſigo a Cachil Aeyro, 364. Chega com elle a Ternate, 364.

Bertholameu Correa. Hum dos cinco ſoldados que com grande valor ſuſtentam em Diu o impeto do inimigo, 212.

C

CAchil Aeyro. Dalhe o Governador Dom João de Caſtro a inveſtidura da Coroa de Maluco, 110. Vay preſo a Goa por mandado de Jordão de Freitas, 363. O Governador o abſolve, *Ibid.* He levado a Ternate por Bernardim de Souſa, 364. E reſtituido aos ſeus, 365.

Calabatecaõ. Turco valeroſo de Dalmacia, 400. Capitão do Hidalcão, *Ibid.* Retira-ſe de Agaçaim com a entrada do Governador, 404. Torna a pòr os ſeus em ordem, 405. He morto por Dom Diogo de Almeyda, 406.

Cambre. Determina D. Alvaro de Caſtro entrar em Cambre, 64. Reſolve enveſtila, *ibid.* Salta em terra, 65. Grandeſa, & forças da praça, 67. Reſiſtencia do inimigo, 68. Ganhaſe finalmente a Cidade, 69. Deſtruição, & ſaco, *ibid.*

Campar. Aceita el Rey de Campar a ſojeição que lhe offerecem os moradores de Adem, 414. Manda contra o tyrãno Marzão, *ibid.* Entra na Cidade a partido, 416. Sahe depois ao tyranno, & morre na batalha, 417.

Candea. Reyno na Ilha de Ceilão, 346. Cujo Rey recebe a prègação do Evangelho, *ibid.* Moſ-

tra depois inconſtancia, mas os Religioſos o animaõ, *ibid.* El Rey da Cotta o diſſuade da Fé, 351. E conſente niſſo o de Candea, 353. Arrependeſe do que tem feito, 359.

Carlos Quinto Emperador. Determina buſcar a Barba-Roxa, 6. Lanço de corteſia entre o Emperador, & o Infante Dom Luis, 9. Quer armar Cavalleiro a Dom Joaõ de Caſtro, de que elle ſe eſcuſa, 11. Faz mercè aos Capitaens de armada, que Dom Joaõ não aceita, *ibid.* Aviſa a el Rey Dom João Terceiro dos deſenhos do Turco, 22. E pede ajuda para lhe reſiſtir, *ibid.*

Carta. D'el Rey D. Joaõ para o Governador Dom João de Caſtro, 74. De Catherina de Souſa para o Governador, 185. Do Infante Dom Luis, 288. Do Governador para os Cidadaõs de Goa, pedindolhes vinte mil pardaos ſobre os cabellos de ſua barba, 321. Repoſta, 325. Carta do Governador para ſeu filho Dom Alvaro, acerca de Dom Joaõ Maſcarenhas, 337. Carta d'el Rey Dom Joaõ para o Governador, 432. Da Rainha Dona Catherina, 435. Do Infante Dom Luis, 440.

Catherina de Souſa. Eſcreve ao Governador, & lhe offerece ſuas joyas para a guerra, 185.

Caxem. Manda o Rey de Caxem pedir ſoccorro ao Governador, 421. O Governador manda a D. Joaõ de Attayde com quatro navios, 422.

Ceilaõ. Manda el Rey Dom João Religioſos Franciſcos prègar a Fé em Ceilão, 345.

Coge Çofar. Perſuade a Mahamud Rey de Cambaya, que tome Diu aos Portugueſes, 92. Quem era eſte Mouro, *ibid.* Como veyo a Cambaya, 93. Razoens com que perſuade a empreſa de Diu, 97. Propoſta que faz ao Capitão da fortaleza, 118. Intenta ganhala por traiçam, 121. Chega a Diu com gente, 122. Muniçoens, & baſtimentos que traz, 125. Pratica que faz aos ſeus, *ibid.* Torna a inſtar ao Capitam da fortaleza, 127. Entraõlhe ſoccorros, 134. Começa a bater a fortaleza, *ibid.* Eſtratagema que arma em huma nao, 135. Que os noſſos desbaratão, 136. Continúa a bataria, 138. Faz juramento de ganhar Diu, ou acabar na empreſa, 151. Morre de huma balla, 156.

Compaixaõ, do Governador Dom João de Caſtro, 35, 36, 398 & 447.

Cotta, Reyno na Ilha de Ceilão, 345. Cujo Rey recebe os Religioſos Franciſcos, *ibid.* Diſſuade da Fé ao Rey de Candea, 351.

Cruz. Veneraçaõ que o Governador Dom Joaõ fazia à Santa Cruz, 58. Invenção da Cruz de S. Thomè, *ib.* Milagre notavel da meſma Cruz, 61. Affecto com que o Governador recebe eſta nova, 61.

D

DAbul. Cidade famoſa do Hidalcaõ, 400. Entrada, & deſtruida pelo Governador, & ſeu filho Dom Alvaro, 402.

Dabul de ſima. Outra Cidade aſſi chamada, aſſolada, & deſtruida pelo Governador, & ſeu filho, 409.

Deſafio. Entre Dom Joaõ Manoel, & Joaõ Falcão, & como ſe houverão eſtes Fidalgos valeroſamente contra o inimigo, 306.

Diu. Deſcripção da Ilha, 123. Começa Coge Çofar, a bater a fortaleza, 135. Senhoreão os inimigos a cava, 146. Achaſe hum poſtigo antigo na fortaleza, por onde o Capitão repara alguns danos, 156. Depois o manda fechar, 157. Faltas que ſe ſentião na fortaleza, 158. Valor, & reſiſtencia dos noſſos, 164. Outro aſſalto, 169. Sobem Turcos à Igreja, a que acode Dom Joaõ Maſcarenhas, 176 Onde ſe peleija com grande valor, 177. Retiraõſe os inimigos, 178. Morrem muitos d'elles, 179. Valor de 14 ſoldados noſſos, 190. Aſſalto geral, 192. Reparo dos noſſos contra o fogo, 193. Recolheſe o inimigo, 194. Com que perda, *ibid.* Novo aſſalto, 197. Reſiſtencia dos noſſos, 198. perda grande dos inimigos, 200. Neceſſidades da fortaleza, *ibid.* Remedio para a falta de panellas de polvora, 203. Finge o inimigo dar novo aſſalto, 207. Valor notavel de cinco ſoldados, 209 Seus nomes, 212. Acodem os noſſos ao reparo das minas, 222. Dá o inimigo outro aſſalto, 229. Reſiſtem os noſſos valeroſamente, *ibid.* Perigo em que ſe vem, 233 & 240. Defendem as roturas de huma mina, 243. Extremos em que eſtà a fortaleza, 252. Determinão os noſſos ſahir em buſca do inimigo, 258. Proſeguem ſeu intento contra o parecer do Capitão, & de outros, 259. Sahem finalmente, & em que ordem, 260. Reſiſtencia dos inimigos, 261. Perda dos noſſos neſta deſordem, 265. Tomão depois diſſo os noſſos 14 gelvas, que baſtecião o inimigo, 274. Brio laſtimoſo de tres ſoldados noſſos. 305. Alcança-ſe victoria, 315. Eſtimação do numero dos inimigos, 317. Deſpojos,

& saco da Cidade, 318. Tiro de Diu na fortaleza de S. Gião, 318. Numero dos mortos, 319. Reedifica o Governador a fortaleza, 320 & 329. Deixa Dom João Mascarenhas a praça, & o Governador a entrega a Luis Falcão, 387.

Diogo de Almeyda Freire (Dom) Capitão mór de Goa, 277. Encontra a resolução de ir o Governador a Diu, *ibid.* Fica com o governo em sua ausencia, 285. E quando torna, o visita no mar, 339. Vay contra o Hidalcão, por mandado do Governador, 362 & 376. Chega à fortaleza de Rachol, 377. Onde recolhe a gente, *ibid.* Sahe contra o Hidalcão, 383. Em outra occasiam quer fazer o mesmo, 400. A Cidade lho encontra, *ibid.* Avisa ao Governador, 401. Espera-o em Agaçaim, 403. Mata ao General dos inimigos, 406. Fica com cavallaria nas terras de Salsete, 408. Entregalhe o Viso-Rey o governo do Estado, & ao Bispo, 447.

Diogo de Almeyda. Acção notavel tomando huma lingua ao inimigo, 149.

Diogo de Reynoso. Encomendalhe o Governador a seu filho Dom Fernando, 128. Assiste no baluarte S. Thomè, 203. Com valor desordenado foy occasião de perecer muita gente na mina do baluarte, 207.

Diogo Soarez de Mello; estando em Patane o manda vir a Malaca Simão de Mello, 366. Para onde se parte, 367. Sahe ao Achem com Dom Francisco d'Eça, 368. Apazigua hum motim de soldados, 369. Rende a galè Capitania do inimigo, 370.

S. Domingos de Bemfica, Convento junto de Lisboa, 451. Capella sumptuosa, que nelle fabricou o Bispo Inquisidor geral, 453. O que lhe dotou, 457. Nella está à sepultura do Viso-Rey Dom Joaõ de Castro, 455. E a de Dom Alvaro de Castro, 456.

Duarte de Menezes (Dom) Governador de Tanger, 2. Arma Cavalleiro a Dom João de Castro, 3. Informa a el Rey do merecimento de Dom João, 4.

Duarte de Menezes (Dom) sahe de Baçaim, 235. Chega a Diu, 237. Valor com que se porta na peleija, 263.

E

Estevaõ da Gama. (Dõ) Succede no governo da India a Dom Garcia de Noronha, 14. Vay ao Mar Roxo, *ib.* Arma Cavalleiro a Dom Alvaro de Castro, 16.

F

FAuſto Serraõ de Calvos, repoſta galante que dá ao Governador, 392.

Fernaõ Carvalho, manda tomar lingua, para ſaber o deſenho do inimigo, por ordem do Capitaõ de Diu, 147. Aviſa ao meſmo Capitaõ do que vira ao inimigo, 168.

Fernando de Caſtro. (Dom) Paſſa à India com o Governador ſeu pay, 33. Vay com ſoccorro a Diu, 128. Chega à fortaleza, 139. Como o recebe o Capitaõ, 140. Pedelhe licença para ſahir ao inimigo, que ſe lhe nega, 144. Esforço com que ſe ha, 193. Eſtando doente acode ao baluarte Saõ Thomè, 206. Morre em huma mina com outros Fidalgos, 207. Depoſito que ſe faz de ſeu corpo, 213. Manda o Governador deſenterrar ſeus oſſos para os empenhar à Cidade de Goa, que nam tem effeito, 320.

Fernaõ Perez. He o primeiro que ſobe em Xael por huma eſcada contra os Fartaques, 428.

Fernão de Souſa. He mandado pelo Governador a Maluco, 112. Reſponde a humas cartas de Ruy Lopez de Villalobos Capitão dos Caſtelhanos, 114. Aviſtaſe com elle, *ibid.* Acordo que tomão, 115. Como ſe ha na falta da palavra do Caſtelhano, 116.

Franciſco d'Eça. (Dom) Sahe de Malaca contra o Achem por mandado de Simão Mello, 367. Tem novas delle, & o quer ſeguir, 368. Os ſoldados ſe amotinaõ, *ibid.* Aviſta ao inimigo, 370.

Franciſco Guilherme. Sahe de Baçaim, 235. Chega a Diu, 241.

Franciſco de Mello, Capitão da fortaleza de Rachol, 383. Aviſa ao Governador para que ſe juntem contra o Hidalcão, *ibid.*

Franciſco de Menezes. (Dom) Vay com ſoccorro a Diu, 183. Arriba a Baçaim, 216. E depois a Agaçaim, 254. Valor com que ſe ha em Diu, 257. Eſtranha aos noſſos o quererem ſahir ao inimigo, 258. Acompanhaos neſta ſahida, 260. Morre de hum pelouro, 263.

Franciſco Vieira, e Manoel Pereira, outro ſoldado de fortuna, ficàrão na Cidade de Adem, retirando-ſe Dom Payo, & peleijàrão valeroſamente, 424. Salvàrão neſta briga hum Infante, que levàrão a Campar, *ibid.*

Franciſco Xavier. (S.) Fiel obreiro da vinha do Senhor, 86. Soſſega o povo de Malaca na eſpera de huma armada contra o Achem, 373. Pro-

noſtica a victoria, annunciando os modos, & circunſtancias d'ella, 374. Acompanha, ao Viſo-Rey D. Joaõ em ſua doença, & aſſiſte à ſua morte, 450.

G

GAndar, Cidade na Coſta de Cambaya deſtruida por Dom Manoel de Lima, 133.

Garcia de Noronha. (Dom) Quando paſſou a governar a India levou comſigo a Dom Joaõ de Caſtro, 13. Faleceo em breve, & ſuccedeolhe Dom Eſteváo da Gama, 14.

Garcia Rodriguez de Tavora, vay a Diu em companhia de Antonio Moniz Barreto, 217. Deſconfiança brioſa que entre elles houve, 219. Valor com que ſe ha na peleija, 227.

Gil Coutinho Capitão do baluarte Sam Joaõ, 131. Cuidado, & valor com que peleija, 152. Morre na mina, 208.

Goga, Cidade na coſta de Cambaya, a que vay Dom Manoel de Lima, 330. Saqueada, & abraſada, 332.

H

HIdalcaõ. Primeira embaixada ſua ao Governador Dom Joaõ, 42. Quem era eſte Mouro, 44. Como ſe introduz na Coroa, 45. Cuidado que lhe dava a vinda de Meále para Goa, 48. Faz grandes partidos ao Governador Martim Affonſo de Souſa pela peſſoa de Meàle, 50. Primeiros movimentos contra o Eſtado da India, 55. Comete paz, vendo a fortuna de noſſas armas, 72. O Governador a aceita, 73. Manda ſobre as terras firmes, 361-376. Cuidados em que eſtava, 375. Retira ſe a Pondá, 384. O Governador o vay ſeguindo, 385. E o faz retirar ao Sertão, 386. Torna de novo com guerra, 400. Danos que recebe, 403.

J

JAcome Leite. Desfaz hum eſtratagema de Coge Çofar, 136. Tomou muitos mantimentos aos inimigos, matando a muitos d'elles, 144.

Joaõ (El Rey Dom) chama de Tanger a Dom Joaõ de Caſtro, & lhe faz mercè, 4. Faz-lhe mercè quando foy à India, 12. Faz General da armada da coſta a Dom Joaõ, 17. E depois, da armada contra o Turco, 23. Confiança que d'elle moſtra ter, 24. Elege-o para Governador da India, 31. Carta que lhe eſcreve, 74. Feſteja a nova da victoria de Diu, 431. Carta que eſcreve a Dom Joaõ, & mercès que lhe faz, 432. Pro-

rogalhe o governo outros tres annos com titulo de Viſo-Rey, 445. Manda ſeis naos à India, 446.

Joaõ de Albuquerque (O Biſpo Dom) fica com o governo em companhia de Dom Diogo de Almeyda na auſencia do Governador, 285. E quando torna, o viſita no mar, 339. Recebe-o na Sè com *Te Deum laudamus*, 343. Entregalhe o Viſo-Rey o governo, & a Dom Diogo de Almeyda, 447.

Joaõ de Almeyda. (D.) Com ſeu irmão Dom Pedro, encarregaſelhe em Diu o baluarte Sanctiago, 128. Sahem ao inimigo, & o eſtrago que fazem, 189. Cuidado, & valor com que peleija, 152-164-171.

Joaõ de Attayde. (D.) Vay a Adem em companhia de Dom Alvaro de Caſtro, 420. O Governador o manda a Caxem, 421. Succeſſo da viagem, 426. Sahe ao encontro a Dom Alvaro, 427. Valor com que ſe ha em Xael, 428.

Joaõ de Caſtro. (Dom) Seus primeiros eſtudos, 1. Applica ſe às Mathematicas, 2. Paſſa a Tanger, 3. Seu procedimento na Corte, 4. Caſa com Dona Leonor Coutinho, 5. Paſſa a Tunez, *ib.* Tornando d'eſta jornada ſe recolhe a Sintra, 11. Paſſa a primeira vez à India, 12. Em companhia de Dom Garcia de Noronha, *ib.* Embarcaſe no ſoccorro de Diu, 13. Vay ao Mar Roxo com Dom Eſtevão da Gama, 14. Faz hum Roteiro nella viagem, 15. Torna ao Reyno, & o faz el Rey General da armada da Coſta, 16. Deſbarata ſete naos de Coſſarios, 17. Recolhe as da India, *ib.* El Rey o faz General da armada contra o Turco, 23. Aviſta ſe com Dom Alvaro Bação, General do Emperador, & diſcorrem ſobre a jornada, 24. Reſolvem peleijar, 25. Permanece neſte parecer contra o do General Caſtelhano, 26. Eſpera o inimigo no Eſtreito tres dias, 27. Vay a Ceuta, 28. Volta a Lisboa, & recolhe-ſe a Sintra, 29. El Rey o faz Governador da India, 31. Corre com o apreſto das naos, 33. Reprova as galas de ſeu filho, *ib.* Parte para a India, 34. Chega a Moçambique, 36. Parte para Goa, 37. Como he recebido, 38. Eſtado em que achou o governo da India, 39. Repoſta que dá ao Hidalcaõ ſobre as couſas de Meále, 52. Apercebimentos que faz para a guerra, 53. Sahe contra Azedecão Capitaõ do Hidalcaõ, 55. Peleija com elle, & desbarata-o, 56. Aceita a paz que o Hidalcaõ pede, 73. Tra-

ta das couſas do Eſtado, *ib.* E das da Religiaõ, 74. Manda gente a Diu, 107. Eſcreve a Soltaõ Mahamud ſobre as couſas d'aquella fortaleza, 108. Manda ſoccorro a Diu, 121. E depois a ſeu filho Dom Fernando com outro ſoccorro, 128. E huma carta muito honrada a Dom Joaõ Maſcarenhas, 130. Pregoa guerra contra Cambaya, 142. Eſcreve a todas as praças, & pede empreſtimo para ſoccorrer Diu, 143. Recorre a Deos com preces publicas, *ibid.* Cuidados em que andava ſobre eſtes ſoccorros, 181. Manda à ſeu filho Dom Alvaro, 183. E a Dom Franciſco de Menezes, *ibid.* Apreſtos que fica fazendo, 184. Cuidados em que andava, 268. Chegaõlhe novas de Diu, 270. Piedade, & alegria com que as recebe, *ibid.* Valor que moſtra com a nova da morte de ſeu filho Dom Fernando, *ibid.* Manda fazer prociſſam em acçam de graças, 271. Declara em conſelho a reſolução de ir a Diu, 276. A qual ſe lhe encontra, 277. Reſolve-ſe em ir, 281. Sahe de Goa a ſoccorrer Diu, 285. Com que armada, & Capitaens, *ibid.* Chega a Baçaim, & faz guerra a Cambaya, 286. Entra em Diu, 298 Fas conſelho no mar, *ib.*. Mete a gente dentro na fortaleza, 299. Reſolve dar batalha, 301. Ordem que dá à armada, *ibid.* Faz outras prevençoens, *ibid.* Falla aos ſoldados, 303. Ordem em que os poem, *ibid.* Sahe da fortaleza, 304. Perigo em que ſe vè, & como ſe livra, 308. Acclama victoria, & proſegue-a, 309. Peleija peſſoalmente, 310. Enveſte a Rumecão, *ibid.* Alcança victoria, 315. Parabens que ſe lhe dão, 318. Reedifica a fortaleza, 319 Empenha os cabellos da barba, 320. Os Cidadãos de Goa lhos tornão, & juntamente o dinheiro que pede, 325. Continúa a obra da fortaleza, 329. Manda a Dom Manoel de Lima fazer guerra pela coſta de Cambaya, 330. Depois manda a Antonio Moniz, eſperar as naos de Cambaya, 334. Tem aviſo de Ormuz de novos motins de guerra, 335. Manda para lá a Dom Manoel de Lima, 336. Eſcreve a el Rey Dom Joaõ os merecimentos dos ſoldados. 337. Embarca-ſe para Goa, 339. Chega, & he viſitado no mar, *ibid.* Decretaſelhe triumpho, cuja fabrica ſe deſcreve, *ibid.* Entra na Cidade, 341. Hum Vereador lhe faz pratica, 342. He recebido com triumpho, 343. Vay à Sè, & reconhece a Deos por Au-

thor de ſuas victorias, 344. Zela a converſão do Rey de Candea, & manda a iſſo Antonio Moniz Barreto, 347. Manda a Dom Diogo de Almeyda contra o Hidalcão, 362-376. E depois diſſo a outra gente, querendo elle ir em peſſoa, 363. Poem em conſelho a guerra do Hidalcão, 377. A qual ſe dilata para outro tempo, 378. Manda exercitar os ſoldados, *ibid.* E os favorece, como fez a Franciſco Gonçalvez, 379. Tem aviſos de Diu, *ibid.* Que communica ao Senado pedindolhe ajuda, 380. Aviſa a Chaul, & Baçaim, *ibid.* Reſolve a guerra do Hidalcão, 383. Ordena a ſua gente, *ibid.* Vem-lhe Embaixadores do Canará, 384. Ouve-os, & deſpede-os, 385. Segue Hidalcão, *ibid.* Volta a Goa, 387. Torna a Diu, & com que armada, *ibid.* Chega a Baçaim, 389. Manda ſeu filho Dom Alvaro a Surrate, *ibid.* Galantaria com que amedronta os Mouros, 392. Ajuntaſe com Dom Alvaro na barra de Surrate, 393. Aviſta o Solt ão, & preſentalhe batalha, 394. Falla aos ſoldados, *ibid.* Repoſta dos Fidalgos, & Cabos, 395. Eſpera no campo tres horas, & embarcaſe, 396. Danos que faz ao inimigo, *ibid.* Chega a Diu, 397. Entrega a praça a Luis Falcão por deixação de D. João Maſcarenhas, *ibid.* Embarca-ſe para Baçaim, 398. Onde eſcreve a el Rey Dom João, lembrando os homens que tinhão ſervido, 399. Que alviçaras lhe pede, 432. Embarca-ſe para Goa, & aviſta Dabul, 401. Toma a Cidade, 402. Chega a Agaçaim, 403. Enveſte os inimigos, 404. Peleija peſſoalmente, 406. E alcança victoria, 407. Deſpacha as naos para o Reyno, 408. Continúa a guerra do Hidalcão, *ibid.* Aſſola Dabul de ſima, 409. Tala a campanha, 410. Vay a Baçaim, & faz danos a Cambaya, *ibid.* Os moradores de Adem pedem ſoccorro contra hum tyranno, 416. O Governador lhes manda a ſeu filho Dom Alvaro, 419. Vem embaixada d'el Rey de Caxem, 421. Repoſta do Governador, & ſoccorro que manda, *ibid.* Cartas que tem d'el Rey Dom João, da Rainha Dona Catherina, & do Infante Dom Luis, 74, 435, 440. Prorogalhe el Rey o governo com titulo de Viſo-Rey, 445. Chega huma nao do Reyno a Goa, 446. Recebe as vias, & acha as honras, & merces, 447. Adoece o Viſo-Rey, & deixa o governo, *ibid.*

Manda vir os da governança, & o que lhes diz, 448. Juramento que ante elles toma. 449. Conhecendo o perigo da doença se recolhe com Sam Francisco Xavier, 450. Sua morte, enterro, & sentimento de todos, *ibid.* Seus ossos vem ao Reyno, depositãose em Sam Domingos de Lisboa, & d'ahi se passam a Bemfica, 451. Ascendencia do Viso-Rey Dom Joaõ de Castro, 457. Filhos que teve, 463.

Joaõ Coelho Vigario da fortaleza de Diu, offerece-se para ir ao Governador, 159. Chega o seu aviso, 182. Torna a Diu, 196. Anima aos soldados na peleija, 211.

Joaõ Falcaõ. Desafio que tem com Dom Joaõ Manoel, 306. Como se compuserãõ, *ibid.* Tendo sobido o muro he morto às cutiladas, 307.

Joaõ Manoel. (Dom) Desafio que tem com Joaõ Falcão, & como se compuseram, 306. Sobindo ao muro lhe cortãraõ as mãos, & cabeça, 307.

Joaõ Mascarenhas (D.) Capitaõ de Diu, 107. Avisa ao Governador Dom Joaõ de Castro dos desenhos de Coge Çofar, *ibid.* Proposta que o Mouro lhe faz, 118. Reposta que lhe dá, 120. Avisa outra vez ao Governador, *ibid.* Prevençoens que faz para a guerra, 122. Responde a outra instancia de Coge Çofar, 128. Reparte os póstos da fortaleza, 131. E falla aos soldados, 132. Como recebe a Dom Fernando de Castro, que vem com soccorro, 140. Avisa por terra a el Rey Dom Joaõ, 145. Cuidado, & vigilancia com que acodia a tudo, 154, 234, 251. Maquina com que desfaz outra do inimigo, 160. Repara as ruinas da fortaleza, 167. Acode a lançar os Turcos fóra, 174. E o faz com grande valor, 175. Determinaçaõ valerosa, que intenta, 214. Avisa a Dom Alvaro de Castro das necessidades da fortaleza, 221. Recebimento que lhe faz em chegando, 255. Avisa ao Governador dos succesos da fortaleza, 256. Trata dissuadir os nossos que querem sahir ao inimigo, 258. E vendo sua resoluçaõ os acompanha, 260. Acordo com que se porta, 263. Poem em ordem os soldados, 264. Como recebe ao Governador, 298. Que gente lhe dá o Governador, para a batalha, 303. Valor com que se ha na peléija, 307, 314. Entra na Cidade, 313. Determina deixar a praça antes do tempo acabado, 334. Torna aceitala, & fica nella, 337.

Aviſa ao Governador do que determina el Rey de Cambaya, 380. Faz deixaçaõ da praça, 397. Embarcaſe para o Reyno, 408. Elogio de Dom João Maſcarenhas, *ibid.*

Joaõ. (Meſtre) Hum dos cinco ſoldados que valeroſamente em Diu, reſiſtem ao inimigo, 209.

Jeronymo de Menezes. (Dom) Capitão mór de Baçaim, 274. Entrega quinze navios a Vaſco da Cunha para levar a Diu, *ibid.*

Jordão de Freitas, Capitão das Malucas, 363. Prende a el Rey Aciro, & o manda a Goa, *ibid.* Entrega o governo das Malucas a Bernardim de Souſa, 364.

Jorge de Menezes, (D.) Sahe de Baçaim, 235. Chega a Diu, 237. Valor com que peleija, 263. Fica na enſeada de Cambaya, por mandado do Governador, 338. Toma algumas embarcaçoens de mantimentos, 348. Dá ſobre a Cidade de Baroché, 349. Que deſtroe, & poem a fogo, 350. Toma o appellido de Baroche, *ibid.* Parte a Diu, com o Governador, 387. Chega a Surrate por mandado de Dom Alvaro, 390. Salta em terra, & entra a povoação com grande valor, 391. Acode aos noſſos onde peleijavão, 391. Volão para Dom Alvaro, 392. Pede ao Governador quinhentas eſpingardas para ſahir ao Soltão, 395. Faz preſas em naos de Meca, 410.

Iſabel Fernandez, *Valeroſa* matrona, chamada commummente a Velha de Diu, 152. Valor com que ſe ha em algumas occaſioens, 208, 227.

Iſabel Madeira. Valor particular com que ſe houve na guerra de Diu, 210.

Juzarção, Abexim valente, que o Soltão Mahamud deixa em ſeu lugar na guerra de Diu, 148. Faz juramento de ganhar a fortaleza, ou acabar na empreſa, 151. Aſſalta o baluarte Sam João, 162. Enveſte a Couraça, 172. Morre de hum pelouro, 179.

Juzarção. (Outro) Vem a continuar o cerco de Diu, 188. Enveſte o Baluarte Sam João, 199. Sahe a encontrarſe com os noſſos, 261.

L

Luis (Infante Dom) Aprende as Mathematecas, 2. Paſſa a Tunez com o Emperador ſeu cunhado, 5. Lanço de cortezia entre elle, & o Emperador, 9. Propoem a Dom João de Caſtro para governar a India, 30. Cartas que lhe eſcreve, 288, 440.

Luis de Almeyda. Vay com ſeis caravellas de ſoccorro a Diu, man-

dado pelo Governador, 274. Chega à fortaleza, & vay esperar as naos de Meca mandado por Dom Alvaro de Castro, *ibid.* Toma duas, 274. e entra com ellas em Diu, 275.

Luis Falcão. Chega a Diu, vindo de governar Ormuz, 396. O Governador lhe entrega a praça por deixação de Dom João Mascarenhas, 397.

Luis de Mello de Mendoça. Sahe de Baçaim para Diu, 235. Perigos que tem na viagem, *ibid.* Resiste aos que querem arribar, 237. Chega a Diu, & da novas de Dom Alvaro, *ibid.* He apostentado no baluarte Sanctiago, 238. Morre de hum pelouro, 262.

Luis de Sousa, Capitão do baluarte S. Thomè, 131. Cuidado, & valor com que peleija, 151, 162, 193, 229, 264.

Lopo de Sousa. Peleija valerosamente em Diu, & morre attravessado de hum dardo, 264.

Lourenço Pirez de Tavora. Capitão mór da viagem do Reyno, 269. Chega a Cochim, & vay a Diu, 287. He o primeiro que afferra o muro, 310. Volta a Lisboa, 430.

M

Malaca. Conjurão varios Reys contra ella, 365. Chega o Achem, & recolhe-se logo, 367. Contra quem manda o Capitam Simão de Mello, 368. Embaixada dos conjurados, 371. Resposta de Simão de Mello, 372.

Malucas. Milagroso successo nellas, 86. Direito que os Reys de Portugal tem sobre ellas, 109. O Governador as dá a Çachil Aeyro, 110. Vão Castelhanos a ellas, 111. Como se hão, & resolvem com os Portugueses, 115.

Manoel de Lima. (D.) Chega do Reyno a Goa, 265. Quer partir logo para Diu, & o Governador o dissuade, *Ibid.* Vay em sua companhia, 285. O Governador o manda à ensèada de Cambaya com seis navios, onde toma muitas presas, 286. Entra em Surrate, & faz-lhe muitos danos, 295. Assola a Cidade de Antote, 296. E a outros lugares da costa, 297. Chega a Diu, & o Governador lhe dá quinhentos Portugueses para a batalha, 298. Valor com que se ha, 307, 314. Entra com Dom Alvaro na Cidade, 314. Sahe a fazer guerra aos lugares da costa 330. Vay à Cidade de Goga, que saquea, & abrasa, *ibid.* Destroe tambem Gandar, *ibid.* Recolhese a Diu, 333. Offerecese a ficar na praça por deixaçam de D. João Mascarenhas, 334.

Vay para Ormuz, 336. El Rey de Campar lhe pede soccorro, & lhe offerece huma fortaleza em Adem, 416.

Manoel Pereira *Vide* Francisco Vieira.

Martim Affonso de Sousa, Governador da India, 30. Alterou os bazaruços, 40. Manda vir a Meale para Goa, 47. Determina entregalo ao Hidalcão, pelos partidos que lhe faz, 52.

Martim Botelho, com dez companheiros vay tomar huma lingua ao inimigo, 202. Que novas deu, 203.

Marzam, succede a Rax Solimão no senhorio de Adem, 413. E se faz forte nos paços contra el Rey de Campar, 414. Entregandose a partido, se sahe da Cidade, 415. Danos que depois faz. *ib.*

Meále. Causa do dessassossego do Hidalcão, 42. Passouse a Cambaya, 44. Martim Affonso de Sousa sendo Governador o manda vir para Goa, 47. Como he recebido do Governador, *ib.* Depois o quer o mesmo Governador entregar ao Hidalcão pelo partido que lhe faz, 51. O Governador Dom Joaõ de Castro o defende, 53. He causa dos movimentos do Hidalcão, 361. E de seus cuidados, 375.

Miguel de Arnide, Soldado agigantado, vay a Diu, 218. Como se embarca nesta jornada, *ibid.* Forças, & valor com que peleija, 228.

Minas. Minase o baluarte S. Thomè, 201. Dáse-lhe fogo, 208. Pessoas que perecèraõ nesta mina, *ibid.* Continùa Rumecaõ com outras, 221. A cujo reparo acodem os nossos, 222. Daõ-lhe fogo os inimigos com perda sua, 233. Abrem outra, que os nossos atalhão, 242. Continuaõ com outras, & os nossos com os reparos, 266. E depois com outra, a que daõ fogo sem dano nosso, 284.

Moçambique. Chega ahi o Governador Dom Joaõ de Castro, 36. Muda a fortaleza para melhor sitio, 37. Vaylhe ordem do Reyno para que a largue, 382.

Moeda. Queixas do Estado da India sobre a alteraçaõ da moeda, 39. Ouve o Governador Dom Joaõ a Cidade & povo sobre esta materia, 40. Resoluçaõ que nella tomou, 41.

Mojatecaõ, louva o valor dos Portuguezes, 228. Sahe a encontrarse com os nossos, 260. Enveste a fortaleza, & retirase, 264.

Mulheres. Valor das mulheres de Diu, 152, 164, 173, 213, 227. Valor particular de huma Portugueza, 173. As mulheres de Chaul offerecem suas joyas para a guerra

guerra, 189. As de Goa offerecem filhos, & fazenda para o soccorro de Diu, 272. E para a reedificação da fortaleza, 329. E tambem em outra occasião, 381.

N

NAos. Quantas erão; & que Capitaens das com que foy o Governador Dom Joaõ de Castro, 34. Em que tempo partirão, 35. Perigo que teve a nao do Governador, 36. A nao Espirito Santo, de que era Capitão Diogo Rebello, chega a Goa, 182. Nao de Cambaya tomada por Dom Alvaro de Castro, 254. Chegão a Goa naos do Reyno, 381. Ordens que levão. 382.

Nuno Pereira. Valor com que peleija em Diu, 264. Vem a Goa, & morre no mar das feridas que traz, 270.

P

PAyo de Noronha. (D.) Anda com doze navios no estreito de Rosalgate, 417. Offerece se para ir a Adem em soccorro d'el Rey de Campar, 418. Chega à Cidade, *ibid.* Manda recolher os soldados, 424. O que não quizetão fazer Manoel Pereira, & Francisco Vieira, soldados da fortuna, que peleijárão valerosamente, 425.

Pate., & Patane. Cidades na costa de Cambaya abrasadas pelo Governador, 398.

Pedro de Almeyda. (Dom) Sahe com seu irmão Dom Joaõ de Almeyda aos inimigos em Diu, & estrago que fazem, 189. Valor com que peleija, 171, 229.

Pedro Nunez. Grande Mathematico, & Mestre de Dom Joaõ de Castro, 2.

R

RAz Solimaõ. General da empresa no primeiro cerco de Diu, 411. Entra com voz de amigo no porto de Adem, 412. Degolla ao Rey, *ibid.* E se faz senhor da Cidade, 413.

Ruy Freyre. Chega a Diu, 283.

Ruy Lopez de Villalobos. Capitão dos Castelhanos que forão a Maluco, 111. Trata de entreter a Fernão de Sousa, 112. Avista se com elle, 123. Acordo que tomão, 115. Falta à promessa, & como nisso se ha Fernão de Sousa, 116.

Rumecão. Succede no cargo de governar a guerra à seu pay Goge Çofar, 157. Continúa com huma maquina, que o pay tinha começado, 158. Offerece partidos aos nossos, 160. Assalta o baluarte S. Thomé, 162. Manda peleijar as na-

çoens divididas, 164. Retira-se com perda, 166. Recorre a superstiçoens, 168. Sente a morte de Juzarcão, 179. Como responde a outro Juzarcão que o Sultão manda a continuar o cerco, 188. Trata de entulhar a cava, 195. Engano de que usa para nos divertir, 204. Retira-se com perda, 212. Continúa com minas, 221. Anima os soldados para outro assalto, 223. Manda bater a Igreja, 227. Retira-se com perda, 228. He avisado por tres escravos fogidos dos nossos, 229. E dá outro assalto, *ibid.* Intenta arrombar a cisterna, 232. Retira-se de outro assalto com perda, 240. Desconfia da empresa, 241. Abre outra mina, que se atalha, 242. Outras retiradas, 244, 246. Envestе outravez, & torna a retirar-se, 257. Anima-se com hum bom successo que tem contra nós, 266. Vay continuando as minas, 266. Fabrica huma nova Cidade, 267. Offerece a Dom Alvaro grande resgate por hum Capitão Jenizaro, que elle não aceita, 275. Continúa com outra mina, a que se dá fogo sem dano nosso, 283. Discurso que faz depois da vinda do Governador, 300. Que exercitoens, & como o dispoem, *ibid.* Acode á nossa armada que comete a terra, 304. Oppoem se aos nossos, 310. Forma-se no campo raso, 311. Dom Alvaro o rompe, & elle torna a fazer rosto, 312. Retira-se, 313. Offerece nova batalha, 314. Morre, 316.

S

Sebastião de Sá. Vay a Diu com Dom Fernando, 128. He ferido de huma seta hervada, 165. Torna com aviso do Capitão mór ao Governador, 180.

Sebastião de Sá. Hum dos cinco soldados que em Diu valerosamente resistem ao inimigo, 212.

Simaõ Feyo. Vem com socorro de Rumecão ao Capitão da fortaleza de Diu, 161. Reposta que lhe dá. 161.

Simaõ de Melho. Capitão de Malaca, 366. Manda a Dom Francisco d'Eça contra o Achem, 367. Embaixada que mandão os conjurados, 371. Reposta que lhes dá, 372. Cuidado em que está por falta de novas da armada, 373. Queixas do vulgo, que S. Francisco Xavier sossega, & pronostica a victoria, 373.

Soltaõ Mahamud, Rey de Cambaya, trata de tomar Diu, 90. Aprova as razoens que para isso lhe dá Coge Çofar, 106. Chega a Diu com muita gente, 147. Retira-se,

por lhe matarem os nossos hum Mouro com que estava praticando, 149. Manda outro Juzarcão a continuar o cerco, 188. Festeja hum bom successo de Rumecão, 266. Vingança barbara que toma, 335. Junta gente de novo para outro cerco, 379. O Governador Dom Joaõ de Castro se avista com elle, & lhe presenta batalha, 394. A qual o Soltaõ regeita, 396. Manda com rigoroso decreto, que se nam falle no cerco, & batalha de Diu, 398.

Surrate, entrada, & destruida por Dom Manoel de Lima, 297. Despejase a fortaleza à vista da armada de Dom Alvaro, 396. Sente muito o Governador nam se tomar Surrate, 399.

T

TUnez. Jornada que fez D. Joaõ de Castro, 5. Occasiaõ d'ella, *ib.* Fidalgos, que tambem foraõ nesta jornada, 8.

V

VAsco da Cunha. Vay com soccorro a Diu mandado pelo Governador; 271. Chega a Baçaim, 273. Entra em Diu, *ibid.*

X

XAel. Vay Dom Alvaro sobre esta Cidade, 428. Os Fartaques offerecem a fortaleza, *ibid.* Dom Alvaro intenta a escala, *ibid.* Fernaõ Perez he o primeiro que sobe por huma escada, 429. Os Fartaques se defendem te morrer, *ibid.* Ganhase a praça, 430.

FIM.

PARIS,
Na Officina de Franc. Ambr. Didot.

ኢ

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building

form 410